

HENRIQUE ALCKMIN PRUDENTE

*Alimentos, Bandeiras e Folias:  
Elementos constituintes das festas subalternas*

**São Paulo**

**2010**

HENRIQUE ALCKMIN PRUDENTE

*Alimentos, Bandeiras e Folias:  
Elementos constituintes das festas subalternas*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Área de Concentração Interfaces Sociais da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Doutor em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Nazareth Ferreira.

**São Paulo**

**2010**

PRUDENTE, Henrique Alckmin

Alimentos, Bandeiras e Folias: Elementos constituintes das festas subalternas. São Paulo: ECA-USP, 2010, 359 páginas, 1 volume.

Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes.

Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação

Orientadora: Profa. Dra. Maria Nazareth Ferreira

---

Palavras-chave: Culturas subalternas, festas populares, Estância Climática de Cunha, Festa do Divino Espírito Santo, Festa do Pinhão.

**Comissão Julgadora:**

São Paulo, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2010

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Nazareth Ferreira

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Este trabalho de pesquisa é dedicado

à minha esposa Ana Paula.

## Agradecimentos

À Profa. Dra. Maria Nazareth Ferreira, que sempre acreditou na essência do ser humano, pela defesa do conhecimento como instrumento de emancipação e pela sabedoria contagiante, motivadora e transformadora;

Ao Prof. Dr. Celso Frederico e ao Prof. Dr. Eduardo Yázigi pelas sugestões na Banca de Qualificação;

À Profa. Dra. Zilda Marcia Gricoli Iokoi, ao Prof. Dr. Eduardo Yázigi e ao Prof. Dr. Teixeira Coelho pelos ensinamentos durante o curso das disciplinas.

Aos colegas do CELACC, Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação, por compartilharem o conhecimento com diversidade e pluralidade.

À Profa. Thereza Regina de Camargo Maia pelo depoimento e pela ajuda na obtenção de referências sobre a Festa do Divino Espírito Santo no Vale do Paraíba;

Ao Pároco Pe. Leandro Carlos Pereira, da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Cunha, pela disponibilidade para a obtenção de informações e pela autorização a nós conferida para o acompanhamento dos casais de festeiros relativos à Festa do Divino Espírito Santo de 2009;

Aos casais de festeiros da Festa do Divino Espírito Santo de Cunha, ano de 2009, pelo acolhimento nas reuniões de preparação e pelo auxílio prestado durante a pesquisa de campo;

Aos funcionários do setor de planejamento da Prefeitura Municipal pelo fornecimento da legislação relativa à cultura e às festas populares;

Aos moradores dos bairros rurais, Catióca e Taboão, pela acolhida durante o trabalho de campo quando do acompanhamento da Folia do Divino;

A Ana Luiza Alckmin Prudente pelo auxílio na tradução do resumo para o inglês.

Parafraseando o Salmista:

*Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade.*

## Resumo

O modo de produção capitalista, através de seus mecanismos de expansão, traz como expediente mais latente a acumulação de infindáveis bens e a exacerbação do uso dos recursos naturais, fator desencadeado pelo consumo. As festas populares, uma das categorias e formas de expressão das culturas subalternas calcadas na historicidade, estão submetidas à avalanche das ideologias propagadas pela comunicação midiática. Isto fragiliza sobremaneira os atributos culturais destas manifestações, colocando em risco práticas libertárias que operam à revelia do grande capital e que estão centradas no cotidiano.

O estudo das festas populares em questão, a Festa do Divino Espírito Santo e a Festa do Pinhão da Estância Climática de Cunha, visa enaltecer o elo entre identidade cultural e culturas subalternas. Esta relação se revela como prodigioso instrumento de comunicação que, através de meios materiais e simbólicos, transmitem ao longo do tempo um diverso legado fundamentado nas relações entre as comunidades e a natureza.

As práticas festivas demonstram, doravante, um potencial pleno para a realização da consciência dos sujeitos receptores. Como objetos cognoscíveis do conhecimento as festas populares são expressas e reveladas no contexto acadêmico com o fito altaneiro de contribuir para as teorias da cultura e da comunicação.

Palavras-chave: Culturas subalternas, festas populares, Estância Climática de Cunha, Festa do Divino Espírito Santo, Festa do Pinhão.

## Abstract

The way of capitalist production, through its mechanisms of expansion, brings as expeditious more latent the accumulation of endless goods and the exacerbation of the use of the natural resources, factor unchained for the consumption. The popular feasts, one of the categories and forms of expression of the subordinate cultures sidewalk in the history, are submitted to the avalanche of the ideologies propagated for the media communication. This frail excessively the cultural attributes of these manifestations, placing at risk practical libertarians who operate to the default of the great capital and they are centered in the daily one.

The study of the popular feasts in question, the Feast of the Holy Ghost Saint and the Feast of the Nut of the Climatic Station of Cunha, it aims at to exalt the link between cultural identity and popular feasts. This relation if discloses as prodigious instrument of communication that, through half as symbolic materials and, transmits throughout the time a diverse cultural legacy based on the relations between the social groups and the nature.

Practical the festive ones demonstrate, following, a full potential for the usage of the conscience of the receiving citizens. As objects of the knowledge they show in the academic context a look with in the high spirits to contribute for the theories of the culture and the communication.

Key words: Subordinate cultures, popular feasts, Climatic Station of Cunha, Feast of the Holy Ghost Saint, Feast of the Nut.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	014
METODOLOGIA	019
CAPÍTULO I – IMPERATIVO DO CAPITAL: A ATRAÇÃO FATAL	025
1.1. Cultura transnacional na pós-modernidade: Arauto da ação hegemônica	048
1.2. Expansão do turismo em escala global: As esquinas do mundo	071
1.3. Insurgências contra-hegemônicas: Culturas subalternas e turismo emancipador	081
1.4. Transformações em marcha: Ação dos movimentos sociais	095
CAPÍTULO II – A FESTA POPULAR COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO	107
2.1. A Festa que não acaba	123
2.2. O ressurgimento da Folia do Divino	166
CAPÍTULO III – O ESPAÇO RURAL COMO BASE MATERIAL E SIMBÓLICA DE CUNHA	177
3.1. Transformações no espaço rural: Do desencanto à esperança	200
3.2. Pinhão de Cunha: O embrião que virou Festa	212
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DA FESTA DO PINHÃO E DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	235
4.1. Festa do Pinhão	237
4.2. Festa do Divino Espírito Santo	267
CONSIDERAÇÕES FINAIS	288
REFERÊNCIAS	294
ANEXOS	304

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01 – Adesivo alusivo à canonização de Frei Galvão impresso pela Prefeitura Municipal	062
Figura 02 – Imagem de Frei Galvão ao lado de logomarcas de emissoras de rádio	063
Figura 03 – Cunha: Estabelecimento comercial	068
Figura 04 – Cunha: Palanque de som na praça central	069
Figuras 05 e 06 – Cunha: Placas de sinalização turística	088
Figura 07 – Cunha: Rua Dr. Casemiro da Rocha no início do Século XX	092
Figura 08 – Festa de Nossa Senhora da Conceição: Apresentação da Companhia de São Benedito	113
Figura 09 – Festa do Divino Espírito Santo: Quadro estrutural	134
Figura 10 – Festa do Divino Espírito Santo: Preparo do afogado	151
Figura 11 – Festa do Divino Espírito Santo: Bênção da Casa da Festa	154
Figura 12 – Festa do Divino Espírito Santo: Procissão de encerramento	158
Figura 13 – Festa do Divino Espírito Santo: Trajeto da Procissão da Alvorada	159
Figura 14 – Festa do Divino Espírito Santo: Quadro esquemático da procissão de encerramento	161
Figura 15 – Folia do Divino Espírito Santo	175
Figura 16 – Estrada do Paraibuna: Ponte em precário estado de conservação	185
Figura 17 – Queima de <i>raku</i>	202
Figura 18 – Cerveja artesanal	205
Figura 19 – Pinhão: Quadro síntese de evolução do preço	224
Figura 20 – Barraca da Festa do Pinhão	226
Figuras 21, 22 e 23 – Festa do Pinhão em 2002, 2006 e 2008	227
Figura 24 – Festa do Pinhão: Quadro estrutural	232

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 01 – Orçamento militar mundial	049
Tabela 02 – Transporte aéreo internacional – Maiores aeroportos do mundo por movimento de passageiros	073
Tabela 03 – <i>Ranking</i> mundial de hotéis	074
Tabela 04 – Festa do Divino Espírito Santo: Cronograma de ações	128
Tabela 05 – Festa do Divino Espírito Santo: Relação de pedidos à Prefeitura Municipal	130
Tabela 06 – Festa do Divino Espírito Santo: Distribuição de doces	140
Tabela 07 – Festa do Divino Espírito Santo: Balanço financeiro de Novembro-2008 a Maio-2009	142
Tabela 08 – Festa do Divino Espírito Santo: Produtos necessários para o afogado	150
Tabela 09 – Festa do Divino Espírito Santo: Balanço financeiro de Janeiro e Fevereiro-2009	176
Tabela 10 – Cunha: Evolução da população total	190
Tabela 11 – Areias, Bananal e São Luiz do Paraitinga: Variação da população rural e urbana	191
Tabela 12 – Cunha: Evolução e participação da população rural e urbana em relação à população total	192
Tabela 13 – Cunha – Lavoura permanente: Quantidade produzida, valor da produção, área plantada e área colhida	196
Tabela 14 – Cunha – Lavoura permanente: Rendimento médio da produção	196
Tabela 15 – Cunha – Lavoura temporária: Quantidade produzida, valor da produção, área plantada e área colhida	197
Tabela 16 – Cunha – Lavoura temporária: Rendimento médio da produção	197
Tabela 17 – Cunha: Produção de origem animal por tipo de produto	198
Tabela 18 – Cunha: Quantidade produzida na silvicultura por tipo de produto	199
Tabela 19 – Cunha: Valor da produção na silvicultura por tipo de produto	199
Tabela 20 – Cunha – I Festival Gastronômico do Cordeiro Serrano: Pousadas e restaurantes participantes da zona rural	203
Tabela 21 – Cunha: Distribuição espacial dos meios de hospedagem e dos respectivos leitos	207
Tabela 22 – Cunha – Caracterização dos meios de hospedagem: Fazendas e sítios	207
Tabela 23 – Cunha: Estabelecimentos participantes do VI Festival Gastronômico do Pinhão	225
Tabela 24 – Festa do Pinhão: Produtos comercializados	228
Tabela 25 – Festa do Pinhão 2009 – Distribuição das entrevistas	238
Tabela 26 – Festa do Pinhão 2009 – Caracterização socioeconômica: Sexo	240
Tabela 27 – Festa do Pinhão 2009 – Caracterização socioeconômica: Faixa Etária	240
Tabela 28 – Festa do Pinhão 2009 – Caracterização socioeconômica: Município de residência	241
Tabela 29 – Festa do Pinhão 2009 – Caracterização socioeconômica: Região do município de residência	242
Tabela 30 – Festa do Pinhão 2009 – Caracterização socioeconômica: Grau de instrução	242

Tabela 31 – Festa do Pinhão 2009 – Caracterização socioeconômica: Classe social	243
Tabela 32 – Festa do Pinhão 2009 – Perfil da atividade turística: Meio de transporte	244
Tabela 33 – Festa do Pinhão 2009 – Perfil da atividade turística: Tempo de permanência em Cunha	244
Tabela 34 – Festa do Pinhão 2009 – Perfil da atividade turística: Acomodação	245
Tabela 35 – Festa do Pinhão 2009 – Perfil da atividade turística: Hotéis e pousadas citadas pela tipologia do espaço	246
Tabela 36 – Festa do Pinhão 2009 – Análise da Festa do Pinhão: Meios de conhecimento	247
Tabela 37 – Festa do Pinhão 2009 – Análise da Festa do Pinhão: Primeira visita?	247
Tabela 38 – Festa do Pinhão 2009 – Análise da Festa do Pinhão: Comparecimento à Festa de 2008	248
Tabela 39 – Festa do Pinhão 2009 – Análise da Festa do Pinhão: Comparação da edição de 2009 em relação à edição de 2008	250
Tabela 40 – Festa do Pinhão 2009 – Análise: Atitudes	252
Tabela 41 – Festa do Pinhão 2009 – Análise: Avaliação	252
Tabela 42 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento: Grau de instrução pela análise das atitudes – Atitude 1	253
Tabela 43 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento: Grau de instrução pela análise das atitudes – Atitude 2	254
Tabela 44 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento: Grau de instrução pela análise das atitudes – Atitude 3	255
Tabela 45 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento: Grau de instrução pela análise das atitudes – Atitude 4	256
Tabela 46 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento: Grau de instrução pela análise das atitudes – Atitude 5	257
Tabela 47 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento: Faixa etária pela análise das atitudes – Atitude 1	258
Tabela 48 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento: Faixa etária pela análise das atitudes – Atitude 2	259
Tabela 49 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento: Faixa etária pela análise das atitudes – Atitude 3	260
Tabela 50 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento: Faixa etária pela análise das atitudes – Atitude 4	261
Tabela 51 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento: Faixa etária pela análise das atitudes – Atitude 5	261
Tabela 52 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização social: Sexo	269
Tabela 53 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização social: Faixa etária	270
Tabela 54 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização social: Estado civil	270
Tabela 55 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização social: Grau de instrução	271
Tabela 56 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização geográfica:	

Região de residência	272
Tabela 57 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização geográfica: Bairro de residência na área urbana	272
Tabela 58 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização geográfica: Bairro de residência na zona rural	273
Tabela 59 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização religiosa: Possui religião?	274
Tabela 60 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização religiosa: Religião manifestada	274
Tabela 61 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização religiosa: Prática religiosa	275
Tabela 62 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização religiosa: Devoção a santa ou santo	275
Tabela 63 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização religiosa: Santas e santos citados	276
Tabela 64 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização da Festa: Acesso à Casa da Festa	277
Tabela 65 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização da Festa: Primeira visita à Casa da Festa?	278
Tabela 66 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização da Festa: Contribuição com os festeiros	278
Tabela 67 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Devoção ao Divino: Graça e promessa de amigo, conhecido ou familiar	279
Tabela 68 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Devoção ao Divino: Graça e promessa pessoal	279
Tabela 69 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Cruzamento: Faixa etária pela contribuição aos festeiros	281
Tabela 70 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Cruzamento: Região de residência pela contribuição aos festeiros	282
Tabela 71 – Festa do Divino Espírito Santo e Festa do Pinhão: Quadro comparativo de gênero	285
Tabela 72 – Festa do Divino Espírito Santo e Festa do Pinhão: Quadro comparativo de faixa etária	286
Tabela 73 – Festa do Divino Espírito Santo e Festa do Pinhão: Quadro comparativo de escolaridade	286

## INTRODUÇÃO

O Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação, CELACC, grupo de pesquisa vinculado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, vem nos últimos anos catalisando esforços para a elaboração de trabalhos acadêmicos no sentido de trazer a festa popular como objeto de estudo. Esta empreitada, forjada pelo árduo trabalho de alguns de seus pesquisadores, é salutar e traz incomensurável contribuição para as Ciências da Comunicação ao promover a abordagem do fenômeno festivo como instrumento de perpetuação de práticas cotidianas, de significados e de valores.

Ao fomentar acumulação de experiências, evasão da realidade, ressignificação de elementos materiais e simbólicos e outros processos impregnados de densidade ideológica, as festas populares, profanas e religiosas, configuram-se como elementos de oposição ao processo de remoção dos sujeitos de suas escalas sociais pelo caráter opressivo do capital.

Frente ao breve diagnóstico exposto considera-se que o objetivo central desta pesquisa é o estudo das festas populares como categorias da cultura enquanto baluartes da identidade cultural das classes subalternas. Os fatores civilizatórios, com marcante aderência a elementos imaginários e lúdicos, são inerentes a estas manifestações, especialmente em se tratando de festas seculares. Tais atributos culturais atuam em uma convergência de sentidos e de significados, contribuindo eficazmente para construir uma visão de mundo alternativa ao consenso hegemônico. Também se revela como meta compreender a dialética tradição-inovação presente nestes ritos que dão densidade à condição dos sujeitos receptores contribuindo para matizar as teorias da cultura na área das Ciências da Comunicação.

Em virtude das sofríveis perdas dos conteúdos simbólicos frente à ação desagregadora da comunicação midiática, enfraquecendo e fragmentando os sujeitos a uma condição de afastamento de seus pertencimentos, mas não de absoluta imobilidade, tem-se nas festas populares uma categoria de análise surpreendente, reveladora e integrante do repertório das culturas subalternas. Este conjunto de práticas floresce e ganha vida por meio de trabalhos acadêmicos realizados por alguns pesquisadores do CELACC acerca da essência da identidade cultural de determinados grupos humanos com seus respectivos atos concretos, conscientes e pensados.

Além de se constituírem em promissoras possibilidades de estudos acadêmicos as festas populares atuam, na contemporaneidade, como produto turístico dentro do significado e da abordagem concernente ao turismo emancipador. Esta prática turística age como contraponto ao turismo de massa, com demasiado apelo internacional, seguindo demandas externas paridas pelo grande capital e muito diferentes das necessidades regionais. O turismo no Brasil urge ter como foco a comunidade receptora em face das profundas mazelas sócio-econômicas que vem alargando as distâncias sociais. Isso se reflete em todo o território nacional e, neste caso particular, na Estância Climática de Cunha, município do Vale do Paraíba, Estado de São Paulo.

Atrativos turísticos concebidos como instrumentos de geração de receita e de renda regional atuam a favor da participação comunitária receptora e da identidade cultural dos lugares. A valorização do lugar torna-se peça fundamental desta empreitada que visa contrariar as orientações de práticas turísticas predatórias sustentadas em apelos especulativos de toda ordem, na exploração do sexo e na degradação sintomática do patrimônio material e imaterial concebido como construção coletiva. Esta vinculação, chancelada por autoridades públicas, banaliza o diverso repertório cultural brasileiro na medida em que avança a degradação dos recursos naturais resultante do amadorismo que impera na gestão pública, verdadeira lástima abominável que cresce como metástase em diferentes níveis.

Ganham importância, neste sentido, as participações populares sob as mais diversas matrizes, com destaque para a tradicional Festa do Divino Espírito Santo e para a recém instituída Festa do Pinhão na Estância Climática de Cunha. São manifestações estruturais e vitais para compreender indivíduos e instituições como agentes plenos da manutenção das tradições ancestrais e, ao mesmo tempo, da transformação fundada em fatores caracterizados pelo sincretismo cultural cadenciado pelo movimento histórico.

A Festa do Pinhão coloca-se diante de outra geratriz. Traduz, frente à égide do modo capitalista de produção, as mudanças que vem ocorrendo no ambiente rural do sobredito município. Estas transformações rompem com o modo tradicional de uso e de ocupação do espaço agrário, sustentado na produção agropecuária atrelada à economia familiar, para um movimento econômico encampado pelo segmento de serviços movido pela expansão do turismo.

O papel dos gestores e dos produtores culturais cunhenses é problematizado frente às mais latentes e inquietas contradições. Estas clarificam nexos com expedientes constituintes na acumulação relacionada com a mercantilização e com a diluição da cidadania minimizada no eleitoralismo.

A organização da tese está disposta em quadro capítulos. A pesquisa foi concebida perante o prisma norteador de alguns princípios metodológicos, que estão postos e que foram discutidos com ênfase no próximo texto; estes pressupostos são: totalidade, movimento e contradição. A estrutura do trabalho parte, desta forma, de concepções gerais, atreladas a um arcabouço teórico para, paulatinamente, ser marcada por considerações mais presentes aos objetos de pesquisa de modo a construir em todas as etapas um diálogo do campo teórico com os objetos em questão: as festas populares. Deste modo opera-se, em linhas gerais, um movimento do abstrato e geral caminhando para o concreto e específico. Este movimento não deve ser assimilado como um modelo grosseiro a ponto de camuflar ou de suprimir as concepções teóricas imbricadas aos objetos. O esforço é realizado para afirmar a inseparabilidade de tais parcelas da pesquisa, diagnosticando contradições nos movimentos culturais para construir alternativas de intervenção na realidade.

Apesar da utilização do método dialético foi imprescindível empregar expedientes da lógica formal através de tabelas que, na maioria dos casos, objetivaram expressar formalmente dados colhidos mediante as etapas concernentes ao trabalho de campo.

**O CAPÍTULO I – IMPERATIVO DO CAPITAL: A ATRAÇÃO FATAL** objetivou tecer um cenário em que atua como instrumento preponderante a lógica do capital. Esta lógica comprime e oblitera a potencialidade de movimentos ascencionais provenientes das categorias subalternas. Um iminente risco assombra o homem e o seu legado civilizatório na medida em que práticas predatórias das mais ramificadas se instalam e se reproduzem a um ritmo frenético. Este fragmento busca teorizar acerca do papel repressivo da cultura hegemônica e está constituído de quadro partes: *Cultura transnacional na pós-modernidade: Arauto da ação hegemônica*, que problematiza a efemeridade das marcas deixando destroços quase inexpugnáveis no tocante à alienação exacerbada nutrida pelo consumo; *Expansão do turismo em escala global: As esquinas do mundo*, enaltecendo os movimentos do capital hegemônico em caráter internacional atrelado ao turismo que consome vorazmente os lugares; *Insurgências*



*contra-hegemônicas: Culturas subalternas e turismo emancipador*, parte que oferece respaldo aos movimentos que brotam e que emanam das necessidades regionais encampadas sob as manifestações culturais subalternas; e *Transformações em marcha: Ação dos movimentos sociais*, ensejando a atuação de sujeitos outros que agem com vigor no sentido de realizar o homem e reincorporá-lo aos valores originários responsáveis pelas manifestações de vida. David Harvey, István Mészáros, Maria Nazareth Ferreira, Milton Santos e Zygmunt Bauman subsidiaram as principais abordagens teóricas neste trecho do trabalho.

O **CAPÍTULO II – A FESTA POPULAR COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO** visa aproximar o quadro teórico da pesquisa diante das possibilidades, comprovadas empiricamente, trazidas pelo fenômeno festivo como contraponto ao modo alienante do capital. Traz considerações históricas sobre as origens da Festa do Divino Espírito Santo, bem como algumas de suas espacialidades no Brasil. É composto pelo item *A Festa que não acaba*, reportando-se especificamente aos processos inerentes à Festa do Divino Espírito Santo de Cunha, e *O ressurgimento da Folia do Divino*, que trata da importância deste grupo constituinte do acervo devocional e popular. Ofereceram importantes contribuições teóricas nesta fase Emilio Willems, Nestor Garcia Canclini, Jesus Martín-Barbero, Maria Nazareth Ferreira, Thereza Maia, Vittorio Lanternari dentre outros pesquisadores.

O capítulo seguinte, **CAPÍTULO III – O ESPAÇO RURAL COMO BASE MATERIAL E SIMBÓLICA DE CUNHA**, fundamenta-se em expor a importância do espaço rural como cenário de manifestação das festas populares, em especial da Festa do Pinhão. Visa enaltecer este território como centralidade cultural de Cunha. Também está organizado em duas partes: *Transformações do espaço rural: Do desencanto à esperança*, que trata das recentes mudanças econômicas advindas com o processo de globalização e com a profusão do turismo; e *Pinhão de Cunha: O embrião que virou Festa*, fragmento que discorre sobre os diversos momentos concernentes às festividades centradas no pinhão que foram recentemente instituídas. O referido capítulo foi matizado no campo teórico fundamentalmente por Antonio Candido, Emilio Willems, José Graziano da Silva, Karl Marx, Nice Lecocq Müller e Oracy Nogueira.

Por fim o **CAPÍTULO IV – ANÁLISE DA FESTA DO PINHÃO E DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO** apresenta os dois levantamentos empíricos que foram instrumentalizados por questionários estruturados nas duas festas em questão. Suas

partes, *Festa do Pinhão* e *Festa do Divino Espírito Santo*, apresentam relatório de análise de modo a edificar uma leitura qualitativa. Esta interpretação tem como fundamento os dados obtidos nas investidas em campo. Os resultados auferidos precisam estar dotados de qualidade através da contribuição da matriz teórica. Esta cadencia os resultados diante do contexto e do ritmo dos objetos em questão; os mesmos não estão alheios ao movimento histórico imbricado aos modos de produção. Diante destas assertivas foram utilizadas imprescindíveis contribuições de Maria Nazareth Ferreira com referência aos procedimentos metodológicos.

## METODOLOGIA

O processo de evolução da civilização humana, no que tange ao campo técnico-científico suscitando uma gama de inovações com o passar dos tempos, se dá continuamente pela acumulação do conhecimento ao longo da História por meio de diferentes maneiras.

O que deve ser assinalado é que, nesta grande jornada de milênios de duração, o conhecimento é acumulativo, basicamente, por dois aspectos diferenciados. Em primeiro lugar pela própria experiência na plenitude da vida, ou seja, no âmbito da cotidianidade, através da assimilação de diferentes formas de aprendizado por meio do caráter concreto da vivência, através da qual o ser humano pode adquirir conhecimento mediante a observação de diferentes fenômenos por meio de um contato direto com a natureza e, principalmente, através de suas experiências específicas, nos mais vastos segmentos da existência. Posteriormente, com o advento da sistematização do conhecimento, surgem as ciências que atuam em diferentes níveis acadêmicos e científicos em distintas instâncias, destacando-se as universidades que surgem no continente europeu ao final da Idade Média, protagonizando um conhecimento que se organiza e que se articula metodologicamente estando dotado de objetos de estudo, métodos e técnicas de investigação.

Maria Nazareth Ferreira<sup>1</sup> define três características, imbricadas umas às outras, que marcam o conhecimento científico, sendo:

- 1 – é certo, porque sabe explicar os motivos de sua certeza;
- 2 – é geral, isto é, conhece no real o que há de mais universal, válido para todos os casos da mesma espécie. A ciência, partindo do indivíduo, procura o que nele há de comum com os demais da mesma espécie.
- 3 – é metódico e sistemático. O sábio não ignora que os seres e os fatos estão ligados entre si por certas relações. O seu objetivo é encontrar e reproduzir este encadeamento, alcançando-o por meio do conhecimento das leis e princípios. É por isso que toda Ciência constitui um sistema organizado em qualidades.

Estes atributos do trabalho científico acabam por se interagir de modo pleno com o aprimoramento da técnica. Este aprimoramento, por sua vez, amplia continuamente um campo de novas experimentações o que faz com que novas ciências em novas áreas do conhecimento possam aparecer.

---

<sup>1</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Alternativas metodológicas para a produção científica*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2006, p. 19-20.

O conhecimento não pode estar desprovido de comprometimentos. Os comprometimentos, a julgar pelo fato de que o ser humano detém consciência, o que o diferencia dos demais seres vivos, precisa estar politizado, ou seja, vinculado com um contexto econômico, político e social permeado por um amplo processo histórico. Esta é, pois, a primeira premissa metodológica indispensável no que concerne a presente pesquisa.

Sobre a estreita relação entre ciência e homem Maria Nazareth Ferreira<sup>2</sup> assinala:

...a ciência é também uma categoria histórica, um movimento contínuo em desenvolvimento; é uma criação humana de um determinado momento histórico, carregada de influências e valores dos grupos sociais em atuação. Assim, não é a ciência que automaticamente estabelece a objetividade do real, mas o próprio homem: o que está por traz da ciência são as relações sociais entre os homens, é a cultura, a concepção de mundo predominante em um dado momento histórico.

O saber, em linhas gerais, precisa estar contextualizado com um conjunto de idéias transformadoras para mobilizar conhecimentos necessários em prol da libertação do homem. Daí decorre a assertiva de que jamais pode existir ciência neutra, pois toda ciência assume frente à plenitude do seu respectivo contexto histórico, de forma subentendida ou de modo mais explícito, uma conduta guiada por uma concepção de mundo que orienta a ação de pesquisadores e de professores sendo movida por forças que operam em um determinado Modo de Produção.

Por isso urge no alvorecer do Século XXI a necessidade da construção de alternativas contra-hegemônicas, por meio da compreensão e do entendimento da comunicação como mediadora, possibilitando novos horizontes para romper as barreiras fragmentadoras das teorias funcionalistas e mecanicistas na medida em que se trabalha com o horizonte da historicidade. O utilitarismo funcionalista encabeça a esfera do consumo e ainda a efemeridade e o caráter ahistórico dos fatos, (des)politizando-os e (des)territorializando-os, na medida em que ocorre uma velocidade acentuada dos acontecimentos no âmbito do avanço técnico e científico a favor do modo capitalista de produção. “*A dialética se liga com os processos históricos;*

---

<sup>2</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Porque somos gramscianos*. Seminário CELACC. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 18/02/08.

*o horizonte da historicidade é o locus da dialética, e só é tratável dialeticamente o fenômeno tipicamente histórico”.*<sup>3</sup>

Cabe à ciência ir além do visível, superar as abordagens superficiais de cunho descritivo sob o perigo iminente de cair na cilada de um determinismo, calcado em empiricismos, mecanicismos, pragmatismos, tecnicismos mediados por princípios racionalistas vazios e efêmeros em que a consciência cognitiva gera, frente ao papel do pesquisador, uma análise passiva em que o sujeito trabalha a partir de referenciais inerentes ao objeto de estudo, sem buscar qualquer relação oculta que conceba abordagens para além do evidente, do palpável, do visível, sem construir nexos mediante as contradições, simplesmente ignorando-as. Ao mesmo tempo o sujeito não deve conduzir seu trabalho de forma extrapolada em relação ao objeto de estudo, na medida em que suas expectativas, idealizações e impressões passam a ser determinantes na condução da pesquisa científica.

A modernidade e, em certa medida, sua cria mais recente, a pós-modernidade, buscam ofuscar o caráter pleno do conhecimento e do trabalho científico mediante sistemas de reflexões isolados inerentes ao modelo hegemônico fragmentador e condutor de postulações calcadas na efemeridade e transitoriedade no campo da cultura e da comunicação.

Uma segunda premissa metodológica estabelecida nesta pesquisa reafirma o caráter inseparável entre sujeito e objeto e, ao mesmo tempo, refuta a perspectiva de ruptura entre ambos. Concorde-se, pois, com Ferreira<sup>4</sup> que sustenta a inseparabilidade entre o sujeito e o objeto, tendo em vista que o processo da geratriz do conhecimento deve contemplar a transformação da realidade. No entanto esta realidade será transformada somente enquanto houver a aproximação entre os instrumentos do pensamento e a concretude peculiar do objeto de estudo. A relação estreita entre sujeito e objeto, entre qualidade e quantidade e entre concreto e abstrato conforma uma realidade insuperável, pois “*o conhecimento é uma prática, uma relação na qual a ênfase teórica é só uma ‘operação’ necessária, que não substitui nem oculta a relação material do homem com as coisas e os demais homens*”.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Alternativas metodológicas para a produção científica*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2006, p. 12.

<sup>4</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Op. cit.*

<sup>5</sup> Idem, p. 77.

Sem estudar a história de um processo, não se pode refletir a sua essência, e é o método lógico que deve dar formas verdadeiras, ou seja, objetivas, universais do conhecimento, a sua essência. Assim, os instrumentos do pensamento não podem ser separados dos objetos aos quais se aplicam. A lógica concreta descreverá os instrumentos, as formas “racionais”.<sup>6</sup>

A questão do processo histórico, sobretudo no campo das ciências sociais, estabelece interfaces com os objetos de estudo, provendo-os de relações recíprocas como em um grande cenário dramático em que estão situados os atores de uma trama. Neste grande cenário são estabelecidas condições inerentes ao Modo de Produção de um determinado contexto que fornece bases teóricas e abstratas ao trabalho do sujeito pesquisador. Este, no decorrer do processo, pensa acerca dos problemas inerentes ao objeto de estudo e, ao final deste mesmo processo, o objeto encontra-se em uma instância qualitativamente mais evoluída, pois está acrescido da *mais-valia* gerada pelo próprio trabalho do pesquisador. O pesquisador não apenas pensa acerca da realidade inerente ao objeto, mas formula com o decorrer dos processos atrelados ao trabalho de investigação, estratégias de atuação e de intervenção que objetivam a transformação do objeto.

Daí a importância da concepção da categoria Modo de Produção nesta análise. Karl Marx<sup>7</sup> articula uma linha de tempo histórico dos modos de produção com a emergência do Modo de Produção capitalista, assinalando o aspecto contraditório da mesma:

Em um caráter amplo, os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês moderno podem ser qualificados como épocas progressivas da formação econômica da sociedade. As relações de produção burguesas são a última forma contraditória do processo de produção social, contraditória não no sentido de uma contradição individual, mas de uma contradição que nasce das condições de existência social dos indivíduos.

O Modo de Produção é parte integrante e indispensável diante da reciprocidade das relações entre o objeto e o grande cenário, este compreendido como o palco onde os atores atuam dialeticamente, construindo uma trama complexa, contraditória e, por vezes, carregada de densidades históricas. Enquanto categoria presente no materialismo histórico-dialético, o Modo de Produção está fortemente articulado com duas outras importantes categorias: as Forças Produtivas e as Relações de Produção:

<sup>6</sup> LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal, lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. Apud. FERREIRA, Maria Nazareth. *Op. cit.* p. 12.

<sup>7</sup> MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 26.

As principais relações de toda sociedade são relações de produção, que revelam as formas pelas quais os homens se organizam através da divisão social do trabalho. A maneira pela qual as forças produtivas se organizam em determinadas relações de produção num dado momento histórico chama-se modo de produção. Assim, podem ser entendidos os diferentes modos de produção através da história da humanidade. Só a partir desta categoria científica é possível desvendar a essência de determinado modo de produção.<sup>8</sup>

A partir desta perspectiva método e teoria entram em relação inseparável, devidamente articulada. Este postulado tem como intuito superar a panacéia ideológica vinculada pelos intelectuais orgânicos dos sistemas hegemônicos no campo da comunicação e da cultura que pregam a ruptura entre homem e meio, ou seja, a total desvinculação entre o material e o real. O caráter material e o caráter ideal se movimentam estabelecendo vínculos e contradições estabelecidas frente aos diferentes fatos e fenômenos. Esta é uma faceta inerente à dialética; é por meio dela que se pode objetivar a contradição como princípio, sendo que este princípio interage com o mundo real que está em constante movimento. Acresça-se à noção de contradição a questão da totalidade, pois conforme já posto nenhum objeto encontra-se fragmentado do todo, ou seja: cada uma das partes a serem estudadas está vinculada a um processo da totalidade, conformado em um respectivo Modo de Produção; por sua vez a totalidade inerente a este modo se reproduz com facetas peculiares diante de uma realidade específica inerente a cada parte, constituindo mais uma das inseparáveis relações que se conformam na complexidade de uma realidade. Assim novamente de acordo com Ferreira<sup>9</sup>, “*todo processo de investigação em um campo das ciências sociais é, ao mesmo tempo, unitário-universal e específico-particular*”.

Na estruturação da pesquisa dá-se uma integração entre o método e as técnicas de estudo, visto que são partes fundamentais inerentes à investigação; são elementos referenciais essenciais e vitais para se compreender a complexa realidade dos objetos de estudo, isto é, as festas populares, a Festa do Divino Espírito Santo e a Festa do Pinhão, na Estância Climática de Cunha.

A questão cultural, sob a égide desta pesquisa, concebe um vasto campo de expressividade através do qual se dá cadência e ritmo ao contínuo movimento do cotidiano, compreendendo as festas populares, tanto as profanas como as religiosas, como sistemas de comunicação dotados de plenitude através dos quais são realizadas

---

<sup>8</sup> FERREIRA, Maria Nazareth, *Op. cit.* p. 59.

<sup>9</sup> *Idem*, p. 40.

convergências sociais em ambientes específicos situados no âmago de uma territorialidade. Gera-se assim a identidade cultural, atributo indispensável que deve dar substância concreta ao turismo emancipador, de caráter regional e interno, promotor da cidadania plena e de uma relação recíproca entre comunidade receptora e turistas; relação forjada de forma sólida a partir dos instrumentos materiais e simbólicos, construídos a todo instante e articulados continuamente por meio do jogo vivo das forças sociais.

Num primeiro momento estabeleceu-se a teoria como ponto de partida, mas sempre elaborando uma articulação da mesma com a realidade concreta, pois é a partir deste caráter material que são construídas, a todo instante, inúmeras relações acerca do pensamento abstrato e das mediações concretas que ocorrem quando da interação entre sujeito e objeto.

Na etapa do trabalho de campo, as técnicas empregadas, depoimentos roteirizados e questionários estruturados fechados aplicados junto aos habitantes e aos turistas que freqüentam Cunha, articulam-se enquanto mecanismos operacionais empíricos com os preceitos teóricos que são balizadores no que concerne às matrizes teóricas, que conformam essências e substâncias ao corpo de um trabalho. Ao mesmo tempo em que *“a teoria estabelece uma relação dialética com a prática: uma relação de reciprocidade e simultaneidade e não uma relação hierárquica como na ideologia”*<sup>10</sup>, pode-se assinalar que *“os métodos e técnicas nada mais são do que guias para o desenvolvimento do processo de conhecimento, ou seja, uma estratégia a seguir na análise científica de qualquer fenômeno”*.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 70.

<sup>11</sup> Idem, ibidem, p. 110.



## **CAPÍTULO I – IMPERATIVO DO CAPITAL: A ATRAÇÃO FATAL**

É preciso com urgência erguer sólidas barricadas de resistência às ofensivas do imperativo do capital. Estas barricadas devem estar estruturadas no ressurgimento de valores pautados pelo amor, pelo caráter, pela compaixão, pela ética, pela generosidade, pela honestidade, pela inteligência e pela solidariedade.

O papel do pesquisador deve, independentemente da área do conhecimento em questão, se pautar para a conduta de transformação da realidade existente com o vaticínio imperioso de buscar dias melhores para o homem; de buscar, enfim, o bem comum, a felicidade verdadeira e a plenitude da vida. Neste raciocínio o trabalho de pesquisa precisa se libertar das condicionantes impostas pelos regimes universitários, frequentemente a serviço da lógica perversa do capital, ao impor um tempo, o tempo do capital e do sistema global, de forma a condensar o trabalho das pesquisas acadêmicas em instrumentos a serviço do mercado e dos modismos impostos por este sistema. Tal fato se revela presente e com muita força, pois o tempo tornou-se também uma mercadoria, e muito valiosa, um artigo de luxo na contemporaneidade.

A pesquisa acadêmica precisa ser minuciosa, profunda, carregada de identidade e de essências, portadora de aspirações e de utopias possíveis de serem alcançadas mediante a transformação da realidade a partir do diagnóstico traçado pelo trabalho consciente e militante do pesquisador. Considera-se ainda o caráter visionário do mesmo, compreendido como pleno intelectual orgânico das culturas subalternas portador de tarefas insuperáveis por qualquer conjuntura socioeconômica e, concomitantemente, como tarefas urgentes no que concerne à construção de uma cidadania efetiva. Esta deve ser garantidora de acessos às demandas mais fundamentais para a vivência do ser humano, sem simulacros e sem falsas construções ideológicas, tais como os mitos criados pelos países hegemônicos do Ocidente cujas nomenclaturas são sustentadas por termos abstratos e vagos como “democracia” e “liberdade”, mas que subsidiam extermínios injustificáveis como a Guerra do Iraque que atende os interesses do complexo industrial-militar do imperialismo norte-americano.

Como adverte Marco Rascón<sup>12</sup>, os intelectuais orgânicos passam atualmente por uma metamorfose na qual são travestidos de “intelectuais transgênicos”, esvaziando o

caráter crítico do conhecimento e da pesquisa científica, sujeitando-se à padronização imposta pelo “pensamento único”, utilizando um termo também empregado por Milton Santos<sup>13</sup>, através de hibridismos e de modismos propagados pela comunicação midiática. As investidas do capital subsidiam os contravalores, denunciados por István Mészáros<sup>14</sup> em suas considerações sobre o caráter imperativo atual, e que expandem os mecanismos de acumulação, gerando a superacumulação conforme as considerações de David Harvey.<sup>15</sup> Para Rascón<sup>16</sup>:

Son tiempos en que los intelectuales transgénicos, son “clones” a la medida, sin personalidad, sin ideas propias; un producto homogeneizado y libre de asperezas. Con ingeniería genética se les han removido todos los genes defectuosos (conflictivos), como el gen crítico, el de la conciencia, y los han modificado por genes pragmáticos... al igual semillas, son híbridos, dejaron de producir pensamiento propio y son instrumento del pensamiento único que garantiza que el poder político, sea llamado de izquierda, centro o derecha, sea lo mismo al servicio del determinismo económico.

A crítica, o caráter histórico, os processos contraditórios que tonificam os fatos, assim como as identidades culturais e as essências produzidas pela cotidianidade que formam e que tornam os lugares densos, carregados de singularidades, de territorialidades e gerando mecanismos de pertencimentos perante aos sujeitos sociais, são aspectos menosprezados em detrimento do pragmatismo e dos modismos, da vivência do aqui e do agora e da presentificação, elementos propagados pelo pensamento pós-moderno.

A presentificação incorpora o pragmatismo em prol do capital transnacional, agenciado pelas empresas globais detentoras de potencial crescente de intervenção em economias nacionais e disseminadoras do pensamento único, de consensos que compreendem a diversidade como negatividade, agindo de forma a padronizar costumes, culturas, hábitos, valores e, fundamentalmente, pensamentos:

Contra los intelectuales orgánicos, los transgénicos provienen del poder transnacional. Son los que ven la posibilidad de “humanizar la globalización” y un día son de izquierda y otro de centro, según el

<sup>12</sup> RASCÓN, Marco. *Intelectuales orgánicos y transgénicos*. Extraído de: <www.jornada.unam.mx>, 24/05/2005.

<sup>13</sup> SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

<sup>14</sup> MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico: O socialismo no Século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2007.

<sup>15</sup> HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

<sup>16</sup> RASCÓN, Marco. *Op. cit.* p. 1.

interlocutor y el momento. El pensamiento transgénico trae marca de caducidad.<sup>17</sup>

O processo de globalização, defendido pelos “intelectuais transgênicos”, apresenta como uma das concretudes pregadas a plenitude do mercado global, o advento de um extraordinário rol de conquistas de ordem técnica e, finalmente, a incontestável presença do Modo de Produção capitalista como sistema hegemônico. Nesta mesma perspectiva as tentativas de construção de novos caminhos e de novas possibilidades encontrariam uma grande muralha fortificada representada pelo consenso difundido e apregoado aos quatro cantos do Planeta Terra consumando, de modo incontestável e definitivo, a supremacia do *modus operandi* do capital frente a qualquer possibilidade em marcha.

Com isto falácias são emitidas com eloquência difundindo-se o “fim da História” e a pregação fundamentalista do sistema capitalista, da economia de mercado e do modelo de democracia liberal-burguesa, nos moldes dos países ocidentais, como os paradigmas deste atual momento de euforia e de deleite, mas que também apresenta latentes contradições e fragilidades.

A despeito de todas as propagandas que apregoam o caráter universal do sistema capitalista, recorre-se neste instante às advertências elaboradas por pesquisadores como István Mészáros<sup>18</sup> rechaçando o caráter universal e irrestrito dos possíveis ganhos trazidos pela plenitude do capital nos mais diferentes países:

É altamente significativo nesse respeito que, de fato... o sistema do capital não pôde ser completado como um sistema global em sua forma capitalista apropriada; isto é, fazendo prevalecer universalmente o modo esmagadoramente econômico de extração e apropriação do trabalho excedente como mais-valia.

Em princípio torna-se imperioso advertir que o mercado não regula com abrangência global o Modo de Produção capitalista. Há espaços não capitalistas em suas plenitudes tais como a China e a Índia que apresentam uma população somada de mais de 2 bilhões de habitantes. Ambos os países do continente asiático tornaram-se mercados consumidores muito promissores a partir do último quartel do Século XX, passando a constituir nichos internos de expansão do capital. No entanto, a regulação se dá através de estados nacionais que fazem a mediação com os agentes

---

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> MÉSZÁROS, István. *Op. cit.* p. 57.

representados por companhias transnacionais assumindo a produção de mercadorias que obtém preços competitivos graças à contínua exploração da força de trabalho e das matérias-primas locais. No caso chinês esta mediação se realiza dentro de um sistema político fechado e monopartidário liderado pelo Partido Comunista, mas que contempla o incentivo para o surgimento de regiões funcionais situadas na zona costeira, conectadas através dos meios logísticos e tecnológicos com outros pólos importantes do capitalismo internacional.

Considerando-se o subcontinente africano, solapado por conflitos internos herdados por anos e anos de domínio europeu, torna-se ainda mais latente a idéia já evasiva do mercado global, diante da enormidade de indigentes e de miseráveis tanto em áreas metropolitanas como nas empobrecidas regiões rurais, vivendo neste último caso graças a técnicas rudimentares de cultivo e provocando incomensuráveis danos ambientais:

É aí que uma contradição maciça se faz claramente visível. Pois, ao passo que o capital, em sua articulação produtiva – em nosso tempo primordialmente pela ação de gigantes corporações nacionais-transnacionais – tende à integração global (e, nesse sentido, verdadeira e substantivamente à globalização), a configuração vital do “capital social total” ou “capital global” é, até o momento, totalmente destituída de sua formação estatal apropriada. Isso é o que contradiz agudamente a determinação intrínseca do próprio sistema como inexoravelmente global e irrestringível.<sup>19</sup>

O processo de globalização assume o caráter de fábula, tendo em vista o recrudescimento de uma das mais latentes contradições do modo do capital envolvendo a lógica do mercado e, ao mesmo tempo, a exclusão de parcelas significativas da população mundial deste atributo.

Na perspectiva do geógrafo brasileiro Milton Santos<sup>20</sup> há uma série de mundializações que se relacionam de forma concomitante e mútua e não a globalização propagada de maneira a sedimentar o mercado único e o consumo como os baluartes incontestáveis do imperativo modo do capital. O que se constata é a geração da *mais-valia* em uma escala universal e, ao mesmo tempo, o alargamento das disparidades econômicas e sociais trazendo com isto o aumento vertiginoso da pobreza.

<sup>19</sup> MÉSZÁROS, István. *Op. cit.* p. 61.

<sup>20</sup> SANTOS, Milton. *Op. cit.*

Seguindo esta perspectiva o também geógrafo David Harvey<sup>21</sup> trabalha com tenacidade apontamentos para demarcar as transformações que ocorrem principalmente em relação às inovações tecnológicas e aos movimentos populacionais, motivados pela mecanização do campo, que fomentaram a urbanização e o conseqüente crescimento das áreas urbanas.

Estes processos estão intimamente relacionados com os expedientes da acumulação do capital e com a geração da *mais-valia* em escalas marcadamente globais. Estes mesmos processos encontram-se permeados pela apropriação do trabalho por intermédio do capital através das constantes e aprimoradas formas de transformação das matérias-primas em bens de consumo.

Contraditoriamente o Modo de Produção capitalista, ao incentivar o consumo calcado no fetiche da mercadoria e no desejo, acelera a reprodução descabida de necessidades, o que provoca na ponta inicial de todo o processo de elaboração das mercadorias o esgotamento dos recursos naturais ou, ao menos, a perspectiva de finitude em relação aos mesmos. Paradoxalmente ao desejo encontra-se a necessidade, vinculada qualitativamente ao valor de uso de um bem, valor de uso este compreendido como utilidade social. O desejo, contudo, articula-se não qualitativa, mas quantitativamente ao valor de troca, ou seja, à sedução da mercadoria, levando-se em conta a facilidade com a qual agentes do mercado conseguem operar as metas referentes às mais distintas variáveis econômicas em relação às grandes corporações globais.

A separação abrupta e radical entre valor de uso, vinculado à necessidade presente na concretude e na objetividade das condições de vida, e o valor de troca, este relacionado com a abstração e com a subjetividade influenciadas pelos fatores de mercado, sujeitando-se às intempéries e às variações de humor de suas forças, também é um fator que aponta e que assinala para uma dominação não dialética da qualidade pela quantidade. Esta dominação quantitativa faz com que a perspectiva de extermínio da civilização assuma um caráter apocalíptico e real, fazendo surgir a necessidade de se construir uma alternativa diante desta perigosa e intolerável realidade.

A finitude do planeta e, paralelamente, de seus recursos é um argumento que se dilui frente às condições que sujeitam e condicionam a lógica do circuito das

---

<sup>21</sup> HARVEY, David. *Op. cit.*

mercadorias em todo o processo. A obsolescência programada, que sacramenta a vida útil de uma série de bens de consumo duráveis e não duráveis, torna obrigatória a reposição dos mesmos pelos consumidores em intervalos de tempo comprimidos, pois os mesmos são seduzidos por produtos sempre mais avançados ao passo que o modelo anterior sempre estará ultrapassado, amargando o caráter obsoleto. As montadoras de automóveis, cujo mercado já assinala uma cifra de mais de um bilhão de veículos em circulação no planeta<sup>22</sup>, e os produtos relacionados com a informática, cuja implacável Lei de Moore<sup>23</sup> faz acelerar a velocidade dos processadores em ritmo alucinante, são exemplos presentes na quase totalidade dos países.

A ruptura entre homem e natureza assumiu proporções preocupantes a partir da I Revolução Industrial protagonizada pelo imperialismo britânico, na segunda metade do Século XVIII, a ponto de reproduzir processos de apropriações altamente predatórios em conformidade com a ampliação de necessidades a partir das demandas inerentes à sociedade de consumo. Cabe assim ao conhecimento de caráter emancipador articular os fatores homem e natureza a ponto de oferecer caminhos alternativos mediante interações sistêmicas para que se possa convergir em torno de práticas sustentáveis e plenamente emancipadoras em torno de ações concretas centradas no âmbito da cotidianidade. "*A ciência natural compreenderá mais tarde a ciência do homem exatamente como a ciência do homem abrangerá a ciência natural: haverá uma única ciência.*"<sup>24</sup>

Mecanismos de especulação também se fazem presentes e ganham força na lógica do capital. A especulação fundiária traz frequentemente a ausência de investimentos do proprietário do imóvel. Contudo a propriedade, tanto no espaço rural como no perímetro urbano, se valoriza através dos investimentos do Poder Público, em suas distintas esferas. A irracionalidade se revela na medida em que a valorização do imóvel, que é privado, ocorre sem haver qualquer investimento do proprietário. Isto se dá com o investimento do Estado em melhorias como estradas, redes elétricas, saneamento básico etc. ou mesmo na ausência destes, pois a própria expansão urbana, por exemplo, por si só já seria suficiente para promover a referida valorização, havendo geração do lucro. Isto produz a privatização e a conseqüente concentração dos ganhos e a socialização das perdas e do prejuízo, que está presente no

---

<sup>22</sup> Fonte: <[www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)>. Acesso em 15/03/2008.

<sup>23</sup> Ver: GATES, Bill. *A estrada do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

investimento público realizado.

No espaço urbano pode ser citado o processo de crescimento da Metrópole Paulistana e, da mesma forma, de tantas outras cidades brasileiras, que foi marcado pela especulação imobiliária e pelo conseqüente loteamento da cidade em prol de benefícios para empresários do ramo do transporte urbano, realizado por companhias de ônibus, que realizam uma reserva de mercado de caráter monopolista em determinadas regiões da periferia. No caso do espaço agrário sabe-se que, segundo dados fornecidos pelo IBGE<sup>25</sup> em relação ao Censo Agropecuário, comprova-se que as propriedades, cujas extensões ultrapassam 10 mil hectares, respondem juntas por uma quantidade de produção de alimentos inferior à somatória das categorias menores. Ou seja, pode-se dizer que espaços ociosos, vazios e/ou improdutivos são encontrados em quantidades maiores em propriedades de grandes dimensões, especialmente as situadas nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil, na área conhecida como “arco do desmatamento”. Ironicamente, as mesmas grandes propriedades são as maiores sonegadas do único tributo a incidir no espaço rural: o ITR, Imposto Territorial Rural, conforme os estudos de Ariovaldo Umbelino de Oliveira<sup>26</sup>.

Discursos, tanto no âmbito acadêmico como no âmbito político, que elaboram uma apologia ao modelo do capital assinalam com certa freqüência o aspecto salutar da concorrência, sobretudo quando se faz uma crítica ao falido modelo socialista real em vigor na extinta União Soviética e em seus países satélites até o colapso do modelo no início dos anos 90. A monopolização e os crescentes mecanismos de fusão entre empresas nos mais variados setores vem contribuindo para uma concentração de capital jamais vista na História. O setor aéreo, bancário, do comércio varejista e outros testemunham este episódio. Estes processos trazem em seus bojos características maléficas em relação ao chamado pequeno comércio, ou seja, ao comércio local e a suas variantes, tornando ainda mais concentradora a geração da *mais-valia* e sujeitando o acesso ao mercado para agentes em quantidade cada vez menor.

Neste sentido pode-se dizer que a incorporação de propriedades fundiárias na contemporaneidade é uma característica que tende a se intensificar tanto em números absolutos de aquisições como na quantidade da própria terra. Na Estância Climática de

---

<sup>24</sup> MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

<sup>25</sup> Fonte: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15/03/2008.

<sup>26</sup> OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. *Agricultura brasileira: Transformações recentes*. In: ROSS, Jurandyr Luciano Sanches (Org.) *Geografia do Brasil*. São Paulo: EDUSP, p. 465-534, 1995.

Cunha e em outros municípios da região conhecida como Vale Histórico, região localizada no Leste do território paulista, o que inclui também as unidades administrativas de Arapeí, Areias, Bananal, São José do Barreiro, São Luiz do Paraitinga e Silveiras, a empresa VCP, Votorantim Celulose e Papel, está a alguns anos adquirindo e/ou arrendando propriedades rurais para utilizá-las na produção de madeira e, automaticamente, de celulose, matéria-prima vital para a indústria de papel.<sup>27</sup> Funcionários da Casa da Agricultura<sup>28</sup> afirmaram que nos últimos anos a produção de feijão e de milho vem apresentando uma redução drástica em virtude do crescente plantio de eucalipto destinado à indústria de celulose. Sem perspectivas econômicas os produtores rurais arrendam ou vendem parte ou a totalidade de suas terras para as grandes companhias. No caso de arrendamento as empresas pagam o mês antecipadamente e, ao final da extração da madeira, repassam 30% do valor arrecadado com a madeira ao proprietário. Os impactos junto ao ambiente são perversos. No replantio do eucalipto são despejados junto às árvores velhas produtos químicos para eliminar qualquer resíduo de raízes, evitando que as mesmas venham prejudicar o crescimento das novas árvores que são plantadas entre as árvores velhas. Os proprietários rurais não se sensibilizam quanto a este fator. Ademais estas circunstâncias fragilizam sobremaneira os territórios nos quais são reproduzidas as complexas manifestações culturais de Cunha, especialmente no que tange às festas populares no meio rural.

As crescentes demandas do mercado internacional, especialmente da China, do Japão e da União Européia, vem fazendo crescer exponencialmente a quantidade de metros cúbicos de madeira oriunda do eucalipto, espécie de árvore não endêmica do território nacional utilizada para a extração da celulose e proveniente da Austrália.

Ocorre que, por detrás desta posse e mesmo da concentração de terras, há gravíssimos danos ambientais conforme o exemplo citado anteriormente, sem mencionar os processos de concentração fundiária que levam aos movimentos de êxodo rural por parte de antigos proprietários que são induzidos a comercializar suas propriedades em vista do valor oferecido, comumente superior ao valor de mercado.

Com isto gera-se a perda de vínculos orgânicos das famílias que precisam se deslocar para as cidades em relação ao espaço rural, o que traz como prejuízo maior a

---

<sup>27</sup> O enfoque mais minucioso acerca da produção agropecuária da Estância Climática de Cunha se encontra no capítulo referente ao espaço rural.



perda da identidade cultural rural o que contempla o modo de vida no campo e as relações em escalas produtivas menores de caráter familiar e de uso intensivo do solo através de técnicas ambientalmente sustentáveis principalmente em comparação com as grandes propriedades. Estas produções são consumidas no mercado regional valeparaibano, potencializando uma diversidade de gêneros de subsistência, fomentando a economia local e oferecendo suporte material ao turismo emancipador.

Ademais as conseqüências ambientais nas grandes propriedades que praticam formas de monocultura se revelam nefastas. Uma árvore adulta de eucalipto pode consumir, em média, aproximadamente 30 litros de água por dia<sup>29</sup>. A dinâmica de bosques homogêneos compromete a biodiversidade de espécies nativas, fragilizando também as áreas de recarga, indispensáveis na alimentação de nascentes de água. O próprio ciclo hidrológico da água é comprometido. Nascentes migram e, fatalmente, tendem a secar; níveis de ribeirões e rios são reduzidos; espécies animais passam a sofrer em demasia com esta situação, colocando em risco seus *habitats* naturais. No município de São Luiz do Paraitinga a Promotoria Pública conseguiu impedir a continuidade de plantio do eucalipto.

Nesta análise a propriedade privada pode ser concebida como propriedade burguesa, ou seja, fruto não do trabalho e do esforço do trabalhador, mas produto da exploração do esforço alheio, da exploração do homem pelo homem. Para a ruptura com o modo de reprodução do capital torna-se necessária a ruptura com este modelo de apropriação, o que gera a propriedade como fruto de um processo de exploração e, no caso do eucalipto, de exploração seguida de exploração, que é o consumo exaustivo dos recursos naturais nas considerações do geógrafo francês Pierre George<sup>30</sup>. Nas palavras de Karl Marx<sup>31</sup>:

A supressão da propriedade privada é, portanto, a completa emancipação de todos os sentidos e qualidades humanas, mas é exatamente nesta emancipação que estes sentidos e qualidades se tornam humanos, tanto subjetiva como objetivamente. [...] Necessidade e gozo perderam portanto sua natureza egoísta e a natureza perdeu sua mera utilidade sendo que sua utilidade se tornou utilidade humana.

A clássica lei da oferta e da procura, que para os teóricos clássicos da economia

---

<sup>28</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 12/05/2008.

<sup>29</sup> Fonte: Casa da Agricultura da Estância Climática de Cunha.

Trabalho de campo realizado em 12/05/2008.

<sup>30</sup> GEORGE, Pierre. *Geografia econômica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

liberal assinalam a regulação pelo mercado presente na metáfora da “mão invisível”, no poder de auto-regulação da economia pelas suas próprias forças, entra em colapso quando se analisa o crescente segmento de luxo. A concorrência entre as marcas situadas neste ramo direcionado para uma parcela ínfima da população elitizada não obedece aos clássicos preceitos de que, mediante a redução da oferta, tem-se um aumento da procura e o fator inverso o que, automaticamente, levaria ao aumento ou à diminuição do preço final do bem a ser consumido. O que ocorre, por fatores subjetivos e, por conseguinte, dificilmente mensuráveis, é uma inversão desta regra, pois o aumento do preço no mercado de luxo pode significar um aumento de venda, tendo em vista que o consumidor de luxo relaciona preço com qualidade. Fatores estes que, associados com a marca, ostentando diversos significados relativos ao *status* social ou a um acesso a um determinado bem cada vez mais exclusivo e limitado, ocasiona satisfação no ato da compra e a valorização do preço. Neste caso o valor exorbitante da mercadoria é compensado pelo fato de se desfrutar a própria mercadoria, ao mesmo tempo em que a mesma se torna um diferencial que potencializa exclusividade e poder de consumo.

A questão da marca, acompanhada do *design*, amplamente valorizado na configuração pós-moderna, é compreendida como uma nova alienação, seguindo os moldes da alienação na esfera produtiva denunciada pelo materialismo histórico e dialético no Século XIX. Como exemplares atributos simbólicos as marcas se refazem por amplas pesquisas de mercado em constantes processos de recriação configurando-se em novos mecanismos amplamente dotados de exploração.

Assim como ocorre com a lei da oferta e da procura a questão do crédito também sofre corrupção no momento em que se materializa e opera na atual estrutura econômica. A oferta de crédito existente é acessível apenas a uma parcela de correntistas e/ou investidores que detém significativo montante aplicado no sistema financeiro. Ou seja: o crédito existe para aqueles que, teoricamente, não necessitam dele. Paradoxalmente as camadas sociais que mais precisam de empréstimos, sejam para auxiliar na subsistência através da compra de alimentos e de outros víveres, sejam para adquirir um bem de consumo como um automóvel ou eletrodoméstico ou para financiar a casa própria, estes se tornam demasiados onerosos, a ponto de causarem um novo endividamento para saldar o anterior e, assim, sucessivamente:

---

<sup>31</sup> KARL, Marx. *Op. cit.* p. 109.

Uma vez que o dinheiro era o conceito existente e auto-afirmador do valor e confunde e troca todas as coisas, ele é a confusão e troca universais de todas as coisas, o mundo invertido, a confusão e troca de todas as qualidades humanas e naturais.<sup>32</sup>

No caso do crédito para os segmentos com maior penúria, além da arbitrariedade econômica e financeira impõe-se pelos sistemas jurídicos e, ao mesmo tempo, reguladores da lógica do capital, um julgamento moral na medida em que o não pagamento de uma ou mais parcelas do referido empréstimo implicaria automaticamente em restrições e no cadastro no Serviço de Proteção ao Crédito de forma sumária. Trata-se de um resguardo jurídico para garantir entidades comerciais contra o perigo iminente do “calote”:

Cada homem especula sobre como criar no outro uma nova carência, a fim de forçá-lo a um novo sacrifício, coloca-lo em nova sujeição e induzi-lo a um novo modo de fruição e, por isso, de ruína econômica. Cada qual procura criar uma força essencial estranha sobre o outro, para encontrar aí a satisfação de sua própria carência egoísta. Com a massa dos objetos cresce, por isso, o império do ser estranho ao qual o homem está submetido e cada novo produto é uma nova potência da recíproca fraude e da recíproca pilhagem.<sup>33</sup>

Para István Mészáros<sup>34</sup> algumas possibilidades de superação das principais contradições do modo capitalista foram experimentadas no século passado, no entanto sem ameaçar a essência das contradições fomentadas pela acumulação desenfreada, por imperialismos crônicos que motivaram a criação de complexos industriais militares após a Segunda Guerra Mundial, gerando uma das heranças do período da Guerra Fria carregada de horror. Trata-se da possibilidade concreta de aniquilação da humanidade:

O século XX testemunhou muitas tentativas fracassadas voltadas à superação das limitações sistêmicas do capital, desde o keynesianismo até o intervencionismo estatal de tipo soviético, além das conflagrações políticas e militares a que deram origem. E, no entanto, tudo o que essas tentativas puderam alcançar foi somente a “hibridização” do sistema do capital, comparado à sua forma econômica clássica – com implicações extremamente problemáticas para o futuro –, mas não soluções estruturalmente viáveis.

Agora esta possibilidade de destruição existe pelas próprias ações acumulativas do homem ao longo dos anos, principalmente após a I Revolução Industrial, quando o

---

<sup>32</sup> Idem, p. 160.

<sup>33</sup> Idem, p. 139.

homem tradicional, portador de vínculos simbólicos estreitos com o campo e com a natureza, de forma geral, passou gradualmente a ceder lugar para o homem moderno, urbano, situado em ambientes degradados pela deterioração dos recursos naturais e em condições de vida desumanas. A mudança qualitativa abrangente proposta por István Mészáros<sup>35</sup> envolve uma série de esforços individuais e coletivos e em múltiplas instituições, procurando fazer valer uma verdadeira igualdade, de fato, praticada e não a “igualdade formal” que subsidia a lógica do mercado, operando uma retórica politiqueria de carácter eleitoral e marcadamente abstrata.

Teixeira Coelho<sup>36</sup> argumenta que o padrão de consumo imposto pela lógica do capital aniquila os recursos naturais e provoca, por tabela, uma das mais latentes contradições existentes na operação do Modo de Produção capitalista: o paradoxo entre consumo e necessidade. Para este pesquisador:

..está claro que o modelo proposto pelo liberalismo – neo ou velho – não é de modo algum nem o único modelo de organização da sociedade, nem o modelo final; e que o atual padrão da vida por acumulação – um aparelho de televisão em cada quarto, um computador e um carro para cada pessoa da casa, trinta pares de sapato com pouco uso estocados no armário – pode ser substituído por algo mais civilizado, baseado no conceito de que o limite e a auto-limitação são os sinais de uma civilização mais propícia ao desenvolvimento do ser humano, numa palavra, são sinais de civilização.

A análise das categorias do espaço e do tempo na vida social visa sedimentar alguns dos mais importantes vínculos presentes nos modos de produção: as práticas e processos materiais tendo em vista a reprodução da vida social, variando conforme aspectos geográficos e históricos.

As sociedades modernas apresentam uma concepção de tempo que se alinha aos movimentos cíclicos e repetitivos, muitos deles vinculados com a agenda semanal, por exemplo, demarcando sensação de segurança e de “avanço” na medida em que os dias, as semanas e os meses do ano vão sendo vividos. Neste tempo cíclico encontra-se o tempo da família e o tempo individual que, para Harvey<sup>37</sup>, é o tempo de acumulação do capital.

---

<sup>34</sup> MÉSZÁROS, István. *Op. cit.* p. 57.

<sup>35</sup> *Idem*, p. 241.

<sup>36</sup> TEIXEIRA COELHO, José. *Um decálogo, dois teoremas e uma nova abordagem para o lazer*. In: *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/World Leisure and Recreation Association, 1998, p. 150-151.

O geógrafo inglês contesta a neutralidade da prática, tanto temporal como espacial, pois sempre estarão munidas de significado expresso por meio de conteúdos que variam conforme se alternam os interesses das classes sociais. O autor sustenta que o tempo e o espaço assumem importância na configuração de estratégias de reprodução da *mais-valia*, passando pela produção de bens de consumo, acelerando o ritmo de vida, em conformidade com o sistema capitalista.

O poder social está centrado no tempo, no dinheiro, no domínio do espaço e na acumulação de capital. O discurso da eficiência passa a legitimar uma série de práticas cotidianas situadas junto ao consumo, ao mesmo tempo em que a racionalização da organização espacial implica em queda de “barreiras espaciais”, possibilitando a aniquilação do espaço através do tempo. Não obstante encontra-se ainda o mito advertido por Milton Santos<sup>38</sup> da contração do tempo e do espaço. O território apresenta relevante importância dentro de suas vicissitudes, de suas particularidades, sobretudo em relação aos respectivos Estados nacionais, incapazes de promover a plena integração na totalidade de suas áreas.

Novamente recorre-se à análise de Teixeira Coelho no momento em que o pesquisador assinala as incongruências e as incompatibilidades entre movimentos globais, estreitamente vinculados às grandes concentrações, com dimensões de caráter regionalizado do capital, em que as instâncias locais experimentam, ao menos, algumas sinalizações em prol de mecanismos de geração de receita em que os “produtores associados” defendidos por Mészáros podem subsistir mesmo diante de uma lógica global:

Prova de que os animadores do liberalismo atual não desejam sequer o estado supranacional pode ser encontrada no mais recente instrumento por ele idealizado para se manter o status atual: o Acordo Multilateral sobre o Investimento (AMI), que propõe o princípio da não discriminação entre investidores estrangeiros e nacionais. Proposto pelos representantes dos Estados Unidos nas recentes conversações econômicas mundiais, esse acordo diz que todo investimento feito em qualquer parte do planeta deve ser tratado como se fora local, o que lhe garante toda liberdade de ir-e-vir por cima das fronteiras, sem prestar contas ao país hóspede.<sup>39</sup>

Ao propor uma ação concreta dos “produtores associados” Mészáros parte de

---

<sup>37</sup> HARVEY, David, *Op. cit.*

<sup>38</sup> SANTOS, Milton, *Op. cit.*

<sup>39</sup> TEIXEIRA COELHO, José. *Op. cit.* p. 156.

uma argumentação de que é preciso estancar as ofensivas do capital por meio das “linhas de menor resistência”, isto é, por expedientes centralizadores e controladores de fluxos e de rentabilidades que encabeçam as diretrizes mestras a serem seguidas. Na mesma lógica situa-se o pensamento de Milton Santos<sup>40</sup>, denunciando a fluidez emergente que gera a acumulação de poder e de riqueza sem precedentes na História da humanidade:

É por meio dessas linhas de menor resistência e, por conseguinte, de maior fluidez, que o mercado globalizado procura instalar a sua vocação de expansão, mediante processos que levam à busca da unificação e não propriamente à busca da união.<sup>41</sup>

A atuação dos produtores associados precisa vir acompanhada de uma ruptura paradigmática tendo como referencial uma perspectiva sistêmica, baseada em uma abordagem holística. Daí deve ser gerado um processo contínuo marcado pelo protagonismo do ser humano, assumindo a condição de sujeito dotado de graus cada vez mais elaborados de consciência.

A perspectiva sistêmica deve se contrapor à perspectiva mecanicista, atuante em inúmeros aspectos da cotidianidade em especial no campo das relações internacionais, marcadas por constantes imperialismos de toda ordem, nas questões inerentes à cultura e à comunicação, ao considerar o caráter acríptico dos receptores assim como suas demandas e arrefecendo o paradoxo do consumir-se no consumo. Compreende-se então o emissor posicionado no campo hegemônico, reelaborando eventuais demandas dos receptores de acordo com seus próprios objetivos, destacando-se as metas acerca da acumulação.

A alternativa ao sistema do capital precisa ser universal, traduzindo a igualdade abstrata formal em igualdade concreta, substantiva, construindo estruturas horizontais mais protagônicas, combatendo sua subalternidade frente à verticalização de comandos e de divisões a serviço do imperativo do capital. A falácia da competição, um dos baluartes do modo capitalista de produção, se desfaz frente às mais contundentes fusões e/ou aquisições de grandes grupos privados diante de forças regionais. O desperdício não mensurado de inúmeros recursos naturais demonstra haver uma incapacidade de acumulação nos modelos atuais, demonstrando novamente a fragilidade do homem na condução do que se convém qualificar de economia.

---

<sup>40</sup> SANTOS, Milton. *Op. cit.*

Harvey<sup>42</sup> argumenta que no campo da superacumulação há a interação entre o capital e o trabalho ocioso, alimentando de forma parasitária a geração de excedentes e de concentração histórica de poder e de riquezas:

...superacumulação – definida como uma condição em que podem existir ao mesmo tempo capital ocioso e trabalho ocioso sem nenhum modo aparente de se unirem esses recursos para o atingimento de tarefas socialmente úteis. Uma condição generalizada de superacumulação seria indicada por capacidade produtiva ociosa, um excesso de mercadorias e de estoques, um excedente de capital-dinheiro... e grande desemprego. As condições que prevaleciam nos anos 30 e que surgiram desde 1973 têm de ser consideradas manifestações típicas da tendência de superacumulação.

O período pós 1973 passa a ser demarcado como um momento de nova crise. Após o fiasco do pleno liberalismo de 1929 agora o mundo é marcado pela crise do petróleo movida por questões político-estratégicas por parte das nações árabes integrantes da OPEP, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

A crise do sistema capitalista acirra as tensões concernentes ao contexto da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética, assinalando a emergência de revisionismos em relação à atuação do Estado. Encabeçada por Margareth Thatcher, no Reino Unido, e por Helmut Schmitd, na Alemanha Ocidental, o neoliberalismo procura realinhar as diretrizes capitalistas a partir da fragilização dos Estados Nacionais, sobretudo os situados na esfera do *Welfare State*, sustentados ideologicamente pela social-democracia europeia. A superacumulação é, pois, uma faceta concreta da pós-modernidade.

Frei Betto<sup>43</sup> assim define o neoliberalismo, contextualizando-o ainda com a questão dos excedentes, também presente nas críticas formuladas por Harvey:

O neoliberalismo é o novo caráter do velho capitalismo. Este adquiriu força hegemônica no mundo a partir da Revolução Industrial do século 19. O aprimoramento de máquinas capazes de reproduzir em grande escala o mesmo produto e a descoberta da eletricidade possibilitaram à indústria produzir, não em função de necessidades humanas, mas sobretudo visando ao aumento do lucro das empresas. O excedente da produção e a mercadoria supérflua obtiveram na publicidade a alavanca de que necessitavam para induzir o homem a consumir, a comprar mais do que precisa e a necessitar do que, a rigor, é supérfluo e até mesmo prejudicial à saúde, como alimentos ricos em

<sup>41</sup> MÉSZÁROS, István. *Op. cit.* p. 50.

<sup>42</sup> HARVEY, David. *Op. cit.* p. 170.

<sup>43</sup> BETTO, Frei. *O que é neoliberalismo*. Extraído de: <www.triplov.com> Acesso em 07/08/2007.

açúcares e gordura saturada.

Os dilemas presentes nas concepções pós-modernas tornam-se importantes para que sejam articulados contrapontos a favor de alternativas a serem construídas em relação ao modo do capital, ao invés de submergir em uma análise que sela e elimina tentativas de construção de uma nova realidade. Trata-se de uma abordagem relacionada com a questão cultural e que é também associada com algumas das importantes transformações que ocorrem na contemporaneidade, principalmente no que concerne à globalização capitalista bem como à efemeridade, fluidez e transitoriedade; aspectos que cristalizam um novo cenário através do qual se dão as diferentes e complexas relações na esfera cultural.

Há uma articulação entre os conceitos de modernidade e pós-modernidade e é plenamente possível delimitar territorialmente esta articulação, ou seja, espacializar o que é flutuante e fugaz. De que forma pode-se, diante das concepções da pós-modernidade, continuar assinalando as contradições do modo do capital e sinalizar para que a ruptura seja demonstrada como possibilidade concreta? Para isto recorreu-se novamente ao pensamento de István Mészáros<sup>44</sup> comprometido com este caminho:

As “personificações do capital” estão mais do que felizes por glorificar o eterno presente em que não há alternativa, iludindo-se – apenas porque dominam a sociedade com todos os meios que têm à sua disposição – com a crença de que o próprio processo histórico já terminou. Até mesmo pontificam sobre o feliz “fim da história” neoliberal sem miscelâneas propagandísticas pseudo-acadêmicas amplamente promovidas, à la Fukuyama, pregando de bom grado a si mesmos – os convertidos – a consumação da história para sempre livre de conflitos, enquanto empreendem guerras genocidas.

A crítica contundente de Mészáros à pura presentificação, uma das características da pós-modernidade, encontra substância na própria dimensão da História; seus processos, as contradições e conflitos, a trama da grande política, protagonizada pelos atores hegemônicos e camuflada pelos intelectuais orgânicos do processo de globalização: a comunicação midiática, na concepção de Octavio Ianni<sup>45</sup>.

Há um consenso, agregando uma vasta gama de pensadores com diversas correntes teóricas e metodológicas, no apontamento da crise de tradicionais instituições (casamento, escola, família, igreja, partidos políticos, sindicatos, Poder

<sup>44</sup> MÉSZÁROS, István. *Op. cit.* p. 23.

<sup>45</sup> IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.



Público etc.) como instrumentos que possibilitem a emancipação do homem e a construção de uma vida efetivamente libertária e humana, trazendo implicações marcantes para as facetas de ordem cultural, em particular para as festas populares.

Este esgotamento se cristaliza principalmente através da sangria do caráter ideológico de certas instituições que, até o final dos anos 60 e início dos anos 70 do século passado em algumas nações e em contextos específicos, serviam como palcos de contestação da ordem econômica, política e social vigente, fomentando práticas culturais que acabavam por manifestar este descontentamento através de diversas formas de expressão.

O “derretimento” das instituições, ilustrado pela crise identitária de boa parcela dos partidos de esquerda no Ocidente, cujas práticas de poder atestam para uma contradição do discurso em relação à ação concreta, é um fator acrescentado à crescente importância contemporânea de entidades ligadas ao Terceiro Setor, como as organizações não-governamentais, sobretudo de cunho ecológico, como instrumentos que efetivamente concretizam a tão esperada ação e transformação. Isto ocorre com a Associação Serra Acima, com atuação plena no espaço rural da Estância Climática de Cunha através de ações de caráter ambiental.<sup>46</sup>

Para Zygmunt Bauman<sup>47</sup> o engajamento político-ideológico, característico da modernidade clássica, além de não ser mais necessário torna-se ineficaz no tempo da modernidade líquida. Os agentes sociais não se fixam mais às doutrinas. Bauman recorre à bem construída metáfora da “casa” e do “acampamento”. A “casa”, sob a luz da modernidade dura e pesada, seria a instituição construída repleta de ordenações e regras, submetida a um certo comando ou controle, a um poder dirigente. Traria a segurança necessária a seus membros, podendo-se inclusive abstrair um conceito associado à cultura: o de necessidade para o grupo, ou seja, a horda. Posteriormente, Bauman trata a rigor de outras situações advindas através da modernidade líquida que se associam plenamente com esta idéia. “Não fale com estranhos” é um elemento moderno e pesado que pode ser atribuído ao pertencimento presente na territorialidade e associado com as práticas culturais radicalmente demarcadas, ou seja com o recrudescimento das culturas qualificadas como duras, protagonizadas sobretudo pelos agentes estatais em conformações oficiais.

---

<sup>46</sup> A questão das organizações sociais será enfocada posteriormente.

<sup>47</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

O conceito de pertencimento, que se vincula com o território agregando-se ao projeto de constituição de uma identidade, modelada muitas vezes sob uma forma de “nacional”, ou mesmo de “local”, se torna presente mesmo em cidades como Oizumi, localizada em território japonês. Em um dos trechos de sua Carta Magna cita-se: “*Valorize a sua história e os costumes de sua terra natal. Perfume a sua cidade com o aroma mais nobre que existe: a cultura.*”<sup>48</sup> É a cultura vista como “casa”, logradouro onde se encontra segurança e proteção contra supostos estranhos, enfatizando com isto o isolamento, atributo que marcou sobremaneira a cultura oriental por muitos anos até a abertura comercial de portos japoneses ocorrida em meados do Século XIX.

Contraopondo-se á idéia da “casa” tem-se o “acampamento”. Este sem normas rígidas, não cabendo o papel de reter alguém, mas permitindo a fuga, a saída em qualquer momento; entrar e sair quando quiser. O “acampamento” submete-se aos preceitos da modernidade líquida que se relacionam com a fluidez das instituições e que não se fixam na territorialidade. Frente a realocação de poderes caberia a indagação para onde se desloca o novo ágora, o espaço marcado pela reflexão e pela geratriz de graus cada vez mais articulados de consciência.

O poder pós-Panóptico se revela na vanguarda das transformações tecnológicas pela instantaneidade e pela velocidade sem precedentes na História. É o fim da era do engajamento mútuo, através do qual, durante o auge da modernidade sólida, havia a relação dual entre capital e trabalho, líder e liderado, mãe e filho, trazendo no aparelho do Estado o funcionário qualificado como “encarregado”, submetido ao controle constante de um olhar superior e assim sucessivamente, constituindo uma rede de poder hierarquizada e verticalizada:

O poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico... Em termos práticos, o poder se tornou verdadeiramente extraterritorial, não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço... As principais técnicas do poder são agora a fuga, a astúcia, o desvio e a evitação, a efetiva rejeição de qualquer confinamento territorial, com os complicados corolários de construção e manutenção da ordem, e com a responsabilidade pelas conseqüências de tudo, bem como a necessidade de arcar com os custos.<sup>49</sup>

Outra análise a ser feita trata da fluidez dos lugares que seria, em verdade, o próprio “derretimento” de certos territórios não apenas em relação ao que se qualifica

<sup>48</sup> Fonte: *Oizumi: Cidade-irmã de Guaratinguetá*. Guaratinguetá: Museu Frei Galvão. Arquivo Memória de Guaratinguetá, 1996, n.º 153.

<sup>49</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.* p 18.

chamar, em uma designação primária e superficial, de “globalização da economia”. Há no meio acadêmico atual, dentro das Ciências Humanas, sobretudo, a superação da análise da globalização de forma simplista, sem a devida elaboração de conexões, interfaces e sutilezas locais ligadas ao campo da arte e da cultura, por exemplo, problematizando a atuação dos veículos de comunicação, a formação dos blocos de poder hegemônicos, as tentativas de resistência e, principalmente, as respostas que os grupos sociais oferecem fundamentadas em interfaces, trocas nos campos mais variados, no cambiar constante e mútuo e no caráter sincrético presente na dinâmica cultural.

Um dos pontos nevrálgicos a ser discutido é exatamente o de compreender a cultura como processo dinâmico, carregado de movimentos densos, salutares e significativos para as práticas culturais do presente século que não mais se cristalizam mediante as variações de humor ou das vontades das tradicionais instituições, mas na plenitude do desfrute e da experimentação da vivência:

A expressão dinâmica cultural recebe agora, de volta, seu sentido original e forte, aquele que aparece na literal superfície da palavra: movimento. Movimento é a forma e a matéria da cultura, sua alma. Sob esse aspecto, a globalização, mais uma etapa da cultura flutuante, não significa necessariamente conflitos de culturas e menos ainda aniquilação de culturas mas, acima de tudo, um amplo deslocamento de diferentes culturas num largo leque de direções, trazendo como resultado inúmeras e por vezes fundas modificações em cada uma delas.<sup>50</sup>

Pode-se dizer que há, conforme assinala Teixeira Coelho, a concepção marcante do caráter sincrético que a cultura assume atualmente. A intensificação dos movimentos, referindo-se aos deslocamentos físicos pelo espaço, articulada com os fluxos de informação estabelecidos ao longo das estradas digitais, mediante a incorporação de técnicas mais aperfeiçoadas de troca de informações relacionadas com os recursos da era da informática, acentua e aprimora os intercâmbios nas mais diferentes áreas, estabelecendo redes virtuais de afinidades, grupos de discussões, envios e recebimentos de milhões de mensagens de *email* que, diariamente, cambiam arquivos de texto, arquivos gráficos, relatos de experiências emotivas e sociais, enfim, produzindo novos patamares de relacionamento entre distintos segmentos sociais em

---

<sup>50</sup> TEIXEIRA COELHO, José. *Uma cultura para o século. Tudo fora do lugar, tudo bem*. Disciplina: Cultura flutuante – A dinâmica cultural do novo século. São Paulo: CBD-ECA-USP, 2006, p. 6, mimeo.

distintas localidades. Contudo, é bom que se estabeleça que o sincretismo cultural não se resume no aprimoramento dos recursos técnico-científicos. É, pois, prática existente há milhares de anos desde as civilizações pré-Cristãs mais remotas.

A emancipação não torna imprescindível o assentamento como necessidade capital, primordial, ou seja, a formação de um complexo de raízes fixadas ao solo, como na modernidade clássica, vinculando-se em termos econômicos, com base nas políticas dos impérios europeus, à necessidade de se obter as matérias-primas indispensáveis aos processos de industrialização, precisamente em fins do Século XIX e início do Século XX. No atual processo a itinerância e o nomadismo substituem ou, em certa medida, reatam os patamares da emancipação no âmbito do indivíduo. Emancipar-se no atual contexto da liquidez significa atingir certa autonomia, possuir liberdade para agir, imaginar e alcançar, realizar desejos.

Rompe-se, para Bauman<sup>51</sup>, com a visão de Émile Durkheim<sup>52</sup> acerca da coesão social em se tratando das práticas de coersão do indivíduo pelo grupo através do gosto médio, que em verdade seria o medíocre, das normas e na execução de punições. Neste sentido o mesmo Bauman assinala que a liberdade não pode ser ganha contra a sociedade e ainda que a anomia, ausência de normas, é um dos piores cenários que podem ser formados para a edificação de uma verdadeira emancipação.

Contudo, o diálogo que pode ser reproduzido e analisado é de que os conceitos da emancipação trazidos pela modernidade clássica, associados com as formulações de Theodor Adorno e Max Horkheimer<sup>53</sup> articuladores da teoria crítica, estão impregnados pela idéia de ordem associada ao totalitarismo:

A sociedade totalitária da homogeneidade compulsória, imposta e onipresente, estava constante e ameaçadoramente no horizonte – como destino último, como uma bomba nunca inteiramente desarmada ou um fantasma nunca inteiramente exorcizado.<sup>54</sup>

Retomando posteriormente esta discussão, Bauman afirma que as classes sociais, em verdade, são fontes alimentadoras que devem ser buscadas pelos indivíduos mais “fracos”, aqueles incapazes de se auto-afirmar, buscando na ação coletiva estratégias para suprir os inadequados recursos individuais. O sociólogo

<sup>51</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.*

<sup>52</sup> DURKHÉIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

<sup>53</sup> Ver: ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

<sup>54</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.* p. 36.

polonês é taxativo quanto à individualidade ao considerar: *“Não se engane: agora, como antes – tanto no estágio leve e fluido da modernidade quanto no sólido e pesado – a individualidade é uma fatalidade, não uma escolha”*.<sup>55</sup>

Esta individualidade corrompida é plataforma ideal para a reprodução do individualismo, isto é, de um estágio degradante da existência de cada um, da própria individualidade, na medida em que são obliteradas as possibilidades de construção de projetos coletivos. Estes caem em detrimento aos projetos individuais, cujas estampas trazem com eloqüência os emblemas de “conquista”, “sucesso” e “vitória” compondo um mosaico de gratificações personificadas sem a participação dos sujeitos coletivos.

Em Cunha esta faceta vem comprometendo o pleno funcionamento de instituições, vitais para o pleno desenvolvimento do turismo emancipador. A ação da CUNHATUR<sup>56</sup> vem sofrendo um processo de fragmentação motivado pela cobrança de mensalidade junto aos associados, o que está provocando a saída brusca e repentina de muitos sócios da entidade.

Um dos gestores privados de turismo local, ex-gestor público, demonstra sua insatisfação quanto à condução de atividades conjuntas com demais gestores privados:

E a CUNHATUR virou isso, porque a CUNHATUR hoje ela é uma associação. Eu acredito nela porque eu sou um dos fundadores. Eu acho que a função da associação é muito bacana. Só que virou um antro de fofoca, de encheção de saco, de né? Então se você faz é porque... aí ficam procurando coisas porque você está fazendo. Aí se você não faz é porque... então nós, eu por exemplo, cansei. Eu não quero mais nem um trabalho é... para a comunidade social, entendeu? No momento eu não quero porque... por causa disso, porque é um “saco”. Você se desgasta você... Para tocar a CUNHATUR você deixa de fazer o seu para tocar, para fazer e agente... dois anos já de administração dessa diretoria, muito, muito, muito difícil. Por causa desses fatores. Então era extremamente crítica né, a nossa administração, quer dizer: as pessoas só criticavam. A gente acabou se indispondo entre nós, entre as pessoas, a troco de quê? Então a gente... ainda estamos lá né? Enquanto diretoria porque ninguém quer assumir... Nós abrimos já três vezes ou duas, duas ou três assembléias para nova... para novas chapas para as pessoas. Ninguém quer.<sup>57</sup>

O individualismo, filosofia marcante do neoliberalismo, se reproduz em diferentes escalas. A inexistência da pré-disposição para o trabalho em equipe em conjunto com uma visão paternalista por parte de alguns gestores coloca em risco a articulação

<sup>55</sup> Idem, ibidem, p. 43.

<sup>56</sup> Associação dos Proprietários de Hotéis, Pousadas, Restaurantes, Bares, Similares e dos Artesãos de Cunha.

<sup>57</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 28/04/2008.

através da qual a CUNHATUR se propôs a construir quando da fundação desta entidade, ou seja, de articular ações a favor do desenvolvimento turístico de Cunha associado com o profissionalismo e com uma gestão coletiva, estratégica e integrada. A esta fragilidade soma-se à ineficiência de recente gestão municipal (2005-2008), amplamente criticada por muitos gestores e intelectuais orgânicos que atuam junto à cultura, à educação e ao turismo, como um dos grandes empecilhos para que se efetivem eventos e possibilidades de um planejamento territorial e turístico tendo em vista o turismo cultural de caráter regional, emancipador, inteligente e ambientalmente sustentável.

O que se observa também com o exemplo citado é uma relação estreita entre a perda da “solidez” institucional juntamente com a emergência da “fluidez” das relações econômicas. Estas últimas assumem, na passagem da modernidade para a pós-modernidade, uma forte vinculação com o segmento terciário da economia, emergindo o setor de serviços, e logicamente com as práticas de consumo na sociedade capitalista associadas com o lazer e com a profusão sem precedentes da atividade turística em escala global.

Há uma ruptura drástica com a modernidade pesada tendo em vista que antes a expansão territorial vinculava-se estreitamente com a idéia de progresso. Tratava-se da era do capital fixo, ou seja, da infra-estrutura, dos pesados investimentos em minas de carvão, na fabricação de bens de capital como máquinas pesadas e guindastes, na montagem de grandes instalações para a fabricação de locomotivas, na construção de enormes fornos de companhias siderúrgicas que forjavam o aço necessário para edificar pontes, grandes arranha-céus, gares e pátios ferroviários.

O trabalho sem corpo da era do *software* não mais amarra o capital: permite ao capital ser extraterritorial, volátil e inconstante. “*O capital pode viajar rápido e leve, e sua leveza e mobilidade se tornam as fontes mais importantes de incerteza para todo o resto. Essa é hoje a principal base da dominação e o principal fator das divisões sociais.*”<sup>58</sup>

Arregimentado pela instantaneidade dos investimentos fugazes e infiéis promovidos pelo setor financeiro, que requer um tempo de giro cada vez menor, constituindo a fluidez por excelência, o capitalismo leve tem no *software*, conforme a argumentação de Bauman, seu maior paradigma.

---

<sup>58</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.* p. 141.

A partir desta análise podem ser destacados alguns dos contrapontos à pós-modernidade, retomando algumas idéias já descritas anteriormente. Romper com a estrutura do capital significa romper com a reprodução sociometabólica vigente por meio do combate aos antagonismos sistêmicos configurados pela dualidade entre consumo e necessidade. Por detrás da reprodução do modo capitalista de produção e dos conflitos encontram-se sustentações ideológicas situadas no campo da lucratividade, considerado um contravalor dentro da atual lógica da acumulação.

Ao mesmo tempo, em relação à problemática ambiental, planejar torna-se inconcebível na medida em que o tempo de lucro trabalha a partir de prazos curtos e de horizontes estreitos e comprimidos. Daí a presentificação pós-moderna conceber o eterno presente como um dos paradigmas, pois neste raciocínio o consumo torna-se o ponto central, mediando e corrompendo a relação já tênue entre homem e natureza.

Consumir exacerbadamente evoca além do consumo trazendo consigo as mediações que promovem a alienação, o desperdício, o valor de troca expansivo, a completa e descabida realidade em que necessidade e desejo operam em patamares distintos e totalmente antagônicos.

Dentre as alternativas a serem trilhadas nenhuma delas terá êxito se não houver a concepção do sujeito histórico como potência, refutando as tentativas dentro do campo da comunicação midiática de anular os sujeitos ou, ao menos, de mantê-los sob controle dentro da esfera da presentificação. A ruptura com a presentificação, ou seja, com o “aqui e agora”, exalta automaticamente o horizonte histórico e uma perspectiva de condução dos processos sociais a partir de sujeitos coletivos, atribuindo aos mesmos processos uma substância sócio-histórica.

### 1.1. Cultura transnacional na pós-modernidade: Arauto da ação hegemônica

A questão da transnacionalização da cultura e o advento da pós-modernidade são fatores imbricados que se relacionam tangenciando a dimensão hegemônica da mídia como intelectual orgânico da própria cultura transnacional e do imperialismo. Este, longe de ser compreendido apenas como um aspecto geopolítico como no final do Século XIX e no período que concerne aos dois grandes conflitos mundiais no Século XX, assume agora um caráter de disseminação cultural dentro de gradações das culturas hegemônicas, ao propagar valores referendados sob a óptica de estados autoritários, com ou sem o emblema vago de “democráticos” ou de defensores da “liberdade”, sob o comando do grande capital transnacional e da acumulação sem precedentes.

Edward Said<sup>59</sup> problematiza muitos emblemas focados no caráter imperialista no que concerne a atuação dos clássicos estados europeus durante o Século XIX como ponto de partida para a devida análise do que ocorre atualmente no mundo contemporâneo. Um mundo marcado pela multipolaridade relativa, alicerçada no pleno domínio político e militar dos Estados Unidos, que se encontra dentro em um contexto de monopolaridade, tendo a participação de atores de segunda ordem tais como China e União Européia. Estes ensaiam, vez ou outra, tentativas de estabelecer aparente ameaça ou competição arrojada ao pleno domínio norte-americano tendo em vista sua formidável capacidade militar sem qualquer similaridade com qualquer outra nação ou bloco econômico e político:

Em nossa época, o colonialismo direto se extinguiu em boa medida; o imperialismo... sobrevive onde sempre existiu, numa espécie de esfera cultural geral, bem como em determinadas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais.<sup>60</sup>

A cultura transnacional apresenta organicamente a reprodução de um simulacro de democracia calcada sob moldes ocidentais e propagada com panacéia sob o estigma de se revelar como o modelo ideal na relação Estado e sociedade para as demais civilizações do Planeta. Modelo este muitas vezes estruturado sob discursos de ordem econômica e racial, abdicando da convivência harmônica entre diferentes grupos sociais, mas que são tutelados sob estratégias de Estado vinculadas fortemente

<sup>59</sup> SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>60</sup> Idem, p. 40.



com setores econômicos com grande poder e influência em governos, como o complexo industrial militar presente nos Estados Unidos e em outras nações.

Termos empregados pelas grandes mídias ocidentais procuram legitimar o discursos dos Estados oficiais. Comumente costuma-se empregar terminologias como “terrorismo” na designação dos grupos paramilitares que defendem a comunidade palestina nos territórios ocupados por Israel ao mesmo tempo em que os mesmos grupos são qualificados por meios de comunicação de países árabes do Oriente Médio como “resistência islâmica”. O olhar de uma cultura perante outra sugere interpelações ideológicas que dão conformidade às expressões cunhadas pelos veículos de comunicação.

Dados referentes ao orçamento militar mundial revelam a grande discrepância entre os gastos do Departamento de Defesa dos Estados Unidos em relação a outros países. A diferença entre os Estados Unidos, primeiro colocado, e o Reino Unido da Grã-Bretanha, na segunda posição, chega a ser praticamente 10 vezes maior. Durante o primeiro ano do primeiro mandato da administração George Walker Bush (2001-2004) o orçamento havia saltado de pouco mais de 300 bilhões de dólares para quase 500 bilhões ao término deste. Em 2007 o orçamento do Pentágono havia se estabelecido próximo da casa dos 600 bilhões de dólares.<sup>61</sup>

Tabela 01 – Orçamento militar mundial

Colocação	País	Valor (em bilhões de US\$)
1º	Estados Unidos	478,2
2º	Grã-Bretanha	48,3
3º	França	46,2
4º	Japão	42,1
5º	China	41,0
6º	Alemanha	33,2
7º	Itália	27,2
8º	Arábia Saudita	25,2
9º	Rússia	21,0
10º	Índia	20,4
11º	Coréia do Sul	16,4
12º	Canadá	10,6
13º	Austrália	10,5
14º	Espanha	9,9

<sup>61</sup> Fonte: SIPRI – Instituto Internacional de Pesquisa pela Paz de Estocolmo.

15°	Israel	9,6
<b>TOTAL MUNDIAL</b>		<b>1.120,0</b>

Fonte: SIPRI – Instituto Internacional de Investigação da Paz em Estocolmo.  
Dados referentes a 2005.

Said aponta em suas considerações o fator reducionista e fragmentado da hegemonia norte-americana, balizado sob uma ótica positivista; “fomos atacados, vamos retaliar”, desprovido do refinamento do conceito de hegemonia elaborado por Antonio Gramsci em que a liderança se dá através da plena articulação dos diferentes a partir de um objetivo comum que precisa impregnar a consciência dos sujeitos históricos. Para Octávio Ianni<sup>62</sup> “o adversário pode expressar uma inquietação que precisa ser incorporada”. Dificilmente esta concepção permeia o *establishment* norte-americano, tendo em vista que a doutrina da dissuasão presente no cenário da Guerra Fria, (1945-1991) que mantinha o paradoxo da paz armada e do “equilíbrio do terror”, passa a ser substituída pela política do ataque preventivo, capitaneada pela nova doutrina Bush, instituída após o ataque a Nova York em 2001 por meio dos conflitos no Afeganistão e no Iraque.

A construção paulatina da identidade nacional está ligada à cultura hegemônica, tendo como matrizes a ideologia oficial e a disseminação da cultura transnacional, esta concebida dentro de uma estratégia de expansão do Estado que está articulada com setores do capital privado que acumulam ganhos sem precedentes:

Ora, o problema com essa idéia de cultura é que ela faz com que a pessoa não só venere sua cultura, mas também a veja como que divorciada, pois transcendente, do mundo cotidiano. [...] A cultura concebida dessa maneira pode se tornar uma cerca de proteção: deixe a política na porta antes de entrar.<sup>63</sup>

Esteréotipos e imagens são criados para justificar as diferentes políticas imperialistas. Os atuais impérios passam a exportar um modelo de democracia e de liberdade. Assim a cultura transnacional, como uma das bases do atual processo de globalização, traz uma nova roupagem frente às velhas divisões entre colonizadores e colonizados. Novos muros despontam como representações materiais e simbólicas das clivagens e fraturas, tendo como função proteger a “casa” e o “quintal” do elemento estranho, ou seja, africanos, árabes, asiáticos, hispânicos etc. Os muros<sup>64</sup> não

<sup>62</sup> IANNI, Octávio. Anotações de aula. Disciplina: *Gramsci*. CCA-ECA-USP, 2001.

<sup>63</sup> SAID, Edward. *Op. cit.* p. 14.

<sup>64</sup> Exemplos lapidares dos novos muros, cuja conotação substitui o clássico Muro de Berlim, são encontrados na fronteira Estados Unidos-México e Cisjordânia-Israel.

demarcam mais ideologias, mas sim civilizações, compreendidas como grandes entidades culturais na visão de Samuel Huntington<sup>65</sup>.

A visualização do cotidiano e da política, conforme as considerações de Said inseridas anteriormente, revelam-se como norteadoras e fundamentais para a análise e compreensão da identidade cultural. Diferenciada da identidade nacional, sob a égide da cultura transnacional, a identidade cultural é construída sob a esfera do cotidiano, fator este analisado como palco de importantes experiências de conotação material e centradas no seio da vivência hodierna de diferentes comunidades situadas em um espaço de pertencimentos e de reconhecimentos por parte dos atores sociais.

Maria Nazareth Ferreira<sup>66</sup> argumenta que a cultura elitista parte de uma premissa que não é a nacional no sentido pleno e não pejorativo e excludente, tendo em vista que reforça fraturas e separações entre a elite dirigente de uma nação e as classes populares:

A cultura elitista sempre foi a cultura dos grupos que detêm o poder (econômico e político). Quando se fala em cultura nacional, geralmente faz-se referência a esta cultura dos grupos no poder, deixando-se de lado o fato de que esta cultura não é representativa do povo, sendo natural a uma ínfima parcela da população. Não é, portanto, uma cultura nacional, mas particular, de um reduzido grupo, agraciado com o poder.

Na análise de Said a cultura nacional está desprovida dos sincretismos, da dialética inovação e tradição, sem portar diálogos recíprocos entre culturas distintas que amalgamam transformações inerentes ao nível da vivência e da convivência entre distintas comunidades ou entre distintos indivíduos:

O que pretendo examinar é a maneira pela qual os processos imperialistas ocorreram além dos planos das leis econômicas e das decisões políticas, e... manifestaram-se em outro nível de grande importância, o da cultura nacional, que tendemos a apresentar como algo asséptico, um campo de monumentos intelectuais imutáveis, livre de filiações mundanas.<sup>67</sup>

O escritor palestino defende o diálogo entre as culturas havendo, contudo, conflitos fundamentados na interdependência e em sobreposições entre as mesmas. Desta forma o conceito estático e rígido das oposições binárias no âmbito da cultura transnacional, ou seja, na dualidade entre dominantes e dominados, é substituído por

---

<sup>65</sup> HUNTINGTON, Samuel. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

<sup>66</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Por uma cultura latinoamericana*. In: VIEIRA, Roberto Amaral (Org.) *Comunicação de massa, o impasse brasileiro*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978, p. 141.

<sup>67</sup> SAID, Edward, *Op. cit.* p. 44.

novos alinhamentos que podem ser representados pela metáfora da “mola”, ou seja, tensão e distensão, um jogo de forças dinâmico e uma constante realocação de poderes; “... se o imperialismo avançou implacavelmente nos séculos XIX e XX, o mesmo se deu com a resistência a ele. Assim, metodologicamente, tento mostrar as duas forças em conjunto.”<sup>68</sup>

Articula-se, portanto, um diálogo entre o que sustenta Said e as argumentações de Ferreira, quanto trata dos processos de trocas culturais a partir dos quais é construída uma cultura abrangente tida como universal dentro do desenvolvimento de uma resistência. “A cultura de resistência se desenvolve na luta contra a submissão, a despersonalização, o aniquilamento da cultura nacional.”<sup>69</sup>

A compreensão da cultura transnacional traz à tona a discussão acerca do assentamento das bases da sociedade de consumo, estabelecida já em fins do Século XIX, tendo como cenário político as tensões entre os impérios europeus e a expansão da indústria de base e o recrudescimento da geopolítica dos Estados Unidos quando de sua constituição territorial.

É a partir daí que podem ser inseridas as formulações acerca do fordismo, etapa de clara racionalização não apenas da planta industrial, através da qual se dá a produção em massa e o consumo em massa. Ao fundar a *Ford Motor Company* e instituir a linha de montagem, Henry Ford oferece ao trabalhador o salário pago e o tempo necessário para o pleno consumo, criando condições para a realização do desejo do consumidor e alargando a base da demanda, necessária à plenitude do mecanismo de acumulação, conformando um movimento quantitativo. Este modelo passa a ser norteador durante praticamente todo o Século XX, trazendo estreitas implicações para com os mais diversos setores vinculados à produção. Alan Sugar, presidente da *Amstrad Corporation*, empresa do complexo industrial militar estadunidense, anos depois durante a década de 1970 em plena Guerra Fria, afirma: “se houvesse mercado de armas nucleares portáteis produzidas em massa, nós também as venderíamos.”<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> Idem, p. 25.

<sup>69</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Por uma cultura latinoamericana*. In: VIEIRA, Roberto Amaral (Org.) *Comunicação de massa, o impasse brasileiro*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978, p. 139.

<sup>70</sup> HARVEY, David. *Op. cit.* p. 317.

A fábrica fordista se revela para Zygmunt Bauman<sup>71</sup> como um ícone desta fase moderna e, ao mesmo tempo, dura e implacável para com o movimento individual. Os movimentos rotineiros da fábrica de Ford<sup>72</sup>, que se expande para outros setores clássicos da industrialização, transformam o tempo da fábrica em rotina e, mais do que isto, acabam por desqualificar quaisquer tentativas de caráter emancipatório no nível dos indivíduos.

Termo primeiramente utilizado por Antonio Gramsci<sup>73</sup> quando este fora encarcerado pelo regime fascista de Benito Mussolini, o fordismo e de certa forma também o taylorismo foram alvos de críticas também no campo das artes cinematográficas pelo cineasta Charles Chaplin que, em *Tempos Modernos*, satirizou com astúcia e perspicácia os movimentos repetitivos dentro do sistema da fábrica tradicional, banalizando a rotina dos funcionários e concretizando a exploração capitalista do trabalho alheio. Chaplin fora alvo do macarthismo, movimento radicalizado por meio do pensamento anti-comunista encabeçado pela ala ultra-conservadora do Partido Republicano, influenciada pela ideologia armamentista promovida pela formação do complexo industrial-militar concebido por Dwight Eisenhower, que acabou sendo decisivo para expulsar o artista dos Estados Unidos no início os anos 50.

David Harvey<sup>74</sup> assinala no que concerne ao período fordista a criação não apenas da produção em massa, mas de um mercado de consumo de massa. Quando Ford aumenta os salários de seus trabalhadores o faz não por benevolência ou complacência aos movimentos operários e sindicais, mas para garantir meios que levasse ao aumento da base consumidora dos automóveis, o que acabou ocorrendo.

A problematização colocada por Harvey aponta ainda para a plenitude da administração científica racional no âmbito das estratégias globais das fábricas e de suas plantas industriais cada vez mais complexas e com maiores extensões físicas e para a padronização dos hábitos de consumo em escala global, tendo como um dos

---

<sup>71</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.*

<sup>72</sup> Pertinente associar o exemplo que Bill Ford, neto de Henry Ford, tenta implantar em sua rede na América do Norte a partir do próximo ano: o da fábrica flexível em Camaçari, na Bahia, responsável pela linha de montagem do EcoSport e do Ford Fiesta; trata-se de um modelo de gestão que engloba a montagem de automóveis com absoluta flexibilidade de componentes e peças, racionalizando os custos e ampliando o lucro da montadora na América do Sul, continente que se tornou exemplo a ser seguido pelas unidades fabris dos Estados Unidos e México.

<sup>73</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.* p. 67.

<sup>74</sup> HARVEY, David. *Op. cit.* p. 121.

elementos constituintes deste cenário um Estado aparelhado, burocratizado e instrumentalizado para garantir as condições macroeconômicas e as infra-estruturas necessárias para a plena realização destes preceitos, tais como energia, indústria de base e sistemas de transportes agregando diferentes modais:

Produção em massa significava padronização do produto e consumo de massa, o que implicava toda uma nova estética e mercadificação da cultura... [...] O gerencialismo estatal fordista e keynesiano passou a ser associado a uma austera estética funcionalista (alto modernismo) no campo dos projetos racionalizados.<sup>75</sup>

Ao promover a inserção dos trabalhadores na esfera do consumo o fordismo sacramentou fundamentos importantes no que concerne aos mercados culturais por meio da mercadificação da cultura e da indústria cultural, objeto de análises mordazes de certos setores da Escola de Frankfurt.

Os anos 20 do século passado trazem à América do Norte grande otimismo na economia movido pelo motor à combustão que dá os primeiros passos nas instalações fabris de Michigan e dos demais estados da Costa Atlântica, articulando toda a complexa cadeia produtiva do petróleo desde a prospecção até a distribuição nos primeiros postos de combustível. A Nova York deste momento retrata a efervescência cultural, reproduzindo sobremaneira suas características no campo das artes e espetáculos, destacando-se ainda as grandes estruturas formais urbanas, como o *Empire State Building*, a *Radio City* e o *Rockefeller Center* entre outras, e a instalação dos fixos, destacando-se a conexão dos trens de subúrbio com o avanço das redes de metrô, tendo a *Broadway* como um dos mais significativos símbolos deste cosmopolitismo ocidental.

O alargamento da demanda cultural é acompanhado pelo planejamento burocrático e racional do Estado keynesiano, necessário na intervenção e na regulação da economia através da criação dos instrumentos de política econômica, sobretudo após a Crise de 1929, emergida pelo excesso de oferta de crédito, pela crise da superprodução e pela grande especulação financeira.

David Harvey pontua a ascensão econômica e política dos Estados Unidos como potência global, principalmente no período entre as duas grandes guerras, em paralelo à edificação do mercado global de consumo. Neste período as relações de poder se

---

<sup>75</sup> Idem, p. 131 e 133.

dão em patamares da ordem bipolar durante o período conhecido como Guerra Fria (1945-1989)<sup>76</sup>:

Essa abertura do investimento estrangeiro (especialmente na Europa) e do comércio permitiu que a capacidade produtiva excedente dos Estados Unidos fosse absorvida alhures enquanto o progresso internacional do fordismo significou a formação de mercados de massa globais e a absorção da massa da população mundial fora do mundo comunista na dinâmica global de um novo tipo de capitalismo.<sup>77</sup>

Durante os anos 60 emergem as práticas contraculturais e as construções de críticas importantes acerca de alguns dos expedientes vinculados à expansão capitalista após a II Guerra Mundial. O grupo musical *The Doors* começa a se apresentar em pequenos bares e em casas noturnas de Los Angeles e, mais tarde, em toda a Costa Oeste, trazendo melodias e letras de cunho emotivo, existencial e metafísico.

Alguns destes expedientes do capitalismo encontram-se plenamente articulados com o consumo de bens não duráveis e, mais do que isto, com a propagação da emergente e expansiva indústria cultural, sobretudo no campo cinematográfico e televisivo (caso do “*Happy End*” e dos famosos “enlatados”).

O modelo fordista encontra significativo obstáculo nos anos 70 devido ao choque do petróleo, que condiciona alguns estados nacionais a recomporem suas reservas de capital, abdicando de políticas sociais e abrindo brechas para a instauração da doutrina neoliberal. Atrelado a isto Harvey aponta para um momento de inovação em vários campos da vida cultural, econômica e social.

A acumulação flexível, acompanhada do emprego da tecnologia agregada ao conhecimento e à qualificação da mão-de-obra, compõe um novo cenário de divisão internacional do trabalho em escala global, no qual os países desenvolvidos passam a oferecer requisitos locacionais vantajosos, fabricando produtos tecnológicos com alto valor agregado. Despontam-se os setores econômicos da III Revolução Industrial; informática, novos materiais, química fina, robótica, telecomunicações; articulados com

---

<sup>76</sup> Há divergências quanto ao exato início da Guerra Fria. Alguns historiadores demarcam o ano do Bloqueio de Berlim, 1948, e outros o fim da II Guerra Mundial (1945). Em relação ao término, Eric Hobsbawm assinala que em 1986, com os acordos de desarmamento nuclear firmados entre Estados Unidos e União Soviética, já havia sinais claros da crise desta ordem de poder global, embora dois momentos posteriores tenham sido cruciais: 1989, com a queda do Muro de Berlim, e 1991 com o fim da União Soviética.

Ver: HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos 1914-1991 – O breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>77</sup> HARVEY, David. *Op. cit.* p. 131.

as implementações no campo dos transportes, dinamizando as articulações entre as unidades de gestão e de produção.

Concomitantemente o modelo toyotista, ao agregar o conhecimento, elabora novas implicações nos mecanismos de dispersão das indústrias, criando novas regiões econômicas funcionais ao catalizar a desindustrialização de áreas clássicas, como ocorreu na cidade de Flint,<sup>78</sup> Michigan. Durante os anos 80 Roger Smith, proprietário da *General Motors*, fechou suas fábricas desempregando milhares de trabalhadores e mergulhando a cidade em um caos econômico e social. Alojou suas empresas sob condições de lucro incomparáveis no México e realocou parte do capital obtido com a redução de custos de produção no investimento em ações de companhias do setor militar dos Estados Unidos. O fato é que a industrialização plena já não garante mais a efusiva oferta de mão-de-obra como outrora, durante a industrialização clássica até a primeira metade do Século XX, devido aos fatores imbricados ao desemprego estrutural, uma das características da atual fase do modo capitalista.

Juntamente com a questão da mercadificação da cultura, aparece a emergência do segmento de serviços e, conseqüentemente, o turismo, este como atividade global que preenche a lacuna das horas vagas disponibilizadas graças à alta composição orgânica do capital nos estabelecimentos industriais, eliminando postos de trabalho.

Instauram-se novas modalidades de ocupação, novos tipos de produtos e novos níveis de consumo, atributos que passam pela influência de uma nova compreensão da dinâmica espaço-tempo.

O tempo de giro, definido como “a *velocidade com que os dispêndios de dinheiro produzem lucro para o investidor*”,<sup>79</sup> revela-se um conceito lapidar visto que é continuamente encurtado. Os circuitos financeiros do capital, dispersos espacialmente, mas conectados graças às novas tecnologias de informação instantânea, constituem-se em atributos muito importantes na reprodução do capital, gerando a superacumulação, expediente presente na pós-modernidade.

Para Harvey aí se encontra um problema para o fordismo, ou seja a incapacidade, em certa medida, desta plataforma operacional de lidar com o problema

<sup>78</sup> Ver o documentário *Roger and Me*, de Michael Moore, que revela o caos econômico e social instalado na cidade de Flint, Michigan, quando do fechamento das unidades produtivas da *General Motors*, desempregando mais de 30 mil trabalhadores. O presidente mundial da GM na época, Roger Smith, abriu novas fábricas no México pagando um salário infinitamente inferior em relação ao praticado nos Estados Unidos.

<sup>79</sup> HARVEY, David. *Op. cit.* p. 171.



da superacumulação tendo em vista a égide do Estado keynesiano. O tempo de giro é reduzido não apenas no circuito produtivo mas, também no circuito especulativo.

Esta redução não opera somente no campo do lucro mas no campo do consumo. Tem-se a necessidade imperiosa de se reproduzir os espaços da fruição da mercadoria, atrelados ao setor terciário da economia. Na pós-modernidade, além da emergência do chamado capital fictício ou especulativo, Harvey utiliza a expressão “economia de cassino” para retratar a fluidez e a volatilidade com que o capital se move, de um lugar a outro, sem compromissos mais sólidos com determinados territórios ou lugares.

Há fluidez nos mecanismos de produção cultural, fundados no trabalho repetitivo e seriado. Tem-se o conceito de simulacro,<sup>80</sup> a cópia perfeita, importante para análise da aceleração do tempo de giro das mercadorias com destaque para a efemeridade da indústria, apropriada pelas mídias.

A estética e a cultura são aspectos que se interagem com a experiência humana e que vão gerar interfaces com a prática política por meio das estratégias de *marketing*, trabalhando as representações. Um exemplo clássico no caso norte-americano é o mito do caubói texano, mas também representado pelo político que restaura o “orgulho”, principalmente ao qualificar o adversário como “império do mal”; referência ao presidente-ator Ronald Reagan que cumpriu dois mandatos à frente da Casa Branca (1981-1988). Imagina-se o que teria escrito Harvey no livro em questão a respeito da eleição do “exterminador” Arnould Schwazenegger para o governo da Califórnia.

A “aura” do poder político, recorrendo a um conceito de Walter Benjamin<sup>81</sup>, é constituída pelo carisma, pela representação ou teatralização do personagem “político”, o que se torna muito freqüente durante as campanhas eleitorais, em especial nas convenções partidárias e nos debates em rede nacional.<sup>82</sup> Trata-se de um fator preponderante para a manutenção do poder.

Algumas facetas da pós-modernidade passam a permear o espaço urbano como a cultura *yuppie*, qualificada de “*pequena nobreza*”,<sup>83</sup> assim como o trabalho imaterial, recentemente objeto de estudo da Geografia Humana, tão bem representado pela

<sup>80</sup> Idem, p. 261.

<sup>81</sup> Ver: BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. In: LIMA, Luiz Costa (Org.) *Teoria da cultura de massas*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 221-254.

<sup>82</sup> Um dos mais célebres exemplos foi o primeiro encontro de candidatos a presidente dos EUA na TV, protagonizado por John Kennedy e Richar Nixon, sendo que o primeiro se sai melhor o que, sem dúvida, contribuiu para decidir a eleição a favor do candidato democrata.

moda e pelo *design*, passando ainda pelo campo do desenho industrial. São aspectos que tonificam a qualidade de vida urbana agora estabelecida nas megacidades, cada qual com mais de 20 milhões de habitantes.

O sistema de reprodução cultural, outrora singular e permanente, permite instantaneamente a livre transitoriedade de imagens, processo instituído no denso potencial de reprodutibilidade e de velocidade dos meios digitais e na crescente capacidade de armazenamento dos equipamentos. Em um diálogo com Benjamin, Harvey problematiza a “*democratização da cultura*” como mais um expediente do uso repressivo dos meios de comunicação articulados com os sistemas de poder.

A Estância Turística de Aparecida, localizada no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo, é denominada de capital mariana por se constituir em centro de peregrinação da maior importância em virtude do culto a Nossa Senhora Aparecida, a Rainha e Padroeira do Brasil. Há, devido a este fator, um fluxo extraordinário de romeiros que se dirigem ao Santuário Eucarístico Nacional todos os anos. Trata-se de um movimento aproximado de oito milhões de visitantes por ano que têm como principal destino a Basílica Nacional, construída no início dos anos 50 com arquitetura românica, sendo também muito visitada a Basílica Velha, localizada no centro antigo apresentando arquitetura barroca, e a Passarela da Fé, via de ligação entre estas duas edificações religiosas, projetada para uso de pedestres.

O culto que se manifesta hoje a Nossa Senhora Aparecida está imbricado pelo processo de construção da identidade nacional, a partir da Era Vargas que se inicia em 1930, como paradigma da união entre Estado e Igreja nesta tarefa, oportuna ao poder central, diga-se, que opera a partir de uma ideologia marcadamente nacionalista:

O processo de romanização (movimento de centralização das orientações episcopais) porém, a partir de 1930, volta a ter uma interlocução com o Estado através do nacionalismo de Getúlio Vargas. Nossa Senhora da Conceição Aparecida deixa de ser apenas a rainha mítica do Brasil, coroada em 1904, para oficializar-se como Padroeira da Nação, numa solenidade ocorrida em plena capital federal.<sup>84</sup>

Através do trabalho do pesquisador Christian Dennys Monteiro de Oliveira<sup>85</sup> afirma-se a construção da cultura promovida pelo Estado com o intuito maior de

---

<sup>83</sup> HARVEY, David. *Op. cit.* p. 300.

<sup>84</sup> OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro. *A monumentalidade do templo e da romaria. Uma periodização geográfica das peregrinações à Basílica de Aparecida*. In: RODRIGUES, Adyr A. Balastrieri (Org.) *Turismo e geografia - Reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 263.

<sup>85</sup> Idem, p. 262-272.

solidificar e de endurecer a cultura oficial, impregnada pela tentativa de construção de um ideário de nação: Brasil, um país Católico Apostólico Romano, protegido por Nossa Senhora Aparecida. O Estado oficializa este atributo através de expedientes de louvação sacramentados na ritualização o que subsidia o hábito como atributo cultural por meio das inúmeras celebrações e práticas, desde os horários das eucaristias até o fluxo migratório de romeiros durante, principalmente, os finais de semana e feriados religiosos, como o dia 12 de Outubro, dia da Padroeira do Brasil.

A construção do atual templo, mais do que sacramentar o monumento a Nossa Senhora no maior país católico do mundo, acentua a colocação da religiosidade como espetáculo de fé. Além das transformações relativas à infra-estrutura interna do Santuário, para sempre atender com certo e relativo conforto um número cada vez maior de visitantes, o que se observa é a relação do culto religioso em Aparecida com os movimentos do capitalismo em escala global, a começar pela fase do rodoviarismo no Brasil no final dos anos 50 que se articula com a urbanização das duas metrópoles nacionais: São Paulo e Rio de Janeiro. A capital mariana, situada entre estas regiões metropolitanas densamente urbanizadas, necessitava de um templo articulado com o fluxo de visitantes realizado através do modal rodoviário (Rodovia Presidente Dutra, BR-116).

Um dos episódios marcantes do Santuário Nacional foi a primeira visita do Papa João Paulo II ao Brasil, em 1980, passando por Aparecida onde realiza uma das inúmeras missas durante a viagem, transmitida via satélite pela rede pública de emissoras educativas para todo o território brasileiro.

Gradualmente, com o transcorrer dos anos, os atributos se aprimoram. É instalado dentro da área do Santuário Nacional um complexo de serviços denominado popularmente de “*shopping* dos romeiros”, oferecendo sanitários e, principalmente, lojas que vendem desde equipamentos eletroeletrônicos até imagens religiosas, oferecendo até mesmo os serviços de alimentação de uma loja da rede *McDonald's*. Além destes atributos a área interna do Santuário passou a cobrar uma tarifa de todos os veículos, desde automóveis até caminhões, para entrar na área de estacionamento, o maior do Brasil. Há também a cobrança de um “aluguel”, o que na verdade é uma taxa, por parte dos lojistas, mesmo que estes tenham adquirido a propriedade da área locável para as respectivas lojas durante a construção do *shopping*.

Posteriormente, no início do presente século, ocorre o aperfeiçoamento do

complexo por meio da construção de uma grande arena coberta para eventos em frente à Basílica Nova junto ao complexo de serviços. Tudo para a visita do Papa Bento XVI, realizada em 2007 na qual o Santo Padre anunciou a santificação de Antônio de Sant'Anna Galvão, o primeiro santo brasileiro, nascido no município vizinho de Guaratinguetá.

O que se defende é a aproximação de um templo religioso com os templos do consumo associados com a lógica da reprodução de necessidades. Novamente aparece este atributo da cultura, porém associado plenamente com o modo capitalista de produção sob o lastro da mercadoria e da acumulação.

A lógica do Santuário Nacional, sustentada pelos postulados de seus dirigentes, membros da comunidade eclesiástica exercendo funções ligadas ao sacerdócio, reproduzindo estruturas de poder verticalizadas tal como ocorre em grandes organizações financeiras e industriais, é a de estreitar esta aproximação trazendo ao logradouro a completa ruptura com a realidade existente em Aparecida e em sua volta, transformando-se em um espaço de exceção e segregado do restante do tecido urbano, sem qualquer característica que faça lembrar a realidade “do lado de fora” da vida. Daí características como o cerco físico com os muros, semelhante aos condomínios de Alphaville ou Tamboré; a cobrança de pedágio dos veículos; a cobrança das exorbitantes taxas de uso dos lojistas etc. Os lugares de compra/consumo oferecem o que nenhuma “realidade real” externa pode dar: o equilíbrio quase perfeito entre liberdade e segurança.

Os fiéis, peregrinos, romeiros encontram-se seguros, plenos para manifestar a fé e praticar o ato de consumo dentro do Santuário Nacional; sim, consumo de bens e serviços (alimentos e bebidas, eletroeletrônicos, estacionamentos, imagens, lembranças, *souvenirs* etc.). São, em verdade, os fiéis do templo constituindo uma comunidade católica, coesa ao menos aparentemente, que visita regularmente Aparecida.

Dentro de seus templos os compradores/consumidores podem encontrar, além disso, o que zelosamente e em vão procuram fora deles: o sentimento reconfortante de pertencer – a impressão de fazer parte de uma comunidade. Para todos os propósitos o lugar é puro, tão puro quanto os lugares do culto religioso e a comunidade imaginada

(ou postulada).<sup>86</sup>

A relação entre os espaços de consumo e os locais religiosos foi estabelecida por Bauman de forma a sustentar esta argumentação acerca da profusão do turismo religioso em Aparecida dentro do contexto da pós-modernidade. José de Souza Martins<sup>87</sup> em recente artigo publicado pela imprensa refuta com veemência a crença cega nas doutrinas difusas de muitas igrejas e sinaliza com esperança a não necessidade de mediações entre o indivíduo e o sagrado. Acresça-se a isto a relevante declaração do chefe-supremo budista Dalai-Lama que, em sua última visita ao Brasil, argumentou que nada impediria que alguém mantivesse sua religião adotando, ao mesmo tempo, o budismo como filosofia de vida.

No caso brasileiro, especificamente, observa-se um elevado grau de promiscuidade do poder religioso em relação ao oportunismo político, transformando a exploração do homem pelo homem em regra geral, explorando a desesperança em relação ao tradicional poder político-partidário. O grave é a capitalização destes sentimentos presentes nas camadas paupérrimas da população, em especial as residentes nas periferias desassistidas das áreas metropolitanas e dos rincões interioranos, acompanhada de um conjunto de regras simplórias e toscas em completa desconexão com os atuais movimentos e transformações sociais no presente século.

Imediatamente após a canonização de Frei Galvão a Prefeitura Municipal de Guaratinguetá iniciou divulgação do feito, espalhando cartazes e *banners* pelas principais vias de circulação da cidade. A Secretaria de Turismo, seguindo diretrizes de planejamento executadas a partir de receituários prontos, sem pressupor um

---

<sup>86</sup> Alguns anúncios publicados na revista *Cidades da fé* confirmam esta análise. Em um deles pode-se ler textualmente:

“Seu veículo totalmente seguro na CASA DA MÃE APARECIDA. O maior estacionamento aberto da América Latina. 330 mil metros quadrados. Ambulância. Sala dos motoristas. Empréstimo de cadeiras de rodas para portadores de necessidades especiais. O veículo está segurado durante a estadia. Tarifa válida por 24 horas. Tranquilidade e segurança para os romeiros de Nossa Senhora.

Expediente: De segunda à quinta-feira das 5h às 21h. – Das 5h da sexta-feira até às 21h do domingo.

Email: [estacionamento@santuarionacional.com](mailto:estacionamento@santuarionacional.com) – Fone/fax: (12) 3104.1499.”

Em outro anúncio, na contra-capa da publicação pode ser:

“Centro de Apoio ao Romeiro – EM MAIO COMEMORAMOS 10 ANOS! Possibilitando que na Casa da Mãe Aparecida você sinta-se em casa. ‘Acolher bem também é evangelizar’. Lojas. Restaurantes. Lanchonetes. Aquário e Parque de diversão. Estacionamentos. Sanitários. Fraldário. Segurança. Amplo Serviço de Informação. Tudo em um único espaço, no pátio do Santuário Nacional.”

“Av. Dr. Júlio Prestes, s/nº Aparecida-SP – Cep: 12.570-000. telefone: (12) 3104-1006. [centrodeapoio@santuarionacional.com](mailto:centrodeapoio@santuarionacional.com)”

Fonte: *Cidades da Fé – Aparecida, Guaratinguetá e Cachoeira Paulista*. Guaratinguetá: Expedições Editora, [s.d.].

<sup>87</sup> MARTINS, José de Souza. *Os autônomos da fé – Os brasileiros abandonam a religião, atrás do direito de crer sem dar satisfação a ninguém*. O Estado de S. Paulo, 02/07/2006, p. J-3.

planejamento que viabilize uma organização territorial focada na identidade cultural para o turismo, se limitou em imprimir folheteria correspondente com o destaque para adesivos de automóveis invocando o feito e trazendo o logotipo da atual administração municipal com seu referido *slogan*.

Figura 01 – Adesivo alusivo à canonização de Frei Galvão impresso pela Prefeitura Municipal



Assim tem-se o que Garcia Canclini<sup>88</sup> confirma como um dos pressupostos do consumo: a identidade com um grupo não atende-se somente ao consumo *stricto sensu*:

As relações afetivas, simbólicas com os bens, participam na formação da identidade pessoal e grupal, lhe dão continuidade e arraigo. O consumo não tem por finalidade apenas a posse de um objeto ou a satisfação de uma necessidade, mas também definir ou reconfirmar significados e valores comuns.

Concomitantemente à divulgação de Frei Galvão como símbolo da identidade cultural guaratinguetaense, grupos hegemônicos de comunicação com presença local incorporam esta faceta às suas investidas trazendo a imagem do primeiro santo brasileiro junto a de suas marcas.

Nesta perspectiva a transitoriedade dos símbolos se dá sem qualquer referência às determinações culturais imbricadas ao respectivo lugar, no sentido pleno, vivo, carregado de densidade histórica, assumindo um caráter de fluidez e de completa aniquilação de atributos de ordem identitária. A imagem de Frei Galvão apropriada

<sup>88</sup> GARCIA CANCLINI Nestor & RONCAGLILOLO Rafael. *Op. cit*, p. 56.

pelas emissoras de rádio, que integram redes nacionais cuja transmissão ocorre via satélite a partir de uma geratriz unificada e vinculada com os modismos hegemônicos, é prova de uma nova configuração dos bens simbólicos sob a luz do capital transnacional: *"O campo cultural... cede seu espaço a reorganização empresarial e transnacional do mercado simbólico"*.<sup>89</sup>

Figura 02 – Imagem de Frei Galvão ao lado de logomarcas de emissoras de rádio



Frequentemente, cada vez mais, dá-se a incorporação pelas grandes mídias de símbolos que em um primeiro instante estão situados dentro de uma conformação cultural, econômica, ideológica, política e social local, mas que agora passam a ser qualificados como mercadoria dentro do cenário de consumo vinculado com a religiosidade. Paralelamente, esta transformação qualitativa também está ligada com a perda da noção de identificação do território, desconectando o símbolo com o palco material da cotidianidade e com sua dimensão histórica, gerando a perda com a conscientização dos núcleos receptores, caso de Guaratinguetá, pois na medida em que isto ocorre não se visualiza o conhecimento por parte dos habitantes da vida ou dos milagres de Frei Galvão. Ao mesmo tempo torna-se frágil a utilização do tema “Frei Galvão” nas escolas municipais ou estaduais e privadas do município como meio para se desenvolver projetos interdisciplinares junto aos alunos, o que conformaria, ao menos, uma estratégia de envolvimento por parte da comunidade local.

<sup>89</sup> Idem, p. 35.

Contudo a transformação da cultura é prática salutar na medida em que não se tem a interação abrupta de caráter dominante de uma cultura sobre outra. As interações produzindo o sincretismo cultural são processos históricos e universais, responsáveis pela inovação, trazendo novas gradações situadas dentro de um panorama de distintas vivências. O isolamento de uma determinada gradação cultural pode gerar o folclore, termo designado por muitas instituições de ensino superior que tratam da comunicação, da cultura e do turismo, pois trata-se na verdade de fenômenos sem qualquer vínculo com a plenitude da vida, com a experimentação e com a vivência, fatores essenciais para a compreensão da cultura enquanto processo histórico, produzido a partir de referenciais e de visões de mundo próprias e concernentes a um determinado grupo social.

Nas zonas tropicais o solo é comumente lavado através da ação das águas das chuvas em um processo denominado de lixiviação, ou seja, lavagem. Os nutrientes são removidos até o lençol freático, tornando os horizontes superficiais carentes de matéria orgânica, acarretando na perda do potencial agrícola. O solo torna-se demasiado ácido e, freqüentemente, impróprio para o cultivo. Uma crosta ferruginosa se forma, se cristaliza e assume o estado sólido da matéria apresentando uma cor avermelhada: trata-se do processo de laterização. Esta pode ser uma metáfora do recrudescimento que as culturas duras vão assumindo ao desprezarem as diferenças e renegarem “o diferente”, desdenhando-o e jogando-o ao limbo:

A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de todas as decisões classificatórias... se autoperpetuam e reforçam: quanto mais eficazes a tendência à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais difícil sentir-se à vontade em presença de estranhos, tanto mais ameaçadora a diferença e tanto mais intensa a ansiedade que ela gera.<sup>90</sup>

Em termos geopolíticos este aspecto assinala para a radicalização de estados nacionais em relação aos propósitos de dominação de territórios e de culturas. A incapacidade para o diálogo, aspecto amplamente difundido através da conhecida via diplomática, desde a Guerra dos Trinta Anos no Século XVII, é um experimento cultural dos mais significativos, mas que encontra forte resistência na retórica impositiva e nada flexível dos poderes nacionais. A atual crise no Oriente Médio é sintomática. Confirma-se a cada evento que se sucede ao longo do tempo histórico a utilização positivista do uso da coerção e da força, atributos mais que totalitários, em detrimento de



concessões, do diálogo e de salvaguardas. No caso dos Estados Unidos da América foi o que ocorreu durante o 11 de Setembro de 2001. Qual foi a resposta do *establishment* estadunidense? “Fomos atacados! Vamos retaliar!”. Tem sido este o movimento balizador da opressão do Estado de Israel em relação aos refugiados palestinos:

“Não fale com estranhos” – outrora uma advertência de pais zelosos a seus pobres filhos – tornou-se o preceito estratégico da normalidade adulta. Esse preceito reafirma como regra de prudência a realidade de uma vida em que os estranhos são pessoas com quem nos recusamos a falar. Os governos impotentes para atacar as raízes da insegurança e ansiedade de seus súditos estão bem dispostos e felizes com a situação.<sup>91</sup>

Torna-se muito conveniente também considerar planos terroristas qualificando-os de atos de extremo terror e desprezo pela vida e, ao mesmo tempo, livrando os atos da mesma forma condenáveis, mas que são encobertos por estados “democráticos”, como estratégias de ação para vigorar o “direito de se defender”. A convivência entre árabes e judeus seja em Higienópolis, São Paulo, ou no Sul de Manhattan, Nova York, não está, nestes casos, sob a tutela de um Estado que promove a cultura interpelativa, tal como a ideologia, ou seja, respaldada no reforço de interesses e de problemas da comunidade judaica, especificamente sustentados no comprometimento zeloso. Para Bauman, ao contrário de tudo o que foi posto, a convivência com as diferenças é uma arte. As clivagens, fissuras ou linhas de fraturas são enriquecidas através da fricção entre as zonas de contato resultando na dinâmica cultural.

A articulação entre movimento e consumo, trazendo o concomitante fluxo de consumidores com o fluxo de marcas e de ideologias, não se restringe aos espaços religiosos, muitos dos quais agregados aos movimentos internacionais de peregrinação, como Fátima, Guadalupe, Lourdes e Medjugorje, respectivamente em Portugal, México, França e Bósnia-Hezergovina. Podem avançar de modo ofensivo ao campo das festas populares, por meio da ruptura de bens simbólicos com seus lastros inseridos no seio do cotidiano.

O que dá substância a estas investidas sobre os territórios está presente na ótica da acumulação flexível substituindo os padrões fordistas vinculados com a modernidade até a segunda metade do Século XX. Os novos paradigmas, acentados na redução do tempo de giro das mercadorias e na aceleração da acumulação gerando

---

<sup>90</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.* p. 123.

<sup>91</sup> *Idem*, p. 127.

a superacumulação, foram apontados por David Harvey<sup>92</sup> que também sinalizou para a transitoriedade das relações culturais no contexto da pós-modernidade:

A acumulação flexível foi acompanhada na ponta do consumo, portanto, por uma atenção muito maior às modas fugazes e pela mobilização de todos os artifícios de indução de necessidades e de transformação cultural que isso implica. A estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o fermento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais.

Harvey, de certo modo, estabelece nexos com a proposta encaminhada por Bauman em se tratando da modernidade líquida e fluída. O centro hegemônico do sistema capitalista está centrado basicamente nas especulações voláteis fomentadas pelas organizações financeiras e em investimentos das grandes corporações transnacionais que se encontram desterritorializadas, seguindo as diretrizes do planejamento, que estão fundadas em novas estratégias de redução de custos e de maximização dos ganhos. Trata-se de um capital que se move mediante as atratividades e as conveniências dos mercados globais conectados através dos sistemas digitais de informação.

Cultura e mercado tornam-se elementos indissociáveis. O estilo *country* se revela como uma das facetas da cultura hegemônica, permeando diversas localidades interioranas do Brasil. Em Cunha alguns eventos de caráter massivo, impregnados por movimentos turísticos em grande quantidade, podem servir de exemplo para a compreensão de como se importa um modismo totalmente fora da ambiência centrada na autenticidade e na ruralidade do espaço valeparaibano, em especial do espaço cunhense. Um destes eventos é o Arraiá de Itacuruçá, qualificado como “a grande festa *country* do Vale”. Esta questão fora problematizada por este pesquisador<sup>93</sup> quando da realização da pesquisa de Mestrado destacando a cultura e a expansão do turismo em Cunha. A dimensão de eventos como o Arraiá de Itacuruçá atende a uma demanda muito específica, constituída especialmente de um público jovem, que se desloca até Cunha apenas para presenciar a festa, não consumindo a cultura local em suas mais autênticas manifestações.

---

<sup>92</sup> HARVEY, David. *Op. cit.* p. 148.

<sup>93</sup> Ver: PRUDENTE, Henrique Alckmin. PRUDENTE, Henrique Alckmin. *Culturas subalternas e turismo emancipador na Estância Climática de Cunha – SP*. 2003, 234p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). ECA-USP, São Paulo.

Anualmente realiza-se em Cunha a EXPO Cunha, evento que já consta do calendário anual organizado pela Coordenadoria Municipal de Turismo, durante o mês de Setembro. Trata-se de evento focado em rodeios trazendo a figura do peão, do boiadeiro, mas não do boiadeiro típico do Sul mineiro e do Vale do Paraíba paulista, mas de uma figura trazida pelos espetáculos de Barretos, interior de São Paulo, inspirados nos caubóis norte-americanos. São personagens vinculados à conquista do Velho Oeste que escravizaram os nativos, expoliaram os recursos naturais e dizimaram populações de búfalos na empreitada ocorrida durante o Século XIX.

Da mesma forma ocorre quando o Poder Público municipal organiza as atrações em festas como a Festa do Pinhão e o Festival de Inverno. Os eventos realizados na praça central têm como atração bandas inspiradas em modismos presentes no axé *music*, no estilo *country* e mesmo em bandas de *funk* e pagode, estilos apreciados pela população jovem local, mas sem qualquer atratividade para o turista típico que se hospeda em pousadas e que frequenta Cunha há tempos. Em 2007 apresentaram-se bandas com nomes sugestivos; Banda *Billy*, Banda Ôbahia, Banda Faroeste, Banda *West Country*, Banda *New Company*, Banda Rodeio, Banda Spucks dentre outras. Parece não haver preocupação na potencialização do que há de melhor em Cunha, daquilo que Cunha oferece, como os violeiros, os contadores de causos, dos grupos regionais de São Luiz do Paraitinga, ressaltando a ruralidade valeparaibana, e mesmo com os Seresteiros de Guaratinguetá, que interpretam canções de Dilermando Reis e de Bonfiglio de Oliveira, grandes expoentes do violão e de outros instrumentos de corda. As manifestações no âmbito da musicalidade são potentes a ponto de costurar relações entre população local, patrimônio ambiental urbano e turismo emancipador, nos moldes do que ocorre no distrito de Conservatória, pertencente ao município de Valença, no Vale do Café, Rio de Janeiro. Infelizmente perde-se também esta possibilidade de se promover eventos que tonifiquem um elo coeso entre estes atributos.

Figura 03 – Cunha: Estabelecimento comercial



O global e o local articulados: Na sugestão do estabelecimento comercial cunhense a estância climática passa a ser designada como estância *country*.  
Foto: Henrique Alckmin Prudente – ABR/2007.

Para Maria Nazareth Ferreira<sup>94</sup> produtos inspirados em matrizes hegemônicas demarcam aspectos da cultura transnacional na medida em que desarticulam referenciais locais indispensáveis aos núcleos receptores dentro do âmbito do turismo regional, apontando para a potencialização de atributos da indústria cultural e estabelecendo uma completa desarticulação dos valores culturais locais:

Os MCM são os criadores absolutos dos símbolos e estereótipos usados no processo de dominação cultural. Os símbolos e estereótipos são elaborados pela sociedade. Entretanto, os MCM tomam estes símbolos e estereótipos, refazendo de acordo com as necessidades da ideologia dominante - reforçando uns e destruindo outros - e depois os devolvem à sociedade, já devidamente conotados. [...]

Nesse sentido, conscientizar as populações dependentes torna-se cada vez mais difícil, quando os principais veículos de informação atuam em sentido contrário.

Aspectos culturais locais dotados de historicidade e mediados pelo cotidiano tornam-se fragilizados diante desta realidade. Durante a Festa de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira da Estância Climática de Cunha, no evento comemorativo que

<sup>94</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Por uma cultura latinoamericana*. In: VIEIRA, Roberto Amaral (Org.) *Comunicação de massa, o impasse brasileiro*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978, p. 133.

ocorre anualmente durante o mês de Dezembro no dia 08, quando é feriado local, o grupo de congada Mestre Bidéco se apresenta na praça central em frente à matriz dedicada à Santa. Em depoimentos colhidos junto a alguns dos integrantes do grupo<sup>95</sup>, da própria zona rural de Cunha, seus participantes são céticos quando se trata de apoio dos gestores públicos locais e melancólicos ao mencionarem o pouco valor dado pela comunidade cunhense, destacando a pouca participação dos jovens do município, comumente seduzidos por estilos trazidos pela comunicação midiática. O primeiro deles trata de início dos custos para realizar as apresentações. O próprio grupo arca com o ônus das vestimentas, das horas de ensaio e até mesmo de necessidades de alimentação, ficando a cargo da prefeitura local o transporte. Em seguida o integrante trata com desdém acerca do amparo dos prefeitos de Cunha. “*Nóis mesmo. Tudo a custo de nós mesmo. Ninguém ajuda. [...] Ah precisava, precisamos sim, mas não deram nada. [...] Nunca, nunca. Isso aí desde do tempo de Osmar Felipe, Zelão, João Luiz, Chicão, Zé Monteiro nem se fala, nem se fala que nunca deu mesmo*”. Um segundo integrante abordado menciona o pouco interesse da congada junto ao público jovem de Cunha. “*Hoje o jovem a maioria não interessa né, não interessa. Mas temo uma turminha que está seguindo*”.<sup>96</sup>

Figura 04 – Cunha: Palanque de som na praça central



Central de som propaga barulho abusivo na praça central de Cunha em uma tarde de verão. O vazio reflete a abominação dos turistas, demonstrando total inadequação ao perfil da demanda.  
Foto: Henrique Alckmin Prudente – JAN/2008.

<sup>95</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 12/08/2007.

<sup>96</sup> Idem.

A aceitação de elementos da cultura hegemônica é comumente chancelada pelos gestores públicos não interessados em construir alternativas em que os referenciais locais sejam potencializados para estruturar produtos turísticos que estejam articulados com a identidade cultural de Cunha. Como fator de troca os gestores encaram a aceitação por parte dos habitantes como potencial dividendo político-eleitoral em detrimento de uma política focada no turismo cultural que tonifique os fatores plenos centrados na conscientização da população:

Essa penetração através do consumo de produtos culturais (e outros) tende a desenvolver no meio onde atua a passividade e, até mesmo, a aceitação, de bom grado, dessa intervenção. A passividade imposta e o entretenimento divulgado pelos canais da indústria cultural levam o indivíduo a reduzir a sua participação efetiva na sociedade da qual faz parte, diminuindo ou anulando todas as possibilidades de conscientização do meio que o cerca, levando-o ao mais completo estado de alienação.<sup>97</sup>

---

<sup>97</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Por uma cultura latinoamericana*. In: VIEIRA, Roberto Amaral (Org.) *Comunicação de massa, o impasse brasileiro*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978, p. 133.

## 1.2. Expansão do turismo em escala global: As esquinas do mundo

Um dos mais claros sinais do presente período de transformações sistêmicas em nível global, tendo como pano de fundo o modelo fundamentado no neoliberalismo, é a expansão do turismo no seio de uma escala crescente de tempo disponível e de circulação de capital. O advento do turismo nestas proporções está imbricado com a perda da participação do setor secundário da economia, movido pela indústria e pelos seus múltiplos segmentos; para o setor terciário, que aglutina as atividades de comércio e de serviços, revelando-se demasiadamente complexo e heterogêneo na medida em que novas áreas urbanas e metropolitanas, que se expandem, fazem surgir uma gama incomensurável de possibilidades de lazer em diferentes gradações.

Os processos de automação dos segmentos produtivos a partir da introdução de mecanismos de modernização industrial, com destaque para a robótica, e a redução constante e progressiva das jornadas semanais de trabalho, são fatores que vem contribuindo para o aumento das horas liberadas da ocupação formal através do emprego clássico. Este é juridicamente balizado pelos contratos de trabalho que regem a remuneração do contingente de assalariados, agindo como uma das Relações de Produção presente no seio da análise marxista.

Nesta aparente liberação do ser humano, possibilitando teoricamente desfrutar outros afazeres em outros campos da vivência, o lazer assume lapidar importância, tendo em vista a complexidade conceitual acerca deste importante fator que, de forma acentuada, passa a marcar profundamente as sociedades contemporâneas, sobretudo as localizadas nos territórios urbanos que são intermediados por conquistas de ordem científica nos campos técnicos e informacionais.

Emir Sader<sup>98</sup> problematiza a questão do desemprego estrutural, como faceta do modo de reprodução atual do capitalismo, tendo em vista a possibilidade da expansão do tempo livre em relação direta com o que se convencionou qualificar de lazer:

Então, desemprego e tempo livre têm no trabalho seu eixo central. Conforme for resolvida a questão do trabalho, o tempo livre vai significar o tempo morto do desempregado, o tempo desmoralizado do trabalhador – que sai de manhã e volta para casa à noite, sem condições de alimentar sua família, dar-lhe uma garantia, uma resposta positiva sobre suas condições de sobrevivência, ou vai significar lazer.

---

<sup>98</sup> SADER, Emir. *Trabalho, desemprego e tempo livre*. In: *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/World Leisure and Recreation Association, 1998, p. 199.

Para Teixeira Coelho<sup>99</sup> o lazer é uma forma elevada de atividade, sendo também o objetivo mais nobre e sublime para o qual toda ocupação humana deve levar. O ato do lazer contém um caráter intransitivo. "*Em estado puramente operativo, a sabedoria encontra-se apenas no lazer*".<sup>100</sup>

Trata-se, portanto, de uma encruzilhada que é posta diante da atual estrutura econômica global, capitaneada por agentes especulativos privados atuando em conformidade com Estados nacionais. Nesta perspectiva caberia ao turismo e ao lazer atuarem como alternativa em face do aumento da carestia em relação às condições de vida em distintas regiões do mundo e da crise estrutural do emprego. O turismo visto como fator de desenvolvimento sustentável, fonte geradora de divisas e ambientalmente concebido, torna-se uma ilusão diante de um cenário global em que são contemplados interesses adversos articulados com a geração da *mais-valia* e da exploração das comunidades receptoras. Ao mesmo tempo o lazer de cunho emancipador revela-se em uma possibilidade tênue devido à inserção do próprio lazer no sistema do capital a partir do instante em que são estabelecidas mediações predatórias entre o repertório hegemônico e certos segmentos sociais seduzidos diante das ilusões paridas pelo mercado de consumo.

Os sistemas de transportes, impulsionados por ganhos de tempo nunca vistos na História da humanidade, aniquilando o espaço através do "encurtamento das distâncias", conforme argumenta David Harvey,<sup>101</sup> torna regiões do planeta conectadas fisicamente o que facilita sobremaneira a realização dos fluxos graças aos grandes equipamentos do capital fixo como os aeroportos; terminais de conexão envolvendo passageiros e cargas; cruzamentos do mundo; realizadores de percursos aeroviários oferecendo estruturas funcionais que dinamizam o segmento de serviços dando concretude ao fluxo turístico. Os grandes terminais aeroportuários deixam de funcionar somente como pontos de partida ou chegada de passageiros. Operam, com maior intensidade, como pontos de conexão e como grandes centralidades ligadas aos serviços, através das quais são realizadas baldeações entre rotas aéreas intra ou intercontinentais, costurando uma densa malha global de grande valia para a expansão turística.

---

<sup>99</sup> TEIXEIRA COELHO, José. *Um decálogo, dois teoremas e uma nova abordagem para o lazer*. In: *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/World Leisure and Recreation Association, 1998, p. 141-164.

<sup>100</sup> Idem, p. 144.



Tabela 02 – Transporte aéreo internacional  
 Maiores aeroportos do mundo por movimento de passageiros (2006)

Cidade – Código do Aeroporto	País	Total de Passageiros
1. Atlanta (ATL)	EUA	84.846.639
2. Chicago (ORD)	EUA	77.028.134
3. Londres (LHR)	Reino Unido	67.530.197
4. Tóquio (HND)	Japão	65.810.672
5. Los Angeles (LAX)	EUA	61.041.066
6. Dallas/Ft. Worth (DFW)	EUA	60.226.138
7. Paris (CDG)	França	56.849.567
8. Frankfurt (FRA)	Alemanha	52.810.683
9. Pequim (PEK)	China	48.654.770
10. Denver (DEN)	EUA	47.325.016

Aeroportos que integram as estatísticas anuais da ACI.

Total de passageiros: total de passageiros embarcados e desembarcados; passageiros em trânsito contabilizados uma vez.<sup>102</sup>

Dados recentes da *Airports Council International* revelam a importância dos grandes terminais norte-americanos e de outros países hegemônicos cumprindo esta imprescindível função de realização dos fluxos. As estatísticas revelam a recente presença da cidade de Pequim, China, como um centro em expansão do movimento de passageiros, retratando a inserção deste país do Oriente dentro deste fluxo mundial como prova da incorporação de determinados territórios dentro da lógica capitalista.

Estes fatores, nas palavras de Milton Santos,<sup>103</sup> são os responsáveis para reproduzir a figura do turista. Dentro dos moldes destes movimentos articulados, situados na lógica da reprodução do capital, o sujeito turista se propõe a consumir os espaços sob a condição de não-lugares. Construções simbólicas apropriadas de atributos históricos que são fragmentados e transformados em atrativos turísticos passam a atender requisitos de roteiros formatados e minuciosamente compartimentados em intervalos de tempo sem qualquer referência com a historicidade protagonizada pela comunidade receptora local. Esta, por sua vez, responde pelas conquistas culturais e pelo arcabouço intelectual, manifestado materialmente e construído sob paradigmas simbólicos matizados pelo cotidiano singular e coletivo:

O consumo, que é o grande fundamentalismo deste fim de século, acaba presidindo tudo, ou quase tudo, inclusive o lazer. E isso é

<sup>101</sup> HARVEY, David. *Op. cit.*

<sup>102</sup> Fonte: <www.aci.org>. Acesso em 18/07/2007.

<sup>103</sup> SANTOS, Milton. *Lazer popular e geração de empregos*. In: *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/World Leisure and Recreation Association, 1998, p. 31-37.

facilitado pela extraordinária mercantilização das relações, com a subordinação ao mercado invasor, tornado tirânico com a globalização. [...]

E, o homem viajante tanto quanto aquele outro homem que, em sua cidade, busca se divertir, acabam sendo a matéria-prima das indústrias das viagens. Daí, o uso manipulado do tempo livre.<sup>104</sup>

Em relação ao segmento da hospedagem, grandes redes portadoras de marcas internacionais são consolidadas. Estas reproduzem a homogeneização de produtos e serviços oferecidos que atendem tanto às demandas do turismo de lazer como da pujante tipologia do turismo de negócios, em pleno crescimento nos países qualificados de emergentes como: Brasil, China, Índia e Rússia. Grupos norte-americanos lideram este crescimento; a bandeira *Best Western* se torna a maior bandeira mundial de hospedagem seguida por outras marcas também procedentes dos Estados Unidos e da Europa, com destaque para o grupo *Accor*, da França, detentor da marca *Mercure*.

Tabela 03 – *Ranking* mundial de hotéis

Bandeira	Hotéis
1. Best Western	4.110
2. Comfort Inn	2.266
3. Days Inn	1.892
4. Holiday Inn	1.529
5. Holiday Inn Express	1.455
6. Hampton Inn	1.255
7. Quality Inns	878
8. Mercure	726

Fonte: *Ranking* Mundial de Marcas  
MKG Consulting - Junho/2004

No caso brasileiro dados da EMBRATUR<sup>105</sup>, referentes à entrada de turistas estrangeiros, atestam crescimento considerável, embora ainda modesto se comparado a outros países emergentes. Em 1997 entraram no Brasil menos de três milhões de turistas. No ano 2000 eram mais de cinco milhões, valor que subiu para cinco milhões e meio em 2005, perfazendo crescimento de cerca de 10% em cinco anos.<sup>106</sup>

As paisagens, urbanas ou rurais, independentemente do teor de antropização, são reproduzidas em cartões postais, transformando as construções coletivas em mercadorias ou *souvenirs*, estes na forma dos mais diversificados produtos como tentativa de estabelecer uma síntese opaca e tosca do lugar real, este frequentemente

<sup>104</sup> Idem, p. 33.

<sup>105</sup> EMBRATUR: Instituto Brasileiro de Turismo.

e convenientemente escamoteado e afastado dos lugares de consumo turístico:

Com a emergência das massas, resignificadas com a explosão urbana e metropolitana, deu-se *pari-passu* à expansão da sociedade de consumo, tudo conflui para que a competição dentro do indivíduo se estabeleça entre o cidadão, indivíduo forte, e o consumidor, indivíduo enfraquecido.<sup>107</sup>

O tempo livre elimina a potência do cotidiano do homem ao coibir experimentações hodiernas centradas na emoção e na razão ao transferi-las para as práticas centradas junto aos padrões estabelecidos pela comunicação midiática a serviço das standardizações do mercado de lazer e do turismo. Lugares que são consumidos testemunham a racionalização do espaço e a compartimentação do tempo. *Shopping centers*, galerias comerciais, terminais de diferentes modais de transportes, destacando-se os aeroportos, e outros logradouros apresentam um minucioso controle operacional de cada metro quadrado de área, útil e locável, concebendo e constituindo casas de câmbio, lojas, restaurantes, balcões de despachos, acomodações e demais funções utilitárias sem possibilitar outra tentativa de uso que fuja aos padrões de controle minuciosamente pré-estabelecidos. São os lugares da globalização por excelência; apresentam estruturas e formas semelhantes independentemente dos países em que se encontram:

Novos significados são atribuídos ao tempo, um tempo milimetrado que foge do homem, e, também, um tempo da impermanência, que acarreta o empobrecimento psicológico e emocional. E daí, também, esse processo galopante de coisificação, glorificando impulsos narcísicos e voyeurismos, e a busca de status, acarretando, como resultado, o individualismo consumidor, essa competitividade reinante, essa anomia desenfreada. Tudo isso acaba sendo causa e consequência da curiosidade domada, da descoberta industrializada, do lazer controlado, arregimentado, normatizado, monitorado, mediocrizado. A própria noção de tempo livre é mediada, mediatizada.<sup>108</sup>

Controlar rigidamente o tempo e o espaço significa desprover o ser humano de iniciativas. Em aspectos mais concretos e específicos o acesso e mesmo a circulação interna nos espaços controlados por esta rigidez inibe a tomada de caminhos próprios já que não é possível construir rotas alternativas que fujam dos previamente delineados circuitos nos *shoppings* ou nos terminais rodoviários, por exemplo. Esta realidade é permeada com mais astúcia e voracidade quando se adiciona o ingrediente do

<sup>106</sup> Fonte: EMBRATUR, 2006.

<sup>107</sup> SANTOS, Milton. *Lazer popular e geração de empregos*. In: Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/World Leisure and Recreation Association, 1998, p. 33.

<sup>108</sup> Idem, p. 33-34.

automóvel, perfazendo um modo de transporte individualizado e que passa ser o elo condutor entre o consumidor e os espaços direcionados ao turismo e ao lazer:

A Disneylândia... quer ser penetrada sem que mais nada lembre o futuro que a circunda... largar o carro num imenso estacionamento e atingir os limites da cidade do sonho em trenzinhos apropriados; e abandonar o carro, para o californiano, é abandonar a própria natureza humana, para se entregar a um outro poder e renunciar à própria iniciativa.

Alegoria da sociedade de consumo, lugar do iconismo absoluto, a Disneylândia é também o lugar da passividade total. Seus visitantes devem aceitar viver ali como os seus autômatos: o acesso a cada uma das atrações é controlado por corrimãos e barreiras de canos metálicos, em labirinto, que desencorajam qualquer iniciativa individual.<sup>109</sup>

Ao considerar a incorporação da técnica como recurso de parques temáticos e de hotéis, nos moldes dos grandes complexos hoteleiros de luxo marcados pela ilusão por meio de grandes cassinos, espetáculos e shows – como os que ocorrem em Las Vegas, Punta del Este ou Montecarlo – Umberto Eco<sup>110</sup> pontua a questão dos não-lugares como característica de sociedades de consumo. Estas características passam a se vincular com a ilusão e com o simulacro, através da cópia perfeita e do “falso absoluto”, fatores obrigatórios em parques de diversão dos Estados Unidos e de muitos outros países influenciados pela cultura Ocidental:

O prazer da imitação, já o sabiam os antigos, é um dos mais inatos à alma humana, mas aqui, além de se desfrutar uma imitação perfeita, desfruta-se a persuasão de que a imitação tenha atingido o próprio auge e que daqui em diante a realidade lhe será sempre inferior.

Os grandes movimentos turísticos concentram-se em três regiões do mundo: América do Norte e Caribe, Bacia do Mar Mediterrâneo e Extremo Oriente<sup>111</sup>. Países da Europa latina – Espanha, França, Itália e Portugal – concentram grande fluxo turístico internacional, fomentando a comercialização de roteiros tematizados, através das tipologias de turismo cultural, religioso e rural, e agregando diferentes modais de transportes; aéreo, aquaviário, ferroviário e rodoviário. Países em desenvolvimento, ao possibilitarem um comércio mais rentável de roteiros devido a condições mais favoráveis de câmbio e a um custo interno menor em comparação com outros lugares mais onerosos, tais como Escandinávia, Japão e Reino Unido, também experimentam crescimento considerável e, em até alguns casos, vertiginoso. É o caso de países

<sup>109</sup> ECO, Umberto. *A Cidade dos autômatos*. In: ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 59-60.

<sup>110</sup> Idem, p. 58.

<sup>111</sup> Ver: BENI, Mário Carlos. *Globalização do turismo*. São Paulo: Aleph, 2004.

como Marrocos e Tunísia, na África, Malásia e Tailândia, no continente asiático, e Argentina e Chile, na América do Sul.

Estes fluxos mobilizam setores da economia comprometidos com agências de viagem, companhias aéreas, operadoras turísticas, redes de hotelaria e outros segmentos. Não atendem, grosso modo, às demandas econômicas e, sobretudo, sociais de caráter regional, pois se direcionam em suprir expectativas de um mercado de consumo global em contínua reprodução. O nativo integrante das comunidades receptoras passa a ser um imigrante em seu próprio país, conforme assinala Santiago Alba Rico<sup>112</sup>:

Si el nativo se venga de e invierte la estructura económica planetaria en el nivel personal, a través de las pequeñas astucias mediante las que “explota” al turista individual, el trabajador occidental, mediante el turismo de masas, ve revalorizado su dinero (como ve revalorizado su atractivo sexual) y se venga de e invierte la jerarquía que le somete a las miserias de la rutina laboral, convirtiéndose por unos días frente al nativo – una vez más “inmigrante” en su propia tierra – en miembro de esa elite cuya superioridad, belleza y arrogancia admira en las revistas y padece quizás en la empresa de la que es asalariado. Estas inversiones individuales, se comprenderá, dejan intacto y, aún más, legitiman y alimentan el orden global que distribuye los papeles.

Na análise de Santiago Alba Rico o movimento turístico não só está condicionado a uma lógica de plena concentração global, como integra um dos expedientes do sistema capitalista a favor da concentração de divisas, promovendo também a segregação social em escala planetária:

En este sentido, el mercado capitalista reproduce de um modo “natural” los mecanismos explícitamente coactivos del mercado de esclavos: la pobreza inducida obliga a salir a miles de hombres y las restricciones de entrada de las metrópolis permiten seleccionarlos, en el marco del derecho internacional, sin necesidad de acudir personalmente a las plazas públicas a examinarles los dientes.<sup>113</sup>

O preço pago pelos lugares é alto. Impactos ambientais são inevitáveis como os que ocorrem nos balneários espanhóis e franceses na Costa do Mediterrâneo causados por grandes movimentos em massa de turistas durante a alta temporada na Europa, que se inicia com o verão no hemisfério Norte, a partir do mês de Junho. Os preços praticados nos centros turísticos tendem a aumentar sempre, o que encarece mercadorias também consumidas pela população autóctone, inflacionando

<sup>112</sup> ALBA RICO, Santiago. *Turismo: La mirada canibal*. Disponível em: <www.rebellion.org> Acesso em: 27/01/2006, p. 7.

<sup>113</sup> Idem, p. 3.

sobremaneira o custo de vida para os habitantes locais.

Além dos serviços turísticos propriamente ditos; alimentação, comércio, hospedagem, locação de veículos, visitas monitoradas etc.; o aumento contamina preços de produtos alimentares em feiras e supermercados, de combustíveis em geral e, principalmente, do preço da terra, o que dificulta o acesso às moradias dignas, expulsando comunidades para áreas distantes que vão se tornando segregadas e ambientalmente ameaçadas:

Por eso, más allá de la devastación, económica y ecológica que lo acompaña, no puede haber y no puede defenderse ningún modelo de turismo racional o sostenible y en un mundo regido realmente por la justicia económica, la libertad individual y la soberanía estatal el sentido común impondría la lógica inversa a la que – absurda, inhumana y destructiva – impone el capitalismo; es decir, liberalización de la inmigración y regulación y restricción muy severa del turismo.<sup>114</sup>

Aparecem duas categorias distintas de espaço: a cidade como cenário e a cidade real. A primeira amplamente freqüentada pelos turistas, proporcionando requisitos básicos de acessibilidade, conforto e segurança e certos requintes de sofisticação com inclinações abruptas para a ostentação. Tal modelo é verificado tanto em localidades brasileiras como em destinos do exterior. O turismo predatório, que deve ser assim qualificado, também é reproduzido em nível regional, como no caso de Campos do Jordão, na Serra da Mantiqueira paulista, e de Penedo, distrito do município de Itatiaia, junto ao complexo montanhoso das Agulhas Negras no estado do Rio de Janeiro. Em ambos os casos há total segregação entre turistas e habitantes acompanhada de exclusão social e de gestão cultural e turística fomentada por agentes exteriores às comunidades. Em nível internacional tem-se Cancún, balneário da Costa Leste do México, próximo ao Mar do Caribe, Acapulco, também no México, na Costa do Pacífico, e algumas regiões insulares da América Central. Em todos os casos o turismo é capitaneado pelas classes hegemônicas, difundindo seus valores e seus interesses. Está estabelecido, nesta ótica, o paradoxo entre o lugar visitado e o lugar vivido. O primeiro é sustentado por meio de falsas construções situadas longe da produção verdadeira e real, não fantasiosa, protagonizada pelos atores sociais ao longo da História:

La primera ilusión del turista es, en efecto, la del movimiento. Al contrario que el inmigrante, el turista permanece siempre en el mismo sitio mientras se le van pasando las imágenes que verá, de vuelta a

---

<sup>114</sup> Idem, *ibidem*.

casa, desde su sillón. En realidad va viendo por adelantado las fotos del viaje y está siempre, en consecuencia, en el lugar desde el que las verá a su regreso. Al mismo tiempo, en Túnez, en Estambul, en Tombuctú, en Bombay, en Cancún, el turista se traslada sólo de un no-lugar a otro – los mismos aeropuertos, la misma cárdena hotelera, los mismos autobuses, los mismos servicios indiscernibles de la misma agencia: uno puede dar la vuelta al mundo sin salir jamás del Sheraton (“fuera es El Cairo, dentro el Sheraton”, decía una famosa publicidad. Si “inmigrante” es el hombre que nunca ha estado en su propio país y por lo tanto tampoco puede volver, “turista” es paradójicamente el que no ha salido nunca de él.<sup>115</sup>

Deve-se salientar que os movimentos internacionais conduzem para um nível de relações muito favorável à promiscuidade dos lugares, tornando-os simples coadjuvantes frente às constantes formas de homogeneização e de padronização cultural que marcam a transnacionalização da cultura. A difusão do turismo sexual em capitais do Nordeste brasileiro, como Fortaleza, é exemplo vexatório transformado em *pecha infame*<sup>116</sup> da qual o Brasil somente se libertará a duras penas.

Contudo, a despeito de todas estas considerações, é plenamente possível haver um turismo inteligente em nível internacional, assim como um turismo predatório interno. Cabe reiterar, no entanto, que algumas condições expostas anteriormente esfacelam a identidade cultural autóctone, comprometendo as relações da comunidade local com seu meio natural e social. Trata-se, pois, do turismo predatório manifestado em diversas localidades brasileiras fragilizando os elos de pertencimento e de vinculação entre a população e o território, fator que, para Milton Santos<sup>117</sup>, é de incomensurável importância frente às palpitantes demandas da sociedade brasileira.

Maria Nazareth Ferreira<sup>118</sup>, articulando raciocínio neste sentido, estabelece contundentes críticas acerca desta forma de turismo que oblitera algumas das possibilidades de multiplicação de ganhos econômicos tendo como alicerce as culturas subalternas:

---

<sup>115</sup> Idem, *ibidem*, p. 4.

<sup>116</sup> YÁZIGI, Eduardo. *Prefácio*. In: PRUDENTE, Henrique Alckmin. *Turismo cultural – As culturas subalternas e o turismo emancipador em Cunha*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004, p. 7.

<sup>117</sup> SANTOS, Milton. *Lazer popular e geração de empregos*. In: *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/World Leisure and Recreation Association, 1998.

<sup>118</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *A relação entre cultura, turismo e desenvolvimento*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) *Identidade cultural e turismo emancipador*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2005, p. 135-140.

Um fator que influencia acentuadamente a perda da identidade cultural das classes subalternas é o chamado turismo predatório. É caracterizado como um tipo de turismo realizado de forma nociva para com as comunidades e os espaços envolvidos sem equilíbrio e sem a preocupação com a “capacidade de carga do território”, com o “limite de tolerabilidade ao desenvolvimento”, ou seja, ultrapassando parâmetros condizentes com uma adequada utilização dos recursos envolvidos.



### 1.3. Insurgências contra-hegemônicas: Culturas subalternas e turismo emancipador

A problemática cultural assume relevância no cerne de questões cruciais que se colocam na contemporaneidade. Questões como as identidades no contexto do “choque de civilizações”, sustentado por Samuel Huntington,<sup>119</sup> a expansão capitalista no pós-II Guerra e, conseqüentemente, atrelada à sua vertente financeira, a propagação do turismo bem como das demais atividades do segmento de serviços já nos fins do Século XX e início do Século XXI.

Contudo, o Homem, desde os tempos mais remotos pré-Cristãos com as mais antigas civilizações, apresenta como ponto crucial de diferenciação em relação aos outros seres vivos a experiência ímpar de acumular conhecimentos e de transmiti-los às gerações vindouras, numa tentativa de perpetuar traços marcantes de sua existência a seus descendentes.

Neste processo de construção da identidade há a mediação de três grandes alicerces balizadores: o espaço, o tempo e o movimento.<sup>120</sup> O espaço assume importância nesta secular jornada, pois se revela como a territorialidade, o palco material das experimentações e dos mecanismos de adaptação dos grupos humanos em relação aos elementos de ordem natural que os cercam. O tempo desponta a condição de tempo histórico, inerente à evolução do conhecimento, propiciando melhorias de ordem técnica, e aos ciclos de expansão de certos sistemas de produção, ensejando com isto o aparecimento de economias com sutilezas organizacionais bem específicas. Por fim, o movimento, tratando desta marcante passagem de conhecimentos como um processo dinâmico, carregado de simbioses e de sincretismos, impulsionando a conformação dos mais complexos atributos de ordem cultural. Tomando esta premissa histórica como ponto de partida, pode-se agora proceder ao estabelecimento de uma conceituação de cultura, concordando com Maria Nazareth Ferreira,<sup>121</sup> que define esta categoria como força de processos civilizatórios integradores e como instrumento de comunicação de extrema relevância.

---

<sup>119</sup> Ver: HUNTINGTON, Samuel. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

<sup>120</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Identidade cultural e sua relação com o turismo*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) *Identidade cultural e turismo emancipador*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2005, p. 31-38.

<sup>121</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *As festas populares na expansão do turismo - A experiência italiana*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

Neste sentido pode-se operar na construção, ao longo da História, de instituições que passam a mediar com força e poder a construção e a propagação da cultura, destacando-se o Estado Moderno. Este porta valores a partir da crise do feudalismo e o Renascimento Cultural, na Europa, que visam à defesa da cultura oficial assumindo uma gradação vinculada aos sistemas de poder que se relacionam estreitamente com o conhecimento científico e com as manifestações culturais; arquitetura, artesanato, artes plásticas, celebrações religiosas, escritas, espetáculos variados, festas populares, hábitos, histórias, lendas, organizações culturais, pinturas, publicações etc. Têm-se com isto a noção de patrimônio<sup>122</sup> como fator agregado a uma elite e desprovido de uma interação mais abrangente, que seria caracterizada como um produto social próprio, dentro de um conceito dinâmico da cotidianidade, palco das experimentações e vivências do Homem. Haveria caminho aberto para a plenitude da identidade cultural e não da identidade nacional, esta vista como cultura oficial e portadora de comprometimentos vinculados com os eixos de poder; também vinculada ao paternalismo, patrimonialismo e demais hábitos e vícios da negatividade cultural.

Nestor Garcia Canclini centra sua análise no caráter material e no caráter simbólico como instrumentos fundamentais para que ocorra a diferenciação entre os setores sociais e as manifestações cotidianas. Para Garcia Canclini<sup>123</sup> “*cultura é o conjunto de processos material simbólicos através dos quais se compreende, reproduz e transforma a estrutura social*”. Que uso pode-se atribuir ao pinhão: alimento ou símbolo das serras e planaltos do Sul e Sudeste do Brasil? E do barro que modela a cerâmica queimada nos fornos *noborigama* em Cunha? Matéria-prima ou elemento que se conecta ao sincretismo da cerâmica japonesa da era dos samurais com as técnicas rudimentares indígenas no Vale do Paraíba?

O conceito de culturas subalternas precisa estar situado, simetricamente, ao engajamento social vivido na constância, no dinamismo e na cadência do cotidiano. Parte-se, assim, de uma vinculação estreita com as classes sociais e suas devidas experimentações, ao concretizarem as relações entre o repertório ideológico, que baliza a superestrutura, e os bens de consumo, providos e mobilizados pela estrutura.

As culturas subalternas são traduzidas nestas experimentações, mas sempre tecendo relações com outras gradações advindas do passado remoto ou de atributos

---

<sup>122</sup> Palavra originada do latim; *pater, paris* = pai, surge também a derivação para pátria.

Fonte: YÁZIGI, Eduardo. *Civilização urbana – Planejamento e turismo*. São Paulo: Contexto, 2003 p. 56.

contemporâneos respaldados pela ação de outros mediadores:

...a cultura subalterna é construída no espaço e no tempo da cotidianidade das classes subalternas, nas suas condições de luta pela vida, através dos processos de adaptação e ressignificação dos quadros dados pelo sistema, tendo como principal instrumento, os seus próprios meios de comunicação.<sup>124</sup>

Torna-se não menos imperiosa nesta análise a compreensão das culturas subalternas frente aos desafios de sobrevivência em que são colocadas as próprias classes subalternas. O desafio inserido no campo da satisfação das mais básicas necessidades resulta em vasto repertório de experimentações. Estas se tornam presentes nas esferas do repertório cotidiano, atribuindo concretude às mais diversificadas manifestações culturais que singram o campo da vivência: alimentos, artesanatos, bebidas, bijuterias, bordados, brinquedos, canções, cantos, cerâmicas, construções, crochês, danças, desenhos, doces, mobiliários, músicas, panos, pinturas, poesias, rendas, retalhos, tecidos, trançados, utensílios, vestimentas etc. Novamente recorre-se ao pensamento de Ferreira<sup>125</sup> que, diferentemente do que ocorre nos movimentos de dominação cultural, em que uma cultura se sobrepõe a uma outra, adverte para um mecanismo de intercalação de culturas, inerente ao dinamismo que impregna o vasto repertório do cotidiano:

Nesse espaço conflitivo e adaptativo, a cultura subalterna refuncionaliza as mensagens recebidas, adaptando-as ao seu cotidiano. Daí resulta que as classes subalternas estruturam o seu mundo a partir de uma coexistência não harmoniosa, mas nem sempre conflitiva, com outras culturas e ideologias. Como resultado deste exercício de sobrevivência, a cultura das classes subalternas não é homogênea, pois nela convivem a influência das classes hegemônicas e dos valores civilizatórios ancestrais, em combinação com as características culturais geradas pela sua condição de classe oprimida.

Daí a conformação de um tripé: cotidiano, identidade cultural e turismo emancipador. As partes destes são fundidas reciprocamente, a começar pelo cotidiano que potencializa a resistência cultural por meio da geração e da ampliação da consciência. Esta instrumentaliza a identidade cultural, fomentadora do turismo emancipador, promotor maiúsculo da cidadania plena, capaz de efetivar a geração de condições de vida salutaras, inserindo a população autóctone em circuito econômico

<sup>123</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor & RONCAGLILO, Rafael. *Op. cit.* p. 29.

<sup>124</sup> FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) *Cultura, globalização e turismo*. In: FERREIRA, Maria Nazareth. *Cultura subalterna e neoliberalismo: A encruzilhada na América Latina*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 1997, p. 30.

capaz de propiciar empregabilidade e rendimento às comunidades locais, quebrando circuito de exploração motivado pelo turismo predatório:

A cultura das classes subalternas é uma herança social específica que pode obstruir ou dificultar os intentos de desintegração moral dos povos, convertendo-se em fator ativo de resistência. Esta reserva moral, explicita-se no seu cotidiano, na sua produção material e simbólica e constrói, a cada dia, a sua identidade.<sup>126</sup>

A Casa do Artesão, conhecido atrativo turístico, é um dos alicerces do turismo praticado no perímetro urbano de Cunha. O espaço foi inaugurado em 1988 no local onde foi instalado, em fins dos anos 70, o primeiro forno de cerâmica *noborigama* de Cunha, no antigo matadouro municipal. O estabelecimento agrega vasto repertório de bens culturais, oriundos das mais diversas matrizes, sendo encontrados artesanatos dos mais variados – utilizando-se madeira, palha e outros materiais – biscoitos, bordados, camisetas, cerâmicas, crochês, doces, livros, panos de prato, tapetes, quadros etc. Em sua maioria, com poucas exceções, são bens produzidos em Cunha por produtores locais.

A gestão do estabelecimento independe da Prefeitura Municipal. Há uma diretoria que é renovada periodicamente, não havendo ingerência do Poder Público na escolha dos respectivos gestores. Cada produtor cultural, para efetuar o depósito de um bem, deve, primeiramente, proceder ao preenchimento de um catálogo para que possa deixar seus produtos. Sobre o preço de venda de cada um dos itens, dados pelo produtor no ato do depósito, é acrescida uma taxa de 20% sobre este valor para que esta parcela possa ser revertida na conservação do local. A quantia obtida é utilizada para a compra de material de limpeza e de manutenção e para efetuar o pagamento dos funcionários.

Na esfera da gestão privada, a CUNHATUR,<sup>127</sup> associação criada no início dos anos 90 no seio dos primeiros festivais de inverno de Cunha, congrega atualmente quinze meios de hospedagens, cinco restaurantes e mais quatro estabelecimentos, sendo uma agência de receptivo, uma propriedade com criação de ovelhas como atrativo do turismo rural, um ateliê de cerâmica e um ponto de comércio de vinhos

---

<sup>125</sup> Idem, p. 33.

<sup>126</sup> FERREIRA, Maria Nazareth (Org.). *Globalização e identidade cultural na América Latina*. São Paulo: CEBELA, 1995, p. 86.

<sup>127</sup> CUNHATUR: Associação dos Proprietários de Hotéis, Pousadas, Restaurantes, Bares, Similares e dos Artesãos de Cunha.

distante um quilômetro da SP-171, próximo da cidade.<sup>128</sup> Em material de divulgação produzido para 2008 a CUNHATUR promove, além dos associados, dois roteiros: um referente ao turismo cultural, tendo como atrativos estabelecimentos ligados à cerâmica em suas diferentes procedências – a primitiva e as modalidades contemporâneas, com destaque para os fornos *noborigama*<sup>129</sup> e *raku*<sup>130</sup> – e outro referente aos atrativos do meio natural: cachoeiras, Parque Estadual da Serra do Mar e Pedra da Macela.

A transformação recente de Cunha em pólo de cerâmica, sendo referência nacional, é mais uma dentre vastas mudanças qualitativas pelas quais passam o território do município. Basicamente três processos históricos adensam em termos culturais este fenômeno, agora encampado como atrativo turístico. Primeiramente uma cerâmica rudimentar, criada graças à farta oferta de barro nas áreas do domínio do Planalto Atlântico, era produzida por povos primitivos que povoaram a região muito antes da chegada dos colonizadores portugueses. Aos poucos a técnica indígena de construção de utensílios e de outros objetos variados foi aprimorada pelas tradicionais paneleiras, conhecidas mulheres que predominantemente habitavam a zona rural e que faziam inúmeras panelas, vasos e outros utilitários de barro com fornos rudimentares inspirados nas ancestrais técnicas dos povos nativos. Um terceiro processo contemporâneo de profundo caráter sincrético fora a chegada das técnicas orientais ao final dos anos 70 do século passado. Graças a um grupo de artistas e da instalação de forno coletivo no local do antigo matadouro municipal, deu-se a construção do primeiro forno *noborigama*, de alta temperatura, de Cunha. Tratou-se de um forno utilizado por vários ceramistas que, com muita dificuldade, enfrentaram a luta pela sobrevivência e o desbravamento desta forma de arte com destemor nas terras valeparaibanas. Eram tempos difíceis em que o bem cultural produzido não estava integrado como mercadoria dentro da lógica da expansão do turismo, fato que se consumou somente vinte anos depois, ao final dos anos 90.

Uma das conseqüências da marcante profusão da cerâmica contemporânea em Cunha, lastreada pelos fornos elétrico, *noborigama* e *raku*, foi a chegada de inúmeros artistas e ceramistas que passaram a produzir novas peças utilizando outras técnicas sem, contudo, ter um refinamento histórico dos processos de produção, ao contrário

---

<sup>128</sup> Fonte: Folder CUNHATUR, 2008.

<sup>129</sup> Tipo de forno construído em rampa com inclinação que favoreça o aquecimento das câmaras através de queima de madeira de eucalipto. A temperatura das câmaras pode chegar a 1.400°C.

das gerações mais antigas de ceramistas. Isto acabou por, em parte, vulgarizar a produção ao expandir a quantidade de bens produzidos sem que houvesse um comprometimento identitário mais profundo de alguns dos artistas recém chegados a Cunha principalmente a partir dos anos de 2004-2005.

Para se compreender o dimensionamento de tal crescimento a CUNHATUR divulgou recentemente mais de trinta atrativos ligados ao artesanato e à cerâmica, incluindo ateliês e lojas de comércio especializadas nestes produtos constituindo o chamado Roteiro das Artes.<sup>131</sup> Deste total de mais de trinta atrativos sete deles estão vinculados com o primeiro surto de construção de fornos individuais, que se iniciou em meados dos anos 80. Foi através destes primeiros fornos que a cerâmica de Cunha pode experimentar o *boom* turístico vivido ao final dos anos 90 e início do Século XXI: Atelier Augusto Campos & Lei Galvão, Atelier do Antigo Matadouro, Atelier Luis Toledo, Atelier Mieko Ukeseki e Mario Konishi (primeiro forno individual), Atelier Morro do Pinhão, Atelier Suenaga & Jardineiro e Carvalho Cerâmica.

Acresça-se à cerâmica contemporânea e aos processos antecedentes ligados às técnicas dos povos primitivos e das paneleiras, as festas populares.<sup>132</sup> Estas também se revelam como atrativos marcantes do turismo. No calendário anual de eventos do município encontram-se as seguintes festividades: Folia de Reis (Janeiro), Festa de São José (Março), Festa do Pinhão (Abril), Festas Juninas (Junho), Festa do Divino (Julho) e Festa de Nossa Senhora da Conceição ou Festa da Padroeira (Dezembro).

---

<sup>130</sup> Forno aquecido graças ao gás metano (CH<sub>4</sub>) que, por meio de pistões, aquece o espaço interno fazendo com que a temperatura chegue próxima aos 700°C.

<sup>131</sup> Os atrativos do Roteiro das Artes relacionados no folder são:

- |  |   |
|--|---|
| 1. Anand Atelier                       | 17. Atelier Luis Toledo                                 |
| 2. Artesanato Pinte e Borde            | 18. Atelier Mieko e Mario                               |
| 3. Atelier Adamas                      | 19. Atelier Morro do Pinhão                             |
| 4. Atelier Augusto Campos & Lei Galvão | 20. Atelier Nilvanda Rodrigues                          |
| 5. Atelier Casa do Oleiro              | 21. Atelier Suenaga & Jardineiro (associado à CUNHATUR) |
| 6. Atelier Cheiro da Terra             | 22. Atelier Thomas Gomide                               |
| 7. Atelier Clélia Jardineiro           | 23. Carvalho Cerâmica                                   |
| 8. Atelier Cristiano e Sandra Quirino  | 24. Casa do Artesão                                     |
| 9. Atelier de Jóias Ricardo Pompílio   | 25. Composé   |
| 10. Atelier do Antigo Matadouro        | 26. Estúdio A' Angaa                                    |
| 11. Atelier Drão                       | 27. Feito à Mão   |
| 12. Atelier Floresta                   | 28. L'Atelier   |
| 13. Atelier Gallery Tokai              | 29. Loja do Portal                                      |
| 14. Atelier Gê de Castro               | 30. Loja Drão   |
| 15. Atelier Grouze                     | 31. Terezinha Figureira                                 |
| 16. Atelier Kátia Patelli              |   |

O crescimento do número de ateliês foi tão vertiginoso que uma associação específica ao trabalho dos ceramistas foi criada: a Cunha Cerâmica, tendo como o intuito divulgar e promover os estabelecimentos associados.

De forma secundária merecem destaque a Festa de São Benedito, junto à Semana Santa, em data móvel, e a Festa de Santa Cruz, em maio, que é realizada em alguns bairros da zona rural. Somam-se a estas celebrações dois aspectos históricos de relevância: o Caminho do Ouro da Estrada Real e a Revolução de 32.

Porções da zona rural de Cunha foram, em passado não muito remoto, barricadas de resistência das forças paulistas às tropas federais durante a Revolução Constitucionalista. As regiões na divisa com Paraty, litoral Sul fluminense, tiveram acirrados embates especialmente nas porções dos bairros Aparição e Taboão e junto ao Morro do Divino Mestre, distante poucos quilômetros da cidade, onde as tropas federais bombardeavam constantemente Cunha com artilharia pesada. Regimentos provenientes de Cunha e de Guaratinguetá, somando centenas de combatentes e voluntários, inferiores em soldados e armamentos, ofereceram heróica resistência.

Deste conflito emerge um dos mais ilustres cidadãos cunhenses: o lavrador Paulo Gonçalves dos Santos, conhecido como Paulo Virgínio, que, capturado pelas forças federais que queriam a todo custo saber a localização das tropas paulistas, foi obrigado a cavar sua própria sepultura vindo a falecer em 28 de Julho de 1932. Seu martírio é lembrado anualmente durante as celebrações do dia 9 de Julho, feriado no estado de São Paulo, quando em Cunha são realizados desfiles militares e honras à memória do lavrador junto a monumento que leva seu nome, localizado no bairro da Aparição, na estrada Cunha-Paraty.

O município de Cunha é integrante do roteiro turístico da Estrada Real no estado de São Paulo. Por se tratar, desde fins do Século XVI, de importante rota de desbravamento e ocupação em direção aos sertões do Rio das Mortes e do Rio das Velhas, nos campos das Gerais, Cunha, conhecida antigamente como Facão ou “Boca do Sertão”, já recebeu dezenas de marcos turísticos que visam sinalizar trechos do Caminho Velho, contendo informações específicas sobre as localidades e informações acerca dos atrativos lindeiros ao trecho paulista da Estrada Real.<sup>133</sup>

Apesar de todas estas potencialidades existentes em Cunha e nos demais municípios integrantes da região do Vale Histórico, a gestão pública, de modo geral, tem se verificado como intransponível obstáculo no fomento do turismo emancipador. Fator este que é respaldado por diversas experiências de pesquisadores do CELACC

---

<sup>132</sup> As festas populares serão tratadas de forma oportuna em capítulos posteriores.

em trabalhos no nível de Mestrado e Doutorado e, principalmente, no bojo do projeto *Identidade cultural e cidadania: O potencial das cidades históricas para o turismo*.<sup>134</sup> Na Estância Climática de Cunha, particularmente, iniciativas e projetos concebidos são explicitamente abandonados e interrompidos quando se dá o término de administrações municipais na medida em que prefeitos não conseguem se reeleger ou não têm o sucessor do mesmo espectro partidário. O prejuízo ao turismo emancipador é drástico e amargamente reconhecido por gestores privados, em especial os proprietários de pousadas e restaurantes.

A gestão 2001-2004 havia iniciado um amplo trabalho, em todo o município incluindo o perímetro urbano e a zona rural, de sinalização turística através da indicação de atrativos, de vias de acesso e de equipamentos de apoio e de serviços. A atual administração, constituída por grupo político-partidário adversário, ignorou a iniciativa e o resultado foi o desleixe e o abandono do trabalho anterior.

Figuras 05 e 06 – Cunha: Placas de sinalização turística



O problema da gestão pública parece insuperável: À esquerda placa indicativa de sinalização turística com padrão visual adotado durante período 2001-2004 junto ao Portal; à direita placa abandonada pela gestão 2005-2008; exemplo de falta de continuidade, junto ao trevo da SP-171.

Fotos: Henrique Alckmin Prudente – FEV/2003 e MAI/2007.

A descontinuidade também foi verificada na formatação e na estrutura dos atrativos dos festivais de inverno que, anualmente, ocorrem no mês de Julho e são um dos carros-chefes em geração de receitas por se tratar de período de alta temporada.

<sup>133</sup> Ver: PRUDENTE, Henrique Alckmin, SANCHES, Fabio Oliveira & TOLEDO, Francisco Sodero. *Estrada Real: O Caminho do Ouro*. Lorena: Edição dos Autores, 2006.

<sup>134</sup> FERREIRA, Maria Nazareth (Coord.) *Identidade cultural e cidadania: O potencial das cidades históricas para o turismo*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 1999.



Quadro comparativo em anexo<sup>135</sup> demonstra esta ruptura ao considerar a promoção de atrações concernentes apenas ao respectivo Festival de Inverno de cada ano, 2003 e 2008, não considerando outros eventos fixos que ocorrem independentemente da organização e do planejamento de cada administração municipal, como as celebrações do feriado de 9 de Julho e todo o conjunto das atividades circunscritas à Festa do Divino, a cargo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição vinculada à Diocese de Lorena.

A gestão 2001-2004 priorizou atrações agregando repertório popular e erudito, compatibilizando produtores culturais de Cunha ou da região e mesmo mais distantes, como de Presidente Prudente, São Paulo e Tatuí, agregando-os a algumas das atrações fixas já presentes no calendário cunhense, como a Quadrilha do Divino, proveniente da Estância Turística de Aparecida, que se agrega dentro da Novena e das demais celebrações da Festa do Divino, cuja procissão de encerramento ocorre também nos meses de Julho. O Festival de Inverno realizado em 2003 deu ênfase notória a grupos culturais de caráter social, como os Violinos de Cunha, composto por jovens aprendizes, e o Projeto Guri, composto por crianças.

Em contrapartida a opção dada pela gestão 2005-2008 aos grandes artistas do repertório massivo – Almir Sater, expoente da música regional, Jorge Aragão, um dos mais famosos sambistas da linha do pagode do Rio de Janeiro, e Zeca Baleiro e Zé Ramalho, de repertórios variados da Música Popular Brasileira – se revelam altamente atraentes para a população local e para apreciadores localizados em cidades vizinhas. No entanto, ao mesmo tempo em que afastam o turista tradicional que pernoita em Cunha, principalmente em relação aos horários dos shows que começam por volta das 23h, trazem problemas sérios em relação ao acesso e produzem um movimento grave de realocação dos grupos musicais, tanto os violeiros como os de inspiração regional, para o ostracismo. São, em verdade, eventos com a similaridade e com o perfil dos carnavais luizenses,<sup>136</sup> marcados pela chegada abrupta e massiva de dezenas de

---

<sup>135</sup> Para maiores informações acerca das diferenças entre as gestões municipais nos períodos concernentes ver Anexo A, que contém tabela com quadro das atrações dos festivais de inverno dos anos de 2003 e de 2008.

<sup>136</sup> O carnaval em São Luiz do Paraitinga, Vale do Paraíba, é um dos mais conhecidos e freqüentados eventos em todo o Estado de São Paulo. É caracterizado pelas marchinhas, típicas da musicalidade local, e por desfiles de blocos de rua adornados por bonecos e outros adereços produzidos por artistas da própria cidade. Acresça-se a estes ingredientes a preservação de notável patrimônio arquitetônico colonial remanescente do Século XIX e início do Século XX. O acentuado fluxo de foliões bem como as inevitáveis conseqüências das mais diversas ordens sempre foi motivo de debates protagonizados por setores acadêmicos e da comunidade.

milhares de foliões provenientes de diversas localidades, não se concretizando, porém, em ganhos para a comunidade receptora local, tendo em vista a degradação do patrimônio ambiental urbano e ao diminuto tempo de permanência. Tal situação motivou o Poder Público local a adotar severas políticas restritivas para coibir tais conseqüências.

Contraditoriamente, uma das mais significativas condutas que deveriam ser adotadas, há muito tempo, dentro do âmbito da gestão pública, foi recentemente executada pela Prefeitura Municipal durante a sobredita gestão. Trata-se da criação de importante legislação de incidência territorial<sup>137</sup> com o intuito maior de dotar o perímetro urbano, carregado de densidade histórica e social, de mecanismos de proteção para conjunto residual de construções. A principal medida deste importante rol de leis fora a criação do COMPHACC – Conselho do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Cunha – através da Lei 1.099 de 06 de Junho de 2006. Cabe ao recém criado órgão, cujo estatuto está em elaboração,<sup>138</sup> a incumbência de assessorar a Prefeitura Municipal em relação à preservação do patrimônio ambiental urbano cunhense e a prerrogativa de aprovar ou não a inclusão de imóveis em processo de tombamento.

Posteriormente a Lei 1.110 de 29 de Agosto de 2006 institui a composição da representação dentro do COMPHACC, estando assim formado conforme consta no Artigo 1º:

[...]

O colegiado é constituído por oito integrantes, possuindo cada um o respectivo suplente para supri-lo em suas ausências, todos designados pelo Prefeito Municipal, da forma seguinte:

- a) Um representante e respectivo suplente indicados por livre escolha do Prefeito Municipal;
- b) Um representante e respectivo suplente indicados por livre escolha pela Secretaria de Educação do Município;
- c) Um representante e respectivo suplente indicados pela Secretaria de

<sup>137</sup> O conjunto da legislação em questão é composto por duas leis e dois decretos que regulamentam as mesmas, quais sejam:

- Lei 1.099/06 de 06 de Junho de 2006: Estabelece a proteção do patrimônio histórico, artístico e cultural de Cunha, e sobre o tombamento dos bens sobre proteção especial e isenta os bens tombados de pagamentos de IPTU.

- Lei 1.110/06 de 29 de Agosto de 2006: Dispõe sobre a introdução de três parágrafos ao caput do Art. 2º. Da Lei 1.099/06 que trata da composição do Conselho do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Cunha (COMPHACC).

- Decreto 021/06, de 1º. de Setembro de 2006: Regulamenta o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Município de Cunha (COMPHACC) e estabelece outras providências para o seu funcionamento.

- Decreto 014/08, de 18 de Abril de 2008: Dispõe sobre o tombamento de um conjunto de imóveis de Cunha e da preservação de seu entorno.

<sup>138</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 18/07/2008.

Turismo do Município;

d) Um representante e respectivo suplente indicados pela Cunha Cerâmica – Associação dos Ceramistas de Cunha;

e) Um representante e respectivo suplente indicados pela Ordem dos Advogados do Brasil, Secção São Paulo, Sub-Secção de Cunha;

f) Um representante e respectivo suplente indicados pelo Centro de Cultura e Tradição de Cunha;

g) Um representante e respectivo suplente indicados pelo Conselho Regional de Arquitetura, Sub-Secção de Cunha;

h) Um representante e respectivo suplente indicados pelo Museu Municipal Francisco Veloso.

[...]

Ainda de acordo com a Lei 1.110/2006, o Prefeito Municipal tem a função de designar cada um dos oito representantes indicados por cada entidade e de escolher, mediante lista tríplice a ser encaminhada pelo órgão, o presidente do Conselho.

O Decreto 14 de 28 de Abril de 2008, que regulamenta a Lei 1.099/06, cria três categorias de áreas de proteção, com os respectivos imóveis, a saber:

- GP1: Proteção integral das fachadas, volumetria e interior das edificações:

- Escola Estadual Dr. Casemiro da Rocha;
- Igreja do Rosário;
- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição;
- Mercado Municipal, e,
- Prédio da antiga Prefeitura Municipal e Casa da Câmara.

- GP2: Proteção das fachadas e volumetria de diversas edificações nos seguintes logradouros:

- Praça Cônego Siqueira;
- Praça Coronel João Olímpio;
- Rua Comendador João Vaz;
- Rua Coronel Macedo;
- Rua Dom Lino;
- Rua Dr. Casemiro da Rocha;
- Rua João Manoel Rodrigues;
- Rua Major Santana, e,
- Travessa Paulo Virgínio.

- Perímetro de Proteção, qualificado também como zona envoltória ou simplesmente entorno, que estabelece parâmetros fundamentais de adensamento a ponto de compor importante conjunto cênico e paisagístico com os imóveis preservados e com os

demais atributos do espaço urbano; importante medida acerca desta categoria de ocupação é a limitação da altura das construções em até sete metros, tendo ao máximo dois pavimentos.

A Rua Dr. Casemiro da Rocha, importante artéria comercial na atualidade é exemplo de logradouro público que retrata densidade histórica do sítio urbano cunhense através de construções remanescentes do período colonial e da disposição urbana originada em colinas, como em muitas outras localidades do Brasil Colônia. Além de ter sido passagem obrigatória como via do Caminho do Ouro das tropas seja no sentido Paraty, seja no sentido Minas Gerais, compunha um cenário rico e vivo, sendo merecedora de se constituir em palco de celebrações festivas de caráter.

Figura 07 – Cunha: Rua Dr. Casemiro da Rocha no início do Século XX



Aspecto da rua Dr. Casemiro da Rocha retratada em fotografia constituinte de acervo anônimo.

As queixas constantes de diversos segmentos da sociedade local ligados ao *trade* turístico, que sobrevivem graças ao fluxo de visitantes, quanto ao reduzido movimento e à incipiente rentabilidade, fatores que já provocaram o fechamento de alguns estabelecimentos como a Pousada Fafá, a Pousada Seriema, a Pousada e Restaurante Cantão, a Pousada e Restaurante Espaço Country e a Pousada e Restaurante Recanto Uruguayo, traz à tona o que há muito já se faz em regiões semelhantes na Europa e na América Latina: a criação de eixos temáticos que norteiam as atrações dos atrativos turísticos. A tematização sugerida para Cunha precisa estar lastreada por importantes fatos históricos, dois deles já enumerados anteriormente: o Caminho do Ouro e a Revolução de 32.

Além da carência em prover temas aos roteiros turísticos, outra triste herança do

Brasil na ânsia trágica rumo ao progresso e ao desenvolvimento que solapou as matrizes culturais e históricas, fortalecendo a cultura voraz automobilística e especulativa, é a situação vexatória dos museus. A potencialidade existente em Cunha sinaliza para a criação ou revitalização de, ao menos, três museus amparados por distintos processos históricos ao longo dos anos: o Museu da Cerâmica, o Museu Municipal e o Museu Rural.

Ao Museu Municipal (já existente) tendo sido recentemente transferido de espaço vergonhoso da estação rodoviária para imponente casarão na esquina das ruas Comendador João Vaz e Paulo Virgínio, deveria ser agregado repertório de imagens e de sons disponíveis em incontáveis acervos particulares e públicos que frequentemente se perdem, deixando para trás importantes referências para consulta, pesquisa e, para o mais nobre dos fins, vivificar a riqueza material do vasto acervo cultural ancestral da região.

Juntamente com os museus concebidos como espaços de interação e convivência social dotados de recursos tecnológicos a serem incorporados dialeticamente para concretizar a urgente tarefa de conhecer e de estudar o cotidiano, devem ser incorporadas novas formas de organização da cultura fora do paradigma político-partidário; este um espectro que escurece o brilho ainda remanescente da produção cultural das classes subalternas.

Associações culturais nos moldes das bem sucedidas entidades *Pro-Locco*, estudadas por Maria Nazareth Ferreira<sup>139</sup> durante as pesquisas na Itália, devem ser concebidas levando-se em consideração as particularidades da realidade brasileira, as singularidades de cada uma das regiões bem como as demandas específicas de cada um dos grupos sociais.

Raciocinando por outra vereda o zoneamento urbano em casos como o de Cunha deveria priorizar características de ordenamento de caráter geotécnico e paisagístico para potencializar a paisagem local levando-se em conta a herança lusitana na gênese dos núcleos urbanos tendo a acrópole como modelo, as construções com alinhamento ao lote, as paredes de taipa e as colinas como formidáveis pontos focais aliadas ao tecido urbano e à vegetação nativa. A junção entre os fatores de natureza cultural e os cuidados necessários nos campos técnicos,

---

<sup>139</sup> Ver: FERREIRA, Maria Nazareth. *As festas populares na expansão do turismo – A experiência italiana*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

conformam a imprescindível identidade paisagística, necessária aos lugares, segundo as orientações de Eduardo Yázigí.<sup>140</sup>

---

A questão da gestão cultural será abordada em capítulos posteriores.

<sup>140</sup> YÁZIGI, Eduardo. *A alma do lugar – Turismo, planejamento e cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 16 e 19.

#### 1.4. Transformações em marcha: Ação dos movimentos sociais

Com o alargamento das disparidades entre as classes sociais, trazendo o aumento acentuado dos níveis de pobreza e de indigência em diversos lugares do mundo, o caráter contemporâneo do capitalismo está contribuindo, contraditoriamente, para o aparecimento de um renovado conjunto de movimentos subalternos. Este fator é acompanhado, de forma tangencial, pela incapacidade do poder público em seus diversos níveis de promover políticas direcionadas para atenuar os abismos entre os segmentos variados da população. A este cenário acresça-se a crise por que passa o Estado e pela promiscuidade de seus aparelhos a serviço de burocratas e segmentos político-partidários, tornando-o privado em sua essência, atrofiando suas estratégias de ação e anulando seu papel de mediador frente às latentes disparidades da sociedade.

Os movimentos sociais ressurgem não situados no período de aparecimento dos primeiros partidos comunistas e socialistas ou dos movimentos camponeses ou operários do Século XIX e de início do Século XX. Agora se encontram situados em novo contexto histórico, especialmente estabelecidos em novas estratégias de ação no sentido de suprir, ao menos em parte, algumas das contradições estruturais erguidas sob a lógica da acumulação capitalista. As ações do neoliberalismo têm produzido ações e insurgências nos campos da cultura, da economia e da política que unificam organicamente movimentos impulsionados por diversas matrizes de ângulo emancipatório, cunhados inclusive pelo descontentamento em relação ao próprio sistema capitalista que não escapa às leis da dialética ao gerar seus próprios oponentes.

Maria Nazareth Ferreira<sup>141</sup> sustenta esperança ao analisar o atual cenário latino americano, marcado pela emergência ao poder de governos socialistas de características populares que elaboram, de acordo com seus recursos disponíveis, estratégias de integração continental a ponto de reaglutinar antigos ideários:

É bem verdade que a implantação do neoliberalismo deitou por terra muitas das conquistas históricas da América Latina; por outro lado, este mesmo neoliberalismo com seus efeitos desastrosos sobre a região, pode ter sido um dos elementos fundamentais para este despertar social, que se traduz em ações políticas capazes de mudar o cenário latino-americano. As lutas sociais se politizaram; os protestos foram mais e mais acompanhados de propostas.

---

<sup>141</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Abya-Ayala: A refundação da pátria grande*. 2007, p.1. Disponível em <[www.eca.usp.br/nucleos/celacc](http://www.eca.usp.br/nucleos/celacc)>. Acesso em: 07/07/2008.

Experiências marcantes são protagonizadas em países como Bolívia, Equador, Paraguai, Peru e Venezuela. Países que, em um passado não muito distante, eram tidos como eternos monoexportadores de matérias-primas ou conhecidos mundialmente por suas paisagens exóticas ou pelos concursos de beleza. Algumas sutilezas mostram como são sólidas as raízes culturais, mesmo com anos e anos de profunda subjugação. Grupos nativos do Equador, que habitam os altiplanos andinos, identificam montanhas e cones vulcânicos como divindades. O artesanato e o tecido andino, em especial, representam através de uma variada coloração astros e constelações, simbolizando laços estreitos entre o Homem e a Natureza. O mesmo acontece com a música e, em particular, com os instrumentos de sopro, compondo melodias etéreas, semelhantes ao vento, como que se fossem vindas do céu. No Paraguai o nome oficial da moeda nacional, o guarani, é uma forma de louvação aos antigos habitantes das terras baixas do Chaco. O idioma guarani ainda é ensinado nas escolas paraguaias como legitimação oficial deste importante elo identitário.

A América Latina é uma região submetida a séculos de exploração dos recursos naturais acompanhada de sangrentos conflitos entre nativos e colonizadores europeus que agora reascendem chamas seculares, portadoras de um saber ancestral disperso em diferentes matrizes étnico-culturais com destaque para as comunidades primitivas portadoras de tradições e de valores que encampam uma teia de relações sólidas com a natureza:

A região, no passado recente, esteve marcada pelo triunfo absoluto de políticas conservadoras, baseadas no desmantelamento dos Estados nacionais e na super-exploração dos trabalhadores. Era o ideário neoliberal, que resultou na mais cruel concentração de renda da história do capitalismo, levando a uma polarização extrema entre ricos e pobres dentro dos países e entre países no plano externo.

Esta situação levou, no caso da América Latina, a uma posição de crescente debilidade frente ao Norte, o qual controlou as regras do jogo, levando os países da região a enfrentar crises profundas [...] O resultado destes anos de capitalismo pós-guerra fria foi um atraso econômico e político para os povos da região, cujo resultado mais significativo foi a desmobilização política e a frouxidão ideológica. Apesar deste panorama sombrio, a memória histórica continuou viva. Prova disso é que após longos anos de silêncio estes mesmos povos subjugados e empobrecidos retomam suas lutas. Obviamente, as retomam a partir de diferentes interesses e pontos de partida, com os mais variados projetos: reforma agrária, protestos de desempregados, manifestação contra as privatizações, luta por direitos humanos, defesa



do meio ambiente, mobilizações de coletivos sociais por moradias, por segurança pública, de gênero e tantas outras questões.<sup>142</sup>

O ressurgimento dos movimentos sociais pode ser acrescido pela incapacidade generalizada das instituições tradicionais cunhadas no âmago da modernidade. O próprio Estado e segmentos da sociedade civil encontram-se desprovidos de ações capazes de edificar a cidadania plena, na qual os sujeitos sejam dotados de consciência, promovendo a fraternidade, a participação e a solidariedade entre as pessoas.

Ao contrário, estes instrumentos que conformam parte do aparelho da estrutura, acabam por cair em ciladas no momento em que são seduzidos diante dos apelos frenéticos mediados pela acumulação. Istvan Mészáros<sup>143</sup> também articula seu raciocínio desta forma, pois sustenta que as implicações entre Estado e sociedade civil são muito próximas, não podendo haver separação entre estas duas instâncias:

A adoção de tal posição só pode resultar na armadilha de uma concepção muito ingênua da natureza da própria “sociedade civil” e de uma postura totalmente acrítica em relação à grande multiplicidade de ONGs que, desmentindo sua autocaracterização como “organizações não-governamentais”, são muito bem capazes de coexistir com as instituições estatais retrógradas dominantes das quais dependem para sua existência financeira.

Uma das advertências colocadas na argumentação do filósofo húngaro é a possibilidade da prostituição de algumas organizações não-governamentais quanto à ânsia desenfreada pela obtenção de recursos que, em muitas vezes, atendem a um fim particular de enriquecimento. Sindicatos tornam-se trampolins políticos para seus dirigentes. Associações de moradores, que deveriam se articular como canais importantes de participação, são transformadas em máquinas a serviço de candidaturas a cargos políticos pelo Brasil.

Algumas das associações de bairros presentes no espaço rural da Estância Climática de Cunha estampam, de forma explícita, questões graves em relação à gestão e à própria estratégia de atuação. O trabalho da Associação Serra Acima, fundada em Outubro de 1999, atualmente uma OSCIP<sup>144</sup>, que está focado no equacionamento de problemas ambientais como a recuperação de áreas devastadas e de nascentes que migraram ou que simplesmente secaram, está ligado, ainda que de forma tênue, com associações de moradores dos seguintes bairros do município:

---

<sup>142</sup> Idem, p. 6.

<sup>143</sup> MÉSZÁROS, István. *Op. cit.* p. 285.

Aparição, Barra, Santa Bárbara, Sítio e Paraibuna. Esta ligação com as associações é importante para o trabalho da Serra Acima porque possibilita a ampliação das experiências ambientais no campo para regiões distintas, favorecendo o fator multiplicador das mesmas, embora o Poder Público local encare com desdém estas iniciativas.

Contudo, o caráter desta ligação é frágil porque as associações de bairro apresentam grandes dificuldades, a começar pela questão das lideranças que não conseguem afastar das atribuições administrativas o espectro da auto-promoção, dificultando ações integradas com outras instituições e reproduzindo um problema crônico e latente facilmente identificado em prefeituras brasileiras:

Hoje a gente está numa situação assim de dificuldade. O ano passado teve várias trocas de diretoria. Esse ano já alguns... e eles não conseguiram registrar estatuto, tiveram problemas com prestação de contas que o contador deve fazer. Então assim, todas, hoje não tem nenhuma... Acho que a Barra agora, 100% com a documentação em dia, sabe? A gente está inclusive ajudando para elas estarem em dia. Agora, em termos de organização comunitária, elas são bem frágeis também [...]

...como são associações de bairro e não de produtores, também tem o interesse diverso dentro da associação.<sup>145</sup>

Diante disto, torna-se fundamental a articulação plena entre o capital e as forças políticas. Por isso a importância do vínculo entre as esferas da economia e da política, permeando as facetas de ordem cultural, amalgamando a interação entre diferentes movimentos sociais, situados, aparentemente, sob circunstâncias diversas. Fato exemplar ocorrido no cenário internacional fora a visita de integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra ao falecido Presidente da Autoridade Palestina, Yasser Arafat, quando se encontrava confinado em seu quartel-general, na Cisjordânia, cercado por tanques israelenses.

Em suas considerações acerca dos movimentos sociais situados no contexto político latino americano, Maria Nazareth Ferreira<sup>146</sup> assinala:

...estes novos movimentos surgidos no consumo e na vida cotidiana são representados fora dos partidos políticos e dos sindicatos, mas geram uma relação não convencional entre cultura e política, entre valores e poder. São estes movimentos os novos indicadores do lugar onde é possível compreender a força das organizações populares: a sua cultura, construída no dia a dia, na luta pela vida, na sua cotidianidade.

<sup>144</sup> OSCIP: Organização de Sociedade Civil de Interesse Público.

<sup>145</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 12/05/2008.

<sup>146</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *A dialética do neoliberalismo e os novos movimentos sociais*. In: Cultura, comunicação e movimentos sociais. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 1999, p. 129-131.

Uma das tarefas colocadas diante da urgência atual, face o esgotamento dos recursos naturais no Planeta, é a de construir a autonomia das classes subalternas por meio do combate às ideologias dominantes. Nesta mesma tarefa dotar as classes subalternas de autonomia significa tecer uma ampla e fortalecida cadeia concebida através da autogestão em processos conduzidos pelos seus próprios intelectuais, portadores de independência e consciência e, portanto, capazes de tecer a transformação da realidade.

A ampliação dos sujeitos individuais e coletivos capazes de exercer estas deliberações colocadas anteriormente exige ainda um sólido vínculo entre cultura e educação, nos moldes do pensamento de Gramsci<sup>147</sup>, quando o mesmo tece considerações acerca do papel do intelectual e do problema de hegemonia dentro do conceito das classes sociais. Nesta perspectiva cabe aos novos intelectuais travar o combate ao sistema excludente que, ao mesmo tempo em que opera na radicalização da concentração de riquezas, concretiza a cooptação e a assepsia das culturas subalternas, colocando em risco a articulação entre seus próprios intelectuais.<sup>148</sup>

A ação concreta é, pois, a essência através da qual devem se pautar a atuação dos movimentos sociais na contemporaneidade. Contudo esta travessia deve transpor o obstáculo do individualismo, fortificado pelo fundamentalismo do mercado, que oblitera construções de projetos coletivos, imprescindíveis para o enfrentamento do caráter opressivo do capital. O individualismo e seus vícios acoplados à acumulação e ao consumo trazem à tona conquistas centradas no caráter material das posses, na lógica da performance individual e do desempenho pessoal em diversos âmbitos; financeiro, profissional, sentimental, a ponto de tornar as questões coletivas efêmeras e enfraquecidas:

O movimento popular deve enfrentar o desafio metodológico de partir do pessoal ao social, do local ao nacional, do subjetivo ao objetivo, do espiritual ao político e ideológico. Agora, o trabalho de base só terá êxito se associar lazer e dever, criatividade artística e formação, estética e ética. Não é mais possível criar uma “cortina de ferro” que torne os militantes imunes à ideologia neoliberal, ao consumismo, aos encantos da globalização. A questão é como introduzir práticas sociais que despertem neles uma consciência/experiência críticas frente ao sistema,

---

<sup>147</sup> Ver: GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

<sup>148</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. Anotações. Seminário CELACC. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 14/04/2008.

de modo que a nova sociedade possa ir sendo forjada nas entranhas da atual, como a criança no ventre materno.<sup>149</sup>

A abstração do conceito de cidadania reduz o termo aos expedientes que atuam diante da lógica do mercado e do consumo através da reprodução das necessidades. Os movimentos sociais, portanto, estão situados dentro da atuação das empresas transnacionais e de suas estratégias de expansão, nas quais o aumento da demanda é uma das prerrogativas fundamentais.

O pesquisador Silas Nogueira<sup>150</sup> aponta para este dilema ao considerar, além das forças que atuam dentro do mercado, a própria indústria cultural e seus mecanismos alienantes, que contribuem para esvaziar ideologicamente os sujeitos situados sob o contexto dos movimentos populares:

Para a realidade dos movimentos sociais atuais, é preciso considerar que o crescimento das grandes potências econômicas privadas, inclusive aquelas ligadas à indústria cultural, relacionam-se ao grau de impotência dos indivíduos, à sua pequenez diante do poder das megaempresas resultantes da acumulação do capital. À esse contraste pode-se delegar o crescimento da procura pelas religiões/mercadoria, pelos produtos da mídia e por outras formas de ilusão de participação/organização como das torcidas de futebol e dos *consumidores/interativos dos reality shows*.

Alguns dos fatores demarcados pelo pesquisador apontam para a influência da comunicação midiática que transforma diversos atributos inerentes à vivência em mercadoria, a começar pelo próprio cotidiano, aniquilando sua densidade histórica, ideológica e também cultural, ao transformar a vivência em simulacros furtivos, vazios, localizados em um limbo, vagando pelos espaços das vias tecnológicas sustentadas pelas grandes corporações no campo das comunicações atingindo um público em escala global.

Formas de expressão das comunidades, tanto as situadas no espaço urbano como no espaço rural, são rechaçadas pela grande mídia a partir do instante em que não são conformadas como mercadoria. A Cooperifa,<sup>151</sup> Cooperativas de Poetas da Periferia, atua no sentido de suprir a lacuna produzida pelo Poder Público em não prover a população mais carente das cidades de espaços culturais, especialmente em se tratando de contingentes populacionais localizados na periferia. Ao mesmo tempo

<sup>149</sup> BETTO, Frei. *Os desafios do movimento social frente ao neoliberalismo*. Extraído de: <www.enecos.org.br> Acesso em 03/03/2008, p. 4.

<sup>150</sup> NOGUEIRA, Silas. *Poder, cidadania e cultura – Elementos para uma discussão*. Mimeo. p. 12-13, [s.d.].

<sup>151</sup> Fonte: <www.brasildefato.com.br>. *Cooperifa, um quilombo cultural*. Acesso em 28/06/2008.

atua também para suprir outra lacuna; esta reproduzida pelos *media*, a partir do instante em que a cultura não é transformada em mercadoria dentro de um repertório comprometido com a ideologia hegemônica.

A Cooperifa nasceu em Outubro de 2001 na periferia da Região Metropolitana de São Paulo, mais precisamente no município de Taboão da Serra, com a proposta de se tornar um espaço de manifestação cultural das populações da periferia, com destaque para a música e para a poesia. No início, menos de duas dezenas de pessoas se reuniam; atualmente mais de trezentas encontram-se, semanalmente, às quartas-feiras, na nova sede da entidade, o *Bar do Zé Batidão*, localizado no bairro Piraporinha, zona Sul da Metrópole Paulistana. Não há qualquer objeção para participar dos saraus, organizados por moradores da própria comunidade local, nos quais são declamados textos de autoria dos próprios integrantes do bairro e textos de poetas diversos. Jovens, trabalhadores braçais, donas de casa, crianças, todos são integrados na partilha de suas práticas culturais centradas nas percepções cotidianas.

A escassez de espaços culturais em uma metrópole tão segregada como São Paulo gerou a partir de um processo originário de categorias sociais subalternas, a resignificação de um bar, estabelecimento muito comum em qualquer espaço urbano periférico brasileiro, mas não como espaço de embriaguez possibilitando até mesmo a uma situação de conflito social por meio da banalização da violência, mas como centro de convivência, possibilitando a expressão cultural sem qualquer tipo de censura em prol dos moradores locais.

No caso do espaço rural o município de São Bento do Sapucaí, localizado na Serra da Mantiqueira região do Vale do Paraíba – limítrofe aos municípios de Campos do Jordão e Santo Antonio do Pinhal, sendo integrante de uma das mais conhecidas regiões turísticas do Estado de São Paulo – apresenta uma experiência ímpar. Com a emergência da atividade turística a comunidade do Bairro do Quilombo, na zona rural, passou a se articular e, através do apoio da Prefeitura Municipal, constituiu a Cooperativa de Artesãos do Bairro do Quilombo. Trata-se de uma associação de moradores que contribuiu para a qualidade de vida local através de ações em várias frentes<sup>152</sup>.

No espaço rural os produtores locais expandiram a produção de bananas, matéria-prima para a confecção de rico artesanato através da folha da bananeira,

---

<sup>152</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em Julho de 2007.

livrando porções de terra da ação de especuladores fundiários ou imobiliários, sempre atentos para a construção de loteamentos residenciais fechados como ocorre em Campos do Jordão com conseqüências nefastas para a identidade cultural.<sup>153</sup>

A própria cooperativa qualifica a mão-de-obra local através do ensino de ofícios ligados à produção artesanal, contribuindo para a formatação de produtos originais, não só à base da folha de bananeira, mas também utilizando a palha do milho e a madeira, para serem comercializados e vendidos como mercadorias turísticas. Não há interferência do Poder Público local, a não ser na construção de uma creche municipal e de uma escola de Educação Básica, atendendo até o I Ciclo do Ensino Fundamental. Com isto pode ser incorporada ao estudo das festas populares uma importante premissa: o turismo verdadeiramente sustentável e economicamente viável precisa contemplar em seu bojo ações que atendam às demandas da comunidade receptora. Este é um dos pontos que não se pode abrir mão no planejamento do turismo no Brasil.<sup>154</sup>

Criada como uma organização focada em atividades no espaço urbano, a Associação Serra Acima, da Estância Climática de Cunha, vem ao longo de quase dez anos de atuação articulando projetos direcionados para a promoção do ambiente e da cultura. Iniciando os trabalhos como organização não-governamental a Serra Acima conseguiu ser qualificada como OSCIP, Organização de Sociedade Civil de Interesse Público, o que ampliou a capacidade em obtenção de recursos através de parcerias com instituições brasileiras e internacionais.<sup>155</sup>

A partir de meados de 2004 a Serra Acima passa a trabalhar com projetos destinados ao espaço rural de Cunha. Até então tinha como foco trabalhos de cunho social, como o referente à Casa Abrigo, em apoio a menores carentes através da reciclagem de papel, da marchetaria e outros, articulados com o CONSEA, Conselho de Segurança Alimentar de Cunha<sup>156</sup>.

Este perfil urbano aos poucos foi sendo substituído por atividades no espaço rural, especialmente as referentes ao plantio de mata ciliar em projetos de recuperação de nascentes. A ONG Serra Acima desenvolve os projetos Viver na Mata Atlântica, Casa Abrigo Trilha da Infância e Padaria Artesanal. O projeto Viver na Mata Atlântica

---

<sup>153</sup> Idem.

<sup>154</sup> Ibidem, idem.

<sup>155</sup> Ibidem, idem.

<sup>156</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 12/05/2008.

tem como co-autoras e co-executoras as associações de moradores das comunidades dos bairros da Barra, Paraibuna, Santa Bárbara, Sítio e Aparição. É apoiado pela República Federal da Alemanha, pelo Sub-programa Projetos Demonstrativos – PDA do Ministério do Meio Ambiente e pelo Banco do Brasil. Participam como parceiros do projeto: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (SMA) através do projeto Recuperação de Matas Ciliares, Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) através do Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas (PEMBH), Prefeitura Municipal de Cunha, Parque Estadual da Serra do Mar/Núcleo Cunha-Indaiá e Rede Sementes Rio/São Paulo<sup>157</sup>:

E aí a gente aprovou em 2005 o projeto com o Ministério do Ambiente; um projeto grande chamado “Viver na Mata Atlântica”, de estruturação do trabalho no meio rural, consistindo em pregações básicas: a recuperação florestal de matas ciliares e nascentes em torno de 60 hectares da nossa mata; a formação de jovens, uma formação continuada de dois anos; e a produção agroecológica desenvolvendo atividades produtivas e geradoras de renda.

Então, na verdade, como ele é um projeto grande, ele é de R\$ 490.000,00 do Ministério do Meio Ambiente e tal, ele acabou puxando muito a ação da Serra Acima a partir de então, porque é a primeira vez que a Serra Acima consegue constituir uma equipe técnica, consegue constituir... ter carros, se estruturar. As ações aí no meio urbano, ela ficou mais restrita ao trabalho que a gente já vinha fazendo de administração da Casa Abrigo, porque também acabou os recursos que financiavam as oficinas no meio urbano, que eram recursos bem pequenos da Secretaria, e aqui é o projeto né, “Viver na Mata Atlântica”. Então, assim, a Serra Acima, ela sai de um patamar de recursos, na época que você conheceu, ela administrava em torno de R\$20.000,00 por ano e aí ela passa a administrar em 2006 um montante de R\$180.000,00, R\$200.000,000 por ano. Bom, a Serra Acima também, ela dá um salto assim, né, de estrutura, de capacidade de execução de ações e tudo.<sup>158</sup>

O carro-chefe da associação é o projeto Viver na Mata Atlântica. Trata-se de importante iniciativa que contempla a recuperação de mata ciliar e de nascentes, contribuindo para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica. O referido projeto também busca potencializar a agricultura familiar e a agroecologia por meio da introdução de agroflorestas. Estas são introduzidas como técnicas de cultivo que associam de forma harmônica a recuperação florestal e a produção agrícola a partir de

---

<sup>157</sup> Idem.

<sup>158</sup> Ibidem, idem.

quatro categorias de espécies: as nativas, as exóticas, as agrícolas e as adubadeiras.<sup>159</sup>

O projeto Viver na Mata Atlântica, através de uma de suas ações complementares, foi aprovado pela Bolsa de Valores Social e Ambiental de São Paulo, BVS&A, no final de 2007. Investidores sociais, tanto pessoas físicas como jurídicas, podem adquirir ações referentes a este projeto, cuja nomenclatura ficou definida como *Formação de Jovens e Cadeias Produtivas Agroecológicas*, o que significa mais uma fonte de receita para a Associação Serra Acima.

Segundo extrato socioambiental que acompanha o extrato das posições acionárias de todos os acionistas com papéis custodiados por corretoras registradas na BOVESPA, o projeto da Associação Serra Acima é um dentre dezenas de projetos listados em todo o Brasil. De um total de R\$ 140 mil lançados em ações, restam ainda R\$ 46.571,00 disponíveis<sup>160</sup>.

A restauração de condições de vida no espaço rural é essencial, fundamental e vital para a manutenção de um cenário propício ao fomento de práticas culturais, econômicas e políticas no espaço rural de Cunha, subsidiando as importantes cadeias produtivas ligadas ao pinhão, contribuindo para o sustentáculo para eventos como a Festa do Pinhão, e também o contexto ambiental de atuação das folias da Festa do Divino Espírito Santo. A fragilidade do espaço rural é diretamente proporcional ao grau de articulação das culturas subalternas em suas distintas gradações.

A Associação Serra Acima vem manifestando preocupações que foram diagnosticadas por meio do projeto Viver na Mata Atlântica, ao apontar três problemas básicos e muito graves: o êxodo rural, sobretudo da população jovem que não acredita na perspectiva de ganhos econômicos no espaço agrário cunhense; a degradação das nascentes, o que certamente comprometerá a qualidade da água e a sustentabilidade ambiental das propriedades rurais, colocando ainda mais em risco a questão econômica e; por fim, a conseqüente desarticulação da produção local, dentro dos moldes da agricultura familiar, o que se contrapõe, frontalmente, aos modelos de exploração do espaço rural estabelecidos pela cultura predatória das florestas homogêneas com espécies exóticas principalmente através do eucalipto.

---

<sup>159</sup> Ibidem, idem.

<sup>160</sup> Fonte: Bolsa de Valores Sociais e Ambientais. Extrato socioambiental, Junho de 2008.



Ainda a respeito do projeto Viver na Mata Atlântica, contemplam-se ações de conscientização de jovens por meio da formação de monitores para acompanhar passo a passo a introdução das diretrizes dentro das propriedades, oferecendo aos produtores rurais um apoio técnico e operacional. Experiências neste sentido já surgiram efeito na região do Sertão de Santa Bárbara, bairro rural com aproximadamente cento e vinte famílias:

Temos conseguido evoluir muito assim, tem trazido uma nova perspectiva de trabalho no meio rural a partir da organização que, por exemplo, a gente tem um grupo que esta produzindo, esta com morango plantado agora e a perspectiva deles é de colher uma tonelada de morango, onde Cunha não tinha produção de morango em maiores escalas, associada à produção. [...]

A gente produz sem veneno, sem agrotóxicos, mudança de paradigma e a gente trabalha nessa perspectiva de desenvolvimento rural sustentável.<sup>161</sup>

Geração de renda, manejo sustentável do solo, preservação de nascentes e matas ciliares e desenvolvimento econômico e social são ganhos articulados, inseparáveis. Acresça-se ainda o favorecimento incomensurável do campo cultural, onde se tem um cenário favorável para a consolidação efetiva de vínculos entre a população e o território o que contribui tremendamente para a reprodução das práticas cotidianas especialmente as centradas nas celebrações e nas festas populares. Neste sentido pode-se afirmar que as experiências subalternas passam a ser articuladas com o processo de educação política de segmentos sociais. Política concebida como campo indissolúvel do cotidiano, trazendo a expressão de subjetividades e de inquietações.

Concorda-se com Milton Santos<sup>162</sup> que analisa esta conjuntura agregando três elementos que foram dispostos anteriormente conformando um bem construído tripé que se articula ao estabelecer vínculos altamente edificantes com as práticas cotidianas elaboradas pelas classes subalternas:

É necessário abrimo-nos a outras soluções, fundadas no tripé: Território, Cotidiano, Cultura. Gente junta, que cria trabalho. Gente reunida é produtora de economia, criando, conjuntamente, economia e cultura. E sendo produtora de cultura, também é produtora de política. O país “de baixo” é uma fábrica de manifestações genuínas, representativas, autênticas. É aí que se encontra a riqueza da improvisação. Essas formas espontâneas, ou quase, tanto são alimentadas das tradições quanto das inovações. Esse mundo dos homens lentos é que lhes permite fruir, gozar, ampliar a cultura

<sup>161</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 12/05/2008.

<sup>162</sup> SANTOS, Milton. *Lazer popular e geração de empregos*. In: *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/World Leisure and Recreation Association, 1998, p. 35-36.

territorializada, onde se dá a fusão entre tempo e lugar, como expressão da vida em comunhão, na solidariedade e na emoção.

[...]

Esse cotidiano de um lado aparece como coerência do grupo com seu entorno, com o meio, com o lugar, produzindo manifestações que, por essas raízes, são dotadas de força, e, de outro, permite a produção da transgressão, isto é, a capacidade de não aceitar o estabelecido, tanto na idéia, quanto na prática. Aliás, essa é a única forma de produzir o futuro.

No horizonte de possibilidades, mais do que de certezas, da historicidade está colocada ao Homem a perspectiva de edificar seu próprio destino, sem se ater às falácias propagadas e alardeadas, como que através de trombetas do apocalipse, que anulam o campo hodierno das construções materiais e simbólicas inerentes à vida das diferentes e singulares comunidades anunciando o fim dos tempos. O tempo histórico e o devir caminham nesta eloqüente tarefa que permeia a todo instante os mais diferentes segmentos sociais em distintas regiões do mundo, mas que são unificados por um sentimento que congrega pessoas carentes materialmente, mas detentoras de força tamanha para empreitar tal iniciativa.

## CAPÍTULO II – A FESTA POPULAR COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO

O modo de reprodução do capital, ao fragmentar a individualidade em condicionamentos e práticas alusivas à acumulação e ao consumo de infindáveis bens, contribui para reprimir e deslocar sujeitos coletivos e individuais para longe de processos ascencionais de conscientização e de vivência, ambos apoiados em valores presentes nas relações cotidianas. Estas assumem relevante papel na construção de novas identidades amalgamadas diante de processos de simbioses e de sincretismos em distintos níveis, evidenciando câmbios culturais impregnados de características salutares e atrativas em relação ao ponto de vista acadêmico.

A cultura, concebida como processo material e simbólico, trazendo à tona as relações entre comunidades com seu repertório ideológico, seguindo a definição traçada por Nestor Garcia Canclini<sup>163</sup>, se apresenta como fator inseparável da cotidianidade, presente nos modos de vida e nos mecanismos de adaptação de distintos grupos. Estes modos de vida são construídos e cadenciados paulatinamente pelas classes sociais cristalizando linha estreita entre o cotidiano e os fatores culturais. A partir do cotidiano as categorias subalternas presentes na sociedade constroem suas relações com o mundo além de amplificar as dimensões culturais, econômicas, políticas e sociais integrando-as. Ao mesmo tempo passam a intercalar experimentações com mecanismos salutares de criação, conforme os argumentos de Maria Nazareth Ferreira:

Tais manifestações culturais têm grande participação popular, envolvendo comunidades, associações, sindicatos e entidades culturais. É interessante observar a força cultural que continua se manifestando através destas formas de participação.

[...]

A exuberância destas manifestações põe em destaque a criatividade das populações subalternas, que sabem usar sua imaginação e sua arte para reverenciar suas crenças, muitas vezes superando dificuldades materiais para celebrar seus rituais.<sup>164</sup>

---

<sup>163</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor & RONCAGLILOLO, Rafael. *Cultura transnacional y cultura popular*. Lima: IPAL, 1988, p. 29.

<sup>164</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *As expressões da cultura popular no contexto da modernização acelerada*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.). *Globalização e identidade cultural na América Latina – A cultura subalterna no contexto do neoliberalismo*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2008, p. 79-80, 2ª edição.

As classes subalternas resignificam os papéis em relação aos territórios no sentido de criar formas de sobrevivência e de identificação, resistindo e contrapondo-se aos modelos embebidos pelo capital que oprime esta faceta. Dentro do pensamento de Maria Nazareth Ferreira<sup>165</sup> o cotidiano e a cultura constituem dois vértices inerentes a um mesmo movimento, tendo em vista que:

Tornando-se a cultura em seu sentido amplo, pode-se considerar que é no espaço cultural, na cotidianidade, portanto, que se dão as relações da classe subalterna com o mundo material e com as classes hegemônicas; as exposições aos valores modernizadores da cultura hegemônica; as manifestações das formas adaptativas, de resistência e de recriação do uso das mensagens que recebem, gerando formas peculiares de participar do mundo.

Dentre as *formas peculiares de participar do mundo*, conforme as palavras da pesquisadora, as festas populares tornam-se manifestações que clarificam significados ao revelar valores inerentes às culturas subalternas. Revelam-se, doravante, como mecanismos concretos de estudo do cotidiano, presentificando formas de criação, de expressão e de resiliência dando vazão, enfim, à subjetividade. As festas populares agem como sistemas de comunicação que passam a transmutar ao longo do tempo ideologias, significados e valores; surgem à tona em espaços físicos situados mediante caracteres geográficos e, concomitantemente, condicionados pelos processos históricos através dos quais são colocadas tensões em diferentes aberturas e clivagens, ou seja, em pontos de complacência, por meio das atuações de gradações subalternas que protagonizam tal fenômeno.

As sobreditas celebrações constituem um momento de participação e de ritualização em moldes coletivos em uma dimensão situada no tempo festivo, um tempo extraordinário que sai das rédeas do ciclo temporal comumente banalizado. Surge a dialética entre tempo cotidiano e tempo extraordinário; este último, por sua vez, provoca importante desfecho de vazão do imaginário, despertando para tal atributo a coletividade participante.<sup>166</sup> Esta ritualização acrescenta ao todo simbólico dos protagonistas integrantes das festas populares aspectos não constituintes do cotidiano banal e hodierno, que se apresenta de forma dura e implacável em face das deprimentes condições sociais que marcam a vivência das classes populares. Através

---

<sup>165</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Globalização e identidade Cultural na América Latina*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.). *Globalização e identidade cultural na América Latina – A cultura subalterna no contexto do neoliberalismo*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2008, p. 23, 2ª. edição.

<sup>166</sup> Ver: DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

dos ritos são construídas relações dialéticas entre os sujeitos responsáveis pelos momentos intrínsecos às festas populares, dando vez ao papel dos intelectuais - agentes conscientes e politizadores – presentes por meio das figuras de festeiros, mestres e párocos diante dos devotos e demais participantes.<sup>167</sup>

Nos campos subalternos, não oficiais e não legitimados pelas grandes corporações transnacionais e pelas grandes mídias, são postas práticas populares calcadas na ruptura do racionalismo e da rigidez da cultura hegemônica, que traz elementos portadores de maniqueísmos entre bem e mal, certo e errado, céu e inferno etc. Nesta ruptura aparecem ressurgências subalternas dadas pela experimentação permeada por meio da ambigüidade e da volatilidade de atributos culturais, mas nunca pela permanência enrijecida. Constrói-se assim um *estatuto movedizo y cambiante puesto que más pragmático que ontológico de lo verdadero y lo falso*.<sup>168</sup>

As festas populares incorporam uma apropriação e uma expressão de uma determinada linguagem simbólica, de grande valia às classes subalternas, conforme as argumentações de Vittorio Lanternari.<sup>169</sup> Segundo o pesquisador italiano estas características são de considerável teor tendo em vista a precariedade existencial das condições de vida e as investidas da cultura hegemônica, priorizando o consenso comunicacional, a anulação dos sujeitos como instrumentos de politização e a irracionalidade promovida pelo mercado de consumo, entidade destrutiva da civilização, que ignora os sentidos plenos da vida humana, assim como os limites e as tolerâncias do planeta.

Desta maneira o fenômeno festivo se revela como contraponto essencial à existência ordinária. À luz das depreciações em relação às possibilidades de sobrevivência, fundamentadas no *modo operandi* do capital e advertidas por Lanternari, a festa popular situa-se num nível de inserção junto da identificação social e da solidariedade de indizíveis comunidades dentro de um contexto cotidiano.<sup>170</sup> Tais aspectos contrapõem-se a algumas situações vivenciadas pelo homem diante das mais complexas demandas da pós-modernidade, em especial às que afloram ansiedade, debilidade, dor, impotência e precariedade. O sentimento presente na festa popular

<sup>167</sup> AFONSO, Marcelo, BONFIM, Camila Carrascoza & FERREIRA, Maria Nazareth. *A produção cultural das classes subalternas*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) *Identidade cultural e turismo emancipador*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2005, p. 51 e 52.

<sup>168</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los médios a las mediaciones - Comunicación, cultura e hegemonía*. Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili, 1987, p. 74.

<sup>169</sup> LANTERNARI, Vittorio. *Festa, carisma, apocalisse*. Palermo, Itália: Sellerio editore, 1989, p. 21.

busca ofuscar tal situação, combatendo a ética individualista,<sup>171</sup> neutralizando a negatividade da vida e despojando o ser humano na medida em que este assume consciência perante situações que passam a ser valoradas tendo em vista o acúmulo de tão densas e ricas experiências e práticas hodiernas.

A festa popular demanda, na visão de Lanternari, dois componentes essenciais para uma metodologia de pesquisa acadêmica e científica de tão desafiador e sedutor fenômeno. O primeiro deles diz respeito ao caráter psicológico, inserido em uma atmosfera, *a priori*, participativa, portadora de uma densa conotação simbólica, mítica e milenar, tendo a função de catarse. O segundo componente trata do viés institucional, ou seja, a festa popular como fator de organização comunitária, sujeita a uma série de regulamentações ditadas por gestores das mais diversas gêneses.<sup>172</sup>

O caráter dinâmico, diverso, plural e sincrético das festas populares afasta a concepção positivista que diminui este fenômeno e o condiciona como evento folclórico ou como bibelô turístico. A festa popular se coloca numa posição exatamente contrária, reafirmando as trocas culturais dentre os grupos partícipes e assumindo alternâncias, cadências e dinamicidades como fatores preponderantes, perfazendo um sistema de comunicação e não um movimento de passividade silenciosa e submissa. Através de tal processo comunicacional passam a ser perpetuadas experiências culturais forjadas ao longo do tempo histórico. Desta forma as festas populares tornam-se capacitadas para reproduzir a dialética permanência e mudança a partir dos processos de simbioses:

**Deve ser uma comunicação simbólica, entre o tradicional e o contemporâneo, entre grupos de natureza distinta; e não uma formação monótona de manifestação de comunidades homogêneas. Só assim ela será popular por conter várias dimensões sagradas, e *simultaneamente*, várias dimensões profanas.**<sup>173</sup>

Estabelecer uma articulação coesa entre passado e presente e entre profano e sagrado é fator sobressalente para a devida análise das feições presentes nas festas populares. A partir desta característica celebrações, costumes, encenações, experimentações, louvações, procissões, ritos e sagras caminham de modo que tais

---

<sup>170</sup> Idem. p. 25.

<sup>171</sup> Idem, ibidem, p. 36.

<sup>172</sup> Idem, ibidem, p. 26.

<sup>173</sup> OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro. *As Festas Populares: Formas Turísticas do Sagrado e do Profano*. 2008, p. 4.

atributos passam a forjar na cotidianidade o espaço e o tempo festivo transmutando um legado ancestral de significado incomensurável. Na América Latina povos primitivos como *coras*, *huicholes*, *purepechas*, *quechuas*, *tarahumaras* e *tepehuanos* realizam até os dias de hoje celebrações ancestrais mesclando natureza e religiosidade em movimentos contínuos de simbiose. O exemplo equatoriano dos *quechuas*, remanescentes do período pré-colonial, revela a vivacidade lingüística mantida pelo uso do idioma primitivo impugnando o idioma espanhol trazido durante a dominação.<sup>174</sup> Alguns dos povos nativos mexicanos situados ao Sul do país, junto de *Sierra Madre Occidental*, próximo ao planalto de *Chihuahua*, região de Pancho Villa e de Emiliano Zapata, mentores da Revolução Mexicana de 1910, conduzem rituais que celebram a natureza como divindade, misturando o catolicismo com águas, estrelas, lua e sol.<sup>175</sup> Na vida cotidiana utilizam “*a madeira da região em arados para cultivar a terra e conversam entre si em uma língua uto-asteca que lembra o gorjeio de pássaros e dançam dias a fio para agradar a uma divindade associada tanto à liturgia cristã quanto ao sol.*”<sup>176</sup>

A contemporaneidade trouxe severas mudanças a estes povos. Os *huicholes*, em especial, lutam pela defesa de suas terras contra a chegada de especuladores que exploram a madeira e outros recursos naturais de modo descabido. Os *tarahumaras* se sentem ameaçados tendo em vista a crescente demanda turística que marca não apenas o México, mas outros países da América Latina, sobretudo o Caribe. Esta demanda traz centenas de empreendimentos e uma relação assimétrica e desproporcional entre cultura, demandas sociais e economia. Neste caso específico os dados são reveladores: quatro mil quartos, quinhentos locais para acampamento e mil e quinhentas vagas para *trailers* com objetivo a dar suporte a quinhentos mil turistas por ano, a maioria norte-americanos.<sup>177</sup> Esta relação altera abruptamente o vínculo salutar com atributos que são inerentes às celebrações festivas, reveladoras de uma essência existente no seio das civilizações humanas. Comidas, danças, natureza e demais ritos fundem-se em um mesmo movimento orgânico:

---

<sup>174</sup> Ver: FERREIRA, Maria Nazareth. *Um exemplo de resistência cultural*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.). *Globalização e identidade cultural na América Latina*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2008, p.103-113, 2ª. edição.

<sup>175</sup> *Estranha peregrinação à Sierra Madre*. National Geographic Brasil, Junho 2000 – Vol 1, No. 2, p. 66.

<sup>176</sup> Idem, p. 54.

<sup>177</sup> Idem, p. 53.

Todas as danças da festa do jículi [peiole] ocorriam ao ar livre, no pátio. Ali eram feitos os preparativos, dos quais o mais importante consistia em moer o jículi, uma operação realizada com a máxima seriedade por duas mulheres, enquanto na extremidade sul ferviam nada menos que 20 grandes panelas de tesguino [bebida ritual feita de milho fermentado].<sup>178</sup>

As festas populares, como categorias da cultura, passam a portar mais um artefato em prol da identidade cultural na medida em que representam um conjunto de práticas representativas de povos, primitivos ou posteriormente miscigenados, que, na atual estrutura de reprodução desigual da sociedade nas economias de mercado, são sintomaticamente obliteradas. Isto de tal sorte se revela a favor das aparagens de diferenças e de rugosidades culturais, na tentativa de reprimir e de eliminar os nuances destas gradações subalternas:

Diante dessas colocações e indagações ganham relevância as tentativas de investigar os fenômenos capazes de *transportar ao longo da história as experiências culturais dos povos, buscar a verdadeira face de um povo, moldada através da cultura/história e extrair os elementos de identidade mais significativos de uma cultura*. É nas investigações que se esforçam para não abstrair a história que aparecerão os elementos das identidades daqueles que historicamente a tiveram aviltada, mutilada e, muitas vezes, negada e destruída.<sup>179</sup>

A presença de grupos de congada nas festas populares cunhenses é um elemento testemunho do referido processo. A Festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Estância Climática de Cunha, celebrada em feriado municipal em 8 de Dezembro, demonstra uma vinculação entre diversas categorias culturais amalgamadas pelo cristianismo através de atributos oficiais e populares. A procissão no dia da Festa é marcada por integrantes da religiosidade católica oficial tendo logo em seu início os ministros da Eucaristia. Um deles, situado ao centro, porta cruz processional com adornamentos dourados. Os demais, situados nas laterais, trajam vestimentas vermelhas e seguram tocheiros processionais e demais objetos sagrados utilizados nas celebrações eucarísticas. A seguir, a procissão traz integrantes da companhia de moçambique de Cunha, em louvor a São Benedito, que se apresenta no encerramento das festividades na Praça Cônego Siqueira, à frente da Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Trata-se de grupo constituído por voluntários, marginalizado pelo Poder Público local prejudicando a reprodução da referida prática para

---

<sup>178</sup> Idem, p. 77.



contingentes da população jovem de Cunha. Estes baluartes da resistência cultural exercem a tarefa primordial de manter significativo traço de identidade cultural e de valor social. Historicamente conhecido como santo louvado por afro descendentes e por contingentes pobres da população, São Benedito passa a constituir parte integrante das referidas festividades, representando um elemento da religiosidade popular incorporado para junto da religiosidade oficial. Os coroinhas, auxiliares nas eucaristias e devotos de ambos os gêneros, surgem logo em seguida, antecedendo a aparição do pároco, dos demais padres e de alguns auxiliares. Estes preparam caminho para o aparecimento da imagem de Nossa Senhora da Conceição, carregada por fiéis provenientes da população local, sendo acompanhada por meninas paramentadas com trajes de anjos celestes.

Figura 08 – Festa de Nossa Senhora da Conceição:  
Apresentação da Companhia de São Benedito



Vestígios subalternos: Bastões, guizos, túnicas vermelhas e vestimentas brancas são elementos constituintes da indumentária da Companhia de São Benedito, grupo de moçambique cunhense que se apresenta na Festa em louvor à Nossa Senhora da Conceição.  
Foto: Henrique Alckmin Prudente – DEZ/2008.

Tais populações passam a representar por meio dos processos simbólicos das festas populares elementos naturais, muitos de ordem material, e também elementos imaginários que se vinculam com vistas a uma renovação do entendimento do universo.<sup>180</sup> Através destas representações são reveladas as visões sociais de mundo

<sup>179</sup> NOGUEIRA, Silas. *As Possibilidades Políticas dos Estudos das Festas*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) *Identidade Cultural e Turismo Emancipador*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2005, p. 83.

<sup>180</sup> LANTERARI, Op. cit. p. 13-15.

capazes o suficiente para recondicionar as débeis relações do homem com a natureza e com seu próprio semelhante:

Entender o cotidiano como espaço de criação e de luta mas também espaço de passividade e alienação implica em saber negá-lo (*tempo ordinário ou cotidiano*) e reafirmá-lo (*na luta pela vida, na sua cotidianidade*) para conhecê-lo no movimento, nas suas possibilidades de revelação.<sup>181</sup>

No Brasil as festas populares estão cercadas por um hostil cenário em que desponta o Estado Nacional com gênese autoritária e repressora, reproduzindo as contradições sociais latentes de modo a amplificar a desigualdade. Esta origem, vinculada com os elementos constituintes do Estado Português, centralização burocrática, clientelismo, paternalismo, dentre outros, modela na contemporaneidade as práticas deste Estado articulado com estamentos hegemônicos fundamentais, tais como a burocracia tecnocrática e os grupos políticos integrantes do patético rol nacional, brasileiro e lusitano.

Diante da consolidação das festas populares como contrapontos às condições dadas anteriormente são geridas condições de superação de hierarquias e de certos desníveis econômicos e sociais inerentes à estrutura das classes nas quais relações de poder passam a se sobrepor às relações culturais porque reforçam interesses dos setores hegemônicos preponderantes que integram aparelhos do Estado.

Em suma, as festas populares como categorias culturais são cadenciadas pelas condições históricas reais, percebidas, sentidas e vividas pelas classes subalternas. Diante disto, ao não reproduzirem as mesmas relações de dominação mediadas pelo capital diante do objetivo imediato da acumulação e da concentração de poderes e de riquezas, algumas das festas populares cunhenses, em especial as de apelo religioso, caminham em direção diversa, protagonizando outros sentidos e significados:

Ora, seres e objetos culturais nunca são dados, são *postos* por práticas sociais e históricas determinadas, por formas de sociabilidade, da relação com o visível e o invisível, com o tempo e o espaço, com o possível e o impossível, com o necessário e o contingente. Para que algo seja *isto ou aquilo e isto e aquilo* é preciso que seja assim posto ou constituído pelas práticas sociais.<sup>182</sup>

Ao inestimável arcabouço histórico e festivo presente no território cunhense somam-se as louvações populares em torno de Sá Mariinha das Três Pontes. A figura

<sup>181</sup> NOGUEIRA, Silas. Op. cit. p. 85.

<sup>182</sup> CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 122.

da antiga curandeira e vidente é merecedora de uma festa religiosa em prol de seus devotos e de seu legado, trazendo as contribuições das comunidades primitivas obtidas mediante a observância da natureza com “*certo pendor religioso e certa ciência elementar da flora*”<sup>183</sup> na obtenção de medicamentos extraídos de plantas em sintonia com o catolicismo popular.

Adilson da Silva Mello<sup>184</sup> assinala que o curandeirismo, sustentado na exploração de recursos naturais nativos do território cunhense, perfaz um cenário no qual se dão bênçãos e rezas construindo parte da diversa e complexa cultura caipira paulista e brasileira, marcada pelo isolacionismo geográfico e, conseqüentemente, social. Estas práticas, realizadas por agentes de diferentes etnias e gêneros, tratam de anseios e de problemas hodiernos em geral e não apenas de questões cabíveis à salubridade. Acrescente-se ainda o significado ímpar da presença da figura da mulher, fator advertido por Marilena Chauí,<sup>185</sup> como um dos sintomas de uma real emancipação motivada pelos traços culturais intrínsecos a uma base territorial e a um movimento histórico:

Não só a divisão de classes é mantida e ritualmente reforçada, como também o predomínio masculino. São poucas as atividades religiosas femininas, em geral sob comando de uma chefia masculina, normalmente a do padre ou dependente do saber do padre – rezas e benzimentos, frequentemente ligados às atividades atribuídas às mulheres, isto é, às necessidades da casa e da família.

Ao abordar Cunha por outros campos acadêmicos Emilio Willems<sup>186</sup> destaca as festas religiosas como fatores de coesão social, atentando para a mobilização em torno das devoções e das louvações como processos de construção de uma identidade cultural, cunhada sob uma base política e social, envolvendo formas de participação que transcendem as dificuldades, em especial da população rural, superando empecilhos dos mais variados à luz das difíceis condições de vida existentes neste meio:

Importantes fatores de integração são as festas religiosas, principalmente as que atraem grande número de moradores mais distantes lembrando-lhes “que são cunhenses” e partes de uma comunidade maior do que aquela formada apenas pelos moradores de

<sup>183</sup> MELLO, Adilson da Silva. *Sá Mariinha das Três Pontes – Aspectos da religiosidade popular na cidade de Cunha*. Aparecida: Santuário, 2000, p. 183.

<sup>184</sup> Idem, p. 182.

<sup>185</sup> CHAUI, Marilena, Op. cit. p. 126.

<sup>186</sup> WILLEMS, Emilio. *Cunha: Tradição e transição em uma cultura rural no Brasil*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Diretoria de Publicidade Agrícola, 1947, p. 81.

seu bairro. As cerimônias finais da Semana Santa reúnem de quatro a cinco mil pessoas na cidade. De significação social ainda maior é a Festa do Divino.

A integração a que se refere Willems precisa ser costurada por agentes sociais, pessoas que atuam no campo da gestão de tais festas populares, podendo ser membros da comunidade eclesiástica ou apenas devotos. Tratam-se dos intelectuais, sujeitos politizados que atuam como articuladores sociais, construindo laços de coesão entre diferentes segmentos. Estes são mobilizados sendo que o trabalho social gerado, o todo, extrapole a soma das partes porque é acrescido de valores importantes como devoção, honestidade, respeito e responsabilidade.

Marilena Chauí<sup>187</sup> aborda com ceticismo esta característica. Em suas considerações sobre o quadro cultural nacional a pesquisadora visualiza dentro do chamado catolicismo popular relações semelhantes às encontradas em corporações estatais e privadas que reproduzem, em outras escalas, as contradições inerentes à sociedade de classes construídas no seio do sistema capitalista. Chauí ainda considera que, dentro do mecanismo de gestão das festas populares, em especial as religiosas e pensadas no universo rural, tal como a Festa do Divino Espírito Santo da Estância Climática de Cunha, os festeiros acabam por subordinar os devotos na medida em que atuam como distribuidores do alimento quando da culminância das celebrações:

É difícil admitir que o popular da chamada “Igreja do Povo” contra a “Igreja do Padre”, isto é, o catolicismo devocional, seja inteiramente “popular”. De fato [...] se esse catolicismo pode ser dito popular porque se organiza à margem da Igreja Católica oficial e, em certos casos, contra ela, seus fiéis, no entanto, não constituem uma comunidade, mas se apresentam divididos pelas condições sociais de existência. Sendo um catolicismo rural, seus membros pertencem a classes sociais da sociedade agrária: fazendeiros (grandes e médios proprietários), sitiantes (pequenos proprietários), comerciantes e lavradores (podendo ser meeiros, arrendatários, foreiros ou simples assalariados). As relações entre eles se efetuam em formas diversificadas, mas prevalecendo a de patrão-empregados (no plano econômico), padrinho-afilhado (no plano social do parentesco ou do compadrio), festeiro-foliões ou “escravos do rei” (no plano religioso) e chefe político-eleitores (no plano político).

Em todas essas relações a divisão é clara: do lado do proprietário há *favor* (feito pelo patrão-padrinho-festeiro-chefe político) e do lado não-proprietário há *dívida* (contraída pelo empregado-afilhado-compadre-folião-eleitor). Pela patronagem, o primeiro se apresenta como benfeitor e distribuidor de bens (o fazendeiro que permite ao empregado o uso de parte da terra para a cultura de sobrevivência; o padrinho que “nos fez cristão”; o festeiro que distribui comidas e donativos; o chefe político

<sup>187</sup> CHAUÍ, Marilena. Op. cit. p. 124.

que traz benefícios aos seus eleitores). A dívida é material (o lavrador que abandona seu roçado para trabalhar para o fazendeiro no momento em que este desejar), moral (por parte de afilhados e compadres) e espiritual (o folião que abandona seu trabalho para dedicar-se à preparação da festa para o festeiro).

As “*condições sociais de existência*” se colocam como fatores estruturais da sociedade brasileira, modelada por processos históricos de uso e ocupação do solo, acompanhados por meios de exploração social, e pela atuação de um Estado construído e modelado como um aparelho repressivo portador de vícios tais como autoritarismo, centralização, mandonismo e preconceitos.

As festas populares de natureza libertária situam-se no campo de construção da hegemonia, ou seja, como categorias da cultura sendo esta um fator de contestação e de reprodução da vida social dando suporte ao engajamento político e à transformação da realidade. A existência de elementos hegemônicos nas manifestações subalternas, nas palavras de Jesús Martín-Barbero<sup>188</sup>, não necessariamente significa que os gradientes populares são reprimidos. Trata-se de uma outra lógica que passa a incorporar outros sentidos dentro das relações pelas quais permeiam os diversos agentes responsáveis pelas celebrações festivas.

O princípio da condução de uma categoria cultural, neste caso as festas populares, por parte do trabalho de um ou mais intelectuais é para Antonio Gramsci<sup>189</sup> elemento inseparável do processo de identidade das classes sociais. Ao intelectual que conduz, dirige e esclarece cabe a função primeira de exercer a mediação entre o universo das superestruturas e o concreto duro e pesado, a plataforma material, de onde tudo parte:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político...

O ato de doação dos devotos ao festeiro, intelectual dirigente das festas populares, em especial da Festa do Divino Espírito Santo da Estância Climática de Cunha, faz transparecer muito mais um vínculo de fé do que um vínculo de subordinação, este comumente inexistente de acordo com as experiências de campo

<sup>188</sup> MARTÍN-BARBERO, Op. cit. p. 87.

<sup>189</sup> GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 3.

desta pesquisa. Revelando-se um persuasor diante das deliberações de angariar recursos materiais e dotados de uma “*condição humanística histórica*”<sup>190</sup> os festeiros agem com determinação a ponto de cumprir as metas traçadas em relação ao montante de arrecadações. São motivados pela fé e pelo respeito ao Divino Espírito Santo, ao mesmo tempo em que as atitudes dos devotos também demonstram tais aspectos.

Em um dos depoimentos colhidos junto de antigos festeiros que atuaram na Festa do Divino Espírito Santo de Cunha há o retrato do real significado da devoção como fator de mobilização em torno de uma imperiosa e nobre causa: a organização da Festa. O caso relatado por um devoto e ex-festeiro sobre um proprietário rural que se recusou a oferecer pouso à Folia do Divino, há quase quatro décadas, fez um “*castigo*” cair de forma implacável sobre o mesmo. Sendo cargueiro, encarregado que tem a incumbência de carregar objetos, roupas e vestimentas da Folia, este festeiro foi solicitar pouso em distante bairro rural e assim foi recebido pelo senhor: “*Ah. Não posso dar pouso porque estou com feijão pra bater no andaime, o sol está bão. Vou aproveitar pra bater o feijão. Hoje não vai dar pra dar o pouso.*”<sup>191</sup> Postas estas condições o festeiro não abriu mão de sua tarefa. Continuou persistentemente à busca de abrigo e conforto para a Folia tendo conseguido pouso na propriedade seguinte onde foi recebido com cortesia: “*Dá o pouso, não ta arrumado, mas a gente dá um jeito. Isso aí, rapidinho. Aí nós arruma, pode, pode deixar o cargueiro aí.*”<sup>192</sup> Contanto de forma pormenorizada o ocorrido o devoto assinala com tenacidade o desfecho do caso:

Aquele senhor que não deu o pouso, porque ia bater o feijão, sabe o que aconteceu? Ele, ele batendo o feijão e... e... encostando de lado. Pra depois abanar pra... preparar pra ensacar. Quando foi ali pra uma hora, mais ou menos, da tarde, já do meio dia em diante, começou... fez uma nuvem assim no céu e despejou água. Começou a chover. Aquele feijão que tava, já tava pronto pra abanar foi tudo pra água. Depois, depois de três dias a turma parava na bica assim e caia feijão assim... rodou tudo. Foi tudo embora. Isto foi castigo também, né? Recebeu como castigo, por não ter dado o pouso. Ele achou que aquele feijão que ele estava colhendo valia mais do que a chegada... (referindo-se à chegada da Folia do Divino).<sup>193</sup>

---

<sup>190</sup> Op. cit. p. 8.

<sup>191</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 18/07/2009.

<sup>192</sup> Idem.

<sup>193</sup> Idem, ibidem.

Outro episódio, significativo para a apreensão das relações que constroem a devoção em uma festa popular religiosa, como a Festa do Divino Espírito Santo de Cunha, também foi descrito por um antigo festeiro e ex-integrante da Folia. O fato acontecera há cerca de cinquenta anos também dentro das atividades da Festa do Divino e remete a estranho acontecido: o desaparecimento repentino do Divino de uma das Bandeiras portadas por um dos foliões. Interpretado por este mesmo interlocutor, o fato anormal significou que algo dentro da casa ou em relação aos seus moradores teria afastado o Divino Espírito Santo daquela incomum visita:

Eu... nós chegamos numa casa, o Divino não chegou na casa. O Divino ficou. Nós chegamos na casa, quando começamos a cantar, o Divino não estava na Bandeira. Aí nós cantamos tudo. O homem deu ajuda, deu ajuda, até que nós saímos pra fora da cerca, o Divino já tinha voltado na Bandeira. Aí o, o, o... alferes que colhe a oferta, pegou... *Mais o que aconteceu? Eu sentado lá não vi o Divino, agora o Divino está aqui.* Aí o mestre da Folia disse: *Alguma coisa está errado aí.* Aí o alferes leva a mão assim no bolso pra ver a oferta que o homem tinha dado, a oferta sumiu. Sumiu na hora assim. De certo ele falou alguma coisa. Antes do Divino chegar ele falou alguma coisa que não bateu bem, naquela hora ali. Sumiu, o dinheiro sumiu. Este dinheiro certamente o dinheiro voltou pro dono outra vez, porque...<sup>194</sup>

Um terceiro feito, desta vez relativo à Festa de São José, uma das mais tradicionais da Estância Climática de Cunha, reporta a ação de um antigo festeiro desta mesma celebração e que também fora em ocasiões passadas integrante da Folia do Divino Espírito Santo. Ocorrido no Bairro da Catióca, antiga sesmaria cunhense que chegou a pertencer à Vila de São Fransisco das Chagas de Taubaté, primeira vila do Vale do Paraíba, o fato discorre sobre estranhamento e richa ocorrida entre católicos e evangélicos. Este festeiro teria a incumbência de, ao receber indicação de um amigo católico, se dirigir até a propriedade de um crente para a obtenção de recursos para a referida Festa: *“E eu muito é... muito de boa fé, segui o caminho praquela lado que o católico mandou eu”*. Até que chegando junto dos domínios da propriedade foi recebido pela esposa do crente com rispidez: *“Aí fui recebido e... a esposa recebeu, destratou comigo, xingou eu que a religião dela não permitia, aí eu peguei e falei pra ela: ‘Jesus é um só. Só tem diferença a religião.’ Aí falou, ela pegou e falou pra mim assim: ‘Não, pode, pode sair daqui do mangueiro’”*.<sup>195</sup> Resignado pelo tratamento hostil o antigo

---

<sup>194</sup> Idem, ibidem.

<sup>195</sup> Idem, ibidem.

festeiro se retirou da propriedade e, em seguida, deparou-se com perplexidade com um estranho fato:

Sai, não andei cinqüenta metros... Ah... ela teve um castigo divino, porque ela não devia ter... né? É... porque a educação dela, ela devia tratar eu com mais respeito, né? Porque eu tava, eu não estava pedindo pra mim eu estava pedindo pa fazer a Festa... Aí eu peguei sai e vim embora. Aí andei cinqüenta metros, uma vaca ficou louca dentro do mangueiro, estourou o mangueiro, saiu louca pro campo. Foi o que aconteceu. Ah... faz muito, muito tempo.<sup>196</sup>

Na sobredita Festa de São José este mesmo antigo festeiro se gaba diante do promissor resultado obtido através da doação dos animais: *“Foi das melhor festa que teve de São José foi esta festa ai. Eu tirei na época, sabe quantos bezerro eu tirei? Eu tirei noventa bezerros e três vacas. Foi no ano que eu fui festeiro. Foi um festão. Foi na Boa Vista”*.

Um quarto caso se reporta a uma pata.<sup>197</sup> Ocorrido no bairro Várzea do Gonzaga trata-se de um episódio envolvendo uma pata branca com pinta preta guarnecida pelo proprietário rural para não servir de alimento à Folia, pois era valorizada sobremaneira por seu dono. Contado por um ex-festeiro, alguns dias após a passagem da Folia do Divino pela propriedade a pata branca fugiu e passou a acompanhar a Bandeira do Divino, seguindo o grupo, pouso a pouso, até que um dos foliões, de modo introspectivo, observa isto atentamente e interpreta o fato como sinal de que seria preciso matar a pata branca e oferecê-la ao grupo, ilustrando que nem mesmo uma camuflada recusa de algum bem material, animais ou dinheiro, escapa do julgamento do Divino Espírito Santo.

No bairro do Jacuí, um quinto fato relativo à Folia do Divino se refere a um dono de uma leitoinha e de uma porca. Com a passagem do grupo pedintório este dono, querendo demonstrar fartura e riqueza, ofertou uma porca gorda e sadia ao grupo. Contudo, mais tarde, após foliões terem visitado a propriedade para arrecadar os bens prometidos um inesperado e surpreendente fato ocorre: *“Então foi ver depois nos dia da Festa, o festeiro pegou aquela porca soltou pegou no meio da... do Jacui, lá no fundo mesmo, e ficou uma leitoinha. Deixou uma leitoinha pa dar ao invés da porca... Arrependeu de ter dado a porca né? Deu só de fazer... presença né?”*<sup>198</sup> Como neste universo nada foge aos sentidos do Divino Espírito Santo o orgulho e a soberba do

---

<sup>196</sup> Idem, ibidem.

<sup>197</sup> Idem, ibidem.

<sup>198</sup> Idem, ibidem.



dono da porca foram punidos de maneira contumaz: a pequena leitoa que foi adquirida durante a visita escapou das instalações utilizadas pelos foliões e voltou para a propriedade de origem: *“Aí, aí eles pegaram a leitoinha, trouxeram, escapou daqui e foi pra casa deles. Escapou do chiqueiro aqui e foi embora lá para a casa deles. Voltou pra casa deles. Daí a porca capada né procurou uns três dias, não achou. Quando acho os corvo estavam comendo. Os urubu estavam comendo ela. Aí o Divino, o Divino não quis a leitoa.”*<sup>199</sup>

A reprovação do Divino em relação à porca, morta e, em seguida, devorada por corvos e urubus, transparece diante dos olhos dos devotos e das comunidades encampadas pela devoção, fé e respeito; uma negação de contravalores, no caso a ostentação, na medida em que contribui para enaltecer ainda mais os reais sentidos que edificam a organização destes eventos, baluartes da identidade cultural das classes subalternas:

Aparece que... Pra ele ver que o Divino não brinca. Dá um por grandeza e grandeza e depois dão o menor. Então não falasse marca. Marcasse... e desse... Ele marcou a grande para fazer... grandeza pra pros folião. Mas, se soubesse então desse a pequena. Daí deu a pequena aí a porca tocou longe pro meio do mato... Tocou pro meio do mato lá na frente pra não aparecer na hora de ele dar né? Daí deu a leitoinha. A leitoinha voltou e a porca morreu no meio do mato. Ele deu a pequena que vortou pro chiqueiro dele de novo. Perdeu a grande. E a pequena que escapou daqui do... da fechada aqui, vou embora lá pra casa dele de novo.

A gente, a gente se for dar de coração o que pode. Eu sou assim. O Divino posa em casa, eu faço o que eu posso de coração aberto. Certo? Trabalho, junto... juntou tudo o que é doado, todo o ano eu que junto, dois ou três litros. Então... eu que junto lá. Eles vão lá. Às vezes eles vão lá buscar, mas eu faço de coração, o que eu posso fazer, não de grandeza.<sup>200</sup>

Os casos relatados colhidos nas abordagens empíricas se tratam de condições concretas que, ao serem emersas, encaram a existência da vida transparecendo a idéia do campo cultural como fator de luta e de sobrevivência, ou seja, como campo de possibilidades e do devir histórico em que é construída a hegemonia. Neste campo interagem-se, a todo instante, concepções e sentidos de mundo e de vida. Para Barbero<sup>201</sup> o campo cultural atua em duas frentes: *“...campo estratégico em la lucha por ser espacio articulador de los conflictos. Y en segundo lugar... como cultura popular en*

<sup>199</sup> Idem, ibidem.

<sup>200</sup> Idem, ibidem.

<sup>201</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. Op. cit. p. 85.

*el sentido fuerte, es decir, como ‘concepcion del mundo y de la vida’, que se halla ‘en contraposición... a las concepciones del mundo oficiales.’”*

Esta perspectiva enaltece a importância das culturas subalternas e de uma de suas categorias de análise, as festas populares, como fatores presentes na vida social que agem como alavancas visando uma transformação da realidade. Em conformidade com os pesquisadores do CELACC,<sup>202</sup> a crença religiosa se transforma em força mobilizadora, aglutinando outros acervos e repertórios e contradizendo as mazelas típicas do bojo do modo de produção capitalista:

Promovendo a união dos participantes... a comunidade é fortalecida pelos objetivos comuns da comemoração, gerando solidariedade entre os brincantes, fator importante para a continuidade da cultura destes e para o desenvolvimento geral da comunidade.

A maioria participa destas festas por fé: devoções a santos, obrigações religiosas a serem cumpridas, promessas, o que move as pessoas é a crença religiosa.

---

<sup>202</sup> AFONSO, Marcelo, BONFIM, Camila Carrascoza & FERREIRA, Maria Nazareth. Op. cit. p. 53.

## 2.1. A Festa que não acaba

As festividades centradas na figura do Divino Espírito Santo não se limitam ao território da Estância Climática de Cunha. São resultados da marcante presença do catolicismo plasmado na conjugação dos Estados Modernos europeus, sobretudo o Estado Português, em fins da Idade Média. Neste sentido uma recuperação da historicidade da Festa do Divino Espírito Santo se torna primordial para a configuração de um breve bosquejo para que, posteriormente, a Estância Climática de Cunha possa estar situada como uma das espacialidades das festividades do Divino Espírito Santo. Tal fato ocorre de forma similar em muitas outras localidades brasileiras, paulistas e valeparaibanas.

As tradições portuguesas, acrescidas de elementos trazidos desde os tempos do Império Romano do Ocidente, como o bodo - distribuição de carne e de pão a indigentes, pobres e presos - edificaram durante séculos traços identitários de caráter simbólico de considerável aporte, reproduzindo-as em muitos lugares protagonizadas pelas culturas subalternas no Brasil.

Desta forma, para a historiadora Thereza Regina de Camargo Maia,<sup>203</sup> as vinculações entre antigos rituais greco-romanos se firmaram no espaço e no tempo da Idade Média por meio da ação do recém instituído Império de Portugal. O caráter contemporâneo da Festa do Divino Espírito Santo foi construído graças à intercalação destes diferentes processos históricos e religiosos, cambiando caracteres profanos e sagrados de forma recíproca:

Em Portugal ela é atribuída à Rainha Santa Izabel, que era muito caridosa e... que ela na Festa do Divino que era uma devoção muito grande na época em Portugal ela teve a idéia de fazer... de dar pão para os pobres. Porque na época assim era uma grande novidade e sucesso e essa tradição permanece até hoje. Tanto a doação de carne, como de pão. E hoje está nas cidades que tem almoço e tudo. Mas lá foi... a primeira festa assim que, que surgiu com essa idéia de comida assim, para o povo.

Emilio Willems<sup>204</sup> atesta que os vodos do domingo de Pentecostes, data situada cinqüenta dias após a Páscoa Cristã, eram comuns nas cortes da realeza lusitana no Palácio de Cintra. A Rainha Izabel procedia à distribuição de alimentos a enfermos e pobres em conjunto com os foliões do Espírito Santo, com o que seria, em verdade, na

---

<sup>203</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 29/04/2009.  
Ver Anexo B.

Folia do Divino Espírito Santo. O ato de distribuição é remotamente atribuído aos gregos. Em seguida foi incorporado pelos romanos, quando foi conhecido como *panis gradilis*. Com a expansão do Império Romano, dado o apogeu edificado pelo período do século de ouro, durante o governo dos imperadores da casa dos Antoninos, chegou à Península Ibérica num processo de simbiose, conforme também assinala Percival Tirapeli<sup>205</sup>: “A distribuição de alimentos aos menos favorecidos é uma cerimônia oriunda de costume grego e legada pelos romanos aos germânicos – denominada *panis gradilis*.”

A matriz portuguesa, baluarte identitário inseparável da Festa do Divino Espírito Santo, também é destacada por Tirapeli. Conforme seus estudos o pesquisador assinala ainda que o primeiro registro da Festa do Divino Espírito Santo no Brasil ocorreu em 1761 em Guaratinguetá, período em que Cunha ainda pertencia aos domínios administrativos da terra de Santo Antonio Galvão, o primeiro santo brasileiro:

A celebração religiosa chamada Festa do Divino tem origem em Portugal, nas primeiras décadas do século XVI, iniciadas pela rainha Santa Isabel (1271-1336), esposa do rei Dom Diniz (1261-1325), com a construção da Igreja do Espírito Santo de Alenquer. Data de 1761 a primeira notícia de realização da Festa do Divino no Brasil, conforme referência no Livro de Tombo da Matriz de Santo Antônio, na cidade paulista de Guaratinguetá, Vale do Paraíba.

No entanto a Festa do Divino em terras guaratinguetaenses não persistiu por longo tempo não tendo conseguido se perpetuar em face da coexistência entre os elementos do catolicismo oficial e popular, fator que provocava incômodos nas autoridades eclesiásticas, regidas por preceitos de natureza hegemônica. Os dois aspectos supracitados não se intercalaram de forma harmônica, mas apresentaram significativos descompassos culminando com a própria extinção da Festa:

Entre as primeiras notícias sobre a festa do Divino no Vale do Paraíba, destaca-se, no Primeiro Livro Tombo da Matriz de Santo Antonio de Guaratinguetá, uma referência do Visitador do Santo Ofício que, em 1761, se escandalizava com a união que, na festa do Divino Espírito Santo, encontrou, naquela cidade, entre o sagrado e o profano. Por mais de dois séculos e meio a festa seguiria com o mesmo entusiasmo, para terminar, na década de 1920, com a sua proibição não somente pelo Vigário da Paróquia mas, igualmente, pelo Delegado de Polícia, em vista do ‘acontecimento da morte de um homem pisoteado pelo povo na distribuição da carne na porta do mercado municipal’.<sup>206</sup>

<sup>204</sup> WILLEMS, Emilio. Op. cit. p. 153-154.

<sup>205</sup> TIRAPELI, Percival. *Festas de fé*. São Paulo: Metalivros, 2003, [s.p.].

<sup>206</sup> Vale do Paraíba – Festas Populares. *Cadernos Culturais do Vale do Paraíba*. Fundação Nacional do Tropeirismo, [s.d.] p. 65-66.

Os símbolos proeminentes da Festa do Divino Espírito Santo estão centrados na figura representada pela pomba branca junto de um resplendor, pela Bandeira do próprio Divino, utilizada durante as folias, pelo cetro e pela coroa, objetos pertencentes ao Imperador, podendo este ser uma criança ou um adulto. A pomba branca é reconhecidamente o mais ilustre símbolo integrante do acervo da Festa do Divino Espírito Santo, muito presente também na iconografia da Igreja Católica Apostólica Romana, tendo sido objeto bíblico de citação.

Em homenagem à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, a Festa do Divino Espírito Santo fora regulamentada pelo Código Afonsino tendo continuidade pelo Rei Dom João III. A cor vermelha, representativa da Festa, significa amor e sabedoria sendo utilizada na ornamentação da Igreja e da Casa da Festa correspondente.

Dentre algumas das localidades brasileiras conhecidas pela densidade e eloquência do louvor ao Divino Espírito Santo podem ser destacadas: Aparecida, no Vale do Paraíba paulista, com especial destaque para a Festa do Divino do Bairro da Ponte Alta, Diamantina, cidade situada na porção central de Minas Gerais, Lagoinha, município também localizado no Vale do Paraíba e limítrofe a Cunha, Mogi das Cruzes,<sup>207</sup> município integrante da Região Metropolitana de São Paulo, Montes Claros, localidade mineira situado na porção Norte do Estado, nacionalmente conhecida pela Cavalhada, Olímpia, cidade do Norte paulista, Paraty, localizada no litoral Sul fluminense também limitando-se em sua porção Norte com Cunha, Perinópolis, na área central de Goiás, Santo Antonio do Pinhal, município integrante da Serra da Mantiqueira, São Luiz do Paraitinga, município próximo a Cunha e constituinte do Vale Histórico e Ubatuba,<sup>208</sup> no litoral Norte de São Paulo, cuja Festa do Divino realizada em 2009 correspondeu à centésima quadragésima terceira edição.

A Festa do Divino Espírito Santo da Estância Climática de Cunha é uma festa cíclica com periodicidade anual, devocional e enraizada no catolicismo popular. Sustenta um complexo e harmônico ciclo de gestão anual envolvendo um ritmo social e um ritmo laboral. Para Emilio Willems trata-se de uma festividade de caráter religioso realçada por sua cadência constante e anual, necessitando de um trabalho significativo em relação às etapas de preparação e de execução. *“Pela extensão no tempo e no espaço, pela elaboração de seus rituais, mas principalmente pela importância de suas*

---

<sup>207</sup> Ver: MORAES, Fernando Oliveira de. *A Festa do Divino em Mogi das Cruzes*. 2000, 128p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). ECA-USP, São Paulo.

*funções, nenhuma festa comemorada pelos cunhenses se compara à do Divino Espírito Santo.”*<sup>209</sup>

É celebrada no terceiro domingo do mês de Julho, ao contrário de outros municípios em que o Divino é reverenciado no domingo de Pentecostes. Tal fato fundamenta-se na importância do calendário agrícola para a realização desta Festa religiosa, o que novamente consubstancia a fusão entre as partes profanas e sagradas, principalmente quando se analisam os elementos intrínsecos à agricultura. A colheita do milho, produto importante para ser comercializado para a obtenção de recursos para o Dia da Festa, é realizada em meados de Maio. Este cereal tem muita relevância como alimento integrado ao cotidiano da população e como produto inserido dentro de um mercado de consumo em escala regional. A organização operacional necessária para que, no Dia da Festa, possam ser ofertados aos devotos milhares de refeições depende, em parte, do comércio deste alimento, de grande versatilidade no campo culinário. O mesmo processo se dá no município vizinho de Lagoinha, quando as celebrações ao Divino Espírito Santo ocorrem em um domingo anterior à Festa de Cunha.

A fixação da data em Julho é fator amparado pela Lei Municipal 798/98<sup>210</sup>. Este instrumento de iniciativa do Poder Executivo local estabelece as datas de outras duas celebrações: uma festa religiosa e uma data cívica. A festa em questão é a Festa de São José, conhecido como o *santo que faz chover*, designada pela presente Lei como Festa da Boa Vista, bairro onde se encontra capela em louvor ao santo, devendo ocorrer anualmente no dia 19 de Março; a data cívica é o aniversário de emancipação política do Município comemorado em 20 de Abril. A celebração coincide com outra festa realizada neste mesmo período: a Festa do Pinhão de natureza profana. A referida Lei no caput do Artigo 2º também qualifica a Festa do Divino Espírito Santo de Cunha como patrimônio cultural municipal: “*A festa do Divino Espírito Santo é Patrimônio Cultural do Município de Cunha, devendo ser incentivada e comemorada no terceiro Domingo do Mês de Julho e semana antecedente.*” Outro instrumento jurídico, a Lei Orgânica Municipal, estabelece, no Artigo 222,<sup>211</sup> considerações sobre o patrimônio cultural de Cunha. Além de elencar a Festa do Divino Espírito Santo, no

---

<sup>208</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 07/07/2009.

<sup>209</sup> WILLEMS, Emilio. Op. cit. p. 153.

<sup>210</sup> A Lei Municipal nº 798 data de 5 de Maio de 1998. Ver Anexo C.

<sup>211</sup> Ver Anexo D.

parágrafo único, integra como elemento de preservação não apenas a Folia do Divino, como também a Folia de Reis:

Artigo 222 – Constituem patrimônio do Município da Estância Climática de Cunha, entre outras tradições, que deverão ser incentivadas;  
I – as congadas, as atividades dos figureiros e do folclore;  
II – as festas populares;  
III – as folias do Divino e de Reis;  
IV – a preservação da memória de Paulo Virgínio;  
V – o acervo histórico, arqueológico, arquitetônico, artístico, documental e paisagismo do Município.  
§ Único – As festas populares e profano-religiosas da Imaculada Conceição, de São Benedito, do Divino Espírito Santo e de São José da Boa Vista deverão ser oficializadas pela Câmara Municipal de Cunha, como expressão máxima da cultura Cunhense.

O grupo de festeiros responsável pela próxima Festa do Divino Espírito Santo, geralmente composto por seis casais, é nomeado pelo pároco ao término da missa de encerramento da Festa do ano corrido. Um ex-festeiro entrevistado<sup>212</sup>, imigrante italiano e agora cidadão de Cunha, tendo trabalhado em uma das festas recentes em louvor ao Divino Espírito Santo afirmou que a quantidade de festeiros depende do pároco: “*Era só um casal, que deveria trabalhar o município todinho*”, segundo suas palavras. “*Com este padre ele coloca mais gente né? Mais casais...*” A quantidade de festeiros na Festa do Divino da Estância Climática de Cunha varia conforme o sucesso das festas anteriores. A escolha dos festeiros pelo pároco leva em consideração estas variáveis, principalmente em relação ao recolhimento de dinheiro e de prendas e à imprescindível atuação da Folia, fator de atratividade, de devoção e de mobilização dos devotos.

Os trabalhos relativos à organização são ininterruptos.<sup>213</sup> Para a organização da Festa de 2009 foram realizadas treze reuniões entre os festeiros, o pároco e demais agentes envolvidos na gestão, sempre na casa de um dos casais<sup>214</sup>. A Festa do Divino Espírito Santo de Cunha tem caráter permanente de acordo com a observância da descrição a seguir. O cronograma desta celebração, relativo à Festa de 2009, mês a mês, demonstra necessidade de cadência e de ritmo intenso por parte da equipe organizadora.

---

<sup>212</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 19/07/2009.

<sup>213</sup> Em relação à organização da Festa do Divino Espírito Santo e de outras celebrações religiosas, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição procura, através de regulamento específico, disciplinar com rigor as partes litúrgicas. Para maiores informações ver Anexo E.

Tabela 04 – Festa do Divino Espírito Santo: Cronograma de ações

<u>Julho-2008</u>
Escolha dos seis casais de festeiros do ano seguinte pelo pároco.
<u>Agosto-2008</u>
Início das reuniões ordinárias dos festeiros com o pároco; nomeação dos festeiros para as funções: coordenador, primeiro secretário, segundo secretário, primeiro tesoureiro e segundo tesoureiro; definição da data da Festa do Divino e da Novena do Divino. <sup>215</sup>
<u>Setembro-2008</u>
Definição dos setores da zona rural a serem trabalhados por cada um dos seis casais de festeiros; confecção das bandeiras dos festeiros e do pároco para a Festa.
<u>Outubro-2008</u>
Início dos trabalhos de esmola na zona rural; definição dos setores da zona urbana a serem trabalhados por cinco casais de festeiros, tendo em vista que o setor 6 é circunscrito à zona rural; abertura de conta poupança pelos tesoureiros em agência bancária; busca por patrocinadores.
<u>Novembro-2008</u>
Avaliação sobre o andamento das visitas dos festeiros na zona rural; levantamento dos custos com almoço, doces e ornamentação da Igreja Matriz e da Casa do Império.
<u>Dezembro-2008</u>
Avaliação sobre o andamento das visitas dos festeiros na zona rural; levantamento das doações; discussão sobre a ornamentação da Igreja Matriz e da Casa do Império.
<u>Janeiro-2009</u>
Discussão sobre os ofícios encaminhados pedindo patrocínio junto à iniciativa privada; cotação de preço dos doces a serem distribuídos.
<u>Fevereiro-2009</u>
Reunião com Prefeito Municipal e coordenador de cultura e turismo para discutir reivindicações sobre infra-estrutura e apoio geral para a Festa.
<u>Março-2009</u>
Reunião com o responsável pela cozinha para o afogado sobre o funcionamento da arrecadação de prendas, sobre as condições da Casa da Festa e almoço do Divino; término da coleta nos bairros rurais.
<u>Abril-2009</u>
Início da coleta nos bairros urbanos; discussão sobre a venda dos frangos, do gado e dos leitões na Casa da Festa.
<u>Mai-2009</u>
Nomeação dos festeiros responsáveis junto à Prefeitura Municipal pela ornamentação da Casa do Império e da Igreja Matriz e pela confecção do bolinho de arroz.
<u>Junho-2009</u>
Acompanhamento das etapas finais de preparação para a Festa; distribuição dos doces pelos arrecadadores aos colaboradores de animais e de mantimentos; início da chegada dos animais e prendas na Igreja Boa Vista.
<u>Julho-2009</u>
Novena da Festa do Divino Espírito Santo; abertura da Casa da Festa para a venda de animais e de mantimentos; oferecimento do afogado, celebração da Festa do Divino Espírito Santo e nomeação dos festeiros para a Festa de 2010.

<sup>214</sup> As reuniões realizadas ocorreram nas seguintes datas: 1º de Agosto, 4 e 28 de Setembro, 21 de Outubro, 21 de Novembro, 19 de Dezembro, 16 de Janeiro, 18 de Fevereiro, 20 de Março, 23 de Abril, 28 de Maio, 25 de Junho e a reunião final para últimos acertos em 5 de Julho.

<sup>215</sup> A respeito de cada um dos setores circunscritos à Festa do Divino Espírito Santo consultar Anexo F.



No segundo semestre, já em Agosto, têm início uma série de reuniões mensais entre os festeiros e o pároco. Estas são oferecidas, em cada mês, por um casal, ficando este responsável pela organização da casa e pelo jantar. Durante estes encontros o pároco conduz os trabalhos com uma oração<sup>216</sup>, com preces de graças do Divino Espírito Santo e agradecendo a acolhida promovida pelo casal hospedeiro de festeiros, emanando graças também a todos os presentes e ao ambiente da casa. Em seguida ocorre a leitura da ata da reunião anterior, o que não ocorre na primeira reunião, atestando que todas as decisões tomadas são devidamente registradas por um festeiro e escritas em livro de registro. Além da leitura procede-se, com o transcurso do encontro, a assinatura da ata pelos presentes.

Uma das estratégias para angariar fundos, em paralelo ao esforço dos casais festeiros e do grupo da Folia, é o lançamento de rifas. É comum proceder esta ação ao final do ano, concomitantemente às festas natalinas, de forma a trazer mais contribuições. Durante o planejamento para a Festa do Divino de 2009 os festeiros venderam uma rifa pela Loteria Federal com o custo de dez reais o bilhete, dando direito ao contribuinte a concorrer a cinco prêmios.<sup>217</sup> As prendas são obtidas pelas contribuições obtidas pelos festeiros e também por doações de devotos, muitos deles comerciantes locais.

Em meados do segundo semestre os festeiros iniciam a arrecadação de alimentos, animais e de dinheiro, devendo prestar contas em cada reunião. Numa das reuniões, ocorrida em Dezembro, um dos festeiros retirou três maços de dinheiro de uma pasta e procedeu a contagem das notas no momento da prestação de contas. O valor é depositado em uma conta corrente e é aplicado na forma de caderneta de

---

<sup>216</sup> A oração proferida pelo pároco é:

*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Nós vos bendizemos e agradecemos Pai do céu por todas as graças que o Senhor nos tem concedido. A alegria de estarmos reunidos como irmãos, de pertencermos a este grupo de festeiros, os quais o Senhor cumpriu a nós a graça de encaminharmos neste ano, neste segundo semestre do ano de 2008 e também no primeiro semestre de 2009, visitando casa por casa, pessoa por pessoa, família a família, levando a Bandeira do Divino Espírito Santo, para que os corações se abram e acolham o Divino Espírito Santo e se tornem cada dia seguidores de Cristo Jesus.*

*Dignai Senhor nosso Deus, abençoi a nós. Abençoi o alimento que nós vamos receber. Abençoi esta casa, a Rose, o Francisco e seus filhos que nos acolhem com carinho e oferecem a nós essa refeição.*

*Dignai abençoar as bandeiras, concebendo que elas sejam instrumentos de fé, de devoção e de esperança para nós e para todo o nosso povo. Por isto vos pedimos. Pela intersecção da Virgem Maria e do Glorioso São José, pedimos a Deus abençoar a nós, as famílias e as bandeiras. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.*

<sup>217</sup> Os prêmios relativos à rifa foram: moto *Twister* (primeiro), garrote nelore (segundo), par de brincos de brilhante (terceiro), forno microondas (quarto) e mini-forno elétrico (quinto).

poupança. De modo geral, o trabalho em equipe e a articulação pacífica entre os casais são fatores constantes e perceptíveis durante os encontros de trabalho.

Ao final do ano a equipe gestora da Festa do Divino planeja a convocação do Prefeito Municipal e do encarregado da cozinha da Casa da Festa para reunião a ser realizada, logo no início do novo ano, ou seja, do ano da Festa. Na ocasião o Prefeito Municipal não pôde comparecer, tendo sido representado pelo Coordenador de Turismo e por um assistente. Todas as solicitações efetivadas, cujo número total chegou a dezenove, junto ao Poder Público foram sistematizadas em três conjuntos (organização geral, Igreja Matriz/prça central/Igreja do Rosário/Casa do Império e Casa da Festa) conforme a próxima tabela que contém ainda a função pertinente a cada pedido e o período correspondente ao mesmo.

Tabela 05 – Festa do Divino Espírito Santo: Relação de pedidos à Prefeitura Municipal <sup>218</sup>

Solicitação	Função	Período
<b>Organização geral</b>		
1. Providenciar um caminhão e um ajudante	Auxiliar o carregamento de prendas e de mantimentos; em um primeiro momento da zona rural até os pontos de abastecimento, na Boa Vista e no Jaguarão e, posteriormente, na cidade, dos bairros urbanos até a Casa da Festa	Período de 08 a 16 de Julho, exceto dia 13, domingo, portanto por 9 dias
2. Fechar trecho da Rua Dr. Casemiro da Rocha	Favorecer movimentação popular durante a procissão do Divino até a Igreja Matriz	No dia da Festa do Divino no trecho da Farmácia Popular até a Drogeria do Amato
3. Providenciar bandeiras com as cores vermelha e branca	Servir como um dos recursos decorativos da Festa, devendo ser utilizadas na Rua Dr. Casemiro da Rocha, a partir da Igreja do Rosário, até a Praça Cônego Siqueira, na Matriz Nossa Senhora da Conceição	A partir do dia 06 de Julho
4. Confeccionar enfeites para a Festa do Divino com auxílio de alunos da Escola Estadual Paulo Virgínio	Servir como um dos recursos decorativos da Festa, devendo ser utilizadas na Rua Dr. Casemiro da Rocha, a partir da Igreja do Rosário, até a Praça Cônego Siqueira, na Matriz Nossa Senhora da Conceição	A partir do dia 06 de Julho
5. Contratar banda musical	Apresentar melodias religiosas e festivas durante a Novena do Divino da Igreja do Rosário até a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	Início da Novena do Divino, no dia 10 de Julho, na alvorada, às 5h da manhã Das 9h30 às 18h30 do dia 10 de Julho ao dia 19 de Julho
6. Providenciar patrocínio para os cartazes da Festa	Divulgar a Festa junto da comunidade local	Durante período de divulgação da Festa, a partir de Maio
<b>Igreja Matriz-Praça Central e Igreja do Rosário/Casa do Império</b>		
7. Instalar duas barracas na Praça Cônego Siqueira, praça central, próximo à Matriz	Vender alimentos, doces e salgados, durante a Festa do Divino como forma de aumentar a arrecadação financeira	No dia da Festa do Divino

<sup>218</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 18/02/2009 junto aos festeiros e aos gestores da Prefeitura Municipal.

8. Providenciar lona para a barraca da Praça Cônego Siqueira	Proteger a barraca prevenindo danos materiais	No dia da Festa do Divino
9. Providenciar máquina de soltar papel	Servir como um dos recursos decorativos da Festa	No dia da Festa, 19 de Julho, às 18h
10. Providenciar show Cristão	Celebrar a Festa com repertório musical compatível	No dia da Festa, 19 de Julho, no período noturno, após a Missa de encerramento da Festa do Divino-2009
11. Providenciar uma cascata de luz, foguetes, fogueteiros e show pirotécnico	Celebrar ritos simbólicos capitais da Festa	No dia da Festa, 19 de Julho, durante a chegada da Procissão à Igreja Matriz
12. Providenciar os bonecos Maria Angú e João Paolino para ficarem na praça central	Celebrar ritos simbólicos capitais da Festa	No dia da Festa, 19 de Julho, por período indeterminado
13. Providenciar pau de sebo de nove metros	Celebrar ritos simbólicos capitais da Festa	No dia da Festa, 19 de Julho, por período indeterminado
14. Providenciar número indeterminado de foguetes e fogueteiros	Celebrar o início da Novena, na alvorada, junto da Casa do Império Celebrar a Novena	No dia de início da Novena, 10 de Julho, às 5h, às 12h e às 18h Nos demais dias da Novena, às 12h e às 18h
<b>Casa da Festa</b>		
15. Providenciar equipamentos de som na Casa da Festa	Dotar de serviço de som durante realização da Festa	No dia da Festa, 19 de Julho, das 09h às 16h
16. Providenciar policiamento da Polícia Militar na Casa da Festa e na Igreja Matriz	Dotar de serviço de policiamento preventivo durante realização da Festa	No dia da Festa, 19 de Julho, das 09h às 16h
17. Providenciar uma ambulância na Casa da Festa	Oferecer serviço de pronto-socorro durante realização da Festa	No dia da Festa, 19 de Julho, das 09h às 16h
18. Criar perímetro de isolamento da via pública de cem metros em dois sentidos a partir da Casa da Festa	Fechar perímetro limpo à Casa da Festa, evitando venda de quaisquer produtos, especialmente de bebidas alcoólicas durante realização da Festa	No dia da Festa, 19 de Julho, das 09h às 16h
19. Providenciar enfeites na Casa da Festa	Adornar simbolicamente a ambiência da Casa da Festa	No dia da Festa, 19 de Julho, das 09h às 16h
20. Contratar onze seguranças, sendo dez para atuar na Casa da Festa e um na Casa do Império, na Igreja do Rosário	Auxiliar a segurança durante o período da Novena e no Dia da Festa	No dia da Festa, 19 de Julho, por período indeterminado

Em uma das inúmeras reivindicações feitas ao Poder Público de Cunha, o pároco argumenta sobre a necessidade de se remover os eventos musicais, em especial o palco montado ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, para que a área de ambiência da referida igreja, durante a Festa do Divino, não fique prejudicada pelo excesso de poluição sonora e pela constante algazarra. São características comuns por se tratar de uma área de recreio para a população e para turistas. Desta forma, ao se fundir o lado religioso da Festa do Divino com a atratividade turística em prol da identidade cultural, a incompatibilidade entre o palco e sua utilização desarticulada com a Igreja acaba gerando situações conflituosas envolvendo som abusivo e sujeira. Duas propostas entram em choque de acordo com a

argumentação do gestor público: programação da Igreja Matriz e a programação da Coordenadoria do Turismo:

Nós já conversamos, Padre, até... na sexta-feira, da idéia da gente de certa forma... é transferir os eventos promovidos pela Prefeitura, da praça para o local, até de sugestão, a gente está trabalhando com a possibilidade de transferir para a Rodoviária. Na Rodoviária não temos problema de estacionamento, nós não temos problema de circulação... Hoje a Rodoviária é muito pouco usada. Nós temos aí uma linha da São José que faz Cunha-Guará em alguns horários e os ônibus é... de estudantes que a grande maioria são estudantes do Paulo Virgínio. Também é uma maluquice. Eles estão lá embaixo, eles sobem a praça e descem para ir na Rodoviária. E nós aliviaríamos essa coisa que nós tínhamos conversado é... desse conflito que acaba acontecendo da programação da Igreja com a programação nossa. Porque a idéia é a gente não criar nenhum atrito... a gente conseguir manter a praça. Existe pedido para ser desmontada aquela lona. Nós não desmontamos porque agora em período de Janeiro, de chuva, nós ficamos com receio. Tanto é que teve dias em que choveu e a gente teve que segurar... Mas tudo isso pode ser transferido para a Rodoviária, entendeu? Facilitaria a vida...<sup>219</sup>

O gestor oficial de turismo reconhece tal distorção e acentua a necessidade de realocação dos eventos profanos como shows em geral e quermesses para local próximo à estação rodoviária. Algumas condições favoráveis para isto são: o terminal é de pouca utilidade para os munícipes devido à escassez das linhas de ônibus, tanto urbanas, rurais como intermunicipais; trata-se de logradouro junto da área central; apresenta espaços livres para, eventualmente, a acomodação de barracas e de palcos:

Hoje a gente sente que a praça está apertada para eventos. Nós temos problemas com jardim, que acabam ocupando espaço, com a localização das barracas... [...] e a desvalorização de um patrimônio é... tombado e que tem que ser valorizado, a gente tem reclamação, por exemplo, de turista que não consegue tirar foto dos casarios ao lado da Igreja que tem aquela cobertura horrorosa... Eu vou fazer força para que durante o Festival de Inverno a gente já tenha isso... resolvido. Entendeu? Porque nós estamos chegando ao ponto que... não comporta mais os eventos ali na praça. Esta sugestão, caso se mantenha a Festa ali, a sugestão que o... está dando é fechar a rua...<sup>220</sup>

Nota-se na fala do gestor público preocupação latente não apenas com a própria Festa, mas com a ambiência da Igreja Matriz a despeito da qualidade da paisagem urbana, fundamental para, potencialmente, constituir repertório material a ser acrescido ao arcabouço simbólico presente nas celebrações religiosas concernentes ao Divino

---

<sup>219</sup> Idem.

Espírito Santo. Além disso, pode contribuir para a apreciação e para o flunar turístico. Nesta situação, ainda utópica, cenário e atores fundem-se dialeticamente no tecido urbano.

O envolvimento de estudantes da rede pública, estadual ou municipal, é outra faceta a ser descortinada quando da gestão da Festa do Divino. Tal aspecto foi explorado na decoração da Rua Dr. Casemiro da Rocha e da Praça Cônego Siqueira, logradouros integrantes do trajeto entre a Casa do Império e a Igreja Matriz. Aliado a isto o gestor público selecionou uma atividade junto aos artistas locais, tratando-se de um trabalho de pintura com o tema Divino Espírito Santo:

Aí que eu queria chamar a atenção para a sugestão da coordenadora do Paulo Virgínio, para a gente desenvolver enfeites alusivos à Festa do Divino para a gente decorar a cidade. Para a gente ver se consegue fazer mais bonito.

E queria ter assim... a permissão de vocês da gente poder estar desenvolvendo alguma coisa, como eu conversei com o senhor, Padre, a respeito... promover um concurso junto aos artistas plásticos de Cunha. A Rosana... nós temos um espaço hoje na Rodoviária, está cedido, a... para os pintores de Cunha. Nós temos ali mais de vinte...

Temos uma exposição permanente lá... temos vinte e poucos pintores ali. E nós estamos trabalhando junto com este grupo desenvolvendo temas. Então assim... está previsto Festa do Divino, para que a gente possa eles montarem uma exposição, para que a gente possa é... dar um tema, a Festa do Divino. Uma vez uma exposição com as bandeiras do Divino da cidade de Mogi, que é muito forte a Festa do Divino de Mogi. E lá eles promovem... nós trouxemos para mostrar as bandeiras que foram produzidas. Então eu queria o apoio dos festeiros em relação a isso e para que a gente possa complementar com estas atividades culturais.<sup>221</sup>

Não mais importante torna-se o trabalho do próprio pároco, um verdadeiro intelectual orgânico que, contudo, pode pender para um ou outro lado conforme os desaparecimentos e ressurgimentos da Folia ao longo dos anos. É consciente da importância da Folia e da devoção popular e zeloso ao extremo, não abrindo mão da rédea curta por parte da Igreja, estabelecendo menos abertura de ação para a Folia do Divino, como já ocorrera em outras ocasiões.

---

<sup>220</sup> Idem, ibidem.

<sup>221</sup> Idem, ibidem.

Figura 09 – Festa do Divino Espírito Santo: Quadro estrutural (2009)

Durante a reunião de festeiros do mês de Dezembro de 2008 foi estabelecido pelo pároco a necessidade dos mesmos fecharem a zona rural no primeiro trimestre do ano seguinte, até o mês de Março, o que durante o verão úmido, principalmente nas aglomerações próximas à Serra do Mar, junto à divisa com Paraty, torna-se um fator deveras complicador para a atuação justamente no setor da Folia devido às constantes chuvas típicas deste período. Por causa das chuvas, uma festeira afirmou ter percorrido três quilômetros a pé em uma estrada rural, tendo em vista o estado precário de conservação.<sup>222</sup>

Procedendo ao cronograma desta maneira, os festeiros podem, assim, iniciar em Abril o início da coleta de donativos na zona urbana de Cunha que, apesar da pouca extensão em comparação ao espaço rural, apresenta considerável contingente populacional. Em reunião posterior foi determinado que a coleta na cidade devesse começar, obrigatoriamente, em 1º de Abril. O casal de festeiros que terminasse a zona rural antes poderia começar a coleta na cidade depois do dia 19 de Março, data da Festa de São José.

Esta é uma importante celebração cunhense cuja procissão tem início na Igreja Jesus, Maria e José da Boa Vista, base logística da Festa do Divino Espírito Santo, cujo funcionamento ficaria comprometido em virtude desta festividade. Além desta importante característica o espaço da Igreja da Boa Vista, como também é conhecido, pertence à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, que utiliza o logradouro para criar animais de sua posse e vendê-los com a renda revertida em prol das necessidades da mesma. Também o milho, doado por devotos e destinado para o trato dos animais, e o feijão, em caso de sobra após o afogado sendo levado para a Igreja, são vendidos conforme assinala uma das senhoras responsáveis pelo zelo deste espaço: *“Fica o milho, fica... as coisas que usa para os animais, de trato para os animais daqui né? A maioria das vezes é milho, às vezes é feijão que sobra da Festa e fica aqui para ser vendido depois. [...] São usados para os animais da Paróquia durante todo o ano. Sobre o produto da venda do feijão, afirma que a mesma é Revertida para a Paróquia.”*<sup>223</sup>

Após a Festa de São José a Igreja se prepara para receber em fins de Junho e, principalmente durante a Novena, as prendas oriundas da zona rural e que durante a

---

<sup>222</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 12/07/2009.

<sup>223</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 14/07/2009.

própria Novena do Divino serão vendidas paulatinamente na Casa da Festa. O aquartelamento destes produtos é importante porque solidifica uma das tradições ancestrais da Festa do Divino que é o da venda de bezerras, frangos, leitões etc. aos devotos. A coleta dos animais nas fazendas, cujos moradores já haviam anteriormente se comprometido com o auxílio em prol do Espírito Santo por intermédio dos festeiros, é feita com caminhões cedidos pela Prefeitura Municipal e por populares. Sem o auxílio dos coordenadores de cada bairro esta tarefa dificilmente seria realizada. Cabe a cada um deles agrupar os donativos em suas residências para facilitar a retirada, de acordo com o relato da caseira, residente próximo da Igreja, situada na zona rural:

Dia 9 de Julho eles vão começar a juntar, os caminhões da Prefeitura. E o pessoal que tem caminhão já está acostumado a doar todo o ano. Aí durante o dia sai e... é já é acostumado o dia inteiro. Já tem em cada bairro tem uma pessoa que já fica responsável de juntar na sua casa. Aí o caminhão passa em vários bairros. E quando lota o caminhão aí trás para cá, por volta de 4, 6 horas da tarde, chega aqui. Aí o que chegou aqui dia 9 dia 10 já vai para a Casa da Festa. Aí dia 10 vai juntar em outro lugar. Aí chegou dia 10 dia 11 vai. Aí vende lá. O pessoal já está acostumado a procurar lá para comprar. Às vezes o pessoal já manda dinheiro mesmo, ao invés de mandar o feijão já manda o dinheiro. Já é entregue para os festeiros.<sup>224</sup>

Algumas discussões ocorrem. Todas na tentativa de contribuir com o bom andamento da Festa, principalmente nos dias capitais, durante a Novena e no Dia da Festa. Um dos festeiros argumentou junto aos pares e ao pároco a necessidade de se ter fila exclusiva para os idosos na Casa da Festa, durante o oferecimento do afogado.<sup>225</sup>

As estruturas de poder durante a condução dos trabalhos de gestão e durante a Festa do Divino Espírito Santo em si convidam a uma reflexão acerca das articulações entre os diversos agentes presentes nas atividades integrantes desta celebração. O pároco, expoente da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, subordinada à Mitra Diocesana de Lorena, tem papel estruturante na condução da Festa do Divino na Estância Climática de Cunha. O grau de importância das relações entre os sujeitos, coletivos ou individuais, presentes no esquema representado, pode ser, grosso modo, mensurado pela espessura das setas indicativas que procuram representar a dimensão das articulações entre as diferentes partes envolvidas.

Deste modo, os trabalhos em torno da figura do pároco assumem relevância,

<sup>224</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em: 02/07/2009.

<sup>225</sup> Idem.



pois este necessita ditar um ritmo árduo de atividades, delegando afazeres e tarefas diversas aos seis casais de festeiros em seus diferentes setores. Cada casal, ao se responsabilizar por um setor específico, necessita pedir a chamada esmola em determinados bairros, primeiramente os da zona rural e, a partir da segunda quinzena de Março, da área urbana. Em cada aglomeração os arrecadadores, conhecidos no passado como *procuradores do Divino*, que não contam com a patente de festeiros, ficam incumbidos de arregimentar donativos junto a conhecidos, devotos e vizinhos, de forma a auxiliar a coleta das prendas no primeiro semestre do ano da Festa. No mês de Maio a arrecadação foi grande devido a algumas doações, principalmente para a carne do Dia da Festa, tendo sido de grande ajuda. Os doadores solicitaram permanecer no anonimato.

Dentre a arrecadação realizada para a Festa do Divino de 2008 foram totalizados mais de cento e trinta mil reais.<sup>226</sup> Deste montante, mais da metade, cerca de setenta mil, foram provenientes da atuação dos festeiros junto dos respectivos bairros, ou seja, das contribuições da população seja através de pequenas quantias seja através de doações, algumas delas de valores relevantes. Após as contribuições dos devotos aparecem as vendas dos animais com destaque para a participação dos bezerros, angariando valores acima de quarenta mil reais. Somadas, as quantias das contribuições e os valores das vendas dos bezerros perfazem uma somatória de mais de cento e onze mil reais, patamar muito significativo.

Além dos valores contabilizados em espécie, constitui parte integrante do total de receitas patrimônio immobilizado através de aves e leitões, de bezerros aquartelados na Igreja da Boa Vista, de cargueiros de milho e de éguas. Estas categorias perfizeram um valor próximo a trinta mil reais. Portanto a renda total para a Festa de 2008 ultrapassou a casa dos cento e sessenta mil reais.

Em relação aos dispêndios estes totalizaram, levando-se em conta todos os afazeres, um total próximo de oitenta e cinco mil reais. Deste montante têm participação significativa os seguintes gastos: preparação do almoço ou do afogado oferecido no Dia da Festa (cerca de trinta mil reais dentre carnes e demais mantimentos), combustível utilizado durante o período de esmolamento realizado pelos respectivos festeiros (cerca de onze mil reais) e, finalmente, doces que são distribuídos

---

<sup>226</sup> Para maiores informações sobre a arrecadação e as despesas da Festa do Divino no referido ano consultar as tabelas do Anexo G.

à população em agradecimento pelas colaborações para a Festa (dez mil reais).

Ao se realizar o encontro do total de arrecadações com o total de despesas, graças a um levantamento obtido em delicado e minucioso trabalho de campo, constata-se uma rentabilidade da Festa do Divino referente ao ano de 2008: mais de setenta e cinco mil reais, dentre recursos móveis e imóveis, que foram repassados à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Os dados apresentados são considerados sigilosos pelo pároco, mas foram obtidos mediante análise de alguns cadernos dos festeiros do ano de 2008 que continham informações registradas de forma não oficiosa, em anotações dispersas dentre as folhas.

O grau extremo de dificuldade quanto ao acesso às informações de contabilidade da Festa pode ser comprovado diante da imprecisão de alguns dados obtidos. Levando-se em conta a tabela em anexo, que trata dos gastos para a mesma Festa de 2008, dos preparativos da Igreja Matriz, da montagem da barraca junto da mesma para a Novena e da estrutura a ser montada na Casa da Festa, os valores sofrem mudanças significativas, mas não suficientes para alterar a contabilidade geral de toda a Festa do Divino. Não são observados, por exemplo, na tabela geral de receitas e de despesas, itens circunscritos à Casa da Festa.

Em depoimento um ex-festeiro cunhense que trabalhou durante a organização da Festa do Divino de 1964, portanto há mais de quarenta anos, assinala algumas das mudanças qualitativas que marcaram a economia de Cunha e do Brasil, refletindo transformações da agricultura e das atividades pecuaristas típicas da concentração do capital em moldes globais. Estas alterações acabam por interferir na condução da Festa do Divino da Estância Climática de Cunha. Com isto o perfil das arrecadações, segundo este devoto, vem sofrendo algumas mudanças principalmente no que concerne aos últimos anos. Dentre estas é verificada uma diminuição das quantidades de gêneros alimentícios, provenientes das lavouras, e de animais, provenientes das criações:

Naquele tempo o povo tinha mais criação no município de Cunha. Tinha mais. A produção de porco, de garrote, de granja, vou falar pro cê, cai uns trinta por cento. Mais mesmo assim vocês (referindo-se a este pesquisador como se fosse um dos festeiros de 2009) ainda vão arrecadar bem ainda. O povo ajuda. O mantimento, a lavoura hoje o povo não planta para lavoura. Neste tempo meu plantava bastante lavoura. Então você ganhava o milho, o feijão, o arroz... batata.<sup>227</sup>

---

<sup>227</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 14/07/2009.

Todo o esforço caminha para um movimento auspicioso em que, ao lado das atividades dos festeiros e de demais agentes envolvidos, preceitos como articulação e organização das deliberações e do tempo conduzem as tarefas de forma a garantir a realização da Festa do Divino Espírito Santo sem acomodações, lamúrias e improvisos:

As festas dos santos padroeiros e outras manifestações periódicas das diversas comunidades religiosas (locais ou regionais) têm absorvido sistemática organização profissional. Progressivamente deixam para traz as marcas românticas do improvisado ou a dependência do líder entusiasta. Ganham características administrativas, com técnicas de planejamento e gestão.<sup>228</sup>

A função dos arrecadadores, segundo relato de uma festeira de 2009<sup>229</sup>, é passar nas localidades e fazer a coleta de animais como aves, bezerras, carneiros, suínos e também de cargueiros de milho, além de dinheiro fiado, isto é, dinheiro prometido. Estes procedimentos ocorrem de um a dois meses antes da Festa, portanto nos meses de Maio e Junho. Acresça-se ainda a realização da distribuição dos saquinhos de doces, tradição presente em outras festas religiosas como as em louvor à Santo Antonio e São Benedito. A quantidade de saquinhos a serem ofertados às famílias que contribuíram varia conforme ao tamanho das mesmas. Decidiu-se em reunião dos festeiros, conjuntamente com o pároco e com o casal coordenador, que em cada saquinho teria cinco tipos de doces populares, totalizando seis unidades, comprados a preço de atacado, a saber: doce de abóbora, doce de amendoim, doce de banana, doce de geléia e doce de leite. A cada doador de bezerro foram distribuídos dois saquinhos. Para a Festa do Divino de 2009 foram adquiridos 2 mil e 500 quilos de doces, com o custo total estimado em pouco mais de 8 mil reais, perfazendo 4 reais o quilo.

---

<sup>228</sup> OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro. *Das Festas de Sacro-Profanas ao Turismo Religioso*. In: **As Festas Populares: Formas Turísticas do Sagrado e do Profano**. [s.l.] 2008, p. 10.

<sup>229</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 20/01/2009.

Tabela 06 – Festa do Divino Espírito Santo: Distribuição de doces (2009)

Dimensão familiar	Quantidade de saquinhos (cada um contendo cinco tipos diferentes de doces e seis unidades)
De 1 a 2 pessoas	1 saquinho
De 3 a 5 pessoas	2 saquinhos
De 6 a 9 pessoas	3 saquinhos
De 10 a 12 pessoas	4 saquinhos
Acima de 12 pessoas	5 saquinhos
Doação de bezerro	2 saquinhos

Os arrecadadores/coordenadores de cada bairro adquiriram de oitenta a cem caixas contendo saquinhos de doces para serem entregues quando forem recolher os bezeros dos respectivos doadores. Os festeiros também participam da entrega quando passam novamente pelas casas que haviam visitado recolhendo as prendas.

Torna-se necessário frisar que os seis casais de festeiros passam a operar diferentes funções que são designadas pelo pároco tão logo sejam escolhidos na celebração eucarística do Dia da Festa. Estas funções inerentes aos casais são: casal coordenador, casais secretários e casais tesoureiros. Ao casal coordenador cabe realizar a articulação com os demais casais, gerenciando os movimentos financeiros da arrecadação além de assumir tarefas não menos importantes. Dentre elas podem ser colocadas as seguintes: seleção dos doces a serem distribuídos aos contribuintes para a Festa, assim como pesquisa de preços mais vantajosos em relação aos mesmos; exercer a mediação com a Prefeitura Municipal e Coordenadoria de Turismo no que tange ao auxílio durante a Novena e durante o Dia da Festa e auxiliar o trabalho do responsável pela cozinha da Festa junto à preparação do local para o afogado, servindo um número aproximado de quinze a vinte mil refeições.

Aos secretários compete o registro das determinações em livro-ata, checar pela assinatura de todos e arquivar documentos importantes. Os casais responsáveis pelo dinheiro devem conferir, a cada reunião, o valor referente às ofertas dos devotos trazidos quando das visitas pela vasta zona rural de Cunha e, posteriormente, pela área urbana. Resumidamente os principais encargos que cabem aos festeiros são:

- 1 Apoiar as atividades da Casa da Festa durante a Novena e no Dia da Festa;
- 2 Enumerar as prendas arrecadadas durante o período da esmola;
- 3 Gerenciar a barraca paroquial na Praça Cônego Siqueira no Dia da Festa;
- 4 Realizar abertura de conta-poupança;

- 5 Realizar limpeza na Igreja Matriz próximo à Novena;
- 6 Providenciar confecção das bandeiras;
- 7 Providenciar embalagem dos doces;
- 8 Verificar os cofres da Igreja Matriz durante todos os dias da Novena, e
- 9 Zelar pelos enfeites da Casa da Festa, da Casa do Império e da Igreja Matriz.

Comparando-se os dados financeiros dos seis casais de festeiros em todos os setores correspondentes nos períodos de Novembro de 2008 a Maio de 2009 podem ser elaboradas algumas assertivas. Conforme demonstra a tabela a seguir os valores brutos de arrecadação apresentam uma média nos sete meses de pouco mais de sete mil reais. Nos três primeiros meses a receita total permanece na casa dos três mil reais, sendo que em Novembro fica muito próxima dos quatro mil. Em Fevereiro, quando as coletas na zona rural precisam entrar na fase conclusiva, os valores aumentam consideravelmente para mais de cinco mil reais. Em Março volta a se manter junto aos três mil. Em Abril, mês que marca o início da esmola na cidade, o valor salta para quase nove mil reais, três vezes acima da média do primeiro trimestre. Em Maio a arrecadação bruta chega próxima de vinte e cinco mil reais, um valor impressionante, pois é mais do que três vezes superior à média do período.

Este aumento ao final da coleta é explicado pela contribuição de devotos para a preparação do afogado por meio de doações. Para a Festa do Divino de 2009 o grupo de festeiros recebeu doação para a compra da carne com a condição de que o nome do doador não fosse revelado. Em se tratando das despesas, a maior parte do valor empenhado foi direcionada para o pagamento de combustível dos veículos dos festeiros. A média dos gastos nesta categoria ficou pouco abaixo dos setecentos reais.

Os meses com maior volume de gastos foram pela ordem: Maio, Novembro e Abril. Ao final da coleta e já na iminência da Novena outros gastos entram no cômputo dos recursos empenhados, como despesas com o adorno da Casa da Festa, da Casa do Império e da Matriz assim como da confecção das bandeiras e de material de divulgação da Festa do Divino. Este material consistiu em quatro mil panfletos confeccionados no segundo semestre de 2008 e de quatrocentos cartazes impressos no início de Julho de 2009, ano da Festa. Foram feitos três mil chaveiros estampados com o Divino para serem dados como lembranças aos devotos no valor de mil seiscentos e cinquenta reais. Proporcionalmente ao valor das despesas pode-se, grosso modo, fazer uma relação com o trabalho dos festeiros na zona rural na medida

em que os deslocamentos motorizados demandam, necessariamente, consumo razoável de combustível.

Tabela 07 – Festa do Divino Espírito Santo: Balanço financeiro de Novembro-2008 a Maio-2009 (valores em R\$)

Mês	Bruto	Despesas	Líquido
Novembro	3.956,00	791,60	3.164,40
Dezembro	3.195,50	357,90	2.837,60
Janeiro	3.126,95	503,95	2.623,00
Fevereiro	5.255,60	680,00	4.575,60
Março	2.987,45	560,50	2.426,95
Abril	8.850,90	712,00	8.138,90
Maio	24.299,00	1.247,80	23.051,20
MÉDIA	7.382,00	693,00	6.688,00
TOTAL	51.671,40	4.853,75	46.817,65

Analisando os valores relativos à arrecadação líquida, estes totalizaram ao final dos sete meses mais de quarenta e seis mil reais, descontados os aproximadamente cinco mil reais de despesas. Durante a Novena e no Dia da Festa dois importantes movimentos financeiros a favor da arrecadação são realizados: a venda de animais na Casa da Festa e a arrecadação da barraca situada na praça central. Estes movimentos são contabilizados ao final de Julho e início de Agosto, quando já se encontram em ação os casais de festeiros da Festa do ano seguinte.

O interminável trabalho e o resultado da arrecadação são processos diretamente proporcionais. Segundo uma das festeiras entrevistadas<sup>230</sup> houve aumento dos valores mesmo com a emergência da crise internacional, originada em Setembro de 2008. Trata-se de um quadro que reproduziu a dedicação dos trabalhos durante a Festa realizada em 2008 porque conseguiu sensibilizar a população em realizar os atos de doação. Quando os casais de festeiros visitam as mais longínquas casas e casebres em regiões próximas ou remotas da cidade portando a Bandeira o grau de acolhimento dos devotos corresponde ao esforço empenhado:

A doação, mesmo com a crise ela aumentou, Aumentou as doações. [...] Foi bem maior que a do ano passado, porque o pessoal gostou muito da Festa do ano passado. Porque quem faz a Festa é os festeiros. É... se o festeiro do ano passado foi um festeiro bom, este ano melhora. Se esse ano o festeiro for bom o ano que vem o pessoal ajuda mais. Porque o povo gosta de agrado, o povo gosta de carinho, o povo gosta que a Bandeira vá na casa dele. Nem que... Ele não achou ele

<sup>230</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 10/07/2009.

hoje, ele volta amanhã. Não achou amanhã volta depois de amanhã. E isso cativa o povo, aumenta a doação por causa da dedicação que o povo precisa! O povo espera a Bandeira do Divino, espera festeiro todo o ano. É isso que aumenta cada vez mais a Festa do Divino.

A mesma festeira, demonstrando entusiasmo, relata uma rica experiência pessoal durante o período de esmolas em um dos bairros de seu setor correspondente, situado além de Campos Novos. Nesta saga destacam-se a convicção, a determinação e o empenho da mesma, que percorreu a pé muitos quilômetros vencendo limitações físicas, e a fé de um dos devotos cunhenses. Este revelou ainda consideração diante do ato de contribuir com a Festa de 2009 deslocando-se até a cidade e enaltecendo positividade dos valores ainda presentes na ambiência rural:

Oh... eu sai, eu andei vinte e seis quilômetros a pé, ida e volta, para ir e levar a Bandeira num rancho de um homem que mora lá no Sertão... Nunca a Bandeira foi lá, eu fui lá. Ele ficou tão contente, tão contente, que ele esqueceu de dar a doação dele. No outro dia que ele falou: *Meu Deus eu não dei a doação do Divino*. Ele veio até a cidade, ele deixou com a minha irmã a doação dele, porque eu fiquei com a vergonha de pedir. Como que eu vou chegar e pedir? Eu fui levar a Bandeira para rezar naquele rancho. O que que eu ia esperar do rancho? Vinte e seis quilômetros para levar a Bandeira para rezar no rancho. A pé. Duas horas e meia. Gastei duas horas e meia para ir e duas horas e meia para voltar. E foi uma coisa emocionante. Foi uma coisa que... eu acho que foi a melhor visita que eu fiz. Foi a coisa que mais marcou na minha vida, foi ver a fé daquele homem, morando no centro do sertão, sem casa, sem banheiro, sem nada. É o bairro... chamado Serraria, é vinte quilômetros longe da Serraria ainda. Já é estado do Rio.

Não apenas os festeiros da Festa de 2009, mas outros que já trabalharam para a realização da Festa do Divino de Cunha em anos anteriores são testemunhos eloqüentes de tais demonstrações fervorosas de devoção e de fé. Um deles, agora seguindo magistratura e residindo fora de Cunha, fora entrevistado durante a Procissão das Bandeiras no primeiro dia da Novena. Na ocasião salientou as impressões de sua atuação, destacando pormenores quando da chegada nas casas dos devotos<sup>231</sup>:

Foi uma experiência muito bonita... porque o povo tem uma fé muito grande ao Espírito Santo, povo de Cunha né? Tem assim uma devoção, uma alegria. Quando a Bandeira chega nas casas das pessoas é como se fosse assim... uma visita importante. E é mesmo... que é o Espírito Santo. Mas a alegria deles é tão grande que eles não sabem o que fazem, sabe? Não é por você estar chegando, mas é por você levar a Bandeira do Espírito Santo.

[...]

Em todos eles (bairros relativos ao setor correspondente) fomos muito bem recebidos e... até então inclusive na minha aconteceu um fato

<sup>231</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 19/07/2009.

interessante. O grupo lá do Sapezal saiu cantando a Folia, eles sabem cantar também. Então eles foram comigo, me acompanhando. Dois fins de semana. E teve aquele almoço tradicional. Nós fomos recebidos em uma das casas para almoço. O almoço do Divino que eles falam. Eles fizeram em uma das famílias. Então foi muito bonito.

Os próprios festeiros e ex-festeiros têm experiências próprias de devoção ao Divino Espírito Santo. O ex-festeiro citado anteriormente assinalou uma das vivências desta natureza ao clamar por luz e sabedoria em um dos exames que prestou no bojo de sua vida profissional. Nesta mesma ocasião a célebre Bandeira do Divino havia visitado sua propriedade, localizada no bairro do Sapezal, zona rural de Cunha:

Em minha devoção ao Espírito Santo, eu sempre pedia para ele me auxiliar nas minhas provas. E coincidiu de no dia de minha prova oral, eu não sabia disso, a Bandeira do Divino foi visitar lá em casa no sítio. No dia da minha prova oral, foi em Novembro, mas não me recordo exatamente a data, mas foi exatamente no dia. Eu não sabia, depois que eu vim a saber. Então quer dizer: eu acho que não é coincidência... no concurso que eu fui aprovado.<sup>232</sup>

Outro festeiro que trabalhou para a Festa de 2009 percorreu detalhes de seu setor, destacando as contribuições dos moradores de bairros como Paiol, Pedra Branca e Santa Cruz. O sucesso obtido não se deteve apenas aos recursos financeiros, mas também à quantidade de animais:

Ah... o meu setor graças a Deus rapaz, é o setor do Paiol, Santa Cruz é... Pedra Branca, o pessoal deu bastante ajuda mesmo. Deu bezerro, todo o mundo ajudou né? Todo o mundo que lida com criaçãozinha já deu um bezerrinho, franguinho e... vou dizer pro cê, não faiô. Todo o mundo que deu...  
Bezerra, mais ou menos uns quarenta e cinco. Agora frango, mais ou menos assim uns cento e cinquenta frangos. Agora dinheiro não tem a previsão certa mais ou menos. Mais ou menos uns dez mil real. Só o setor meu. Setor meu.<sup>233</sup>

O quadro financeiro salutar referente à movimentação da Festa de 2009 é subsidiado pelo reconhecimento do pároco durante a Alvorada, logo no início da Novena, em relação ao árduo trabalho dos festeiros que não mediram esforços em deslocamentos aos mais distantes povoados percorrendo as mais inóspitas veredas:

Eu creio que a Festa ela se encaminhou de forma muito positiva. O grupo de festeiros se empenharam (sic) muito. E evidentemente que quando o grupo de festeiros se empenha a população, o povo corresponde. E a gente pode perceber que foi de grande importância e teve uma participação de todos. E nós podemos agora perceber neste café, nesta Alvorada, imagina cinco horas da manhã a quantidade de

---

<sup>232</sup> Idem.

<sup>233</sup> Idem, ibidem.



peças que acordaram de madrugada que vieram da zona rural de comunidades distantes, como Paraibuna, Bairro do J. Alves e tantas outras que estão participando conosco.<sup>234</sup>

A Novena relativa à Festa do Divino de 2009 iniciou-se no dia 10 de Julho, sexta-feira, com a Alvorada. Neste mesmo dia, às 18h30, deu-se a acolhida da imagem de Nossa Senhora Aparecida junto à Casa do Império. Tendo chegado ao portal da cidade de Cunha por volta das 18h, a imagem foi trazida do Santuário Nacional de Aparecida e recebida pelo pároco e por contingente considerável de pessoas. Uma carreta, silenciosa e ordeira, marcada pelo não acionamento das buzinas, percorreu trechos da área urbana. As fileiras de veículos transitaram ruas do bairro Falcão passando em frente à cooperativa de laticínios. Populares acompanhavam com discrição e sobriedade o movimento sutil dos veículos que mantinham os piscas-alertas acesos junto das calçadas. Em muitas das residências bandeiras vermelhas adornavam beiradas de janelas e marquises. Após terem transitado pelas cercanias do bairro Vila Rica, os automóveis contornaram a estação rodoviária, subindo via inclinada em direção ao centro. Imediatamente após passarem por detrás da Igreja Matriz a carreta se dissipou, terminando nas proximidades da Casa do Império.

Quando do recebimento da imagem de Nossa Senhora Aparecida o pároco iniciou o benzimento de automóveis que passavam diante da Casa do Império. Durante todos os dias da Novena<sup>235</sup> uma pregação na missa celebrada na Igreja Matriz é realizada por um padre da região com um tema específico. Durante a Novena relativa à Festa do Divino de 2009 foram abordados os seguintes temas:

- primeiro dia: Mistério da redenção;
- segundo dia: Redenção: Renovada criação;
- terceiro dia: Dimensão divina do mistério da redenção;
- quarto dia: Dimensão humana do mistério da redenção;
- quinto dia: O mistério de Cristo na base da missão da igreja e do cristianismo;
- sexto dia: Missão da igreja e liberdade do homem;
- sétimo dia: O homem remido e a sua situação no mundo contemporâneo,  
e

---

<sup>234</sup> Idem, ibidem.

<sup>235</sup> A programação referente à Festa do Divino Espírito Santo em 2009 está disposta em detalhes no Anexo H.

- oitavo dia: Todos os caminhos da Igreja levam ao homem.

A eucaristia inicial é realizada às 19h, logo após a conhecida Procissão das Bandeiras que começa na Casa do Império e termina na Igreja Matriz. Além desta programação a Novena se transforma em ocasião para que, em cada um dos nove dias, um grupo de paraninfos da área urbana e da zona rural contribua com a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição com donativos. Geralmente são alimentos não perecíveis levados para o Centro de Triagem, estabelecimento pertencente à Igreja. Neste local são concentradas as doações dos paraninfos que consistem em diversas entidades, tais como: APAE, associações de bairro, Casa da Agricultura, Correios, escolas estaduais, municipais e particulares, Fórum, irmandades, pastorais, sindicatos e outros.

Um dos ministros presentes na Procissão da Alvorada destaca a ação social paroquial, consolidando prática tradicional presente nas comunidades rurais que, comumente, doavam parte das produções como forma de auxiliar a realização de festas religiosas, tarefa cabível agora aos paraninfos:

O povo da zona rural, eles não traziam dinheiro. Eles traziam arroz, feijão, o que dava na zona rural, o que dava na roça eles traziam em oferta. Só que agora os tempos foram evoluindo, foram passando, agora as pastorais da Igreja doam seus... o alimento, doam o óleo, o arroz para fazer cestas básicas para as famílias carentes da Paróquia.<sup>236</sup>

Através das doações a Paróquia realiza distribuição de alimentos e de outros pertences essenciais às famílias carentes cadastradas previamente no mesmo Centro de Triagem, que funciona na região central de Cunha, próximo da Igreja Matriz. As doações, realizadas durante a Novena, no mês de Julho, conseguem abastecer as ações de promoção social da Paróquia até Dezembro, cobrindo praticamente todo o segundo semestre. Durante a Novena da Festa de Nossa Senhora da Conceição, cuja celebração ocorre em 8 de Dezembro, feriado municipal, nova remessa de mantimentos é trazida pelos respectivos paraninfos com o intuito de cobrir os primeiros meses do ano seguinte. Desta forma revela-se, no nível paroquial, pertinente articulação entre estas duas festas religiosas, ambas ensejando o auxílio à população necessitada.

No último dia da Novena é destacada a atuação das fraternidades e irmandades, todas situadas no perímetro urbano, que, efetivamente, acabam por realizar os

trabalhos dos paraninfos. Isto porque a condução na zona rural é problemática, pois os devotos desta região concentram suas logísticas no preparo da vinda à cidade no domingo, dia da Festa:

Para ajudar e para englobar todo o mundo. Porque a Festa do Divino é uma Festa da Paróquia, porque a Paróquia engloba todas as comunidades. E nós temos a Festa da Padroeira que é a Festa da Matriz, que engloba somente a comunidade da zona urbana, não a rural.

No último dia da Novena, por falta de condução, pelo povo que vem no dia da Festa para o almoço para a festividade do dia, eles não vem no último dia. Então no último dia tem como paraninfo a Paróquia. Todas as comunidades e fraternidades do centro urbano.<sup>237</sup>

O Centro de Triagem é administrado pelas Senhoras Cristãs, com forte vinculação à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. No local, após a separação dos alimentos doados, são montadas cestas básicas para as famílias carentes, conforme o relato de uma das festeiras do ano de 2009 que aponta para a importância das arrecadações na Novena da Festa de Nossa Senhora da Piedade, cobrindo os demais seis meses do ano: *“Aí repõe novamente, toda a alimentação durante a Novena da Festa da Padroeira vai para este Centro de Triagem, montando novas cestas básicas até a Festa do Divino Espírito Santo. Tudo é doado. Arroz, açúcar, feijão.”*<sup>238</sup>

No primeiro dia da Novena a Procissão da Alvorada é um acontecimento marcante.<sup>239</sup> A concentração de populares junto da Casa do Império começa na madrugada, por volta das 4h30 da manhã. As celebrações têm início com os cantos proferidos pela Folia do Divino, elemento inseparável das festividades e um dos símbolos mais reluzentes que traduzem a identidade cultural da Festa do Divino Espírito Santo, segundo o pároco que conduziu as celebrações:

A Folia é importante exatamente porque esse momento agora pela manhã, chamado Alvorada, é devido à música que a Folia canta que se chama *Alvorada*. E desde séculos, desde lá dos nossos primórdios e antepassados de Portugal a Folia ela sempre acompanhou a Bandeira do Divino. Então ela é parte integrante, ela é uma identidade da Festa do Divino.<sup>240</sup>

Logo após os brados de fé terem sido ecoados pelas ruas do centro tem início a reunião das bandeiras de devotos. Como parte integrante da Procissão da Alvorada a

---

<sup>236</sup> Idem, ibidem.

<sup>237</sup> Idem, ibidem

<sup>238</sup> Idem, ibidem.

<sup>239</sup> Idem, ibidem.

<sup>240</sup> Idem, ibidem.

banda do município de Lagoinha se reúne, incorporando-se aos demais integrantes da celebração. A banda, que intercala apresentações de músicas populares com os cânticos da Folia, revela-se como importante elemento de melodia que promove coesão entre o caráter profano e o caráter Católico, este representado pelo grupo da Folia, mas que porta relativa gradação popular.

Um casal de festeiros, no caso os coordenadores, segue pela Procissão da Alvorada portando a coroa. Antes disto paramentados se posicionam no corredor central da Casa do Império incluindo acólitos assistentes, coroinhas e integrantes da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Próximo à coroa do Divino posiciona-se o padre, os casais de festeiros, os acólitos assistentes e o mestre de cerimônias. A Folia do Divino se fixa atrás do padre. Na Procissão, também chamada de Alvorada Festiva, há seis bandeiras; cada uma relativa a um dos seis casais de festeiros. Além destas há duas outras presentes: a bandeira do pároco e outra, menos portentosa, pertencente a um devoto que pagava promessa. Após perfazer o trajeto o procissional retorna à Casa do Império posicionando-se, a partir da nave central, da mesma forma. Cada casal de festeiros deposita sua respectiva bandeira no suporte localizado no altar mor. Da mesma forma ocorre com a bandeira do padre, ao mesmo tempo em que este recebe a coroa e a coloca em suporte ao centro do altar. Neste íterim a Folia procede aos cantos; padre, festeiros e o procissional adentram a sacristia para o Bendigamos o Senhor. Em seguida inicia-se o café comunitário em ambiente aberto e externo, junto de frente da Casa do Império.

Na Procissão das Bandeiras, realizada no final da tarde, durante os dias da Novena, um casal diferente de festeiros segue com a coroa. O procissional e demais ritos são repetidos sem alterações significativas, contando inclusive com a participação da Folia do Divino. Após a Procissão da Alvorada, que prossegue pelas ruas centrais de Cunha, passando de frente para a Igreja Matriz, encerrando-se na mesma Casa do Império, é servido café aos populares. Antes o pároco profere agradecimento aos voluntários da Escola Estadual Casemiro da Rocha, localizada em frente da Casa do Império, que havia auxiliado no preparativo dos ingredientes cedendo espaço para o guardo dos alimentos. O café é servido em uma grande mesa, ao lado da Casa do Império, destacando-se dentre os quitutes o bolinho de arroz, receita ancestral presente no repertório gastronômico cunhense e valeparaibano. O trabalho de organização demandou enorme esforço por parte de uma das festeiras e da equipe do

estabelecimento escolar, que precisou despertar nas altas horas da madrugada para realizar o preparo:

Aqui foi servido pão de queijo, rosquinha de milho, broa, foi bolinho de arroz, pão de padaria, bolo de padaria, que as padaria um pouco doou, um pouco a gente comprou, então...

Corri atrás de tudo isso, gastei quase um tanque de álcool pra baixo e pra cima.

Mas no fim deu tudo certo, tá tudo bonito. O pessoal... taí o resultado né?

Foi a escola (E. E. Casemiro da Rocha) que cedeu pra gente como tem cedido todo ano. Eles quatro horas da manhã já estão aqui abrindo, fazendo café, fervendo o leite para que este café seja servido às seis horas da manhã.<sup>241</sup>

Fato relevante é a presença das doações em diversos momentos da Festa do Divino. Segundo o testemunho da mesma festeira encarregada pelos preparativos do café, esta prática acaba se tornando constante quando a motivação do evento é o louvor ao Divino Espírito Santo. Aliada à prática salutar da doação outra, não menos virtuosa, se revela: a cooperação entre os devotos. Na impossibilidade de um devoto arcar com dois ou três pratos, a tarefa é prontamente abraçada por um conhecido, familiar ou vizinho, resultando em traços importantes de pertencimento e de relacionamento:

O que eu comprei assim... foi pouca coisa, foi mais assim doado. Por exemplo: o leite veio da fazenda de um, da fazenda do outro... Então vai chegando coisa que a gente não imagina. É gente com bolo, é gente com café, é gente com pó que torrou na panela de ferro com café da manhã. Então é muita doação, sabe? Muita...

A gente antes a gente pede, o Padre pede aí depois o pessoal um vai falando com outro. A vizinha fala: 'Eu vou na Alvorada tem que levar um bolo.' 'Ah, mas precisa levar?' 'Não. Se você quiser levar você leva.' 'Ah não eu levo.' Aí vem a mãe da outra e vai... e quando você vê ta esta coisa maravilhosa aqui. Minha mãe com setenta e poucos anos foi fazendo no fogão de lenha as broinhas pra trazer. Então e assim é o café da manhã de... da Alvorada...<sup>242</sup>

Os preparativos para o Dia da Festa exigem uma carga de trabalho incomensurável por parte dos festeiros que vão à busca dos ingredientes para o afogado e de outros materiais, assim como do responsável pela cozinha, que necessita ter uma equipe perene e articulada de voluntários. Para esta data capital são necessários vinte e oito itens, desde alimentos até material de limpeza, que precisam ser adquiridos em quantidades diferenciadas, conforme a tabela a seguir.

---

<sup>241</sup> Idem, ibidem.

<sup>242</sup> Idem, ibidem.

Tabela 08 – Festa do Divino Espírito Santo: Produtos necessários para o afogado

<b>Alimentos</b>	- 2 mil quilos de carne	- 200 pacotes de arroz (5 quilos)	- 50 latas grandes de massa de tomate	- 10 caixas de óleo
	- 10 sacos de feijão (60 quilos)	- 100 quilos de bacon	- 50 latas grandes de ervilha	- 20 sacos de cebola
	- 20 fardos de macarrão picado	- 130 quilos de azeitona	- 50 fardos de farinha de mandioca	- 2 caixas de alho
	- 100 quilos de sal			
<b>Bebida</b>	- 100 fardos de refrigerante			
<b>Copos, pratos e talheres</b>	- 10 mil pratos descartáveis	- 10 mil copos descartáveis	- 10 mil colheres descartáveis	
<b>Material de higiene e de limpeza</b>	- 2 caixas de detergente e produtos de limpeza	- 130 aventais		- 50 luvas
	- 50 sacos de pano de prato	- 50 máscaras		- 50 tocas
<b>Gás de cozinha</b>	- 10 botijões pequenos		- 02 botijões grandes	
<b>Uniforme</b>	- 130 camisetas	- 130 bonés		- 11 camisetas para os seguranças

A Casa da Festa transforma-se em espaço de apoio operacional. É neste espaço, que pertence à Paróquia Nossa Senhora da Conceição, onde o afogado é ofertado à população de Cunha e da região. Além de ampla área destinada ao abate, à limpeza dos animais adquiridos a partir da Novena, à cozinha e à dispensa dos alimentos, a Casa da Festa conta também com um pátio de grandes dimensões favorável a concentração populacional. Ao centro deste há pequeno altar meticulosamente montado por um dos festeiros com a incumbência maior de receber a imagem do Divino Espírito Santo sendo ainda cuidadosamente ornamentado com decoração fundamentada em cores vermelhas. Grande quantidade de alimentos, principalmente arroz branco (tipo um), feijão, macarrão (tipo Ave Maria) e óleo começam a ser acondicionados já durante a Novena. Dezenas de voluntários, sob as ordens de um já tradicional encarregado por este espaço, iniciam as atividades de limpeza e de preparo dos fogões à lenha e dos demais aparatos necessários. Sobre as atividades da Casa da Festa Emilio Willems<sup>243</sup> assinala os seguintes aspectos, demonstrando a tradição dos preparativos neste referido espaço:

Durante a semana do Divino, a casa da Festa converte-se em depósito

<sup>243</sup> WILLEMS, Emilio. Op. cit. p. 156-158.

de bens que pertencem à comunidade e no santário ostenta-se o símbolo máximo daquilo que é de todos e não pertence propriamente a ninguém: a Corôa do Divino.

[...]

Em uma das divisões principais acumulavam-se mantimentos adquiridos em grande quantidade para servir à multidão dos comensais do Divino que diariamente, à hora das refeições, se comprimia na sala de jantar. No depósito de víveres notavam-se, às pilhas, sacos de cereais, queijos, doces, guaranás, vinhos e cervejas.

[...]

Mais distante da casa, mas ainda no mesmo quintal, encontrava-se o cercado dos porcos que ia tornando pequeno à medida que os dias corriam e as prendas chegavam. [...] As aves doadas pelos devotos do Divino eram conservadas num galinheiro feito na ocasião. Num canto do quintal viam-se montes de milho em espiga e grandes quantidades de lenha, dádivas oferecidas ao Divino.

Figura 10 – Festa do Divino Espírito Santo: Preparo do afogado



Tradição ancestral: O movimento na Casa da Festa durante a Novena e no Dia da Festa é fator constante na Festa do Divino Espírito Santo de Cunha.  
Foto: Henrique Alckmin Prudente – JUL/2009.

O coordenador responsável pela Casa da Festa assinala algumas das tarefas realizadas pelos voluntários, todos devotos e fiéis do Divino Espírito Santo. Muitos deles, residentes em outros municípios, chegam a se deslocar até Cunha especialmente para auxiliar nos preparativos e nos trabalhos em geral; sempre em vistas à realização da Festa do Divino.

Durante a Novena a Casa da Festa também se transforma em ponto de venda de animais, prometidos ao Divino Espírito Santo pelos devotos quando foram visitados pelos festeiros. De acordo com o testemunho<sup>244</sup> de um dos festeiros destacam-se como

<sup>244</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 19/07/2009.

carros-chefe de venda os frangos e os leitões, carnes muito apreciadas na culinária local. O preço de venda é obrigatoriamente estipulado conforme as oscilações do mercado rural de Cunha, respeitando-se os valores praticados pelos produtores para que não se inflacione o mercado neste período. Além do serviço de venda a Casa da Festa realiza, graças ao apoio de voluntários, o abate e a limpeza dos animais comprados:

O preço, o preço nós fizemo pesquisa na roça com a turma que compra lá na roça que vende e o preço foi sete real o frango vivo. E a leitoa foi cinco real o quilo vivo também. Se for leitoinha mais ou menos de dez, quinze quilo, dezoito quilo por ai cinco. Se for mais pesada aí tem um descontinho né. Vai descontar um pouquinho. Lá na roça. Aí quem comprou aqui vivo, chegava aqui, matava e pagava um real para matar um franguinho. E a leitoa pagava cinco real pra limpar ela e entregar limpo.

Ainda no período concernente à Novena procede-se a escolha do feijão, atividade geralmente realizada na quinta ou na sexta-feira. Na véspera da Festa, sábado, logo cedo o trabalho central concentra-se em picar as mais de duas toneladas de carne para, a seguir, serem devidamente temperadas e condicionadas em um grande compartimento. No dia da Festa, domingo, o cozimento se inicia com o arroz, a farofa, que será acrescida ao feijão transformando-se em virado, e o macarrão. Na fala do coordenador é realçada a tradição dos voluntários. Alguns deles chegam a participar das atividades há mais de vinte anos:

Ah... tinha umas cem pessoas trabalhando. Em torno de umas cem pessoas picando carne, porque são dois mil quilos e quatrocentos quilos de carne. Está ali já temperadinho... e coisa ali. Só isso o... de hoje... São todos voluntários. Aqui ninguém ganha nada. E é os mesmos. E aqui o caseiro... se não puder não entrar pessoas estranhas até a gente procura evitar de... de deixar entrar, mas é sempre os mesmos. Ah... só que a gente... só depois que a gente conversar muito bem. Precisa ser uma pessoa que a gente já conhece, já tem assim um... certo? Então a partir daí essa... você pode chamar uma pessoa para trabalhar, mas é... meio difícil né? Porque é aquilo que... nós já somo formado. Tem gente que já vai fazer vinte e cinco anos que trabalha... Então tem um grupo que já é formado há vinte e cinco anos atrás então você não pode estar...<sup>245</sup>

O afogado<sup>246</sup> é servido a partir das nove e meia da manhã, quando os portões

<sup>245</sup> Idem.

<sup>246</sup> O afogado servido na Festa do Espírito Santo de Cunha é constituído de arroz branco (tipo um), virado (feijão carioquinha com farofa), macarrão (tipo ave-maria) com molho de tomate e carne de boi com batata cozida.



são abertos à comunidade, após o pároco ter realizado a bênção<sup>247</sup> das instalações da Casa da Festa. O pároco deve estar acompanhado por um assistente acolito, portando: aspersório com água benta, estola vermelha, ritual de bênçãos e sobrepelis. Este ritual tem início por volta das nove horas e conta com a presença de coroinhas, festeiros, Irmandade do Santíssimo Sacramento e demais colaboradores. Realizada a bênção ao ar livre, o pároco adentra pela cozinha, já repleta de voluntários trabalhando para que o afogado já possa ser servido: *“Vai ser lá pelas nove e meia, porque às nove horas vai dar a bênção, o padre vem dar a bênção, aqui. Aí a partir daí está liberado. Aí já é para nove e meia e coisa... já começa a servir. Acredito que vai ser um... no máximo às dez horas já vai estar servindo.”*<sup>248</sup>

Enquanto durar a comida o afogado é oferecido. Para estruturar as atividades de

---

<sup>247</sup> Esta bênção foi realizada da seguinte forma:

Pároco: *Nós queremos agradecer todos vocês pela disponibilidade de coração, e com muita alegria e gratuidade vem para poder servir o Divino Espírito Santo. Não para servir o padre e nem pra servir festeiro. Vocês estão aqui para servir o Divino Espírito Santo. Para servir a Nosso Senhor. Então isto deve ser motivo de muita graça, de muita bênção para todos nós. Então nós vamos agora fazer oração, pedindo a bênção sobre todos vocês, todas as equipes que trabalham aqui na Casa da Festa e enquanto eu entro ali na cozinha eu peço que vocês continuem rezando. Que não se dispersem, que não fiquem conversando, mas continuem rezando até eu voltar para então darmos assim a bênção final. A nossa proteção está no nome do Senhor.*

Todos: *Que fez o céu e a terra.*

Pároco: *Seja bem dito o nome do Senhor.*

Todos: *Agora e para sempre.*

Pároco: *Bem dito sois Senhor nosso Deus, que encheis o mundo com a Vossa bênção, concedei aos vossos filhos, que vão usar devotamente estes alimentos. Pela intersecção da Virgem Maria, na celebração da Festa do Divino Espírito Santo. A abundância de graças celestes para terem progresso constante com vosso amor e na busca das coisas divinas. Por Cristo Nosso Senhor.*

Todos: *Amém.*

Pároco: *...trabalhos, muitas coisas. Coisas boas, pessoas que são generosas, gratuitas, agradecidas, pessoas alegres, mas também vão encontrar pessoas que de repente vão falar coisas que vão até de repente ofender vocês. A palavra de Deus pelo Apóstolo Paulo, ela fala para nós com muita sabedoria a seguinte coisa: ‘Olha, tudo aquilo que você receber, examine tudo e fique com o que é bom. Tem coisa que você vai escutar faz de surdo, faz de cego, faz de louco, como diz o ditado, a turma né? O ditado popular: ‘Dá uma de louco para estas pessoas.’ Mas não permita que, de repente, algo alguma palavra que foi falada mal intencionada ou com a intenção de te ofender ela vem estragar o seu dia. Porque se você chegar no final do dia e colocar na balança você vai ver que o que você escutou pesa muito mais e tem muito mais valor do que aquela palavra que aquela pessoa fez, aquela pirraça, aquele mal trato que ela fez, né? E aí eu posso dizer pra vocês isso com conhecimento de causa, mas eu brinco com o pessoal eu digo assim: ‘Vocês acham que um padre não é igual a vocês. Não é de carne e osso, não está morando na Terra, né? Então quer ouvir gente falar mais mal do que padre? Misericórdia. Quanto que a gente escuta, né? Que o nosso coração não nos deixe conduzir por isso. Como eu falei no início. Nós estamos aqui pelo Divino Espírito Santo. E o Espírito Santo é o fogo abrasador. O Espírito Santo, gente, ele é amor. Então que possamos exercitar este dom do Espírito Santo, sobretudo neste nosso trabalho. O Senhor esteja convosco.*

Todos: *Ele está no meio de nós.*

Pároco: *...sobre vós, sobre o alimento, sobre todas as equipes de serviço, sobre este local da Casa da Festa a bênção do Deus todo poderoso: Pai, Filho, Espírito Santo, Amém. Deus lhes pague, Deus abençoe.*

<sup>248</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 18/07/2009.

servir o alimento a milhares de pessoas, são montados oito postos para servir os pratos. Fileiras com barbantes são organizadas para impedir alvoroço e para atribuir certa ordem diante de tamanha dimensão populacional. Dificilmente há sobras relevantes tendo em vista que as atividades de oferecimento das refeições chegam a avançar até três ou quatro horas do período vespertino: *“Eu espero que não sobre né? Que... mais ano, não tem sobrado comida quase. É difícil sobrar comida. A gente não tem uma base mais ou menos.”*<sup>249</sup>

Figura 11 – Festa do Divino Espírito Santo: Bênção da Casa da Festa



Sacralização do alimento: Pároco realiza bênção próximo da cozinha da Casa da Festa, diante dos casais de festeiros, voluntários e demais devotos dando início formal e oficial às celebrações do dia da Festa do Divino Espírito Santo.  
Foto: Henrique Alckmin Prudente – JUL/2009.

O depoimento de uma ex-festeira que trabalhou em uma das festas recentemente e voluntária no ano de 2009 deixa transparecer sua disposição para auxiliar os trabalhos realizados na Casa da Festa no dia culminante. Na quase totalidade dos casos vistos empiricamente antigos festeiros permanecem trabalhando nas edições posteriores demonstrando de forma translúcida que não se tratam de relações casuais, efêmeras ou fugazes. O sentido de pertencimento e de reconhecimento da Festa do Divino como fator de identificação permanece por vários anos:

Eu costumo participar, mas vou na missa das 10h. Hoje que eu estou participando. Desço pra almoçar. Aí eu ajudo. Hoje eu vou ficar aqui servindo, ajudando a servir. Eu já ajudei um ano, depois eu fui na missa das 10h agora esse ano eu voltei a ajudar... Sou daqui de Cunha

<sup>249</sup> Idem.

mesmo. Já fui festeira também, em 2006. Em 2006 eu e o meu marido fomos festeiros também.<sup>250</sup>

Sobre o auxílio popular seu depoimento não difere daqueles relatados pelos festeiros e demais devotos. Fatores constantes e inerentes à Festa do Divino Espírito Santo de Cunha são a admiração e o respeito a dois elementos simbólicos: bandeira e Folia, que portam significados de maior valor:

Como ajuda? O povo adora, o povo gosta de mais, o povo recebe a Bandeira com o maior carinho. É uma fé imensa que o povo tem no Divino. Eu trabalhei na zona rural e depois eu vim pra cidade. Eu trabalhei aqui no setor da Chácara do Artur, Chácara do Zé Moreira, Alto do Jovino, aqui na cidade é... visitando as famílias, rezando nas casas e pedindo ajuda pra Festa.<sup>251</sup>

Detalhado enfoque deve ser feito em relação à Casa do Império, Igreja de Nossa Senhora do Rosário também conhecida como Igreja de São Benedito dos Homens Pretos. Construída em 1745, treze anos após a capela em louvor à Nossa Senhora da Conceição, atual Igreja Matriz, a Igreja do Rosário traduz a importância do culto protagonizado pelos afro-descendentes nos primórdios da ocupação portuguesa no Brasil. Revela também a densidade, no que tange às categorias das culturas subalternas, do culto dos escravos à revelia ou em simbiose com as tradições lusitanas mais arraigadas, vinculadas com os cultos e dogmas seculares da Igreja Católica Romana.

Concomitantemente à importância destes dois espaços sagrados, bases materiais e simbólicas da Festa do Divino Espírito Santo de Cunha, a participação das irmandades como paraninfos na véspera da Festa suscita o destaque destas agremiações como elementos que clarificam a convivência entre entidades culturais que ora traduzem elementos das culturas hegemônicas, ora revelam substâncias inerentes às culturas subalternas.

As irmandades, ou fraternidades, conforme a descrição já feita das atividades da Novena no sábado que antecede o Dia da Festa, também podem ser definidas como associações, confrarias e grêmios, concordando-se com Julita Scarano<sup>252</sup> que defende uma proximidade destes conceitos no que tange aos teores cultural e social. Neste sentido ganha ênfase a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, trazida pelos jesuítas, e representante de legado cultural afro, portador de inúmeras interfaces nos

<sup>250</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 10/07/2009.

<sup>251</sup> Idem.

<sup>252</sup> SCARANO, JULITA. *Devoção e escravidão*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978, p. 2.

processos históricos de Cunha e de outras localidades valeparaibanas e brasileiras:

Dentre as associações de pretos, a mais notória é a de Nossa Senhora do Rosário. Tendo como patrona a mãe do Salvador, foi cara ao catolicismo lusitano e recebeu proteção e privilégio de reis e pontífices. Escudada no terço, devoção sumamente popular, logo se transformou em organização poderosa. No Brasil, passou a ser quase totalmente absorvida pelos negros, restringindo-se com isso as associações de brancos dessa invocação.<sup>253</sup>

A necessidade de separação do culto dos escravos do culto do europeu e de seus descendentes motivou construção de outros templos de louvação, de outros lugares sagrados, imbuídos de devoção e de sacrifícios em virtude das demandas materiais que tais empreendimentos necessitavam. A construção de santuários próprios, fator presente a partir do terceiro quartel do Século XVIII, mais do que cristalizar a segregação quanto ao culto religioso demonstra a ruptura dos componentes afros perante as devoções hegemônicas, caminhando para a valorização de espaços de pertencimentos próprios, sem as mediações intransigentes originadas dos repertórios católicos portugueses:

Os pretos também procuraram construir a sua própria capela e, para isso, necessitavam de recursos, o que só acontece, de modo geral, na segunda metade do Setecentos, pois apenas nessa época dispunham eles de meios para tanto.

[...]

Logo que fosse possível os irmãos do Rosário tratavam de construir ermidas, para com isso saírem da dependência dos brancos.<sup>254</sup>

A missa celebrada no Dia da Festa, às 10h na Casa do Império, se inicia com o procissãoal adentrando pela nave central de modo que seus integrantes ocupem os respectivos lugares. A celebração segue rito normal até a oração após a comunhão. Transcorridos os avisos finais o pároco, sempre conduzindo os trabalhos primordiais, agradece os festeiros dando bênçãos às singelas lembranças que são oferecidas pelos mesmos a todos os presentes, sacralizando e ressignificando tais objetos. Neste momento o coral presente na Casa do Império entoia cântico em louvor ao Divino Espírito Santo. Após a entrega das lembranças aos devotos o comentarista discorre sobre o significado do mastro convidando os presentes para que acompanhem o procissãoal até a entrada da Igreja Matriz. O mastro funciona como um meio de comunicação. Tem a primeira finalidade de anunciar que as festividades concernentes ao Divino Espírito Santo estão acontecendo. Trata-se de um instrumento que tem uma

---

<sup>253</sup> SCARANO, Julita. Op. cit. p. 1.

segunda atribuição: identificar o espaço de Cunha como território do Divino Espírito Santo. O trajeto é acompanhado pelos cânticos proferidos pelo coral. Chegando-se à frente da Igreja Matriz, em local próximo da colocação do mastro, o pároco conduz nova bênção sendo acompanhado pelos cânticos da Folia. Ao mesmo tempo o mastro é erguido; encerrados os cânticos do grupo pedintório o pároco dá vivas ao Divino Espírito Santo. O processional adentra pela sacristia passando pelo interior da Igreja Matriz e pelo altar do Sagrado Coração de Jesus.

Aspectos centrais nesta análise são os trajetos de duas das procissões realizadas durante a Festa do Divino Espírito Santo de Cunha: a Procissão da Alvorada, realizada na abertura da Novena, e a Procissão das Bandeiras, realizada diariamente durante a Novena. A Procissão da Alvorada tem percurso mais complexo, pois passa, após a saída da Casa do Império, por toda extensão da Rua Dr. Casemiro da Rocha, adentra ao perímetro da Matriz Nossa Senhora da Conceição na Praça Cônego Siqueira, passa pelas ruas Benedito Amato, Paulo Virgínio e Comendador João Vaz, perfazendo o contorno como de uma das arestas de um polígono até atingir a tradicional Rua Dom Lino, onde situava antiga sede da Prefeitura Municipal em casarão colonial. Passando por detrás da Igreja Matriz, a Procissão da Alvorada chega até a Rua João Manuel Rodrigues. Em descida relativamente abrupta faz contorno na Rua Coronel Macedo e chega aos domínios da Rua Major Santana para chegar novamente até a Rua Dr. Casemiro da Rocha, com término na Casa do Império, Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A Procissão das Bandeiras, por sua vez, tem trajeto simplificado, consistindo-se em um percurso retilíneo da Casa do Império até a Igreja Matriz, sem perfazer as vias do polígono religioso cunhense.

As procissões que perfazem a ligação entre estes dois espaços sacros e incorporados às manifestações em louvor ao Divino Espírito Santo revelam a densidade histórica relativa à junção entre a religiosidade lusitana e a religiosidade popular, esta originada e praticada através da miscigenação entre etnias, e da simbiose de cultos envolvendo as categorias afro, europeia e nativa; trata-se de fator presente na constituição da população de Cunha. Ademais o trajeto assume importância não apenas pelos ritos inerentes à Festa presentes nas procissões, mas também pelo caráter contínuo que esta ligação entre as duas igrejas que se materializa faz emergir, isto é, o viés não efêmero e não passageiro que os lugares assumem, refazendo e

---

<sup>254</sup> Idem, p. 31.

reforçando a simbiose entre o católico oficial e o católico popular no seio de uma gradação subalterna. O elo que se forja entre os espaços sagrados da Casa do Império e da Igreja Matriz condiciona uma aceitação e uma complacência velada protagonizada por estes ritos, legitimando elementos situados nas diversas categorias culturais envolvidas, principalmente porque não são produzidas abolições, censuras e demais proibições.

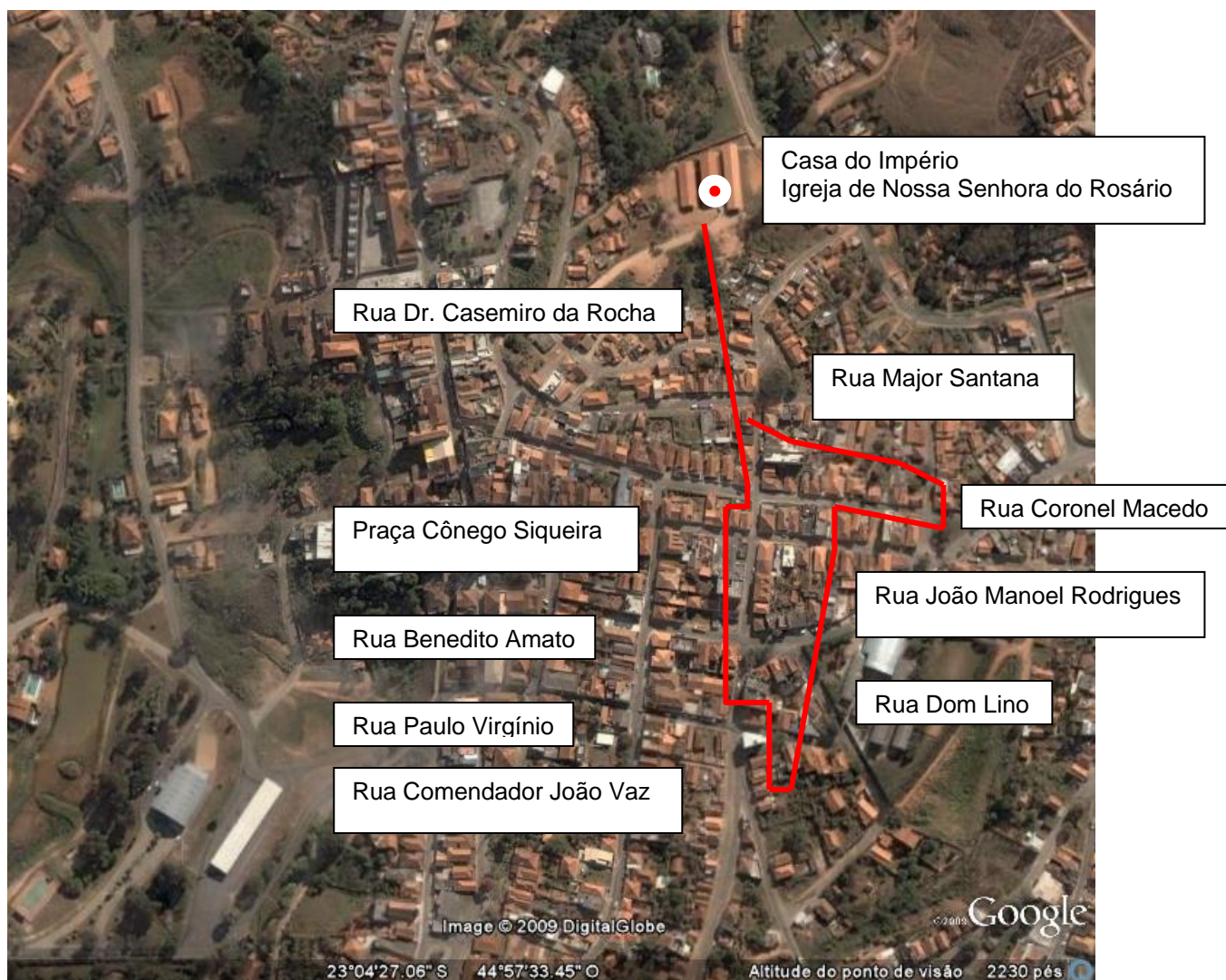
Figura 12 – Festa do Divino: Procissão de encerramento



Alguns dos mais célebres símbolos da Festa do Divino Espírito Santo, as bandeiras do Divino, são portadas com fervor pelos devotos como objetos sagrados nas celebrações.

Foto: Henrique Alckmin Prudente – JUL/2009.

Figura 13 – Festa do Divino Espírito Santo: Trajeto da Procissão da Alvorada (2009)



Tais características se fazem presentes na Festa do Divino Espírito Santo e em outras celebrações cunhadas na hagiografia ocidental, fruto da consciência e do envolvimento da população tendo no grupo da Folia do Divino um expoente da maior valia reproduzindo tais processos ano a ano. A Festa traduz em diversos momentos, através de ações, de ritos e de sujeitos, a junção entre o oficial e o popular, aspecto a ser acrescido ao sincretismo entre profano e sagrado.

Na Festa realizada em 2009 a Procissão de encerramento percorreu o tradicional polígono religioso, chamado também de quadrilátero, do centro de Cunha. Este percurso<sup>255</sup> é constituído de trajeto que se inicia na Igreja Matriz, na Praça Cônego Siqueira, tomando a Rua Benedito Amato. Em seguida o processional toma as vias Paulo Virgínio e Comendador João Vaz, alterando abruptamente o sentido de Sul para Norte através da Rua Dom Lino, com descida pela Rua João Manoel Rodrigues. Novamente alteração significativa se faz, do Leste para Oeste, quando o cortejo toma a Rua Coronel Macedo e segue pela Rua Major Santana para atingir a Rua Dr. Casemiro da Rocha e terminar de frente à Igreja-mor de Cunha e sede paroquial.

A Procissão deste dia, assim como a Procissão da Alvorada, contou com a presença da banda de Lagoinha. Durante o percurso as portas dos estabelecimentos comerciais permaneceram cerradas. Cada um dos casais de festeiros portava sua respectiva Bandeira do Divino. Cunhenses, habitantes ou nascidos, juntos de espectadores da região, como duas senhoras de Guaratinguetá que às portas da Igreja Matriz demonstraram latente emoção, acompanharam o rito com o devido respeito.

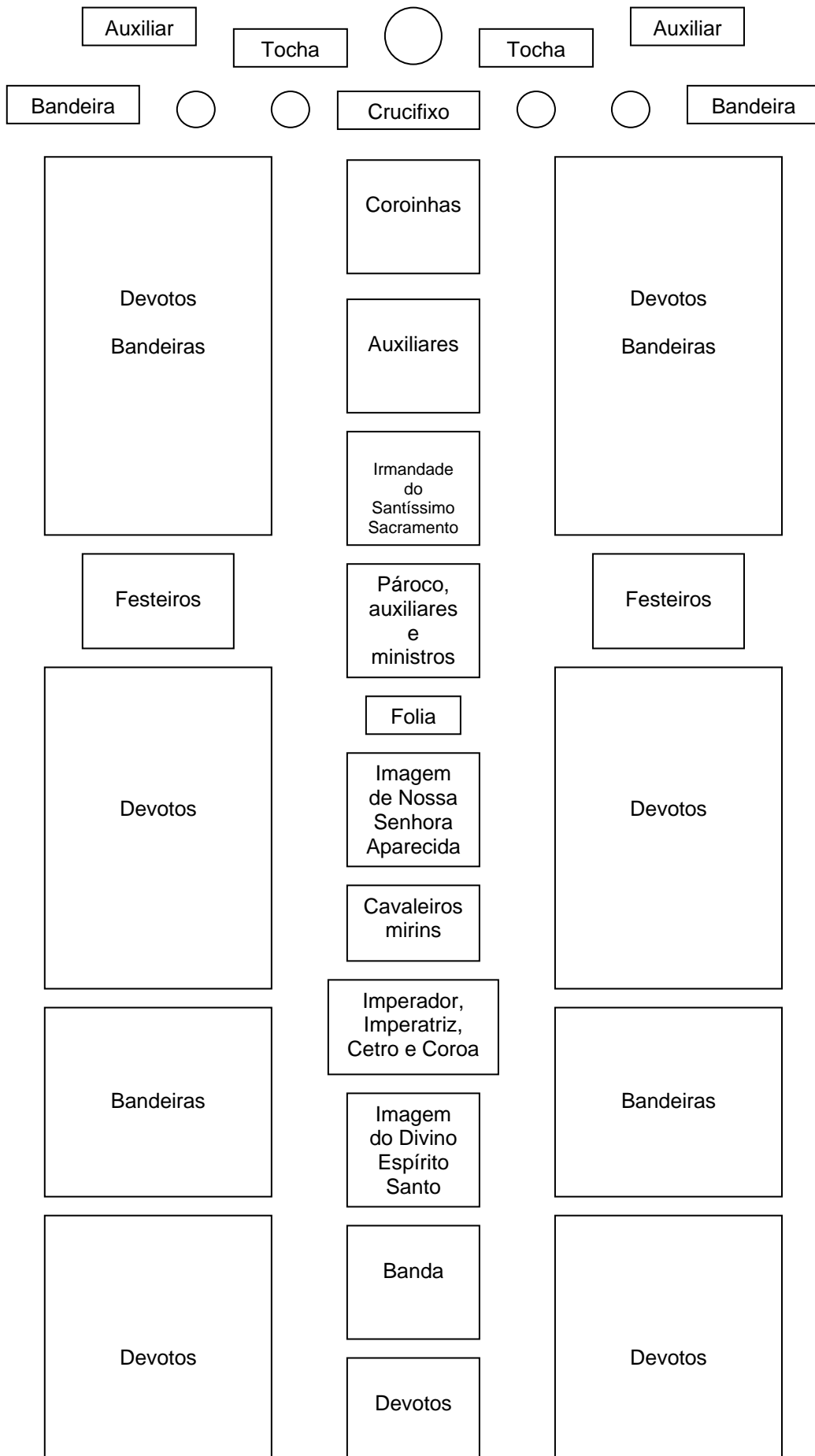
A estrutura desta Procissão, semelhante às demais relativas à Festa do Divino de Cunha, é constituída por três grandes fileiras, sendo a central a mais representativa ladeada por duas formadas basicamente por devotos e festeiros portando as bandeiras. No início a primeira fileira é constituída por cinco figuras. Ao centro, um auxiliar carrega uma cruz processional de prata, acompanhado à direita e à esquerda por dois outros auxiliares tocheiros portando suas tochas também prateadas. Nas extremidades da fileira dois auxiliares porta-bandeiras integram este conjunto simbólico processional. A seguir a procissão traz três alas compostas respectivamente por coroinhas, auxiliares e Irmandade do Santíssimo Sacramento.

---

<sup>255</sup> O roteiro da Procissão do Dia da Festa é variável ano a ano. Em 2008 a Procissão saiu da Casa do Império e não da Igreja Matriz. Em 2002 percorreu a Rua João Manoel Rodrigues, sentido Igreja Matriz, saindo da Casa da Festa.



Figura 14 – Festa do Divino Espírito Santo: Quadro esquemático da procissão de encerramento (2009)



Na quarta ala aparecem pároco, auxiliares e ministros, tendo como alas os casais de festeiros com as bandeiras. A seguir aparece a Folia do Divino acompanhada, mais atrás, pela imagem de Nossa Senhora Aparecida. Sete cavaleiros mirins trajados conforme cavaleiros templários medievais seguram um cartaz com os sete dons do Espírito Santo: ciência, conselho, fortaleza, inteligência, piedade, sabedoria e temor de Deus. Estes têm o propósito de preparar espaço anunciando a chegada do Imperador, portando o devido cetro de prata, e da Imperatriz, trazendo a importante coroa, e a imagem do Divino Espírito Santo constituída pela pomba branca e por um resplendor dourado. A imagem do Divino encontra-se à frente da banda musical, que integra a penúltima ala. O quadro processional é encerrado tendo um grupo de devotos na retaguarda da banda.

No dia da Festa do Divino eventos profanos ocorrem no período vespertino na Praça Cônego Siqueira. Em sua maioria são atividades de brincadeiras tradicionais, muito comuns em festejos no espaço rural e que foram incorporadas no espaço urbano. Destacam-se os bonecos Maria Angú e Zé Paulino e os jogos: leitão encebado, quebra-pote e pau de sebo. O grupo de congada cunhense, que se apresenta na Casa da Festa, na parte da manhã, integra estas atividades no período da tarde. Além destas atrações a barraca dos festeiros vende alimentos e bebidas com vistas à arrecadação para a paróquia.

A parte litúrgica da Festa do Divino envolve, durante as missas no período da Novena, atos de natureza religiosa que dão sustentação ritualística à identidade cristã e católica. As celebrações circunscritas à vigência da Novena, realizadas na Igreja Matriz às 19h após a Procissão das Bandeiras, são compostas por dezesseis partes. Estas são integradas e perfazem um roteiro que se inicia com a entrada das bandeiras seguida pelo comentário inicial proferido por um dos leitores. Em seqüência ocorrem: a entrada do procissão, a saudação inicial e o hino de louvor. A oração da coleta dá continuidade aos ritos eucarísticos. Posteriormente realiza-se a liturgia da palavra sendo este rito dividido em: primeira leitura, salmo e Evangelho. Em seguida, dá prosseguimento à eucaristia a *Homilia*, a oração da comunidade com a participação dos leitores e o ofertório. A liturgia sacramental é o próximo rito sendo que a oração eucarística é cantada. As partes - comunhão, avisos finais e bênção final - constituem os momentos que encerram a missa. Contudo as celebrações se dão por encerradas com a procissão de retorno à Casa do Império.

Dentre estes são destacados, sobretudo, os vinculados ao ofertório, importante momento de celebração e de partilha realizado com participação da comunidade de devotos. A cada dia da Novena durante as celebrações na Igreja de Nossa Senhora da Conceição dois integrantes da equipe de coordenação litúrgica, geralmente composta por auxiliares, coroinhas e ministros, são incumbidos de organizar o procissão das oferendas. Neste rito diferentes casais de festeiros abrem, a cada dia da Novena, a procissão do ofertório portando o Pão e o Vinho a serem abençoados. Juntamente com este alimento e com esta bebida, que se transmutam no corpo e no sangue de Cristo, os cadernos da Festa do Divino são colocados no altar, representando a oferta de todo o esforço empenhado através da obtenção dos recursos financeiros e dos produtos para que possam ser abençoados. São ofertadas também para as famílias dos próximos festeiros, transparecendo a disponibilidade que as mesmas portam em relação aos serviços que serão prestados ao Divino Espírito Santo e à Igreja Católica. Revela-se uma forma de sacralização desta empreitada. Embora haja uma ordem em relação à entrada dos participantes, todos os integrantes deste ritual são considerados de modo equânime, ou seja, a ordem de entrada não corresponde à ordem de importância.

Outro membro desta mesma equipe deve se manter na Casa do Império, Igreja do Rosário, a fim de auxiliar a paramentação dos leitores de cada uma das missas. Todos os leitores devem estar na Casa do Império impreterivelmente até às 18h15 e os comentaristas às 18h30 na Igreja Matriz. Na etapa relativa à oração dos fiéis assim como durante os comentários há mensagens alusivas às questões inerentes ao Divino Espírito Santo. Contudo os leitores devem, seguindo orientação da equipe litúrgica, estar atentos tendo em vista eventuais mudanças nos textos quanto à inserção de novo assunto ou tema em decorrência do andamento e da dinâmica da Festa do Divino.

As celebrações eucarísticas recebem a participação de algumas entidades ligadas à Festa do Divino. Doravante uma outra atribuição da equipe de liturgia é a de orientar as pastorais da Igreja – família, menor, mulher etc. – assim como movimentos sociais – cooperativas, sindicatos etc. – e escolas a respeito do significado da figura do Divino Espírito Santo. Ainda durante a missa de encerramento da Festa do Divino os festeiros realizam uma homenagem ao pároco, precedida de agradecimento às equipes que conseguiram organizar mais uma edição desta celebração, quais sejam:

- 1 Equipe de coordenadores responsáveis pela arrecadação de dinheiro e de prendas

dos bairros rurais e urbanos;

- 2 Equipe responsável pela compra e distribuição dos doces;
- 3 Equipe responsável pela barraca operada durante a Novena, junto da Igreja Matriz;
- 4 Equipe responsável pela ornamentação da Casa do Império e da Igreja do Rosário;
- 5 Equipe responsável pela limpeza da Casa do Império e da Igreja do Rosário;
- 6 Equipe responsável pela estrutura da Casa da Festa e pelo preparo do afogado;
- 7 Equipe responsável pela Alvorada, englobando o preparo do café comunitário, a ornamentação das mesas e demais deliberações;
- 8 Prefeitura Municipal, responsável pelo suporte relativo ao deslocamento viário, logístico e operacional, e pela ornamentação do perímetro da Festa e demais deliberações;
- 9 Coordenadoria de Turismo da Prefeitura Municipal, responsável pelo suporte material como condução para a banda de Lagoinha, fogos de artifício, faixas etc;
- 10 Polícia Militar, responsável pela segurança do perímetro da Casa da Festa, e
- 11 Pastoral Litúrgica, responsável pela organização dos ritos simbólicos inseridos nas eucaristias.

Durante a missa solene de encerramento da Festa do Divino repete-se a distribuição de pequenos presentes aos participantes, também abençoados pelo pároco; ato também acompanhado pelos cantos do coral. A Festa do Divino Espírito Santo de 2009 é oficialmente encerrada após o pároco nomear os festeiros seguintes e realizar a bênção final.

As etapas executadas para que a Festa do Divino Espírito Santo pudesse ganhar concretude permitem que sejam tecidas algumas considerações sem que se perca de vista a relação indivisível ente cultura e cotidiano. As festas populares e a festa em questão exprimem com freqüência processos de experimentação de vastas ordens em que mecanismos de assimilação e de descarte possam coexistir. Permanências e resistências tratam de encampar organicamente as festas populares nos processos de gestão. Sendo guardiãs e refúgios de tradições ancestralmente postas e transmitidas a gerações, sedimentam na contemporaneidade importante contraponto à cultura hegemônica, podendo esta ser também qualificada como alta cultura, cultura de elite ou cultura superior.

Outrossim, a Festa do Divino Espírito Santo se mostra ao longo dos tempos como movimento de interação comunicacional, amparada na interpretação de um real

concreto mediado pelo catolicismo oficial e pelo repertório das classes populares. Sendo cognoscível, a representação deste real desencadeia um sistema de comunicação com gradientes materiais e simbólicos transpostos para um contexto histórico enaltecendo momentos de reciprocidade franqueados com o meio natural e social.

## 2.2. O ressurgimento da Folia do Divino

A Folia é peça fundamental dentro das festividades do Divino Espírito Santo assim como nas louvações ao dia de Santos Reis no mês de Janeiro no âmbito de mais uma festa com relevante densidade cultural: a Festa de Reis em comemoração à chegada dos três reis magos, vindos do Oriente, ao nascedouro de Cristo. Este grupo pedintório, em particular o relativo às várias edições da Festa do Divino, é um dos baluartes da identidade cultural desta celebração pela sua importância como mediador entre símbolos da maior expoência ideológica. No caso do Divino Espírito Santo podem ser citados como exemplos a coroa e a bandeira, objetos sempre inseridos em um contexto de enorme devoção popular. Ademais, os contingentes de foliões contribuem de modo preponderante para o recolhimento de esmolas e de prendas variadas, fator ímpar e integrante do acervo material para a condução e realização da Festa do Divino Espírito Santo de Cunha pela quantidade significativa de recursos que consegue angariar em décadas de atuação.

O grupo da Folia integrante das celebrações da Festa do Divino é constituído, obrigatoriamente, por cinco membros: mestre, contramestre, dois tocadores sendo um de pandeiro e outro da caixa, este também conhecido como caixeiro, e um portador da bandeira do Divino.<sup>256</sup> Na Estância Climática de Cunha e nas demais localidades que louvam ao Divino Espírito Santo a respectiva Folia sempre compartilha, quando são realizadas visitas nas localidades rurais, as refeições, como o almoço e o jantar por exemplo, com os hospedeiros celebrando o alimento e sua partilha por meio da caridade e da solidariedade a partir do ato de bem acolher e tratar. O recebimento e a condução da bandeira do Divino é um procedimento que cabe ao respectivo chefe da propriedade. A bandeira necessita percorrer, durante os cânticos da Folia, todos os cômodos da casa, devendo estar sempre portada pelo proprietário. Este ato garante à residência imunidade e proteção contra mal-olhados e outros percalços, trazendo harmonia para a ambiência caseira.

Emilio Willems<sup>257</sup> destaca a participação da Folia como um dos momentos capitais, concernentes à gestão da Festa do Divino de Cunha, marcada por profunda participação popular que se expressa nos montantes de donativos, geralmente alimentos e animais de criação, ofertados com o objetivo de garantir a realização desta

---

<sup>256</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em Janeiro de 2009.

Festa. Posteriormente destaca a oferta dos pousos para o pernoite dos foliões, atividade que desapareceu devido a dois fatores: a mobilidade trazida por meios mais possantes de locomoção motorizados e à indisponibilidade de tempo dos festeiros contemporâneos em decorrência da compressão do ritmo de vida a partir da emergência da modernidade e, ainda, tendo em vista que muitos destes foliões e festeiros exercem respectivas atividades profissionais:

Muitos meses antes da festa propriamente dita, a folia começa a percorrer a zona rural angariando os donativos para a festa. O grupo de foliões é um elo de ligação entre os bairros mais afastados. Na última fase de preparativos, os foliões raramente viajam sozinhos. Numerosos moradores do bairro onde a folia pediu o último pouso, acompanham a bandeira do Divino pelo menos ao pouso seguinte. Não é raro formar-se um grupo de algumas dezenas de cavaleiros em torno da bandeira. O “pedido de pouso” é uma festa de grande significação social e religiosa. O jantar e o baile subsequente reúnem a família do hospedeiro, as famílias vizinhas, os foliões e todo o seu séquito. A ocasião associa, portanto, parentes, e vizinhos com moradores do mesmo bairro e de bairros vizinhos e todos estes com os foliões que vêm de longe e representam o festeiro, a Igreja e, pelo menos, indiretamente, o Divino Espírito Santo, cujo símbolo material expõem à veneração dos devotos. A própria festa, enfim, movimentava a região toda. Durante uma semana, muitos milhares de moradores rurais vão à cidade afim de participar das cerimônias religiosas e diversões “profanas”.

Ainda em relação à citação anterior observa-se, com grande destaque, a função de união que o grupo pedintório exerce junto aos contingentes populacionais rurais, agregando outros componentes culturais que convergem para a reunião de moradores, vizinhos ou não, quando da realização dos almoços, jantares, rezas e de outras atividades. Diurner Mello<sup>258</sup> aponta que, no município vizinho de Paraty, litoral Sul fluminense, a presença da Folia sempre foi saudada com enorme devoção e esperança pelos devotos, contribuindo com os donativos essenciais para a realização da Festa. No caso de Paraty, as sutilezas de ordem geográfica contribuíram para que a Folia se agrupasse no setor da serra e no setor do litoral:

Para angariar esmolas e prendas para a festa, a folia percorria todo o município, casa por casa, povoado por povoado. Era comum a existência de uma folia percorrendo o interior e as serras e outra percorrendo as praias, ao longo da costa, cada uma usando dos meios de locomoção possíveis e disponíveis: cavalo, canoa ou mesmo a pé.

Importante integrante da Folia do Divino de Cunha, o cargueiro, também conhecido como cargueiro, desapareceu completamente dos quadros deste grupo

---

<sup>257</sup> WILLEMS, Emilio. Op. cit. p. 81.

precatório. Cumpria uma função importante quando a Folia necessitava de pouso, o que se justificava, pois percorria com frequência grandes extensões pelos rincões do sertão cunhense. O trabalho consistia na busca por acolhida e demais providências operacionais, tais como o transporte de cargas e pertences, para que a noite pudesse ser passada com um mínimo de conforto e de segurança, a fim de cumprir a jornada diária. Juntamente com o cargueiro o alferes complementava as funções intrínsecas ao grupo da Folia ao realizar a checagem das quantias ofertadas em dinheiro pelos devotos conforme os apontamentos de Emilio Willems:<sup>259</sup>

Ao cargueiro compete arranjar o pouso de cada noite. Logo depois de almoço ele sai sozinho, levando duas canastras no cargueiro com os pertences dos foliões.

A alferes empunha a bandeira, anota o dinheiro e anota os gêneros oferecidos. Em cada bairro, o festeiro nomeia um procurador do Espírito Santo que na véspera da festa recolhe todos os donativos em espécie e os leva à casa do festeiro. Êste tem, assentados num caderno, os nomes de todos os procuradores.

Um dos antigos festeiros entrevistados, responsável pela edição da Festa do Divino de 1964, relatou acerca da função do cargueiro como tradição antiga presente nos grupos da Folia do Divino, porém com uma ressalva: a função descrita pelo antigo e fiel devoto não se resume ao papel apontado por Willems. O cargueiro consistia em um emissário do festeiro que, não podendo cumprir alguma tarefa por determinado motivo, quase sempre pelos afazeres do dia-a-dia em sua propriedade, em uma localidade próxima ou distante, delegava a função a este homem. Ao mesmo tempo, pela fala deste tradicional festeiro cunhense, o cargueiro, sendo de confiança, poderia se incumbir de ficar na propriedade do festeiro enquanto este percorria os trajetos da Folia:

A Folia eu lembro bem. A Folia é o seguinte: você é o festeiro você tem a Bandeira do Divino. Aí você tem cocê mais cinco homens; um é o cargueiro, que sai arrumando pouso, primeiro; depois você tem os quatro folião; o mestre, o contra-mestre, o quipe e o da caixa. Quatro.

[...]

Nunca a gente pode sair o tempo todo. A gente precisa ficar em casa. Aí você deixa o cargueiro. Se você precisar sair... se você precisar sair do Taboão, você deixa com o cargueiro. Às vezes o homem que dá o pouso mesmo... quem dá o pouso é o patrão nosso, às vezes ele mesmo fala pro cê: 'Pode deixar que eu levo a Bandeira lá pro cê.' Então você pode sair um dia, dois dias.

<sup>258</sup> MELLO, Diuner. *Festa do Divino Espírito Santo em Paraty*. São Paulo: Estímulo, 2003, p. 35.

<sup>259</sup> WILLEMS, Emilio. Op. cit. p. 154 e 155.



Você vai ter muita coisa para você arrumar. Então você deixa ele, o cargueiro. Se o cargueiro falar pro cê qualquer coisa que não tem costume, aí você arruma amigo seu.<sup>260</sup>

Durante o transcorrer das pesquisas constatou-se que, ao longo da História, a Folia do Divino em Cunha desaparecia e ressurgia em determinados momentos tal o grau de confrontação entre o caráter subalterno, aliado às tradições populares, e o caráter oficial, seguindo à risca as diretrizes mestras da Igreja Católica. Estes movimentos, bruscos e repentinos à primeira vista, foram diagnosticados nos seguintes momentos: durante o final da década de trinta e o início da década de quarenta do Século XX, tendo sido reconduzida como parte integrante da Festa do Divino de 1944 mediante os relatos de Willems<sup>261</sup> em sua publicação; em período junto dos anos setenta do mesmo século a partir dos apontamentos da historiadora Thereza Regina de Camargo Maia e em anos das décadas de 80 e 90, ao final do mesmo Século, de acordo com inúmeros testemunhos colhidos durante o trabalho de campo.

A tensão entre os cultos populares, mais complacentes, com a dureza protagonizada pela doutrinação católica é fato marcante na história das festas populares no Ocidente. O *Calendimaggio*, que cultua a fartura, a natureza e a primavera, presente na região de Assisi, Itália, desde o Século III a.C. protagonizou episódio em que hábitos enraizados junto das comunidades em louvor à mãe natureza não conseguiram ser parcial ou totalmente removidos pela Igreja:

No começo, a Igreja tentou proibir as canções licenciosas e transgressoras, mas não conseguiu. Camponeses e cavaleiros continuaram a festejar a chegada da Primavera, a cantar, a beber, a dançar; a folia de maio não excluía ninguém, nem mesmo os clérigos.<sup>262</sup>

As resistências por parte de grupos hegemônicos em relação à atuação da Folia do Divino não apenas em Cunha, mas na região do Vale do Paraíba, fora apontada por Thereza Maia<sup>263</sup> que também assinala a importância da Festa do Divino Espírito Santo para a religiosidade popular valeparaibana:

Em Paraty ela supera a Festa de Nossa Senhora dos Remédios. Em Guará ela superava a Festa de Santo Antonio, mas não superava a de São Benedito, que é do povo. Agora em Lagoinha, em Lagoinha ela é média assim... vamos dizer a elite e povo, mas em.... Em São Luiz

<sup>260</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 14/07/2009.

<sup>261</sup> WILLEMS, Emilio. Op. cit.

<sup>262</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *As Festas Populares na Expansão do Turismo – A experiência italiana*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005, p. 83, 2ª. edição.

<sup>263</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 29/04/2009.

também. É uma devoção, mas ela é proporcionada pela própria Igreja. Em Cunha a Igreja quis cortar a Festa. Isso eu fui testemunha. De Cunha o padre suspendeu as folias e que era uma bobagem, que bastava a Festa da Igreja e para começar que a renda da própria Igreja caiu. Foi em 1970, quando tinha um padre que era de Cunha, não sei se era o padre Francisco o que que é... mais eles... uns vamos dizer uns adoradores do Divino lá de Cunha, eles pediram para a gente ir lá para explicar para os estudantes e para o povo, porque que não podia tirar a Festa do Divino. Aí teve uma reunião, até foi do Instituto de Estudos Valeparaibanos também com apoio, no cinema, que era ali do lado do bar do Veloso, hoje é um espaço cultural, nós fizemos a palestra, levamos aquela descrição da Festa do Divino que é feita, que o Dito Veloso acompanhou... Alceu Mainar, tudo, mostrando a importância da Festa não só como devoção, mas como cultura brasileira, ali não era nem local, era brasileira. E depois... e com isso parece que houve uma reação das pessoas. A Festa voltou. Voltou a Folia daí um ano, que estavam sucumbidos. Porque a Folia em si é uma coisa, o que o povo pensa é outra coisa. Onde a Folia passava, ela dava sorte nas colheitas. Se não vai a Folia a colheita não vai dar sorte, vai dar bicho no milho, vai praga, vai chover demais ou de menos. Então a passagem da Folia é uma bênção para o povo. Isso já é uma devoção popular, porque para o padre tirar ele não acreditava nestas coisas.

A mobilização trazida pela Folia do Divino chegou a causar desconfortos e incômodos às autoridades eclesiásticas e policiais. Padres e delegados compartilharam no passado da mesma postura intransigente em relação à Festa do Divino e, de modo especial, à respectiva Folia seja por motivos já expostos ou por alegações relacionadas com a salubridade e com a segurança pública.

Reportando-se novamente a Willems este corrobora com as afirmações recentes de Thereza Maia. Para este pesquisador o grupo da Folia incomodava as autoridades cunhenses a ponto de esta prática ter sido proibida seis anos antes da data de publicação de seu livro em 1945. O fragmento extraído de sua obra aponta para o caráter ideológico exacerbado do ócio presente nos integrantes da Folia na visão da Igreja Católica, o que camuflava o verdadeiro melindre, ou seja, o potencial da arregimentação de recursos materiais:

O mestre confirmou que era a primeira vez depois de seis anos de proibição que a folia do Divino saia. Encontramos a folia em janeiro, em um sítio próximo da cidade e, nessa ocasião, ouvimos que não haveria tempo para percorrer todos os bairros do município.

[...]

O mestre contou-nos que nos anos de proibição “o padre soltou a bandeira sozinha, escoteira, e não recebeu nada. Ninguém esperava a bandeira, ficavam pela roça trabalhando e ninguém ligava. Porém, pela folia todo mundo espera e quer recebê-la. O padre dizia que folião era vagabundo, mas nas casas onde recebem os foliões, gastam mais de 500 cruzeiros em comidas e bebidas. Fazem questão de receber os

foliões, mesmo se estes vêm na companhia de 50 ou mais pessoas que querem folgar. O padre dizia que era incômodo pro povo, mas o povo não julga assim, pois todos querem receber os foliões. A bandeira já saiu e tudo está melhorando, o mantimento melhorou. Quando não saía bandeira ou aquela que o padre mandou, o milho faltava, os animais ficavam doentes, é tudo por falta do Divino, isso é porque o padre quer só para si.”<sup>264</sup>

Esta mobilização impulsionada pela Folia é assintomática, pois se encontra oculta nos atos dos devotos que habitam a zona rural embora esteja restrita ao setor correspondente do referido grupo. De forma residual a ação da Folia também se faz presente em parcelas menores da população urbana por meio de promessas acompanhadas de pedidos de toda ordem para que o grupo se apresente sempre acompanhado da bandeira do Divino. Concorde-se com as considerações do pesquisador Christian Dennys Monteiro de Oliveira<sup>265</sup>, que relaciona tais mecanismos de atuação subalternos com atuações centradas no âmbito do cotidiano da população envolvida no fenômeno festivo:

Quem olha o movimento das ruas, do trânsito, do final de expediente, ou o quase silêncio das noites, não percebe a festa. Mas ela se substância numa espécie de montagem oculta; aquela que se dá nos meandros do cotidiano das comunidades. Quando o momento sagrado de sua realização ritual se aproxima, é possível reconhecer seus elementos mais incisivos.

Concretiza-se um respeitado lastro popular presente na Festa do Divino que, de certa forma, em alguns momentos, fora combatido pela Igreja Católica. Constrói-se um sentido alternativo ao propagado pela ideologia dominante de conscientização, de participação e de resistência integrante do acervo das culturas subalternas. As palavras do pesquisador Dennis de Oliveira<sup>266</sup> entram em consonância com este pensamento na medida em que perfazem relações acerca de categorias subalternas situadas em diferentes campos, tais como os componentes étnicos e religiosos e os relativos ao gênero feminino, demonstrando uma substancial gradação em prol da consciência destas mesmas categorias:

[...] tem a ideologia dominante ali presente, hegemônica... tradição cristã, católica, entretanto você vê a resistência no fato de que são as mulheres que dirigem, a mulher é subalterna na Igreja Católica. O fato de você ter a corporeidade muito forte, você vai ter isso com base nas tradições africanas, indígenas. Então você rompe aquela tradição de

<sup>264</sup> WILLEMS, Emilio. Op. cit. p. 155.

<sup>265</sup> OLIVEIRA, Christian Dennys. *Festas populares: Formas turísticas do sagrado e do profano*, [s.l], 2008, p. 5.

<sup>266</sup> OLIVEIRA, Dennis. Seminário CELACC. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 14/04/2008.

estar separado pelo cristianismo. Você tem a população assumindo a direção daquela festa, por fora da hierarquia da Igreja, enfim são elementos que mostram sentidos outros, resistências outras, aí às ideologias que são hegemônicas.

Então isso é muito mais importante do que a festa em si, como que ela é, como que ela aparece. O sentido de estar presente na própria lógica e na organização desta festa, deste evento, que é o sentido de ruptura que está presente ali...

Na argumentação do pesquisador a ruptura é condição primeira para a construção da emancipação. A arregimentação dos festeiros e, de forma peculiar, do grupo pedintório da Folia do Divino Espírito Santo, pela obtenção dos recursos materiais em prol da Festa, assinala uma condução marcada por gradações subalternas tendo em vista a identidade cultural cunhense construída paulatinamente ao longo dos processos históricos.

Em um dos inúmeros almoços promovidos por devotos na zona rural de Cunha, no bairro de Itacuruçá, antiga sesmaria, a presença da Folia do Divino é obrigatória, além de se consistir em fator de persuasão simbólica e de comunicação popular organicamente vinculada pela devoção dos humildes moradores das roças. Nestes encontros comunitários que contam com a presença dos casais de festeiros e do pároco os testemunhos de fé no Divino Espírito Santo e o respeito à Folia são regras gerais e não exceções do acaso. Uma das senhoras que participava do encontro fez questão de assinalar a tradição familiar no preparo do pouso para que a Folia pudesse fazer seu trabalho e disseminar harmonia, paz e prosperidade aos que a acolham, atribuindo também boa colheita e bonança à propriedade:

[...] que a folia já está andando no nosso lugar, é herança dos mais velhos, porque o meu pai antes de morrer falando assim: 'nesse lugar aqui folia nunca pode passar sem pouso, eu vou morrer um dia, mas os filhos e os netos têm que continuar.'<sup>267</sup>

Um dos integrantes da Folia do Divino, presente no citado almoço, revela as origens familiares da tradição da participação no grupo, deixando transparecer um dos períodos em que as atividades foram interrompidas. Em meados da década de 90 o grupo da Folia acabou deturpando as atividades promovendo algazarras e badernas nas casas em que eram solicitadas as esmolas e prendas. Embriaguez, escárnio e perturbações das mais variadas eram características reinantes deste período, ao passo que a ancestral devoção fora deixada de lado. Reclamações de moradores chegaram junto aos padres de Cunha. Aliadas às tradicionais tensões para com estas atividades

<sup>267</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 29/03/2009.

marcadamente populares e desprovidas de um controle por parte das autoridades eclesiais a Folia encerrou suas ações. O resultado foi avassalador para a Festa do Divino: sem o grupo pedintório que acabasse por realizar a tarefa de mediar o simbólico-sagrado junto do material-profano a participação popular estava cindindo em vários setores do município.

Mobilizado por sua consciência e por sua fé, a partir deste instante, o referido folião, exercendo papel de intelectual orgânico no sentido gramsciano, mobilizou seus poucos recursos, agregou ao seu repertório a destemida bandeira do Divino Espírito Santo e, por volta do ano 2000, restaurou a tão fundamental e secular prática seguindo tradições familiares:

Nós estamos fazendo este trabalho já faz uns oito, nove anos. É a família. Começou na minha família não com o grupo completo. Que ele aí é um que somos só vizinhos não somos família, não somos parentes. Então nós... foi assim. No começo quando acabou a folia, acabou as folias que não estavam dando certo, o padre resolveu parar. E a gente trabalhava em comunidade, eu até... eu com a minha esposa ministro comunhão, sabe?

O devoto, reiterando a perda do significado da Folia acompanhada da falta de convicção de parcela de devotos, por meio de comportamentos arredios à consciência, testemunha o período sombrio pelo qual atravessou a Festa do Divino Espírito Santo de Cunha sem este indispensável grupo; fator determinante para a organização plena das celebrações. A desordem caminhou para tão acintoso estado que chamou a atenção do então pároco da época:

Porque tinha perdido o sentido espiritual, na na cabeça do povão, né? Começaram a fazer muita baderna nas casas onde se reuniam. Porque de noite, tomando pinga, quando iam embora iam arrancando a cerca dos vizinhos, arrancando as porteiras... E daí a gente mesmo que gostava, como eu gosto de cantar, fui um dos que testemunhei para o padre: *Não está certo. Tem que parar, tem que acabar.* Só... só, só comida, só despesa, mas fé mesmo não estava tendo quase nada, zero. Aí o padre Verreschi resolveu fazer reunião em vários lugares do município de Cunha, todo o mundo falando a mesma coisa. Aí ele disse assim: *Infelizmente gente, a folia é uma tradição antiga do povo, mas vai ter que fazer uma parada. Desse jeito não pode.* Perdeu o sentido espiritual da... do que o... o povo esquece o Divino, né? Vai na festa, para comer e beber e algazarra então tinha que parar e parou. Daí mandavam... e a festa continuou né fazer a festa. Mas ficou aquela festinha pequena, né. Daí o padre mandava nós como ministro e representante lá da comunidade esmolar, convidar o povo com a bandeira esmolar.

A situação perdurou por alguns anos até que o afastamento e a imobilização da comunidade constituíram elementos sintomáticos de tal magnitude a ponto de mobilizar o respectivo folião dentro da comunidade do bairro da Barra, na porção Sul do município. A Folia do Divino Espírito Santo de Cunha estava, novamente, restaurada:

E assim nós fizemos uns três anos, mais ou menos. Nós fomos observando, observando que estava muito ruim. Mas também a mesma coisa, daí não tinha sentido também... Não ajudava quase nada, dava muito pouco... Achava as casas fechadas. E o povo não, não valorizava. Daí chegou um dia nós de novo, para fazer... para percorrer o bairro, a comunidade com a bandeira. Daí eu resolvi, tinha meu irmão que cantava de contra-mestre e eu sabia um pouquinho de mestre, nunca fui folião mesmo, assim profissional, e ele aqui mais o contrato que são quatro, né? Ah, vamos formar a folia, vamos cantar na nossa comunidade, na nossa, né? A Barra, é... Aí fizemos a folia, cantamos na nossa comunidade e... foi muito melhor. Foi muito bom. Já deu no primeiro ano, já deu um resultado medonho, muito grande.

Com as ações da Folia retomadas, a arrecadação de recursos subiu consideravelmente. Graças à articulação do folião com seus pares, no mesmo ano de retomada da Folia, o sentimento de devoção, substancial para a perpetuação da Festa do Divino, voltava a reinar junto ao grupo. Movido pela fé o respectivo folião reconhece este atributo nas músicas entoadas e no encontro dos lares de cada um dos fiéis mobilizados em torno da entidade do Divino Espírito Santo. O grupo passa a atuar na porção Sul do município, no sentido Paraty, trabalhando em bairros como Aparição, Barra, Divino Mestre, Paraibuna, Taboão, Vargem Grande e outros:

Com o dinheiro que nós arrecadamos na primeira vez com a folia já valeu para os três anos que nós estávamos fazendo com a bandeira. Aí ficamos animado, graças a Deus. Oito anos, uns oito, nove anos. E eu... era o maior que sentia na alma aquilo, né? Porque eu para mim o Divino né, eu que estava portando aquela bandeira. Eu queria que ela fosse bem sucedida, bem recebida, que o povo percebesse, o que representa o Espírito Santo e não estava podendo passar isso para o povo, né? Eu não sei que mistério que tem na folia esta música aí. Mexe com a alma do povo e daí mudou tudo.

O uso de bebidas alcoólicas foi banido de todas as celebrações vinculadas com a alimentação, principalmente dos encontros comunitários na zona rural. Os devotos, em sua maioria, tomaram consciência da importância do respeito, zelando, cuidadosamente, por seus comportamentos e condutas durante as reuniões. Este comportamento é regido por um rol de crenças e de promessas de caráter íntimo e pessoal. Acatar o bom comportamento é fator para dar lastro à palavra empenhada

quando da realização do pedido ao Divino Espírito Santo e para dar credibilidade ao devoto junto desta Santa Entidade.

Figura 15 – Folia do Divino Espírito Santo



Grupo da Folia em propriedade rural do bairro do Taboão; significado material e simbólico do grupo pedintório é viga sustentadora da Festa do Divino Espírito Santo de Cunha.

Foto: Henrique Alckmin Prudente – DEZ/2007.

Destaca-se, neste sentido, a participação do setor 6, referente à Folia do Divino. O valor arrecadado por este grupo supera, em muito, os demais cinco setores com os respectivos casais. Dados colhidos em pesquisa de campo permitem consolidar, de modo concreto, a importância substancial do grupo. Durante o mês de Janeiro de 2009 o casal de festeiros relativo a este setor conseguiu angariar mais de mil setecentos e sessenta reais, soma superior em mais de três vezes do arrecadado por um outro casal. No período subsequente, em Fevereiro, a somatória obtida pelo setor da Folia atingiu um patamar superior a três mil reais, significando uma diferença superior em mais de quatro vezes do setor seguinte que contabilizou quase setecentos reais.

Tabela 09 – Festa do Divino Espírito Santo: Balanço financeiro de Janeiro e Fevereiro-2009 (valores em R\$)

Setor	Valores	Valores
Setor 1	195,00	70,00
Setor 2	0,00	403,00
Setor 3	281,00	287,60
Setor 4	471,00	670,00
Setor 5	413,00	675,00
Setor 6	1.766,95	3.150,00
Total arrecadado	3.126,95	5.255,60
Recibos de combustível	503,95	680,00
Total depositado	2.623,00	4.575,60

O festeiro responsável pelo setor da Folia afirmou que chegou a conduzir o pedido de esmolas além dos limites cunhenses, obtendo quantia satisfatória de recursos doados por munícipes que habitam outras terras:

Nós estivemos em Pinda e depois passamos em Lorena. Lorena nós termineno. Nascido no bairro nosso lá. Lá em Pinda é tudo pessoal de Cunha mesmo, nós tivemos. Nós estivemo lá dois dia deu uma base de quase dois mil real. Ta bom né? É uma ajuda boa.<sup>268</sup>

É comum algumas folias do Divino no Vale do Paraíba ultrapassarem os limites territoriais de municípios vizinhos. Durante as reuniões alguns festeiros afirmaram que o grupo relativo à Folia do Divino de Lagoinha estava adentrando os limites de Cunha. Tal episódio endossa o que Emilio Willems apontara em sua célebre obra de 1947: *“Geralmente, as folias respeitam as divisas municipais que coincidem com os limites paroquiais. Mas acontece às vezes que uma folia ‘invade’ território alheio e nesse caso recorre-se ao auxílio da polícia.”* Atualmente é difícil chegar ao extremo de se mobilizar aparato policial, atitude não registrada nas pesquisas de campo.

<sup>268</sup> Idem, ibidem.



### **CAPÍTULO III – O ESPAÇO RURAL COMO BASE MATERIAL E SIMBÓLICA DE CUNHA**

A presente análise objetiva situar o espaço cunhense como unidade de pesquisa e como território de concretização dos eventos festivos de gênese popular, dando ênfase a elementos materiais e simbólicos inerentes à construção da história do município. Esta, por sua vez, está relacionada com os movimentos dos modos de produção inseridos no tempo histórico em escala mundial e que também se encontram presentes de modo singular nos rituais majoritariamente telúricos das festas populares. Torna-se imprescindível, como tarefa primeira, descrever alguns pormenores dos processos ligados à ocupação e ao povoamento que subsidiaram tais empreitadas motivadas principalmente pelo Reino de Portugal, agente primordial nesta etapa.

O Ciclo do Ouro, durante o Século XVIII, contribui sobremaneira para consolidar o povoamento na região, estratégica para o escoamento do metal precioso de Minas Gerais até o porto de Paraty. Nesta perspectiva da formação da unidade territorial cunhense Nice Lecocq Muller<sup>269</sup>, em um de seus trabalhos acerca do processo de urbanização no Vale do Paraíba, destaca que:

...Cunha tem posição especial, pois... ficava sôbre a rota mais importante, a de Guaratinguetá para Parati, por onde se fazia a ligação com o Rio de Janeiro, por via marítima. Ao longo desse caminho, havia três pequenos povoados: Campo Alegre, Facão e Boa Vista, mas, quando as autoridades eclesiásticas resolveram criar paróquia na zona, Facão, que datava de 1723, foi o preferido.

Nesta etapa as sesmarias passam a ser distribuídas como instrumentos para demarcar e efetivar a ocupação territorial, estratégica para o planejamento de Portugal, principalmente quando do período de governo do Marquês de Pombal, ao final do Século XVIII, debruçado na construção de uma estratégia de Nação cunhada em princípios da geopolítica. Robert Shirley<sup>270</sup> assinala que neste período inúmeras petições chegaram ao governo ibérico com o intuito de se conceder sesmarias nesta região da Província de São Paulo em virtude da necessidade de ocupação. De formidável extensão, com aproximadamente trinta e seis quilômetros quadrados<sup>271</sup>, as sesmarias eram concedidas preferencialmente aos desbravadores portugueses ou aos

---

<sup>269</sup> MÜLLER, Nice Lecocq. *O fato urbano na Bacia do Rio Paraíba – São Paulo*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia, 1969, p. 22.

<sup>270</sup> SHIRLEY, Robert. *O fim de uma tradição*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 41.

<sup>271</sup> Idem.

seus descendentes que tivessem levas de escravos necessários para a ocupação e para o trabalho na terra. Nas dimensões das sesmarias coexistiram, além da família do aristocrata, que residia em casa de maior amplitude e com mais conforto, alguns camponeses pobres, desprovidos de condições financeiras, que constituíram a “*base do campesinato caipira paulista*”<sup>272</sup>.

Antes mesmo deste período, no entanto, é atribuída a primeira sesmaria da região a Domingos Velho Cabral no trecho entre Guaratinguetá e Cunha, marcado pela abertura de vereda sertanista acompanhando trilhas seculares construídas por povos originários. Este primeiro caminho constituiu-se em uma segunda possibilidade de comunicação de Cunha com o Vale do Paraíba, pois a primeira fora o trecho Paraty-Cunha-Taubaté, essencial na ocupação promovida por Portugal, já em fins do Século XVI, quando em 1597 Martim Correa de Sá e numerosa comitiva galga as íngremes escarpas da Serra do Mar. Tal fato é descrito conforme os estudos de Álvaro Freitas<sup>273</sup> e de José Luiz Pasin<sup>274</sup>:

Há nos documentos oficiais, que retificam e legalizam esta sesmaria, ato que provavelmente ocorreu entre 1646 e 1649, a menção do mais antigo núcleo em terras cunhenses: a região da Boa Vista onde se encontra a Capela de Jesus, Maria e José, erguida, em 1724, por Luiz da Silva Porto...<sup>275</sup>

Luiz da Silva Porto, nobre português e nascido na cidade do Porto, recebe por volta de 1720 a Sesmaria do Cume, nome de conhecido bairro rural na atualidade, situado junto à Estrada do Monjolo, a Leste do núcleo urbano da cidade. Após sete gerações e transcorridos quase três séculos, a mesma família ocupa ainda parcela significativa destas terras, embora a extensão, devido aos desmembramentos, tenha diminuído consideravelmente. Não apenas parte das terras ainda permanece com os descendentes do fidalgo português, como também, tendo se encerrado o ciclo da escravatura, os caseiros que administram parte das propriedades são descendentes dos antigos escravos que trabalhavam nestas terras antes da abolição da escravidão ocorrida em 1888. Em certa ocasião, quando do nascimento de um dos pentanetos de

<sup>272</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>273</sup> Ver: FREITAS, Álvaro. *Domingos Velho Cabral e a Vila de Guaratinguetá*. Monografia. Arquivo Memória de Guaratinguetá. Guaratinguetá: Museu Frei Galvão, 2005, n° 253.

<sup>274</sup> Ver: PASIN, José Luiz. *Vale do Paraíba – A Estrada Real: Caminhos e roteiros*. Aparecida: Edição do Autor, 2004.

<sup>275</sup> PRUDENTE, Henrique Alckmin. *Estrada Real: Apontamentos e paisagens – Travessias no tempo e no espaço*. In: PRUDENTE, Henrique Alckmin, SANCHES, Fabio Oliveira e TOLEDO, Francisco Sodero. *Estrada Real: O Caminho do Ouro*. Lorena: Edição dos Autores, 2006, p. 130.

Luiz da Silva Porto, em 1901, a mãe falece no parto, ficando o recém nascido sob os cuidados de uma ex-escrava, reproduzindo a conhecida dialética hegeliana.

Da mesma forma, Carlos Borges Schmidt<sup>276</sup> elaborou estudos minuciosos sobre o Caminho do Ouro, descrevendo em detalhes o trecho entre Guaratinguetá, desde os contrafortes da Serra do Quebra-Cangalha, e Cunha. Neste trabalho relatou áreas de planalto, divisores de águas, sub-bacias hidrográficas tributárias do sistema do Paraíba do Sul bem como outros aspectos pitorescos desta parte da lendária vereda. A relação do caminho com a atual configuração urbana é lapidar, conforme demonstra a descrição deste pesquisador<sup>277</sup>:

No perímetro urbano do antigo povoado do Facão, a estrada seguia em subida íngreme margeando o cemitério municipal, situado em uma colina, para alcançar a igreja de Nossa Senhora do Rosário de São Benedito na Rua Dr. Casemiro da Rocha. Sempre em subida chegava-se à atual praça Cônego Siqueira, passando em frente da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, que foi construída em 1731.

A decadência deste período, motivada pela construção do Caminho Novo de Garcia Rodrigues, ligando Ouro Preto ao Rio de Janeiro, sem a necessidade de baldeação marítima evitando riscos iminentes de ataques de corsários, gerou novas iniciativas fomentadas pela Coroa Portuguesa de povoar terras paulistas com o intuito de reproduzir territórios aptos a se transformarem em centros agrícolas exportadores. Neste contexto Oracy Nogueira<sup>278</sup> relaciona a derrocada do ouro com um novo surto de povoamento, capitaneado pelas sesmarias e pela fundação de núcleos administrativos:

No final do século XVIII, a decadência da mineração na Colônia e a desorganização da indústria açucareira, nas Antilhas, pelas guerras anticoloniais, somadas à competição pela Espanha pela região platina, levaram a Coroa portuguesa a voltar a atenção para a Capitania de São Paulo, até então domínio quase exclusivo da economia de subsistência ou economia caipira, com o plano de transformá-la em região de economia agrícola de exportação ou, mais especificamente, de lavoura canavieira. A política que então se inaugura implica distribuição de sesmarias, pelos critérios da linhagem e da posse de capital, inclusive escravos; e a criação de vilas que contribuíssem para a consolidação da ocupação portuguesa.

<sup>276</sup> SCHMIDT, Carlos Borges. *Povoamento ao longo de uma estrada paulista: Resultados de um caminhamento realizado entre a Serra do Quebra-Cangalha e a cidade de Cunha*. In: Boletim Paulista de Geografia. Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Regional de São Paulo, n. 6. Outubro de 1950.

<sup>277</sup> PRUDENTE, Henrique Alckmin. *Estrada Real: Apontamentos e paisagens – Travessias no tempo e no espaço*. In: PRUDENTE, Henrique Alckmin, SANCHES, Fabio Oliveira e TOLEDO, Francisco Sodero. *Estrada Real: O Caminho do Ouro*. Lorena: Edição dos Autores, 2006, p. 127.

<sup>278</sup> NOGUEIRA, Oracy. *Negro político, político negro*. São Paulo: EDUSP, 1992, p. 90-91.

Posteriormente ao Ciclo do Ouro, após a derrocada econômica, o Vale do Paraíba experimenta com o Ciclo do Café, no Século XIX, extraordinária ocasião em que concentra riqueza de tal proporção a se igualar à Corte do Rio de Janeiro. A sustentação deste sistema, fundamentado no trabalho escravo e na formação de uma aristocracia política agrária vinculada aos interesses da Província de São Paulo e, mais tarde, com a República Velha, proporcionou a algumas cidades relevante desenvolvimento. Contudo toda a opulência gerada pelo café esteve situada, grosso modo, em municípios como Areias, Bananal, Cruzeiro, Guaratinguetá, Lorena e São José do Barreiro, não tendo se refletido no seio da economia cunhense, ficando esta à margem de todo o processo. Emilio Willems<sup>279</sup> denuncia, na metade do Século XX, a pouca expressão do café no cenário agrário do município, já em um momento de derrocada do produto, destacando que a economia local se fundamentava em dois alicerces: a produção para subsistência e algumas modalidades de escambo, alimentando as possibilidades de troca de Cunha com outros mercados regionais:

Torna-se evidente assim a diferença entre Cunha e a maioria das comunidades vizinhas, como Bananal, Areias e, principalmente, as cidades do vale do Paraíba que no açúcar e café dispunham de fontes de riqueza com que Cunha jamais pôde competir.

Ao funcionar como ponto de escoamento do ouro e de outras mercadorias, Cunha passa a cumprir função de importante pólo produtor de gêneros agropecuários. Esta função passa a se constituir no carro-chefe da economia local até o final do Século XX, quando ocorre a emergência do turismo e de todo o rol dos segmentos de apoio ligados ao suporte e à prestação de serviços, sobretudo no campo. O fato é que o Ciclo do Café encontrara seu apogeu no Vale do Paraíba logo no início do terceiro quartel do Século XIX. Inúmeras fazendas, desde o Sul fluminense até o Médio Vale do Paraíba paulista investiram fortemente na plantação do produto sacrificando gêneros alimentícios vitais para as economias locais. O fato ocorreu de tal sorte que contribuiu para que Cunha se tornasse primordial centro produtor destes bens. “*Cunha assim, se tornou um centro principal de produção comercial de alimentos, fornecendo feijão, arroz e porcos às fazendas de escravos do Vale do Paraíba, a preços inflacionados.*”<sup>280</sup>

Buscar as principais facetas da dimensão simbólica da identidade cultural cunhense edificada por séculos de interações sistêmicas capitaneada por diversos

---

<sup>279</sup> WILLEMS, Emilio. *Cunha: Tradição e transição em uma cultura rural no Brasil*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Diretoria de Publicidade Agrícola, 1947, p. 7 e 15.

agentes, sejam dentro ou fora das estruturas estatais, significa incorporar duas singularidades: a ruralidade e o caipira. O caipira, bem como sua respectiva cultura, componente concebido como um dos atributos das culturas subalternas é compreendido como uma matriz de procedência tradicional representando as experiências construídas pelo homem do campo a partir das interações elaboradas dentro do cotidiano do universo rural. É preciso, portanto, contrapor ao modelo propagado com eloqüência pela cultura midiática, conduzindo um caráter pejorativo ao próprio termo, além de reproduzir a construção de um simulacro caricatural com roupas rasgadas, portador de comportamento rude e de linguajar que não segue a norma culta.

A definição de caipira, vital para a presente pesquisa, tem respaldo em alguns referenciais. Trata-se do homem rural tradicional, sedentarizado em lugarejos espacialmente dispersos e relativamente distantes da urbe. Estes lugarejos podem ser definidos como zonas de vizinhança, angariando um ou mais bairros, dependendo das extensões territoriais dos mesmos, gravitando ao redor de centralidades sociais presentes através de pequenas capelas e vendas. O caipira é uma categoria sociológica, trabalhando a terra em pequenas propriedades centradas na produção de gêneros de subsistência e mantendo relações de reciprocidade incongruentes com o meio urbano através de trocas nos campos culturais, econômicos e políticos. O caipira torna-se portador de hábitos situados na esfera da cotidianidade, mediada pelo acervo material e simbólico, reproduzidos pela religiosidade popular expressa através de amuletos, benzimentos, celebrações, costumes, crendices, cultos, devoções, hábitos, mandingas, orações, procissões, receitas, reuniões, rezas, simpatias, tradições etc.

O caráter caipira, assim como as forças resultantes que exalam desta categoria, tais como a organização demográfica, econômica, social e, logicamente, as transformações culturais, se aproxima da rusticidade naquilo que Antonio Candido<sup>281</sup> define como cultura rústica. Neste sentido a cultura caipira, ou rústica, é portadora da ingenuidade típica do homem do interior que passa a interagir durante anos e anos por meio de diversos níveis de experiências, desde os campos da cultura até as áreas técnico-científicas e sociais:

---

<sup>280</sup> SHIRLEY, Robert. Op. cit. p. 51.

<sup>281</sup> CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979, p. 21.

O termo *rústico* é empregado... não como equivalente de *rural*, ou de *rude*, *tosco*, embora os englobe. Rural exprime sobretudo localização, enquanto ele pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo; as que resultaram do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contacto com o aborígene.<sup>282</sup>

Indispensável se torna a interação entre os povos primitivos e o colonizador português. O caipira surge neste contexto trazendo consigo costumes e hábitos marcados pela necessidade de subsistência e por ricas manifestações no campo cultural, principalmente através do amálgama entre as doutrinas da Igreja Católica e os componentes da religiosidade popular, aspecto analisado em outros fragmentos da presente pesquisa.

A ausência de fatores mediados pelo mercado, no que tange a produção de gêneros alimentícios e de produtos derivados do leite e oriundos de atividades de pecuária, como carne, couro, torresmo, toucinho e outros, é explicada não só pelo caráter de subsistência destas produções como também pela dimensão familiar. Esta, por sua vez, está presente no âmago de cada uma das habitações rudimentares. Somam-se ainda as relações com o meio natural, perfazendo a todo instante um cenário de ricas manifestações culturais desabrochadas pelo denso e intenso ritmo cotidiano, tendo como agentes maiores o homem e a natureza:

A sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitiram estabilizar as relações do grupo com o meio... mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível com o mínimo vital – tudo relacionado a uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência.<sup>283</sup>

Dentre as categorias de ocupação populacional, o bairro rural merece destaque por ser importante unidade de pesquisa, podendo ser compreendido também como categoria de análise em escala mais precisamente local quando do estudo de atributos de diferentes matrizes - culturais, econômicas, políticas e sociais:

Para o primeiro período da história de ocupação da região, o século XVII, em que se processou seu devassamento e início do povoamento, contamos com muito poucas informações sobre as aglomerações então fundadas. Pode-se apenas dizer que, nessa fase de pioneirismo, os povoados não lograram desenvolver uma expressão econômica significativa, restringindo-se seus habitantes a realizar periódicas entradas pelo “sertão” para o apresamento de índios e a busca do ouro.

---

<sup>282</sup> Idem, p. 21.

<sup>283</sup> Idem, p. 36.

A vida regional se desenvolvia à base de uma economia de subsistência, quando muito atendendo às necessidades das bandeiras preadoras ou das grandes tropas e boiadas que por aí passavam.<sup>284</sup>

Os bairros rurais, especificamente no Sudeste brasileiro e no Estado de São Paulo, apresentam origem nos ciclos econômicos e em diretrizes de ocupação territorial lastreadas na dispersão populacional. Caracterizam-se por apresentar povoamento pouco condensado, o que não significa dizer fragmentado no sentido da coesão social, fator inseparável da cadência festiva. São construídas modalidades de reciprocidade a partir do trabalho cooperado e solidário dentre os moradores das comunidades. A relativa proximidade física, elemento presente na realidade de Cunha, que no final dos anos 40 do século passado detinha rede viária de quase trezentos quilômetros de extensão<sup>285</sup>, e a necessidade de cooperação dentre os moradores dos respectivos núcleos, constituem dois dos principais baluartes que dão base para as práticas festivas:

A falta de estradas e de possibilidades seguras de transporte, levando ao isolamento, e o temor das populações escassas, ante o sertão desconhecido, facilitaram a aglomeração em torno de elementos polarizadores, por mais modestas que fossem. No entanto, êsse mesmo isolamento, que levou ao desenvolvimento da economia de subsistência e facilitou a eclosão de alguns poucos aglomerados, impediu que neles pudesse haver qualquer possibilidade de uma estruturação sócio-econômica mais complexa, pela incipiência das trocas, a dificuldade de desenvolvimento do trabalho artífice, a nivelção criada por uma vida simples e primitiva.<sup>286</sup>

Dentre as festas populares se destacam a Festa de Nossa Senhora da Conceição, a Festa de São José e a Festa do Divino, principalmente durante a etapa da obtenção das prendas no vasto espaço rural cunhense. Assim, para Nice Lecocq Müller<sup>287</sup> em suas pesquisas sobre a realidade do campo no território paulista, o bairro rural torna-se uma unidade constituída por sitiantes que é balizada pela interdependência das comunidades de vizinhança a partir de referenciais culturais, econômicos, políticos e sociais.

O que se pode auferir é que cooperativismo, mutirão, refeições em comunidade e trocas diversas, envolvendo alimentos, utensílios, tarefas e outros elementos, formam um lastro sustentado principalmente pelo parentesco e pelo compadrio. Estas práticas

<sup>284</sup> MULLER, Nice Lecocq. Op. cit. p. 41.

<sup>285</sup> Fonte: WILLEMS, Emilio. Op. cit. p. 34.

<sup>286</sup> MULLER, Nice Lecocq. *Sítios e sitiantes do Estado de São Paulo*. Boletim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas n° 132, *Geografia* n° 7. São Paulo: FFLCH-USP, 1951, p. 41-42.

criam e fortalecem níveis de solidariedade e se revelam como poderosas mediações em relação ao meio natural.<sup>288</sup>

Antonio Candido<sup>289</sup> compreende o bairro rural como elemento lapidar na construção cotidiana do caipira, tendo em vista que se torna importante unidade de sedentarização populacional, coexistindo plenamente agrupamentos familiares distintos, mantendo uma unicidade de crenças respaldada em louvações eucarísticas e em dinâmicas interações com a natureza. A têmpera do homem rural se fortalece na medida em que as incólumes práticas cotidianas crescem exponencialmente, atribuindo desta forma a passagem da quantidade para a qualidade ao repertório cultural, no momento em que se fortalece um sentido amplo da vivência em prol de paradigmas coletivos.

Este cenário fomenta formidável arcabouço essencial para a existência das festas populares por séculos, como a Festa do Divino Espírito Santo, edificando pilastras de resistência cultural, em que a palavra empenhada é patrimônio moral de cada indivíduo, fundamentais em tempos incertos da globalização capitalista. Acolhimento, camaradagem, fraternidade, hospitalidade, humildade, respeito, solidariedade e trabalho são virtudes emancipatórias que catalizam relações emanando hábitos que dão substância às práticas culturais, como apresentações de modas de viola, contos de causos e refeições em comunidades:

Casamentos e partos, doenças e velórios, rezas, novenas e festas em geral reúnem os moradores do bairro. Além desses acontecimentos, atinentes a relações sociais entre membros da mesma família ou de famílias diversas, existem outros, de caráter cíclico, ligados ao controle do meio físico. Aí figuram, por exemplo, atividades relacionadas com a lavoura: a limpa e relimpa das roças e pastagens, a construção e conservação de caminhos e o barreamento da casa.<sup>290</sup>

Tal situação, marcada pela coexistência entre trabalho assalariado e trabalho coletivo, gera novos padrões de assistência social fora da órbita estatal e com marcante chancela comunitária. Não era raro encontrar em 2008 grupos de trabalhadores rurais se unindo em trabalhos conjuntos de reparo de estradas, concerto de galerias pluviais e até reconstrução de pontes.

---

<sup>287</sup> Ver: MULLER, Nice Lecocq. Op. cit.

<sup>288</sup> CANDIDO, Antonio. Op. cit. p. 204.

<sup>289</sup> Idem, p. 62.

<sup>290</sup> WILLEMS, Emilio. Op. cit. p. 34.



No bairro do Taboão, distante dezoito quilômetros do centro de Cunha, houve um mutirão para reforma completa de ponte vital para grupo de sitiantes produtores de feijão, leite, milho e criadores de rebanho bovino, caprino e de galináceos. Um dos proprietários cedeu ripas de eucalipto, enquanto outro contribuiu com mão-de-obra e um terceiro com equipamentos para a reconstrução da via, tal o desdém da administração municipal durante a gestão 2005-2008.

A acessibilidade, fundamental para a articulação entre bairros rurais cunhenses, tem como obstáculos os aspectos físicos, com destaque para a demasiada pluviosidade, sobretudo no verão, e, também, a negligência do Poder Público local como no caso de um dos trechos da Estrada do Paraibuna, importante estrada vicinal cunhense.

Figura 16 – Estrada do Paraibuna: Ponte em precário estado de conservação



O descaso da Prefeitura Municipal para com as pontes rurais é testemunhado na Estrada do Paraibuna, apenas um dentre inúmeros exemplos encontrados na Estância Climática de Cunha.  
Foto: Henrique Alckmin Prudente – JAN/2008.

É priorizada a cooperação entre os integrantes deste pequeno sistema que se completa a cada novo ciclo temporal realizando o “*tempo da caridade*”<sup>291</sup>, balizado pelo calendário agrário, fomentando a temperança mediante a possibilidade da carência e da escassez do alimento, componente que passa a ser sacralizado em distintos momentos. Ao mesmo tempo o vital ciclo agrário é fortemente influenciado por atributos físicos e territoriais, tais como o clima e seus fatores, mas não por instrumentos inseridos na lógica reprodutiva do modo de produção capitalista:

Este é a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas. As habitações podem estar próximas uma das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoado ralo; e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega.

Também qualificado como arraial, o bairro rural torna-se a categoria imediatamente superior ao aglomerado, a menor unidade de ocupação populacional, tendo quase sempre uma capela em louvor a algum santo que funciona como espaço de encontro e de vivência da comunidade, um espaço de convívios e de interações das mais salutares. Em escalas superiores ao do bairro rural, encontram-se o distrito, de maior peso administrativo, e o município, designado como vila no período da ocupação territorial, a partir do Século XVI, tendo centralizado o pelourinho, símbolo da emancipação política, a casa da câmara, juntamente com a cadeia pública e a paróquia. O município constitui-se do perímetro urbano, conhecido como cidade, e da zona rural, unidades com legislação de incidência territorial específica. No espaço urbano incide o IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano, sobre os imóveis urbanos, sendo de iniciativa municipal; na zona rural é cobrado o ITR – Imposto Territorial Rural, de incidência em imóveis rurais, cabendo ao poder federal sua cobrança e a devida partilha com o município.

Antonio Candido assinala seis características que marcam o modo caipira. O isolamento é fator preponderante na organização dos povoados dispersos nos territórios dos atuais municípios. A seguir se dá a posse de terras, marcada pela ausência, até a Lei de Terras de 1850, de instrumentos regulatórios que incidissem sobre a aquisição da propriedade fundiária no Brasil. Juntamente a estes dois primeiros fatores acresçam-se outros novos: o trabalho caseiro, associado às produções de subsistência em pequenos espaços, e o auxílio da vizinhança, acarretando em importantes práticas constituintes do acervo das classes subalternas centradas na cotidianidade. Dentre estas ações destacam-se a ajuda mútua, ou seja, as formas de trabalho cooperativo entre a vizinhança com destaque para os mutirões, ainda hoje comuns em Cunha.

A disponibilidade de terras também se torna fator importante, devido à imensidão do território paulista e ao problema constante da escassez da mão-de-obra que

---

<sup>291</sup> Idem, ibidem, p. 68.

precisou ser superado em diversos momentos ao longo dos ciclos econômicos, principalmente com a indústria canavieira e com a cultura do café.

Candido enfatiza, por fim, o tempo livre, necessário para a cristalização de importantes hábitos dentro da rusticidade de condições de vida e de padrões de consumo, ínfimos e colocados em grandeza escalar patética se comparados com os patamares atuais nas áreas urbanas. A esta “*margem de lazer*” qualificada pelo autor, somam-se interações entre a natureza e a técnica necessária para a extração do alimento em prol da subsistência do grupo humano. Acresça-se ainda o fator religioso incorporado pela experimentação de vivências no âmago da natureza em um ritmo e com práticas complacentes às regras oficiais da Igreja Católica com a incorporação de elementos populares, tais como benzimentos, crenças, devoções, mandingas, orações etc.

A constituição do território como espaço de reprodução das festas populares não se resume, portanto, ao legado histórico-econômico e à organização político-administrativa. Tem também como fundamento os princípios que nortearam a ocupação e o povoamento de regiões do espaço brasileiro e do território paulista com destaque para o Vale do Paraíba. Agregados a estes fundamentos surge o sentimento de localidade, muitas vezes descrito por Milton Santos<sup>292</sup> como sentimento de pertença, revelando relações orgânicas entre a vivência e o espaço que se concebe, que se vive e que se constrói a todo instante. Recorre-se ao que Ulpiano Menezes<sup>293</sup> classifica de modo similar quando elabora análises sobre o patrimônio ambiental, ressaltando que os traços de subjetividade são mesclados aos valores simbólicos vinculados por vastas experiências ao longo dos anos e que dão sustento à identidade cultural e paisagística dos lugares. O ambiente rural torna-se refúgio e espaço de resistência frente aos mandos e às relações hierárquicas que constituem as esferas verticalizadas do poder, reproduzidas com maior força e presença no seio do espaço urbano, conforme assinala Oracy Nogueira<sup>294</sup>:

... não era apenas a elite branca, privilegiada e com mentalidade européia que, para preservar sua situação excluía ou mantinha afastados de seu círculo os negros, indígenas e seus descendentes, inclusive os mestiços; era esta parte da população, também, que reagia, repudiando aquele círculo ou aquele mundo branco, dele se retirando

<sup>292</sup> SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

<sup>293</sup> MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra. *Notas para uma teorização do patrimônio ambiental urbano*. In: *Patrimônio ambiental urbano*. São Paulo: EMPLASA, 1979, p. 20-33.

<sup>294</sup> NOGUEIRA, Oracy. Op. cit. p. 139.

ou se distanciando tanto quanto lhe era possível – o indígena se embrenhando pelos lugares mais longínquos ou inacessíveis, o negro criando quilombos – cada qual se defendendo a seu modo e segundo suas possibilidades...

Convém ainda descortinar o estigma do caipira acomodado, doente e incapaz, podendo ser compreendido até como apologia do estereótipo do vagabundo, incorporado na figura de Jeca Tatu, personagem criado por Monteiro Lobato e incapaz até mesmo de pronunciar o “Zeca”, o que exige rigidez na movimentação dos músculos do maxilar. A tentativa de desconstrução tanto do caipira como de alguns dos mitos presentes na brasilidade, assim como *Macunaíma* em relação aos povos primitivos brasileiros e *Beto Rockefeller*<sup>295</sup> ao homem urbano contemporâneo, precisa ser contemporizada, pois no caso do caipira alguns aspectos inerentes à realidade desta categoria sociológica precisam ser lembrados.

Antonio Candido argumenta que a vadiagem presente em arquétipos, como no personagem do Jeca Tatu, que se contenta em retirar o alimento acabado da terra em forma de mandioca, pode ser contraposta às poucas demandas dadas pelo meio e que estão inseridas no modo de vida rudimentar e simples. O estilo de vida rural tradicional é ainda marcado pela produção de subsistência, conforme argumentações já descritas, e pela manufatura doméstica, dando base à cultura material e a costumes e hábitos inveterados. Neste caso específico Cunha protagonizou situação exemplar através dos fabricantes dos artefatos de taquara e das seculares paneleiras que modelavam o barro, matéria-prima existente em abundância no meio natural, para confeccionar utensílios diversos que constituíam parte do acervo concreto de algumas famílias no meio rural, em particular no bairro do Cume, conforme assinala Emilio Willems.<sup>296</sup>

No bairro do Cume residia, em 1945, uma paneleira, hábil na confecção manual de cerâmica. Não nos parecia descabida a hipótese de que pudesse haver alguma influência indígena na técnica dessa mulher, hipótese essa que nos induziu a observar, cuidadosamente, todo o processo de fabricação.

O exemplo citado é uma das inúmeras possibilidades construídas plenamente, sob o alicerce dos recursos naturais, através das quais o homem rural rústico, o caipira, experimenta e transforma a extraordinária base material, por meio do trabalho engajado, em resposta ao meio físico e territorial. A forma consciente em que estas vastas possibilidades se concretizam permite constatar que se trata de uma apreensão

---

<sup>295</sup> *Beto Rockefeller*: Telenovela de Bráulio Pedroso, levada ao ar pela extinta Rede Tupi em 1968.

dialética deste mesmo meio natural, mediada pelo trabalho de caráter mais libertador do que opressivo, produzindo relações sociais qualitativamente emancipadoras, sujeitando acumulações e posses à subalternidade: “...o próprio estilo caipira de vida, com a visão do trabalho como meio de vida e não de sujeição; com a mínima dependência do mercado e o engenhoso aproveitamento dos recursos naturais.”<sup>297</sup>

O espaço rural cunhense é extenso. A área total do município, que não foi desmembrada para a criação de novas unidades administrativas, permanece com grandes dimensões: 1.440km<sup>2</sup> <sup>298</sup>. São mais de cem bairros rurais, havendo povoados que chegam a se distanciar quarenta, cinquenta e até sessenta quilômetros do centro urbano. Algumas destas povoações assumem importante caráter familiar, fator resultante do sistema de sesmarias, deveras concentrador e beneficiário de parcela privilegiada de colonizadores, em virtude de relações estreitas do Brasil Colônia com Portugal. Desta forma estes bairros adquirem a condição de verdadeiros reprodutores de uma ordem centrada no papel nuclear de determinada família, conforme assinala Antonio Candido:<sup>299</sup>

Notemos, afinal, que, sob esta estrutura, percebemos muitas vezes a origem familiar. O bairro, com efeito, podia ser iniciado por determinada família, que ocupava a terra e estabelecia as bases da sua exploração e povoamento. [...] Ao fundamento territorial, juntava-se o vínculo da solidariedade de parentesco, fortalecendo a unidade do bairro e desenvolvendo a sua consciência própria.

Alguns bairros rurais de Cunha apresentam nomenclatura que se associam à categoria dos núcleos consolidados a partir de famílias seculares.<sup>300</sup> Podem assim ser citadas as seguintes aglomerações: Barra do Germano, Barra do J. Alves, Ferraz, Galvão, Paraitinga dos Gonçalves, Paraitinga dos Mottas, Paraitinga do Zé Luiz, Sertão dos Marianos e Várzea dos Gonzagas. “Na economia caipira, a família é ao mesmo tempo unidade de produção, de consumo e de perpetuação do grupo, sendo excepcional a presença do escravo onde ela predomina.”<sup>301</sup>

A evolução do quadro populacional da Estância Climática de Cunha revela uma acomodação da população total no patamar dos 23 mil habitantes a partir de 1990, repetindo-se nos levantamentos de dados de 2000 e de 2007. Do final do Século XVIII

---

<sup>296</sup> WILLEMS, Emilio. Op.cit. p. 100 e 101.

<sup>297</sup> NOGUEIRA, Oracy. Op. cit. p. 139.

<sup>298</sup> Fonte: IBGE, 2007.

<sup>299</sup> CANDIDO, Antonio. Op. cit. p. 76.

<sup>300</sup> A relação completa dos bairros rurais encontra-se no Anexo I.

até o final do Século XIX a população total passou da casa dos 2 mil habitantes, em 1799, para mais de 10 mil em 1886. A partir de 1920, quando se iniciaram as séries históricas de levantamentos demográficos disponibilizadas pelo SEADE, houve um comportamento razoavelmente homogêneo com algumas sutis variações com níveis nunca inferiores aos 20 mil habitantes. Curiosamente o apogeu da variação da população cunhense não se deu nos primeiros anos do Século XXI, mas em 1940, quando o valor atingido pela população total foi de 24.818 habitantes.

Desde o Século XIX até meados do Século XX, Cunha serviu como importante pólo de abastecimento agropecuário para outros centros urbanos valeparaibanos, como Guaratinguetá e Taubaté, fator que certamente colaborou para expressiva variação ascendente dos dados demográficos. A partir de então o processo de desenvolvimento do Vale do Paraíba, sustentado pela expansão capitalista do pós-II Guerra, se deu tendo como base a industrialização da planície do Rio Paraíba e a construção da Rodovia Presidente Dutra, no início dos anos 50 do Século XX.

Tabela 10 – Cunha: Evolução da população total (1799-2007)

<b>1799*</b>	<b>1803**</b>	<b>1836*</b>	<b>1872*</b>	<b>1886*</b>	<b>1890**</b>	<b>1920</b>
2.472	2.754	3.403	7.873	10.856	20.457	20.171
<b>1940</b>	<b>1960</b>	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1990</b>	<b>2000</b>	<b>2007</b>
24.818	21.784	21.960	20.826	23.168	23.065	23.726

\*Fonte: WILLEMS, Emilio. Op. cit. p. 16.

\*\*Fonte: SHIRLEY, Robert. Op. cit. p. 44.

Fonte: SEADE, 2007.

O intenso movimento migratório populacional, catalisado pela crescente oferta de trabalho nos segmentos secundários nas cidades, contribuiu para o esvaziamento do campo em diferentes zonas rurais de diversos municípios, pressionando enormemente as áreas urbanas por equipamentos e serviços públicos e fragilizando o ambiente através de processos predatórios de uso e ocupação do solo.

Apesar de o êxodo rural ter contribuído para o aumento vertiginoso das áreas urbanas de cidades assentadas na planície do Rio Paraíba do Sul, é mister argumentar que as cidades outrora promissoras do Vale Histórico sofreram transformações que, proporcionalmente, foram muito importantes porque trouxeram conseqüências capitais. Municípios como Areias, Bananal e São Luiz do Paraitinga, similares a Cunha na gênese histórica e no quesito da estrutura demográfica e econômica, tiveram redução substancial dos contingentes populacionais rurais, conforme demonstra a tabela a

<sup>301</sup> NOGUEIRA, Oracy. Op. cit. p. 91.

seguir. Nos três casos se percebe com clareza a queda brusca do total da população rural a partir de 1980 até 2007, segundo dados fornecidos pelo SEADE.

Areias e São Luiz do Paraitinga apresentaram em 1980 população rural superior à população urbana, sendo que Bananal conta com uma ligeira vantagem da urbana sobre a rural. Nos levantamentos de 2007 em todos os três municípios a população urbana representava muito mais da metade do total do contingente populacional.

Tabela 11 – Areias, Bananal e São Luiz do Paraitinga:  
Variação da população rural e urbana (1980-2007)

<b>AREIAS</b>	<b>1980</b>	<b>1990</b>	<b>2000</b>	<b>2007</b>
População Rural	2.231	1.599	1.147	1.130
População Urbana	1.472	1.731	2.450	2.777
População Total	3.703	3.330	3.597	3.907
<b>BANANAL</b>	<b>1980</b>	<b>1990</b>	<b>2000</b>	<b>2007</b>
População Rural	5.144	3.904	2.524	2.487
População Urbana	5.810	7.425	7.183	7.795
População Total	10.954	11.329	9.707	10.282
<b>SÃO LUIZ DO PARAITINGA</b>	<b>1980</b>	<b>1990</b>	<b>2000</b>	<b>2007</b>
População Rural	5.796	4.920	4.282	4.218
População Urbana	3.947	4.968	6.142	6.652
População Total	9.743	9.888	10.424	10.820

Fonte: SEADE, 2007.

Em relação à Estância Climática de Cunha se deu processo semelhante, embora a maioria do contingente rural tenha se mantido por mais tempo em relação às outras unidades administrativas. Em 1980 a população rural representava cerca de 70% do total; trata-se de um valor considerável em virtude da localização da cidade a apenas quarenta e cinco quilômetros da Rodovia Presidente Dutra e a duzentos e vinte quilômetros da Metrópole Paulistana. Contudo, dez anos depois, em 1990, os dados demonstram uma redução da participação do contingente rural para pouco mais de 62% do total da população, o que em termos absolutos representa mais de 14 mil habitantes. No ano 2000 a população urbana já representava quase a metade do total de residentes em Cunha; 48% do total residiam na cidade enquanto quase 52% no espaço rural. Por fim, em 2007, pela primeira vez na história de Cunha o contingente urbano ultrapassou a população rural, atingindo maioria absoluta: 50,3% da população já habitavam o perímetro da cidade, ao mesmo tempo em que 49,7% ainda residiam o espaço rural. Trata-se de uma tendência que se deve acentuar em virtude do aumento

do número de loteamentos urbanos, motivados pelo crescimento natural da população e pelo fluxo migratório, processo intimamente ligado à expansão turística.

Tabela 12 – Cunha: Evolução e participação da população rural e urbana em relação à população total (1980-2007)

CUNHA	1980	1990	2000	2007
População Rural	14.396	14.443	11.958	11.780
Participação - %	69,1	62,3	51,8	49,7
População Urbana	6.430	8.725	11.135	11.946
Participação - %	30,9	37,7	48,2	50,3
População Total	20.826	23.168	23.093	23.726

Fonte: SEADE, 2007.

A análise cuidadosa e depurada dos dados expostos permite que se apresente no espaço rural e, simetricamente, em festas populares a dialética mudança e permanência em virtude de transformações contemporâneas trazidas pelos bens de consumo duráveis que passam a ser acessíveis a segmentos populacionais geograficamente isolados. Tal sorte também se revela no ritmo do trabalho caseiro, tendo em vista que o enorme acervo de recursos domésticos de outrora é paulatinamente substituído por gêneros industrializados em larga escala. Assim assume destaque a emergente funcionalidade trazida pelos novos bens de consumo, fazendo reduzir drasticamente, ou até mesmo desaparecer, habilitações técnicas do homem rural tradicional e que agora estão defasadas.

Contudo, em relação ao caráter lúdico e simbólico, as transformações no campo físico e material não se revelam com a mesma intensidade como assinala Antonio Candido: *“Estas considerações parecem válidas sobretudo para a cultura material, pois no terreno das crenças e dos sentimentos o processo é mais complexo e não se deixa assim esquematizar.”*<sup>302</sup>

A base material em que se assenta o território cunhense encontrada no clima, na fauna, na geomorfologia, na pedologia, no relevo e na vegetação ainda é traço marcante e constituinte da identidade cultural local a despeito das agressões ao ambiente motivadas pelo estilo predatório de desenvolvimento a partir da década de 50 do século passado.<sup>303</sup> O interessante é que todo este acervo se constitui como palco inseparável das trocas simbólicas, principalmente no campo da religiosidade. Um dos

<sup>302</sup> CANDIDO, Antonio. Op. cit. p. 181.

<sup>303</sup> A única unidade de conservação existente em Cunha é o Parque Estadual da Serra do Mar criado através do Decreto Estadual 10.251/1977.



elementos sintomáticos nesta análise é a profusão do culto à Sá Mariinha, curandeira e vidente do bairro das Três Pontes, que receitava aos necessitados medicamentos muitos deles providos pela natureza e constituintes do acervo das terras cunhenses. Tal fato é corroborado pelas pesquisas de João José de Oliveira Veloso<sup>304</sup> sobre o fenômeno do curandeirismo em Cunha, destacando o papel da acolhedora e simpática senhora, descendente dos povos originários, que tão bem fez aos enfermos:

Ainda, no começo do século, a maior parte desta floresta estava intacta, com grande quantidade de pés de araçá em companhia de grandes árvores, como peroba e cedro, árvores frutíferas tais como jabuticabeiras, goiabeiras e outras florestas tropicais de canela, pitanga, jatobá, guatambu, araticum e guabiroba. Nesta vasta e rica floresta continham milhares de plantas menores, ervas medicinais e videiras que tinham sido usadas pelos indígenas do país, há milhares de anos, antes da chegada dos europeus. Os frutos da floresta, as raízes e as sementes e folhas foram transformados em alimento, cestos e remédios de variedade incomparável. Os rios e riachos tinham as margens protegidas com outras espécies de relvas e pródigos em peixe. A floresta tinha também animais de grande valor aos seres humanos, tais como antas, tatus, capivaras, macacos e tamanduás, bem como outros mais perigosos como cascavéis, jararacas, urutus, corais e mesmo a onça esquiua. Milhares de pássaros: araras, papagaios, gaviões, sabiás, rolas, canários e beija-flor, enchem a floresta com sua música e cor.

A relação estreita entre o material e o simbólico torna-se um subsídio qualitativo de alto teor para as culturas subalternas cunhenses, demonstrando ainda haver um processo de consciência dos sujeitos sociais em relação ao meio natural de forma a produzir uma simetria em que os elementos se completam e são transformados na medida em que o todo não se resume na constituição simplória da soma das partes, mas algo a mais do que as mesmas:

O Receituário de “Sá” Mariinha baseava-se em mezinhas compostas dos mais simples elementos da flora medicinal cunhense: ervas, flores, raízes, frutos, cascas, cipós etc, conhecidos pela maioria dos habitantes da região e comumente utilizados por eles, notadamente a população da zona rural.<sup>305</sup>

O meio natural, ambiente, ou a base físico-territorial não se revelam exteriores ou estranhos ao homem, pois os elementos são apropriados de forma consciente e dialética tendo como matriz a constante experimentação e a vivência cotidiana. A verdadeira essência deste variado arcabouço material é incorporada no modo de vida

<sup>304</sup> VELOSO, João José de Oliveira. *“Sá” Mariinha das Três Pontes (Maria Guedes) – Curandeira e vidente*. Cunha: Centro de Cultura e Tradição de Cunha, 1994, p. 20.

<sup>305</sup> VELOSO, João José de Oliveira. Op. cit. p. 71.

em uma nova instância, mais potente e com maior significado, gerando eloqüentes processos simbólicos. Desta forma são forjados, mediante relações recíprocas entre homem e meio natural, elos e traços seculares constituintes do acervo subalterno:

A essência *humana* da natureza está, em primeiro lugar, para o homem *social*; pois é primeiro aqui que ela existe para ele na condição de *elo* com o *homem*, na condição de existência sua para o outro e do outro para ele; é primeiro aqui que ela existe como *fundamento* da sua própria existência *humana*, assim como também na condição de elemento vital da efetividade humana. É primeiro aqui que a sua existência *natural* se lhe tornou a sua existência *humana* e a natureza [se tornou] para ele o homem. Portanto, a *sociedade* é a unidade essencial completada do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo realizado do homem e o humanismo da natureza levado a efeito.<sup>306</sup>

A fruição dos recursos naturais e a emancipação dos sentidos plenos efetivam a objetivação da essência humana dentro do pensamento de Karl Marx<sup>307</sup>: “o *sentido de um objeto para mim... vai precisamente tão longe quanto vai o meu sentido, por causa disso é que os sentidos do homem social são sentidos outros que não os do não social...*”. As forças naturais, imbuídas em relações harmônicas através da mediação de comunidades rurais, matizadas por influências de povos primitivos em séculos de vivência, tornam-se forças vitais, transformadas em potencialidades congruentes de uso dos recursos condicionados às demandas mais latentes destes grupos. As energias vitais provenientes do meio natural também se metamorfoseiam em capacidades que se adensam e são reveladas na cultura material, configurando uma cadeia sistêmica que se desenvolve em sentido espiral. Forma-se um obstáculo coeso frente à subjugação da consciência e à inquieta e inquestionável negatividade existente na atual relação desproporcional entre homem e natureza.

Garcia Canclini<sup>308</sup> teoriza acerca dos elementos simbólicos quando estes são constituídos de representações imbuídas de plenos vínculos com os elementos materiais, principalmente quando protagonizados por grupos primitivos, como no exemplo citado de Sá Mariinha. Constituem-se práticas nas quais se dão outros usos, antagônicos ao processo de fluidez da cultura midiática. O uso simbólico caminha junto

<sup>306</sup> MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos. Propriedade privada e comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 106 e 107.

<sup>307</sup> Idem, p. 110.

<sup>308</sup> GARCIA CANCLINI, Nestor Néstor & RONCAGLILOLO, Rafael. *Cultura transnacional e cultura popular*. Lima: IPAL, 1988. p. 36.

do cotidiano e situa-se dentro do contexto da propriedade comunitária, associado a um território e como elemento de participação coletiva:

Quando se trata de grupos indígenas, ou de mestiços que conservam parte do capital cultural étnico, estas diferenças se acentuam porque seus hábitos os separam das relações de produção e consumo hegemônicas: outro uso do tempo e do espaço, outra valorização material e simbólica da vivência, os objetos, a saúde, etc.<sup>309</sup>

Tal fato encontra respaldo nas celebrações festivas religiosas, como a Festa do Divino Espírito Santo, a Festa de São José e a Festa de Nossa Senhora da Conceição. Ao mesmo tempo esta condição entra em frontal oposição ao uso mercantil, ou seja, ao símbolo como espetáculo massivo, e à propriedade transnacional dos símbolos a partir do instante que o mesmo se transmuta como entidade itinerante que reporta ao caráter móvel e fluído do capital.

A geração de consciência supera a ênfase à propriedade privada que, capturada e corrompida pelas ciladas do grande capital, não apenas no município de Cunha, vem degradando os vitais recursos naturais por meio, como exemplo, da reprodução da cultura do eucalipto. Esta prática vem promiscuindo a relação entre o habitante da zona rural e o solo, a grande “mãe terra” partícipe de rituais simbólicos das culturas primitivas em diversos continentes, encarnada de forma grotesca na modalidade da propriedade privada, venal e corruptível. A natureza, portanto, “*fixada na separação do homem, é nada para o homem.*”<sup>310</sup> Os sentidos biológicos, tidos como físicos, e os mais abstratos e sensíveis, de caráter espiritual, tornam-se opacos na medida em que a natureza não se humaniza na mais sublime acepção do termo e, ao contrário, torna-se coisa, um objeto coisificado:

... em suma as fruições humanas tornam-se *sentidos* capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais *humanas*, em parte recém cultivados, em parte recém engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.) numa palavra o sentido *humano*, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do seu objeto, pela natureza *humanizada*.<sup>311</sup>

Dados relativos ao Censo Agropecuário do IBGE, realizado a cada decênio, permitem traçar diagnósticos acerca do rol das produções em Cunha, principalmente

<sup>309</sup> Idem, p. 58.

<sup>310</sup> MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos. Crítica da Dialética e da Filosofia hegelianas em geral*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 135.

<sup>311</sup> MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos. Propriedade privada e comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 110.

através de comparação entre os dois últimos levantamentos, realizados em 1996 e em 2006. Em relação à lavoura permanente houve significativa queda das quantidades produzidas em todos os produtos auferidos: caqui, limão, pêra e tangerina. Tal episódio também repercutiu no rendimento por hectare destas produções. As quedas foram enormes, demonstrando que o produtor de Cunha abandonou estes tipos de produtos adotando outras alternativas, provavelmente mais rentáveis, mas com prejuízos sérios à secular tradição do município como grande produtor de frutas graças às favoráveis condições atmosféricas.

Tabela 13 – Cunha – Lavoura permanente: Quantidade produzida, valor da produção, área plantada e área colhida (1996 e 2006)

Lavoura permanente	Quantidade produzida (ton)		Valor da produção (mil R\$)		Valor da produção (%)		Área plantada (ha)	
	1996	2006	1996	2006	1996	2006	1996	2006
Caqui	100	25	12	5	6,03	20,83	1	1
Limão	250	12	9	2	4,52	8,33	2	1
Pêra	800	36	136	13	68,34	54,17	10	3
Tangerina	500	25	42	4	21,11	16,67	2	1
Total	-	-	199	24	100	100	15	6
Lavoura permanente	Área plantada (%)		Área colhida (ha)		Área colhida (%)			
	1996	2006	1996	2006	1996	2006		
Caqui	6,67	16,67	1	1	6,67	16,67		
Limão	13,33	16,67	2	1	13,33	16,67		
Pêra	66,67	50,00	10	3	66,67	50,00		
Tangerina	13,33	16,67	2	1	13,33	16,67		
Total	100	100	15	6	100	100		

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário, 1996 e 2006.

Tabela 14 – Cunha – Lavoura permanente: Rendimento médio da produção

Lavoura permanente (kg por ha)	1996	2006
Caqui	100.000	25.000
Limão	125.000	12.000
Pêra	80.000	12.000
Tangerina	250.000	25.000
Total	555.000	74.000

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário, 1996 e 2006.

Os produtos da lavoura temporária; arroz, batata inglesa, feijão, milho e tomate, constituintes da base da alimentação regional, à exceção do milho, contam com dados apenas em relação ao último levantamento realizado em 2006. Na análise referente ao milho houve significativo incremento da quantidade produzida com valores que variam

de 7 mil e 200 toneladas em 1996 até quase 10 mil toneladas em 2006. Ao mesmo tempo o rendimento da produção do milho também aumentou, passando de dois mil e quatrocentos para mais de dois mil e oitocentos quilos por hectare. O tomate vem sendo o produto com maior rendimento por hectare. Segundo os dados do Censo Agropecuário de 2006 o tomate contou com 60 mil quilos por hectare de produtividade seguido pelo milho com oito mil quilos.

Tabela 15 – Cunha – Lavoura temporária: Quantidade produzida, valor da produção, área plantada e área colhida (1996 e 2006)

Lavoura temporária	Quantidade produzida (ton)		Valor da produção (mil R\$)		Valor da produção (%)		Área plantada (ha)	
	1996	2006	1996	2006	1996	2006	1996	2006
Arroz (casca)	-	27	-	7	-	0,23	-	15
Batata inglesa	-	200	-	50	-	1,66	-	25
Feijão (grão)	-	1.027	-	770	-	25,62	-	856
Milho (grão)	7.200	9.994	936	1.999	100	66,50	3.000	3.470
Tomate	-	300	-	180	-	5,99	-	5
Total	-	-	936	3.006	100	100	3.000	4.371
Lavoura temporária	Área plantada (%)		Área colhida (ha)		Área colhida (%)			
	1996	2006	1996	2006	1996	2006		
Arroz (casca)	-	0,34	-	15	-	0,34		
Batata inglesa	-	0,57	-	25	-	0,57		
Feijão (grão)	-	19,58	-	856	-	19,58		
Milho (grão)	100	79,39	3.000	3.470	100	79,39		
Tomate	-	0,11	-	5	-	0,11		
Total	100	100	3.000	4.371	100	100		

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário, 1996 e 2006.

Tabela 16 – Cunha – Lavoura temporária: Rendimento médio da produção

Lavoura permanente (kg por ha)	1996	2006
Arroz (casca)	-	1.800
Batata inglesa	-	8.000
Feijão (grão)	-	1.199
Milho (grão)	2.400	2.880
Tomate	-	60.000
Total	2.400	73.879

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário, 1996 e 2006.

Em relação aos produtos de origem animal, ao contrário dos gêneros da categoria anterior, os dados permitem uma comparação entre os levantamentos de

1996 e de 2006. Leite e mel de abelha apresentaram um aumento na produção. Para a bebida láctea a produção subiu de 14 para 16 mil litros, ao passo que a produção do mel de abelha dobrou, chegando a oito toneladas em 2006. Apenas os ovos de galinha tiveram queda expressiva, tanto em relação à produção, quantificada em dúzias, como em relação aos valores auferidos em moeda corrente nacional.

Tabela 17 – Cunha: Produção de origem animal por tipo de produto (1996 e 2006)

Categorias/ produtos	Produção de origem animal		Valor da produção (mil R\$)		Valor da produção (%)	
	1996	2006	1996	2006	1996	2006
Leite (mil litros)	14.000	16.000	4.340	10.240	98,86	99,31
Ovos de galinha (mil dúzias)	15	10	10	13	0,91	0,13
Mel de abelha (kg)	4.000	8.000	40	58	0,23	0,56
Total	-	-	4.390	10.311	100	100

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário, 1996 e 2006.

Em relação aos rebanhos, cujos dados não foram colocados em forma de tabelas, merece destaque o rebanho bovino, com 44 mil cabeças em 2006, mesmo valor registrado no censo de 1996. O rebanho suíno, cuja carne contempla conhecidos pratos da cozinha regional, como costelinha de porco com canjiquinha, leitoa assada e torresmo, obteve ligeiro aumento, saltando de quatro mil e trezentas cabeças para cinco mil e quinhentas em 2006. A seguir aparecem os seguintes rebanhos, segundo os dados de 2006: aves em geral (duas mil e novecentas cabeças), eqüinos (duas mil e quinhentas), muares (quatrocentas e cinqüenta cabeças), asnos (trezenas e vinte), bubalinos (sessenta) e caprinos (trinta), embora se deva registrar que, empiricamente, nota-se número muito maior em relação aos caprinos, rebanho em grande expansão em Cunha pelo valor nutritivo da carne apreciada em muitos restaurantes da região e de regiões metropolitanas do Sudeste.

As tabelas a seguir mostram dados que se traduzem em informações preocupantes. Os indicadores da extração vegetal apontam para a explícita expansão da cultura do eucalipto no município de Cunha. Ao analisar os dados referentes à extração de madeira em tora para o fornecimento à indústria de papel e celulose, percebe-se o aumento vertiginoso estipulado em metros cúbicos. O dado referente a 1996 traz o valor de 3 mil metros cúbicos. Dez anos depois este valor cresce assustadoramente para quase 30 mil metros cúbicos; aumento decuplicado. De forma ainda mais expressiva os valores da extração da madeira seguiram índices nada modestos, o que pode suprir as lacunas em relação às perdas na produção, no

rendimento e no valor de outros gêneros agropecuários. Em 1996 o valor total da madeira para celulose chegou a 45 mil reais. Em 2006 este valor ultrapassou a cada dos 800 mil reais.

Tabela 18 – Cunha: Quantidade produzida na silvicultura por tipo de produto (1996 e 2006)

<b>Tipo de produto da silvicultura</b>	<b>1996</b>	<b>2006</b>
Madeira em tora (m <sup>3</sup> )	3.000	28.838
Madeira em tora para papel e celulose (m <sup>3</sup> )	3.000	28.603
Madeira em tora para outras finalidades (m <sup>3</sup> )	-	235

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário, 1996 e 2006.

Tabela 19 – Cunha: Valor da produção na silvicultura por tipo de produto (1996 e 2006)

<b>Tipo de produto da silvicultura</b>	<b>Valor da produção na silvicultura (mil R\$)</b>		<b>Valor da produção na silvicultura (%)</b>	
	1996	2006	1996	2006
Madeira em tora (m <sup>3</sup> )	45	832	100	100
Madeira em tora para papel e celulose (m <sup>3</sup> )	45	829	100	99,64
Madeira em tora para outras finalidades (m <sup>3</sup> )	-	3	-	0,36
Total	45	832	100	100

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário, 1996 e 2006.

### 3.1. Transformações no espaço rural: Do desencanto à esperança

O espaço rural brasileiro caminha sob o alicerce de duas diferentes e antagônicas formas de se conceber a ocupação fundiária. Dentro das atividades de produção pode ser salientada, em um primeiro momento, a consolidação de grandes propriedades dentro da lógica do *agrobusiness* ou do agronegócio como plataformas de exportação do segmento de *commodities*. Esta primeira categoria concentra-se em regiões do Centro-Oeste e do Sudeste brasileiro e responde por boa parcela das produções de café, cana-de-açúcar, laranja e soja, produtos inseridos em uma circuito global de produção, circulação e consumo.

Neste primeiro conjunto de propriedades pode-se desenvolver não o turismo rural de caráter regional, dentro dos parâmetros verificados na Estância Climática de Cunha, mas o agroturismo, uma tipologia que se diferencia do turismo rural por apresentar uma dimensão técnica, direcionada a um público inserido no meio acadêmico e científico das Ciências Agrárias. Ainda em relação a esta categoria há um notável distanciamento em relação a alguns requisitos regionais amalgamados pelas culturas subalternas e pela cadeia produtiva regional sedimentada em propriedades menores e na policultura.

Uma segunda e grande categoria de propriedades, também situada no Sudeste, e, especialmente, no Sul do Brasil, é constituída por pequenos e médios imóveis com produções em escalas regionais, mas não menos importantes para a economia do espaço rural brasileiro, servindo tanto à subsistência como para o comércio de excedentes.

Independentemente destas duas categorias uma assertiva deve ser anunciada: o surgimento do fator não-agrícola do espaço rural brasileiro. Análises debruçadas acerca dos indicadores da PEA - População Economicamente Ativa - no campo por José Graziano da Silva,<sup>312</sup> permitem que se afirme o caráter não-agrícola deste espaço como outrora ocorria. Funções não rurais têm aparecido com destaque dentro do rol das ocupações principais dos moradores do espaço rural das regiões brasileiras, tendo como destaque a região Sudeste e o estado de São Paulo. Nestes casos destacam-se empregados domésticos, jardineiros, mecânicos, motoristas, professores,

---

<sup>312</sup> SILVA, José Graziano. *O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro*. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio & RIEDL, Mário (Orgs.) Turismo Rural – Ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000, p. 145-179.



trabalhadores de agroindústria, trabalhadores de construção civil, trabalhadores de escritório, trabalhadores de hotéis, bares e restaurantes, vigilantes etc.:

As transformações pelas quais tem passado, nas últimas décadas, o meio rural brasileiro contribuem para não considerá-lo como essencialmente agrícola. A identificação do rural com o agrícola perdeu o sentido quando muitas atividades tipicamente urbanas passaram a ser desenvolvidas no meio rural, geralmente em complemento às atividades agrícolas.

Não é possível compreender parte destas transformações sem construir uma relação com a expansão do turismo particularmente na Estância Climática de Cunha a partir dos anos 90 do Século XX. Esta expansão leva à imediata instalação de meios de hospedagem e de cadeia de serviços no espaço agrário, tais como restaurantes, comércio de artesanato e cerâmica, venda de alimentos e dos conhecidos produtos típicos, estabelecimentos de diversões e de lazer, entidades culturais e congêneres; desde *spas* holísticos, como a Pousada Moara, no bairro da Aparição, até ateliês de cerâmica, como o ateliê do Morro do Pinhão, no bairro do Paraibuna, e do ateliê Anand, no Taboão, utilizando milenar técnica do *raku*.<sup>313</sup>

---

<sup>313</sup> *Raku* é uma técnica de queima de cerâmica originada no Japão por volta do Século XV. Consiste no aquecimento rápido das peças esmaltadas que, em cerca de 60 minutos, atingem 950° C. Nessa temperatura, o forno é aberto e o choque térmico provoca craquelado no esmalte. As peças incandescentes são colocadas em serragem de madeira. A fumaça penetra nas fissuras, formando desenhos imprevisíveis de grande beleza e tons coloridos causados pela metalização dos óxidos presentes nos esmaltes.

Figura 17 – Queima de *raku*

Evento no Ateliê Anand, bairro do Taboão; o ceramista Zairo retira peça recém queimada a quase 1.000 °C que será vendida ao público que havia pago R\$ 10,00 pela entrada. O valor poderá ser abatido na compra de cada uma das peças, orçada em aproximadamente R\$ 50,00.

Foto: Henrique Alckmin Prudente – JUN/2007.

Nos aspectos inerentes aos alimentos, além das contribuições tradicionais da cozinha mineira e tropeira, o advento do turismo e a chegada de inúmeros gestores privados provenientes de regiões urbanas, especialmente da área de influência da Metrópole Paulistana, têm provocado a incorporação de outros produtos na culinária local. Dentre eles podem ser citados os cogumelos, destacando-se o *shiitake* e o *shimeji*, além da truta, peixe de água doce, fria e corrente, muito utilizado como plataforma gastronômica em pousadas e em restaurantes.

No verão de 2006 a CUNHATUR promoveu festival gastronômico do *shiitake* em doze estabelecimentos locais, sendo sete deles situados na zona rural cunhense: Estalagem Shambala, Pousada Candeias, Pousada da Mata, Pousada dos Girassóis, Restaurante Dona Felicidade, Restaurante Terra Viva e Restaurante Vale das Cachoeiras. Todos os doze estabelecimentos produziram uma receita com *shiitake* incorporando carnes, frutos do mar e massas com diferentes molhos e temperos.

Neste mesmo período deu-se a criação do Circuito dos Cogumelos, de conotação perene, através do qual são elaborados e vendidos pratos à base de *shiitake* e *shimeji* em treze pontos do município, em diferentes pousadas e

restaurantes, sendo que em alguns locais podem ser adquiridas bandejas com o produto natural.

A ACOCVAP – Associação de Criadores de Ovinos e Caprinos do Vale do Paraíba – com apoio da Confraria de Pousadas de Cunha, da CUNHATUR, da Prefeitura Municipal e do SEBRAE, realizou de 02 a 31 de Agosto de 2008 o I Festival Gastronômico do Cordeiro Serrano, reunindo criadores de toda a região e apresentando a carne de cordeiro e de carneiro como opção mais rentável e mais saudável em relação à tradicional carne bovina. O evento de lançamento ocorreu no Rancho 27, restaurante localizado na zona rural. Os restaurantes participantes ofereceram pratos especialmente preparados com carne de cordeiro<sup>314</sup> dentro da programação dos “sábados de volta ao mundo”, quando os estabelecimentos ofereceram os pratos acompanhados de vinho e de músicas típicas de alguns países como: França, Grécia, Itália e Portugal, todos localizados na Bacia do Mediterrâneo e cujas cozinhas utilizam de forma acentuada a sobredita carne.

Tabela 20 – Cunha – I Festival Gastronômico do Cordeiro Serrano: Pousadas e restaurantes participantes da zona rural<sup>315</sup>

RECEPTIVO	PRATO SERVIDO	OUTRAS ATRAÇÕES
Estalagem Shambala	Ossobuco de cordeiro com ervas frescas Ragu de cordeiro	-
Pousada Dona Felicidade	Cordeiro à portuguesa (cordeiro assado com batatas ao murro)	Cavalgada e luau
Pousada dos Girassóis	Cordeiro à grega (churrasco de cordeiro girando no espeto)	-
Pousada Terra Viva	Cordeiro à italiana (cordeiro assado com batatas coradas e brócolis)	-

Fonte: CUNHATUR, 2008.

<sup>314</sup> O cordeiro é um animal mais prematuro de até quatorze meses de idade. Entre quatorze meses e dois anos é chamado de cordeiro de um ano. Após dois anos de idade é conhecido como carneiro, cuja carne apresenta sabor mais forte.

<sup>315</sup> Com exceção da Estalagem Shambala, os demais estabelecimentos são participantes da Confraria de Pousadas de Cunha.

Além dos pratos servidos nos restaurantes partícipes o evento também contou com as seguintes atividades: visita à Oficina de Lã, situada no bairro Paraibuna, para que se conheça o processo de tingimento da própria lã e de confecção de produtos por artesãs da região; e visitas ao Capril Vale do Jacuí, localizado próximo ao perímetro urbano de Cunha, para conhecer a criação de carneiros e degustar iguarias produzidas à base do leite de cabra, tal como ocorre no circuito Caminhos de Pedra do município de Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha; pode-se, ainda no capril, degustar queijo *boursin*, iorgutes e o próprio leite.

Além destes produtos Cunha tem experimentado, com relativo êxito, a produção de cachaça e a de cerveja artesanal, trazida por imigrantes alemães que se estabeleceram em sítios, e de vinho. O alambique Empório Remzi, localizado no Alto do Guaranjanga, explora a produção de cachaça tradicional e também a frutada. A cerveja artesanal é fabricada em propriedade rural do Taboão junto à estrada para Paraty.

O vinho merece atenção especial, pois foi no final do Século XIX importante gênero do espaço agrário cunhense, colaborando para a construção da identidade cultural rural do município, fator preponderante até os dias atuais. A produção local chegou a sessenta e sete mil e quinhentos litros de vinho em 1890, atingindo apogeu em 1896.<sup>316</sup>

---

<sup>316</sup> Fonte: VELOSO, João José de Oliveira. *A vitivinicultura cunhense*. Cunha: Centro de Cultura e Tradição de Cunha-Museu Municipal Francisco Veloso, 2006.

Figura 18 – Cerveja artesanal



A marca de cerveja *WolkenburG* faz parte do repertório de bebidas produzidas em solo cunhense somando-se assim às tradicionais cachaças pertencentes à cultura caipira.  
Foto: José Prudente do Espírito Santo – JUN/2008.

O papel secular de unidade produtora de gêneros alimentícios é corroborado pelo destacado fator climático, conferindo à Cunha espaço privilegiado para a cultura de frutas o que subsidia a formação de produtos derivados como bebidas - licores, sucos e vinhos - e doces - na forma de compotas, formas ou tachos. Neste sentido assinala João José de Oliveira Veloso.<sup>317</sup>

Mesmo sendo Cunha região agrária por excelência, voltada historicamente para o cultivo de produtos de subsistência, como milho, feijão e suinocultura – com clima temperado e seco – desde os primórdios do século XIX, já mostrava a existência, segundo estatísticas oficiais da época, do cultivo de frutas de clima temperado, como tâmaras, castanhas, pêssegos, nozes, pêras, maçãs, laranjas, marmelos, ameixas e uvas.

[...]

A escolha do município de Cunha para o cultivo da uva partiu do eng. Antonio de Serpa Pinto Júnior, que viera a Cunha, em 1878, para se tratar, por solicitação de médicos do Rio de Janeiro.

[...] Cunha estava entre as treze cidades do estado de São Paulo a aderirem à cultura da vinha, através da iniciativa do dr. Luiz Pereira Barreto, introdutor e estimulador da vinha em São Paulo, a saber: Sorocaba, Vinhedo, Itatiba, Jundiaí, São Roque, Pirituba, São Paulo, Mogi das Cruzes, Campinas, Cunha, São Vicente, Tietê e Presidente Prudente.

A produção de vinho foi reativada graças ao trabalho de algumas famílias locais que realizaram prospecção de mudas de videira em quintais de casas antigas, situadas

---

<sup>317</sup> Idem.

na zona central da cidade. Em sítios da zona rural a produção artesanal de vinho havia atingido em anos anteriores algumas centenas de garrafas. O vinho, portanto, possui condições de ser acrescentado a uma outra dezena de itens como motivadores turísticos a serem incorporados em festas e/ou festivais da localidade.

A concentração dos meios de hospedagem em município com grande área na zona rural como Cunha é fator preponderante na análise tanto das transformações pelas quais passam o espaço rural como da compreensão das festas populares centradas na agricultura. De um total de mais de cinquenta meios de hospedagem do município vinte e nove deles, quase 60%, se localizam no campo, ao passo que vinte e dois estão situados no perímetro urbano.

José Graziano da Silva<sup>318</sup> defende ainda a idéia do espaço rural como continuação do espaço urbano em termos espaciais e em termos organizacionais. Tal fator tem como alicerce o vertiginoso aumento populacional dos meios urbanos em todos os continentes principalmente a partir da II Guerra Mundial e o adensamento industrial que provocou o êxodo rural vertiginoso durante a segunda metade do século passado. A ruptura com os paradigmas da modernidade e, logicamente, com os padrões fordistas traz a necessidade de se repensar o espaço rural fugindo das tradicionais definições restritas às produções agropecuárias e às questões fundiárias. Há neste sentido uma reorientação das atividades do espaço rural para facetas inerentes ao consumo e ao turismo, fatores contemporâneos.

Dá-se a interação entre elementos constituintes do processo de globalização que se amalgamam aos aspectos tradicionais do espaço rural, promovendo movimentos culturais que podem oscilar desde a padronização cultural em suas variantes mais toscas, gerando a “*vulgarização do sincretismo*” nas palavras de Eduardo Yázigí,<sup>319</sup> até gradações nas quais se dá a constante dialética inovação/tradição por meio do atrito e de zonas de contato entre diferentes culturas.

Conforme a tabela a seguir os cinquenta e um meios de hospedagem de Cunha totalizam novecentos e dezesseis leitos, não considerando os dados sobre nove estabelecimentos que não obtinham esta informação que também não foi encontrada em levantamentos realizados *in loco* na Coordenadoria de Turismo da Prefeitura Municipal. Deste total de novecentos e dezesseis leitos quatrocentos e quarenta e dois,

---

<sup>318</sup> SILVA, José Graziano. *O novo rural brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 2002.

48%, se encontram no espaço urbano, e quatrocentos e setenta e quatro, correspondente a 52%, no meio rural. Sobre a filiação dos meios de hospedagem de Cunha junto à CUNHATUR trinta e cinco estabelecimentos não são filiados, ao passo que apenas quinze deles são integrantes da associação.

Tabela 21 – Cunha: Distribuição espacial dos meios de hospedagem e dos respectivos leitos<sup>320</sup>

MEIO	TOTAL DE MEIOS DE HOSPEDAGEM	TOTAL DE LEITOS
Rural	29	474
Urbano	22	442
TOTAL	51	916

Caso forem considerados também alguns receptivos situados no meio rural dentro da modalidade de fazendas ou sítios, o total de leitos no espaço agrário adicionaria mais sessenta e oito vagas, passando de quatrocentos e setenta e quatro para quinhentos e quarenta e dois leitos, conforme demonstra a tabela a seguir. Agregar este conjunto de estabelecimentos também contribui para razoável aumento da oferta total de Cunha: de novecentos e dezesseis o valor chegaria a novecentos e oitenta e quatro leitos.

Tabela 22 – Cunha – Caracterização dos meios de hospedagem: Fazendas e sítios<sup>321</sup>

RECEPTIVO	LOCAL	LEITOS
1. Chalés Aybloc's Lair	SP-171 km 49,9	06*
2. Fazenda Água Fria	Mantiqueira	17
3. Sítio Estalagem Purióca	Campo Alegre	16*
4. Sítio Pinheirinho	Pinhal	20
5. Sítio Rio do Sertão	SP-171 km 57	09*
<b>TOTAL DE LEITOS</b>	-	<b>68</b>

\*Informações obtidas mediante consulta telefônica.

Fonte: Trabalho de campo – OUT-2008.

<sup>319</sup> Ver: YÁZIGI, Eduardo. *A alma do lugar - Turismo, planejamento e cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 16.

<sup>320</sup> Fontes:

Plano Diretor de Turismo da Estância Climática de Cunha – 1ª Versão Preliminar.<sup>320</sup>

Sítios:

<[www.cunhatur.com.br](http://www.cunhatur.com.br)>. Acesso em 12/05/2008.

<[www.portaldecunha.com.br](http://www.portaldecunha.com.br)>. Acesso em 12/05/2008.

Para maiores informações acerca dos meios de hospedagem consultar Anexo J.

<sup>321</sup> Fontes: Idem nota anterior.

Em linhas gerais a emergência de diferentes estabelecimentos no meio rural desperta para alguns impactos imbuídos de certa positividade. Podem ser elencados quatro fatores que sinalizam desta forma, a saber:

- Geração de receita, agregando-se valor a diferentes produtos, desde artesanato e cerâmica, até alimentos e bebidas que podem ser comercializados no âmbito do turismo, especialmente por meio de festas populares como eventos âncora que possibilitam o comércio de inúmeros produtos, gerando rentabilidade aos agentes econômicos locais;
- Redução do êxodo rural na medida em que perspectivas econômicas podem ser concebidas com esperança, sobretudo por parcelas da população jovem em quesitos como o aumento da renda, já tratado no item anterior, e também em relação à oferta de emprego tanto no modo formal como em outras formas de relação de trabalho;
- Melhoria de infra-estrutura básica junto às populações rurais, especialmente em estradas rurais vicinais, fundamentais para o escoamento de parte da produção agrícola e de rebanhos, e ainda em setores importantes como eletrificação, ensino e assistência médica e odontológica;
- Valorização e respeito às culturas subalternas juntamente com relações harmônicas em relação ao meio natural, contribuindo para que se construa interação dialética entre homem e natureza, concebendo-a como base material e simbólica importante para que se cristalizem e se fortifiquem indispensáveis laços forjados em pertencimentos com elementos como a água, o ar, o solo e os animais e plantas que necessitam destes para sobrevivência.

O turismo rural é definido pela EMBRATUR<sup>322</sup> com algumas imprecisões. Em primeiro lugar porque não explicita a propriedade rural como unidade de planejamento turístico, espacializando o espaço campestre como território desta tipologia: “...conjunto de atividades turísticas praticadas no campo, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, no sentido de resgatar e de promover o patrimônio cultural e natural da comunidade”.

O problema se acentua porque neste espaço pode-se também abrigar uma série de outras modalidades, tais como o turismo de aventura, o turismo cultural e o turismo ecológico e mesmo atividades que, embora estando localizadas no espaço rural,

---

<sup>322</sup> Fonte: EMBRATUR, Instituto Brasileiro de Turismo, 1998.



podem ter matrizes majoritária ou integralmente urbanas. É o caso do Rancho 27 - Empório Rural e Restaurante, já citado anteriormente, logradouro localizado junto à Rodovia Paulo Virgínio, que oferece amplo espaço para eventos de caráter urbano, tais como: casamentos, confraternizações de final de ano, festas de aniversário, reuniões corporativas etc. Atividades relacionadas ao comércio também acabam por permear esta lógica. Em uma das propriedades rurais do Cume, bairro da zona rural, é explorada a produção de mussarela de búfala, vendendo-se, além do queijo, outros derivados do leite de procedência bubalina.

Dentro do conjunto de atividades praticadas no turismo rural destacam-se a colheita de hortifrutigranjeiros, o andar a cavalo, a lida com pequenos animais, a pesca em açudes, lagos ou rios, o consumo de leite ao pé da vaca, o acompanhamento da produção artesanal de doces, licores, queijos e demais derivados do leite etc. Os desafios trazidos pelo turismo rural dentro da atual conjuntura do espaço agrário brasileiro e, sobretudo, cunhense traz à tona algumas ações inerentes ao planejamento territorial em estreita relação com as culturas subalternas.

João Carlos de Faria<sup>323</sup> assinala a necessidade de planejamento das atividades do turismo rural acompanhada de um importante inventário de atrativos dentro da propriedade em sintonia com as habilidades específicas de cada produtor rural e com as potencialidades agropecuárias de determinada região.

Um dos elementos essenciais destas ações é a manutenção da essência rural das propriedades. A rotina produtiva não deve ser alterada sob pena de se diluir os traços marcantes das mesmas. Em suma o turismo rural não deve ceder aos apelos da urbanidade, pois sua essência é a vida rural mesmo levando-se em consideração as inevitáveis transformações de ordem técnica que devem ser apropriadas pelos produtores e sitiantes.

Ainda em relação às ações de planejamento deve-se salientar que um dos problemas que mais afetam o espaço rural especificamente de Cunha é a qualificação da mão-de-obra, fazendo com que a capacitação esteja dentro das ações prioritárias de planejamento turístico.

Dentro da lógica do planejamento físico-territorial a paisagem e, em particular, a paisagem rural, tornam-se merecedoras de significativa valorização tendo em vista que

sintetizam, grosso modo, co-relações entre a base material e a base simbólica, constituindo suporte de ambientes naturais remanescentes, preservando importante integridade ecológica e constituindo-se em arcabouço de práticas culturais subalternas em plena relação com a natureza.

Recorrendo-se à definição de Pierre Deffontaines,<sup>324</sup> concebe-se paisagem como uma síntese entre diferentes processos, antropogênicos e naturais, que perfazem uma identidade paisagística vital para o fenômeno turístico: “...o suporte de uma informação original sobre numerosas variáveis relativas notadamente aos sistemas de produção e cuja superposição ou vizinhança, relevam ou sugerem interações”.

Para Paulo dos Santos Pires<sup>325</sup> a paisagem é portadora de três dimensões: a estética ou visual, vinculada com as percepções e com os sentidos humanos trazendo a subjetividade como um dos fatores preponderantes; a cultural, carregada de interações para com os processos humanos, retratando meios de vivência em suas diferentes manifestações; e a ecológica, envolvendo relações entre os meios físico, natural e social.

O que ocorre em muitas ocasiões é a depreciação dos atributos da paisagem em decorrência de ações predatórias por parte da sociedade, o que torna inconsistente a dimensão ecológica devido às arestas e sinuosidades do fator social, portador de interesses sustentados pela esfera do capital que, em muitos casos, agem em detrimento dos mínimos padrões de sustentabilidade. Nesta perspectiva, segundo o autor, ocorre a fragilidade visual da paisagem, ou seja, o “*grau de suscetibilidade à deterioração mediante a incidência de determinadas situações*.”<sup>326</sup>

A manutenção da identidade paisagística no espaço rural encontra nas residências secundárias campestres formidáveis defesas. Se no espaço urbano podem, e com freqüência ocorre, se revelarem como instrumentos de segregação social e de inflacionamento de preços, desde mão-de-obra até materiais de construção e outros gêneros, no espaço agrário os chamados sítios de recreio constituem mecanismos de manutenção de importantes fatores ambientais e culturais.

---

<sup>323</sup> FARIA, João Carlos. *Turismo como fator de desenvolvimento rural sustentável*. IN: GARCIA REIS, Fábio José (Org.) *Turismo – Uma perspectiva regional*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003, p. 31-41.

<sup>324</sup> DEFFONTAINES, Pierre. Apud. TRICART, Jean. *As Zonas Morfoclimáticas do Brasil Atlântico Central*. In: *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo: AGB, 1959, p. 3-44.

<sup>325</sup> PIRES, Paulo dos Santos. *A paisagem rural como recurso turístico*. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.) *Turismo Rural*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 117-132.

<sup>326</sup> Idem, p. 121.

Considera-se o que José Graziano Silva<sup>327</sup> atesta salientando que o papel do caseiro como morador contínuo destas propriedades contribuiu para que as mesmas se tornem produtoras de uma série de gêneros agrícolas, quebrando a possibilidade nefasta da monocultura:

O impacto da proliferação das chácaras de fim de semana tem sido notável sobre a paisagem rural. Primeiro, as chácaras contribuem para manter áreas de preservação/conservação do que restou da flora local e muitas vezes dão início a um processo de reflorestamento, mesclando espécies exóticas e nativas. Segundo, expulsam as ‘grandes culturas’ que, em geral, utilizam-se de grandes quantidades de insumos químicos e de máquinas pesadas, das periferias das cidades. Terceiro, dão novo uso a terras antes ocupadas com pequena agricultura familiar, inclusive assalariando antigos posseiros e moradores do local como ‘caseiros’, jardineiros e principalmente guardiões do patrimônio aí imobilizado na ausência dos proprietários.

No decorrer de um dos trabalhos realizados por este pesquisador<sup>328</sup> constatou-se que, em Cunha, grande parcela de propriedades consideradas não pequenas, ou seja, que possuem dimensões acima de oitenta hectares<sup>329</sup>, têm proprietários residindo em outros municípios o que as potencializam como sendo sítios de recreio ou residências secundárias campestres. Mesmo neste caso existe utilização menos predatória dos recursos naturais que, de forma geral, é uma característica que ajuda a manter parcela considerável de famílias residindo no campo.

A isto são acrescidas atividades laborais sedimentadas na profusão turística e na articulação da economia regional de modo geral, angariando uma diversidade de produtos, fomentada por um concerto variado de produções em pequena escala, transformando simplórios pequenos proprietários de outrora em promissores empreendedores contemporâneos:

...ganham importância essas ‘novas atividades rurais’ altamente intensivas e de pequena escala, propiciando novas oportunidades para o conjunto de pequenos produtores que já não se pode chamar de agricultores ou pecuaristas; e que muitas vezes nem são produtores familiares, uma vez que a maioria dos membros da família está ocupada em outras atividades não-agrícolas e/ou urbanas.<sup>330</sup>

<sup>327</sup> SILVA, José Graziano. Op. cit. p. 16.

<sup>328</sup> Ver: PRUDENTE, Henrique Alckmin. *Culturas subalternas e turismo emancipador na Estância Climática de Cunha – SP*. 2003, 234p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). ECA-USP, São Paulo.

<sup>329</sup> Adotou-se critério da FETAESP, Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de São Paulo, que estabelece a categoria de pequena propriedade quando não se ultrapassar dois módulos fiscais, o que corresponde a 80 hectares. Acima deste patamar, o imóvel rural é considerado médio ou grande.

<sup>330</sup> SILVA, José Graziano. Op. cit. p. 17.

### **3.2. Pinhão de Cunha: O embrião que virou Festa**

O estudo da Festa do Pinhão na Estância Climática de Cunha torna-se fundamental para a plena compreensão do caráter festivo como devaneio, ou seja, como um elemento de evasão da realidade cotidiana, saturada de problemas das mais variadas esferas. As áreas metropolitanas, em especial, estão caracterizadas pela depreciação radical das condições de vida. Desta forma o turista pode desfrutar mecanismos que são, ao mesmo tempo, de fuga e de contemplação. Com isto podem ser enrijecidos elementos que contribuem para que se reproduza uma realidade menos perversa através de conquistas e de ganhos revertidos para os núcleos receptores.

As festas populares como atributo das culturas subalternas vem sendo objeto de preocupação de alguns pesquisadores do CELACC, (Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação), da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Esta preocupação se materializa através de projetos de pesquisa direcionados para o estudo da identidade cultural relacionada com o turismo emancipador, organizado de maneira sustentável, particularmente em municípios do Vale do Paraíba, Estado de São Paulo.

Um dos trabalhos realizados por Maria Nazareth Ferreira em uma de suas pesquisas acerca da problemática cultural, como pós-doutorado na Itália em 1998, possibilitou uma ampla discussão de uma das mais importantes facetas das culturas subalternas: as festas populares, analisando tanto as religiosas como as profanas naquele país, principalmente as realizadas em pequenas cidades, transformando-se em promissores atrativos para o turismo cultural e fontes sólidas de geração de receita para as municipalidades. Este trabalho aponta para a indissociável relação entre comunicação, cultura, história e turismo. A construção deste conjunto contempla as festas populares a partir de uma perspectiva contemporânea, agregada à expansão do turismo interno, regional, de curta duração e, ao mesmo tempo, concebendo estas manifestações a partir de um acúmulo de experiências humanas das mais ricas e diversificadas.

Neste contexto o alimento assume - tendo em vista os antigos rituais agrários na Europa desde muito antes da Civilização Cristã - um papel ímpar como atributo cultural vivenciado cotidianamente pelas populações em suas respectivas comunidades e sociedades. Tempo e espaço convergem para a concretização de tais rituais.

Duas dentre inúmeras festas populares italianas estudadas por Maria Nazareth Ferreira<sup>331</sup> acompanham com significativa aderência a presente análise. A Festa de *Fors Fortuna*, na região de Roma, e a Festa de *San Giovanni*, em Turim, no Piemonte, conhecido no Brasil como Festa de São João, o Batista, trazem ritos fundamentais que convergem para a celebração do calor, do fogo e do sol, ambos indispensáveis ao sustento das populações envolvidas. A energia e a força vital de tais elementos são importantes para prover o solo de nutrientes e de outras condições físico-químicas sem as quais as culturas agrícolas não frutificavam.

Além do culto como gratidão à vida há outros sentidos presentes nas citadas celebrações. Como no continente europeu o inverno é acompanhado de significativas quedas de temperatura, deixando os campos sazonalmente estéreis, ao chegarem estações mais quentes ocorre o renascimento da vida; animais, arbustos, árvores, campos, flores, lagos, rios etc. No mês de Junho, quando o solstício de verão no hemisfério Norte marca o início da referida estação, celebra-se o novo início do período de plantio e de colheita que, simbolicamente, é encampado como um renascer, uma nova vida que recomeça perfazendo um ciclo também no aspecto material. Tal significado de renovação é importante como ingrediente a ser incorporado pela Festa do Pinhão de Cunha, que também está colocada em um regime cíclico dado pelas condições de reprodução do embrião extraído da araucária.

O fogo e a fogueira, esta típica durante as festas juninas brasileiras, buscam reproduzir o calor solar na terra, pois a chegada do verão corresponde ao aumento da temperatura, indispensável para a alimentação dos povos do Norte. No caso da Festa de *Fors Fortuna* os ritos ocorrem no mês de Maio em louvor à deusa Flora, conforme registros de 238 a.C. como celebração da primavera recém chegada. Mais tarde, segundo a referida autora,<sup>332</sup> a Igreja Católica passa a encampar o culto à Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo, também como reverência à natureza, da mesma forma qualificada e louvada como “mãe” neste mesmo mês.

O oferecimento dos alimentos é comumente acompanhado de outras duas características: sacrifícios e festas populares.<sup>333</sup> As sagras, que ritualizam a

---

<sup>331</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Os antigos rituais agrários itálicos e suas manifestações na atualidade*. In: *Comunicação & Política*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, Volume VII, n. 2, jan-abr. 2000, p. 121-140.

<sup>332</sup> Idem, p. 127 e 128.

<sup>333</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Sagras* Relatório Final de Pós-Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 1998, p. 225. Pesquisa realizada junto à *Università La Sapienza di Roma*.

importância do alimento através da distribuição dos mais variados gêneros para as pessoas em diferentes momentos, são manifestações que concretizam uma louvação à natureza, à Mãe Terra e ao solo. Celebrações festivas, profanas ou religiosas, passaram a incorporar as sagras em seus repertórios, construindo uma simetria cíclica e sazonal entre as festas populares e o calendário agrícola:

Assim, o meio natural aparece de início como grande celeiro potencial, que não será utilizado indiferentemente, em bloco, mas conforme as possibilidades de operação do grupo; pois os animais e as plantas não constituem, em si, alimentos do ponto de vista da cultura e da sociedade. É o homem quem os cria como tais, na medida em que os reconhece, seleciona e define. O meio se torna deste modo um *projeto* humano nos dois sentidos da palavra: projeção do homem com as suas necessidades e planejamento em função destas...<sup>334</sup>

Além disso, as celebrações festivas centradas no alimento são retribuições pelo sustento adquirido mediante muitas dificuldades imprevisíveis e muito trabalho e que pode ser acessível graças às possibilidades do ciclo agrário associado com as condições climáticas e geográficas:

Sagra quer dizer dedicar a Deus, aos deuses, tornar algo sagrado. O costume antigo de dedicar aos deuses determinadas colheitas é ainda hoje muito utilizado na Europa, principalmente na Itália, onde toda sorte da colheita é dedicada aos deuses, isto é colocada sob proteção das divindades sendo batizada de “sagras”. [...] Mais tarde, o significado se estendeu às festas populares nas quais se celebram acontecimentos cíclicos, um particular momento do ano, que deveria repetir-se, seja religioso ou profano. [...] Pelo costume, a palavra passou a significar também as feiras e mercados sazonais e os jogos e espetáculos que acompanham as festas populares.<sup>335</sup>

Dentre as sagras algumas das mais tradicionais realizadas na Itália é a Sagra da Uva de *Marino*, com mais de setenta edições durante o mês de Outubro, época da colheita do produto, e a Sagra do Vinho e da Alcachofra de *Campagnano di Roma*<sup>336</sup>. Na ocasião destas sagras o alimento ou o produto em questão é distribuído gratuitamente aos participantes. Há ainda uma relação muito viva entre os gêneros alimentícios assim como as bebidas com a história da localidade, aspecto que se materializa através de encenações em logradouros urbanos, de ambientações com

<sup>334</sup> CANDIDO, Antonio. Op. cit. p. 28.

<sup>335</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Cultura, Globalização e Turismo: A cultura subalterna como mercadoria*. Relatório Final de Pós-Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 1998, p. 225. Pesquisa realizada junto à *Università La Sapienza di Roma*.

<sup>336</sup> Idem.

fidelidade cênica e indumentária pertinente, adensando ainda mais a já consolidada atratividade turística do evento festivo:

A sagra da uva de Marino é uma festa na qual esta cidade se transforma numa grande feira de uva e vinho, ocasião em que estes produtos são distribuídos gratuitamente aos expectadores. Mas, para não perder o caráter teatralizante que dá o tom às festas populares italianas, Marino também organiza seu Corteo Storico; este, durante os quatro dias de duração da festa, encena os acontecimentos históricos que marcavam a vida da cidade: a participação do senhor feudal Marcantonio Colonna na guerra contra os turcos otomanos, quando os exércitos papais destruíram os infiéis. A outra sagra realizado em Campagnano di Roma, oferece vinho e alcachofra aos participantes; organiza desfiles de sbandieratori e de bandas de música, enquanto uma feira montada num parque oferece os produtos da região; é uma ocasião em que se promove o famoso vinho baccanale e a melhor alcachofra da região.<sup>337</sup>

Esta última sagra é muito similar, no Brasil, aos produtos típicos de São Roque, município da região de Sorocaba, interior de São Paulo, outrora grande pólo de produção de vinho com mais de cem pequenas vinícolas. Como tentativa de reativar a fabricação do produto a prefeitura local vem organizando, desde Julho de 2004, o Festival do Vinho de São Roque com a degustação gratuita de mais de vinte marcas regionais. O evento, organizado pelo Poder Público em parceria com a Associação de Produtores de Vinho, ainda é acompanhado de pratos típicos da cozinha italiana e de receitas tendo a alcachofra, especialidade da região, como ingrediente.

É possível fazer uma relação de algumas das festas populares vinculadas com o ciclo agrário estudadas por Ferreira com a Festa do Pinhão, celebração contemporânea que integra o calendário anual de eventos da Estância Climática de Cunha. Neste sentido podem ser enumeradas algumas festas que apresentam semelhança tais como o *Calendimaggio*, que celebra a primavera e as flores, realizada na cidade de Assisi. Este evento ressalta a relação homem-natureza com a chegada da nova estação que, no Hemisfério Norte, ocorre no final de Março. Da mesma forma ocorre com a festa medieval em *Olevano Romano*, trazendo a incorporação em seus ritos de alimentos importantes que modelam a identidade cultural na Bacia do Mar Mediterrâneo como os vinhos e o azeite. Pode ser citada ainda a festa medieval de *Cori*, importante centro agrícola e entreposto comercial, trazendo uma peculiar relação com a Estância Climática de Cunha.

---

<sup>337</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. Op. cit. p. 230.

A relação da festa agregada aos alimentos e às bebidas com a identidade cultural e com o turismo emancipador tornam concretos tais recursos materiais como projeções da cultura secular. Estas projeções são concretizadas frente aos mais variados e diferentes câmbios, possibilitados graças aos movimentos migratórios e à circulação de mercadorias destacando-se o comércio, concretizando simbioses das mais ricas e salutareis vinculadas com o dinamismo das culturas subalternas e das festas populares, tanto nos exemplos da Itália como em algumas experiências no Brasil.

*Altamura*, localidade do Sul da Itália, conhecida como a “Cidade do Pão”, presenciou um episódio significativo a favor da resistência cultural centrada no alimento.<sup>338</sup> A tradição milenar de se trabalhar o pão, símbolo ancestral de partilha e de caridade, presente nas mais longínquas civilizações destacando não apenas o trigo como base, mas também outros ingredientes da cozinha mediterrânea como alho, azeite, manjericão, orégano, peixe, tomate e vinho, se fez presente neste episódio localizado, mas que revela a densidade cultural do alimento aliada aos fatores de civilização focados nas singularidades regionais.

O *McDonald's*, tendo se instalado na cidade no início de 2001, fechou as portas no ano seguinte, em Dezembro de 2002, com a desativação, por falta de lucratividade, da loja localizada na *Piazza Zanardelli*. A dieta de procedência norte-americana e representante maiúscula da padronização e da vulgarização do ato de se alimentar, baseada em produtos com alto teor de gordura saturada, sacarose refinada e sódio, responsáveis por grande incidência de diabetes, de doenças cardiovasculares e de obesidade, foi derrotada pelas especialidades da cidade como o *cardoncello*, à base de cogumelo, a *focaccia* e o próprio pão. A loja da rede de *fast food* deturpou a zona de ambiência do centro de *Altamura*, pois se instalou ao lado de uma catedral do Século XIII o que gerou fortes protestos de moradores locais. Uma padaria inaugurada ao lado da loja acabou atraindo as atenções da população autóctone que, após a euforia da novidade trazida pelos *hamburgers* e *milk-shakes*, retomou os ancestrais hábitos de consumo de alimentos tradicionais, embora em alguns casos re-elaborados com novos ingredientes, derrotando assim os globalizados *big macs*. Na análise perspicaz de Antonio Candido, a alimentação se revela mais uma vez como elemento inseparável da civilização humana:

---

<sup>338</sup> Ver: *Na Itália, uma padaria derrotou o McDonald's*. O Estado de S. Paulo, 13/01/2006, p. B-12.



Além disso, ela se torna o centro de um dos mais vastos complexos culturais, abrangendo atos, normas, símbolos, representações. A obtenção da comida percorre, do esforço físico ao rito, uma gama vastíssima em que alguns têm querido buscar a gênese de quase todas as instituições sociais.<sup>339</sup>

Esta relação entre as cidades italianas e Cunha se estabelece pelo fato do município paulista ter sido um centro agrícola relevante, possuindo desde o Século XIX até meados dos anos 40 do século passado uma funcionalidade ligada ao setor agropecuário devido ao abastecimento de inúmeros gêneros alimentícios como feijão, mandioca, milho, carne bovina e suína, leite, queijos, frutas etc. Além destes produtos Cunha, na virada do Século XIX para o Século XX, exportou vinho para os mercados de Taubaté e de São Paulo<sup>340</sup>.

Tais aspectos influenciaram de maneira expressiva o movimento populacional. Segundo dados do SEADE<sup>341</sup> expostos anteriormente Cunha chegou a ter, em 1920, 20.171 habitantes, sendo que 20 anos depois, em 1940, sua população total chegou a 24.818 moradores, constituindo-se em um dos mais populosos municípios do Vale do Paraíba, suplantando cidades como São José dos Campos, Jacareí e Pindamonhangaba.

A dinâmica capitalista a partir da II Guerra Mundial, liderada pelo modelo de desenvolvimento e de acumulação norte-americano, produziu intensas modificações nas funcionalidades dos territórios valeparaibanos. Estas alterações começam pela construção da Rodovia Presidente Dutra, inaugurada em 1951, que deslocou as atividades produtivas dos municípios localizados no Vale Histórico como Bananal, São José do Rio Preto e Silveiras, para regiões industriais recentes e prósperas, junto à planície do Rio Paraíba do Sul. Estas cidades, como São José dos Campos e Taubaté, passaram a atrair grande contingente populacional.

As áreas agrícolas sofreram de modo intenso estas transformações devido às constantes migrações populacionais e às perdas de valor econômico dos produtos do campo. Os produtores rurais locais tiveram que arcar, mais recentemente, com a concorrência de grandes corporações internacionais que trabalham com uma escala de compra e venda de produtos que oblitera muitas tentativas de produção em pequena densidade. Tal fato comprime as economias regionais além de favorecer o

---

<sup>339</sup> CANDIDO, Antonio. Op. cit. p. 29.

<sup>340</sup> VELOSO, João José de Oliveira. *A vitivinicultura cunhense*. Centro de Cultura e Tradição de Cunha. Museu Municipal Francisco Veloso. Cunha: 2006.

<sup>341</sup> Sistema Estadual de Análise de Dados <[www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br)>. Acesso em 21/08/2007.

desaparecimento do pequeno comércio em suas mais diferentes modalidades, tanto nos perímetros urbanos como nas zonas rurais.

Este episódio se confirma diante da recente constituição, na Serra Gaúcha, de associações ligadas à vitivinicultura e constituídas por pequenos produtores, como a Associação Gaúcha de Engarrafadores de Vinho, a Agevin, no município de Flores da Cunha. Da mesma forma pode ser citada a Associação de Produtores de Vinho de Monte Belo do Sul, a Aprobelo, no município de mesmo nome. Uma das vantagens oferecidas é a redução dos custos de produção, tendo em vista a unificação das compras de diversos insumos gerando maior competitividade frente à economia de escala e às investidas cada vez mais ousadas de grandes empresas estrangeiras no mercado interno brasileiro. A união de esforços em prol de melhores condições de produção vem gerando constantes economias que chegam a 20% através de descontos quando da aquisição de determinados produtos que integram o circuito produtivo<sup>342</sup>.

O estudo da Festa do Pinhão em Cunha é indispensável para a compreensão das mudanças que estão ocorrendo no ambiente rural do município marcado, no Século XXI, por rupturas com o modo de vida tradicional baseado na produção agropecuária de subsistência. Um movimento econômico se direciona para um cenário estrutural cuja base monetária está fortemente atrelada à expansão do turismo. Pode-se afirmar então que não apenas em Cunha, mas em outros municípios brasileiros, o espaço rural está sendo marcado por atividades não agrícolas. Dimensiona-se assim um nível de atividade econômica em que se encontra o oferecimento de serviços, muitos dos quais de comércio de produtos re-elaborados, material e simbolicamente, como uma das facetas de movimentos encabeçados pela globalização capitalista.

O pinhão<sup>343</sup> é tido como importante traço da identidade cultural do Vale do Paraíba. Desbravadores e viajantes já enalteciam o produto como sustento e como

<sup>342</sup> Ver: *Pequenas vinícolas se unem para enfrentar a concorrência*. O Estado de S. Paulo, 28/08/2007, p. B-17.

<sup>343</sup> Em termos nutricionais, apesar de razoável teor de calorias, o pinhão integra o rol das leguminosas e grãos sendo fonte considerável de ácidos graxos, importantes para o sistema circulatório. Rico em potássio, mineral que regula a pressão sanguínea, o pinhão integra seletivo repertório de alimentos com teor zero de colesterol. O pinhão sem casca apresenta a seguinte composição, com base em cem gramas do alimento:

- Ácido ascórbico – vitamina C: 3,58 mg;	- Fósforo: 35,71 mg;
- Ácido graxo monoinsaturado: 23,21g;	- Gorduras: 60,71 g;
- Ácido graxo poliinsaturado: 26,07 g;	- Niacina: 4,29 mg;
- Ácido graxo saturado: 9,64 g;	- Potássio: 635,71 mg;

atributo paisagístico marcante, encontrado nas áreas de planaltos e de serras como Quebra-Cangalha, Mantiqueira e do Mar. Tal fato é corroborado pela citação do holandês Wilhelm Jost ten Glimmer em um dentre seus muitos itinerários realizado em 1601. Sob a incumbência de descobrir a lendária Serra de Sabarabuçu e o conhecido *El Dorado*, Glimmer documentou com pormenores a expedição de André de Leão, sertanista que cumpria as ordens de Dom Francisco de Souza, governador geral do Brasil. Partindo de São Paulo e seguindo pelo Rio Paraíba do Sul havia passado por Cachoeira Paulista, rumando para as terras altas mineiras, quando presenciou a exuberância das araucárias. Procedeu então à documentação da existência do embrião comestível conhecido como pinhão:

...chegamos a Cachoeira, onde o rio apertado por montes elevados, corre impetuosamente para o oriente: por este motivo aqui submergimos as nossas canoas, e de novo empreendemos a viagem a pé, até outro rio, que vem do ocidente, e que não é navegável; em cinco ou seis dias chegamos a uma serra elevadíssima, transposta a qual descemos a campos dilatadíssimos, ensombrados, também aqui e ali por bosques, nos quais se vêem lindíssimos pinheiros, que produzem frutos do tamanho de uma cabeça humana, cujas nozes têm a grossura de um dedo médio, revestem-se de casca como a das castanhas, são de sabor delicado e fornecem excelente alimento; encontram-se árvores desta espécie muitas milhas pelo sertão adentro.<sup>344</sup>

A Festa do Pinhão em Cunha assume na lógica da reprodução capitalista e da expansão do turismo a construção de bens simbólicos associada a três grandes dimensões: econômica, política e cultural. Estas dimensões são continuamente construídas em um processo dinâmico, interagindo-se mutuamente, tendo em vista que se trata de um evento integrado como atrativo turístico a partir de 2001 e que carrega grande importância frente às transformações trazidas pelos primeiros anos do novo século que se inicia.

Há uma dimensão econômica traduzida pelo valor que se agrega ao pinhão com a Festa, não apenas de Cunha, mas também em distintos lugares. Destacam-se as

---

- Água: 6% das necessidades diárias de um adulto;  
 - Cálcio: 7,14 mg;  
 - Calorias: 571,43;  
 - Carboidratos: 17,86 g;  
 - Colesterol: 0 mg;  
 - Ferro: 3,21 mg;

- Proteínas: 10,71 g;  
 - Riboflavina: 0,21 mg;  
 - Sódio: 71,43 mg;  
 - Tiamina: 1,25 mg;  
 - Vitamina A: 35,71 UI.

Fonte: <[www.emedix.com.br/dia/ali007\\_1f\\_pinhao.php](http://www.emedix.com.br/dia/ali007_1f_pinhao.php)>.  
 Acesso em: 15/04/2009.

Receitas com pinhão estão disponíveis no Anexo K.

<sup>344</sup> PASIN, José Luiz. *Vale do Paraíba – A Estrada Real: Caminhos e roteiros*. Lorena: Edição do Autor, 2004, p. 35.

festas do pinhão realizadas em Visconde de Mauá, Estado do Rio de Janeiro, Campos do Jordão, junto a Serra da Mantiqueira no Estado de São Paulo, e Lajes, Estado de Santa Catarina. Todas as localidades estão situadas junto ao domínio da *Araucaria augustifolia*, espécie de pinheiro nativo de áreas de serras e planaltos das regiões Sul e Sudeste do Brasil, junto aos domínios dos climas subtropical, na Região Sul, e tropical de altitude, na Região Sudeste. A coleta do produto é normatizada por legislação ambiental específica, pela Portaria n. 20, sendo permitida apenas ao final do mês de Abril quando as pinhas já se encontram maduras. A sobredita portaria fora expedida pelo antigo Instituto Brasileiro de Defesa Florestal (IBDF), atual Instituto Brasileiro do Meio Ambiente-IBAMA, em 27 de Setembro de 1976.<sup>345</sup>

Aziz Ab'Sáber<sup>346</sup> destaca o domínio dos bosques de araucária em áreas do Sul e do Sudeste brasileiro compondo a tipologia paisagística definida como “*planaltos de araucárias e pradarias mistas*”, salientando ainda o caráter cênico da fisionomia desta espécie de pinheiro graças à “*altura e elegância do porte*”<sup>347</sup> de seus exemplares:

Ainda hoje sobrevivem, milagrosamente, alguns prados e bosques de araucárias nos arredores de Curitiba e de Lajes, com interrupções fora dos planaltos meridionais até encaves distantes, como os altos de Campos do Jordão, a região de Monte Verde ou pequenos setores do maciço da Bocaina e do município de Barbacena, em Minas Gerais.

O atributo de ordem econômica possibilitou o aumento considerável da saca de pinhão. Antes da Festa cunhense ser instituída o preço da saca de 60 kg não passava de R\$8,00. A partir da 6ª edição da festa, realizada em 2006, e com a 7ª edição, realizada em 2007, o valor já chegou a R\$50,00. Este fato motivou a criação de uma associação de moradores que passou a realizar a coleta do pinhão no Bairro Paraibuna, localizado junto ao Núcleo Cunha/Indaiá do Parque Estadual da Serra do Mar. O papel desta associação, segundo um gestor privado do turismo de Cunha, é importante porque visa organizar o sistema de coleta e negociar também o valor de comercialização deste produto, adquirido anualmente pelo CEASA, de São Paulo<sup>348</sup>.

Em comparação entre as edições de 2005 e de 2006, pode-se afirmar que no último ano citado houve uma sensível melhora percebida em campo na questão da organização da Festa de maneira global. Esta percepção envolveu o aumento do

---

<sup>345</sup> Fonte: <www.ibama.gov.br.>. Acesso em 20/02/2008.

<sup>346</sup> AB' SÁBER, Aziz. *Os domínios de natureza no Brasil. Potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 101-102.

<sup>347</sup> Idem, p. 102.

<sup>348</sup> Fonte: Depoimento realizado em 28/04/2006.

número de barracas assim como a melhora da decoração de seus ambientes internos e de todo o entorno. Também mereceu destaque a variedade maior de alimentos à base de pinhão. Um gestor privado, responsável pela administração da Festa em 2006 e proprietário de pousada na zona rural, frisou de forma clara a diferença entre a organização do Poder Público cunhense na Festa de 2005 e a organização promovida em conjunto com a CUNHATUR<sup>349</sup> em 2006:

Porque nós da CUNHATUR nós somos profissionais da área. Na área de turismo, de lazer e a gastronomia, principalmente a gastronomia. E agora com esta parceria o negócio funcionou porque nós fizemos umas exigências,... na escolha do pessoal para participar e a comida que iria servir. Tudo isso não é. E demos, fizemos também um concurso da barraca mais arrumada, não é... o tratamento, o produto a ser oferecido.  
350

Segundo uma integrante de uma das barracas, a Barraca da Dona Neide, houve aumento no preço da saca de 2006 tendo em vista que no anterior, em 2005, a promoção da Festa foi realizada de forma deficiente, pois não ocorreu a devida divulgação junto à mídia regional. Neste mesmo ano de 2005 também não havia ocorrido parceria entre a Coordenadoria de Turismo da Prefeitura Municipal e a CUNHATUR. Para outro proprietário de barraca no ano de 2005 os preços da saca foram muito baixos, estando cotados em R\$12,00 cada, ao passo que no ano seguinte atingiu o preço de R\$60,00, valorizando-se cerca de 500%. Esta valorização traz benefícios aos sítiantes que residem nos principais bairros coletores de pinhão do município, quais sejam: Aparição, Campo Alegre, Monjolo, Paraibuna e Pinhal<sup>351</sup>.

As diferenças apontadas entre as duas formas de encaminhamento das questões culturais e turísticas em Cunha suscitam a retomada de duas premissas fundamentais que já nortearam alguns trabalhos protagonizados pelos pesquisadores do CELACC. Torna-se cada vez mais latente a visualização da inoperância e da incompetência do Poder Público na promoção de políticas voltadas para estas duas áreas: a cultura e o turismo. Este aspecto se agrava pela geratriz política da sociedade brasileira ao longo dos séculos sustentada pelo clientelismo, pelo paternalismo e pelo patrimonialismo. São fatores que contribuem para a não separação entre as esferas públicas e privadas dentro das funções exercidas pelos partidos políticos, cada vez

---

<sup>349</sup> CUNHATUR: Associação dos Proprietários de Hotéis, Pousadas, Restaurantes, Bares, Similares e dos Artesãos de Cunha.

<sup>350</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 28/04/2006.

<sup>351</sup> Idem nota anterior.

mais comprometidos com o capitalismo politicamente orientado, já advertido com propriedade por Raymundo Faoro,<sup>352</sup> protagonizando apadrinhamentos e personalismos dentre outras práticas repletas de contra valores e de vícios.

Este caráter compromete outra importante premissa difundida pelos pesquisadores do CELACC: as pequenas cidades, como as situadas na região do Vale Histórico, contam apenas com o turismo para se desenvolverem de modo a estarem situadas neste cenário incerto da globalização capitalista com diretrizes para um turismo sustentável. Este deve possuir uma gestão marcada pela participação plena dos mais relevantes segmentos sociais, de modo a consolidar uma comunidade receptora protagonista e consciente.

Para José Rafael Sirgado<sup>353</sup> o turismo planejado e socialmente estruturado traz ganhos incomensuráveis às comunidades dos núcleos receptores através da geração de uma escala econômica regional, apresentando as seguintes características:

- manutenção e incentivo do patrimônio econômico no meio rural;
- ativação do comércio local e dos serviços de alimentação;
- promoção dos recursos através de qualificação da mão-de-obra local, e
- oferecimento de originalidade e diversificação dos produtos turísticos.

No Brasil, em suma, as políticas culturais e de turismo devem incorporar imprescindíveis ganhos por meio do oferecimento de serviços sociais essenciais às comunidades receptoras provendo as mesmas de equipamentos públicos e estimulando a criação e a gestão de associações e entidades voltadas para as mais diversas demandas locais. Estes fatores devem ser compreendidos como inseparáveis face às crescentes e latentes necessidades que inquietam amplos segmentos da sociedade.

Durante a VII Festa do Pinhão, realizada de 19 de Abril a 6 de Maio de 2007, a quantidade de produtos à base do embrião da araucária oferecidos nas nove barracas localizadas na praça de alimentação, nas imediações da praça central Cônego Siqueira, chegou a mais de vinte.<sup>354</sup> Apenas uma barraca não comercializou produtos com pinhão: a Barraca do Veloso que têm como principais alimentos pastéis dos mais

---

<sup>352</sup> FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo, 2001.

<sup>353</sup> SIRGADO, José Rafael. *Espaço turístico e desenvolvimento no Cone Leste Paulista*. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.) *Turismo Rural – Práticas e perspectivas*. São Paulo: Contexto, 2003.

variados sabores, desde os tradicionais pastéis salgados até pastéis doces feitos com banana e goiabada. Este episódio se repetiu nas edições seguintes da Festa; nos anos de 2008 e de 2009. A barraca Empório Remzi, alambique, pousada e restaurante de Cunha, comercializou em 2008 apenas pinhão cru, pois o diferencial deste estabelecimento é a venda de diversos tipos de cachaças, destacando-se as famosas cachaças frutadas, envelhecidas em tonéis de araucárias, e produzidas no bairro do Alto do Guaranjanga, no antigo Caminho do Ouro, na zona rural cunhense.

Após as primeiras semanas da Festa, quando o preço da saca geralmente atinge o pico, verifica-se uma ligeira queda neste valor, passando da casa dos R\$50,00 ou R\$40,00 para o patamar de R\$30,00. Em supermercados da região de Guaratinguetá e Lorena, municípios limítrofes a Cunha, o pinhão cru é comercializado, na primeira quinzena de Abril, com o valor de R\$1,20 o quilo, chegando a atingir R\$1,40 de preço no referido período. Em 2009 um supermercado de Guaratinguetá vendia o quilo do pinhão cru por R\$1,90.<sup>355</sup> A partir de meados de Maio este preço cai vertiginosamente, chegando a R\$1,00 e a R\$0,80 no final deste mês e início de Junho<sup>356</sup>.

Além das oscilações de preço, que podem eventualmente prejudicar a economia de sítios, a gestão de cooperativas e a geração de receita por parte de estabelecimentos que comercializam o pinhão, há ainda o custo da colheita do produto, que se inicia no mês de Abril. Este valor girou no ano de 2007 em torno do patamar de R\$80,00 o dia/homem/trabalho<sup>357</sup>. Conforme a figura a seguir um sitiante que queira comercializar a saca de pinhão conseguiria, no ano de 2009, vender o produto por R\$50,00 a um supermercado da região que repassaria correspondente margem de lucro a ponto de o preço chegar ao consumidor, o destinatário final, por R\$1,00 a R\$2,00 o quilo, valor que levaria o patamar da saca atingir de R\$60,00 a R\$120,00 dependendo do período. Para se ter uma idéia do potencial da Festa do Pinhão, em relação ao processo de agregação de valor do preço final, conforme cotação nas barracas em 2009 do quilo do produto, cozido e descascado, há correspondência de

---

<sup>354</sup> A relação de algumas das barracas da VII Festa do Pinhão de Cunha e dos produtos vendidos elaborados com pinhão encontra-se no Anexo L.


<sup>355</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 29/04/2009.

<sup>356</sup> Fonte: Sondagem realizada nos meses de Abril, Maio e Junho de 2007.

<sup>357</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 28/04/2007.

uma valorização de 1.500%<sup>358</sup> sobre o preço pago ao sitiante pela saca. Trata-se de um dado relevante e de enorme positividade frente à dimensão econômica da Festa.

Figura 19 – Pinhão: Quadro síntese de evolução do preço<sup>359</sup>

Agente	Valor da saca recebido (R\$)	
1. Sitiante	40,00/45,00	(valor base)
2. Atravessador	50,00/60,00	
3. Supermercado	108,00/120,00	(1,80/2,00kg)
 CONSUMIDOR		
Festa do Pinhão		
4. Comerciante – pinhão cru	120,00/150,00	(2,00/2,50kg)
<b>Valorização: 300%</b>		
5. Comerciante – pinhão cozido com casca	300,00 (5,00kg)	
6. Comerciante – pinhão cozido sem casca	600,00 (10,00kg)	
<b>Valorização: 1.500%</b>		

A alta qualidade do pinhão de Cunha propicia também suscitar a dimensão cultural através das contínuas incorporações do produto junto aos hábitos alimentares, tanto dos cunhenses quanto dos turistas que visitam o município. Este fator se dá através da criação de receitas com o pinhão em restaurantes e na criação do Festival Gastronômico, evento que acontecia anualmente e paralelamente à Festa do Pinhão, quando alguns restaurantes ofereciam pratos específicos com o produto como carnes, caldos, massas e peixes.

O Festival Gastronômico do Pinhão iniciou-se um ano depois da primeira Festa do Pinhão, ou seja, em 2002, e durou até o ano de 2007. Foi promovido pela CUNHATUR e teve a participação de alguns restaurantes locais que procuraram diversificar os pratos à base de pinhão através de receitas com caldos, carnes assadas e cozidas, massas, peixes e frutos do mar, e saladas. Estes pratos continuaram a ser oferecidos nas festas de 2008 e de 2009 em restaurantes do município. Em 2009 a Prefeitura Municipal, com o apoio da CUNHATUR e do SEBRAE, divulgou folder com o mesmo padrão visual do material da Festa do Pinhão, destacando outros eventos

<sup>358</sup> Considerando-se os menores preços cotados.



culturais, ecológicos e gastronômicos<sup>360</sup> que também aconteciam paralelamente à IX Festa do Pinhão.

Tabela 23 – Cunha: Estabelecimentos participantes do VI Festival Gastronômico do Pinhão

Restaurante	Prato
Estalagem e Restaurante Shambala	Filé crocante de linguado ao molho de pinhão
Hotel Fazenda Santa Bárbara	Filé de pinhão
Pousada e Restaurante Dona Felicidade	Lagarto ao molho de pinhão
Pousada e Restaurante dos Girassóis	Talharim ao molho de camarão com pinhão
Pousada e Restaurante Recanto Uruguayo	Filé de frango com pinhão
Pousada e Restaurante Terra Viva	Carne seca com pinhão / Bolo de pinhão
Pousada e Restaurante Vale das Cachoeiras	Lasanha com pinhão
Pousada e Restaurante Vila Rica	Torta de pinhão com shitake
Restaurante Quebra-Cangalha	Abadejo ao molho de pinhão com bananas assadas

Fonte: CUNHATUR, 2007.

Estas três dimensões formam o alicerce que demarca a Festa do Pinhão em Cunha como produto turístico. Embora não havendo rituais, a Festa do Pinhão incorpora um elemento de ordem material vindo da pinha, coletada da araucária, de Abril a Junho. O caráter simbólico demonstra ser, deveras, frágil. Durante a Festa barracas são montadas na Praça Cônego Siqueira nas quais integrantes de associações de coletores, proprietários de restaurantes, de pousadas e de propriedades rurais comercializam os produtos e em um palco são realizados eventos musicais. Há com isto a exaltação tênue de um elemento vindo da natureza, graças às condições de temperatura oferecidas pelo clima tropical de altitude. Esta tipologia climática que é caracterizada por um verão com temperaturas mais amenas do que no domínio do tropical típico e, obviamente, com temperaturas durante o inverno mais baixas, favorece o crescimento desta árvore.

A colheita do produto é um trabalho árduo. O custo de cada homem/dia no ano de 2008 subiu para R\$100,00, um aumento de 25% em relação ao ano anterior. Nas etapas de organização das barracas para a Festa do Pinhão a Prefeitura dá preferência para as associações de bairros formadas por produtores, que não pagam taxas. As

<sup>359</sup> Referência: Abril de 2009.

<sup>360</sup> Durante a Festa do Pinhão de 2009 vinte pratos com o pinhão, a maioria com acompanhamento de carnes vermelhas com algumas carnes brancas de pescado e até doces, foram oferecidos em diferentes estabelecimentos de Cunha, conforme relação no Anexo M.

demais barracas pagam taxas de R\$600,00. No caso de barracas que não são de associações há os seguintes critérios:

- preferência para participações em edições anteriores da Festa do Pinhão;
- preferência para produtos com pinhão;
- preferência para as barracas de Cunha.

Em relação às bebidas, vendidas por todas as barracas, há padronização na venda de água, cerveja e refrigerante. As bebidas são consignadas, ou seja, a Prefeitura devolve as mercadorias não vendidas para uma distribuidora. A água é fornecida por distribuidor próprio de Cunha ao contrário da cerveja e do refrigerante. Ainda em relação às bebidas a Prefeitura apenas as distribui para as barracas. O valor da venda é repassado para o Poder Público pelos comerciantes. A Prefeitura, em seguida, repassa o valor para as distribuidoras. A única restrição é vender bebida em garrafas de vidro por questões de segurança.

Figura 20 – Barraca da Festa do Pinhão



Barraca da Associação do Bairro da Aparição, importante núcleo rural produtor de pinhão.  
Foto: Henrique Alckmin Prudente – ABR/2008.

Os critérios estabelecidos pela gestão pública não são devidamente seguidos. Levantamento realizado durante as festas de 2007, de 2008 e de 2009 demonstra aumento dos produtos alimentícios sem pinhão comercializados. Em 2007 a Festa do Pinhão ofertou total de trinta e três produtos, sendo que aproximadamente dois terços destes continham pinhão. No ano seguinte, em 2008, a proporção de produtos sem

pinhão aumentou significativamente. Do total de oitenta produtos comercializados, apenas vinte e nove continham pinhão, ao passo que mais de cinquenta destes não.

Figuras 21, 22 e 23 – Festa do Pinhão em 2002, 2006 e 2008.



Festa do Pinhão em 2002, em sua segunda edição, quando houve aumento expressivo do número de barracas em relação à primeira edição, em 2001. Foto: Henrique Alckmin Prudente – ABR 2002.



Aspecto de uma das barracas da Festa do Pinhão em 2006, ano em que a CUNHATUR assumiu a organização em parceria com a Prefeitura Municipal. Foto: Henrique Alckmin Prudente – ABR/2006.



Edição da Festa do Pinhão em 2008, quando produtos como carnes, chocolates, cogumelos, doces e pastéis ofuscaram a diversidade de receitas à base de pinhão. Foto: Henrique Alckmin Prudente – ABR/2008.

A alternância do Poder Executivo municipal em 2009 contribuiu para mudança de conduta da gestão cultural o que se reproduziu nos alimentos ofertados pelas doze barracas da Festa no referido ano.

Tabela 24 – Festa do Pinhão: Produtos comercializados (2007, 2008 e 2009)\*

Ano	Produtos à base de pinhão ou tendo o pinhão como ingrediente	Produtos sem pinhão	Total
2007	25	08	33
2008	29	51	80
2009	59	55	114

\* Exclui água, bebidas alcoólicas, energéticos e refrigerantes.

A tabela exposta demonstra crescimento constante, ao longo de três edições da Festa do Pinhão – 2007, 2008 e 2009 – tanto dos produtos com pinhão como outros gêneros sem o embrião comestível. O fator significativo para a identidade cultural da Festa foi o crescimento exponencial dos produtos ofertados com pinhão nas receitas. Eram vinte e nove produtos em 2008 e em 2009 a soma chegou a cinquenta e nove<sup>361</sup>. O trabalho de campo nestas três edições revela um fenômeno constante: as barracas gerenciadas pelas associações de bairros rurais, especialmente no ano de 2009, são as mais responsáveis em relação à fidelidade de alimentos com pinhão. Na Festa de 2009 este fator foi evidente. Acresça-se ainda que no referido ano ocorreu o ressurgimento da barraca da Associação do Bairro do Paraibuna, presente na primeira edição da Festa, em 2001, mas que ficou por sete edições sem lugar no evento, conforme relato de uma das funcionárias:

Sabe por que não participou? Porque a gente não teve o apoio do Prefeito. A gente participou o primeiro ano que foi o primeiro prefeito foi que... fez esta Festa do Pinhão. Aí na segunda... quando foi no segundo ano, o prefeito já não deu apoio para nós... associação. Aí a gente ficou em vão. Tem barraca ou não tem, não. Agora eu troco de pessoa... Porque no caso a Associação tem... cada associação tem um membro responsável. Aí se ele (Prefeito) interessar ele chama aquele membro. Se não interessar não chama, ele coloca outro na barraca da gente. Foi o que aconteceu com nós, porque aí colocou outras pessoas na barraca nossa.<sup>362</sup>

O critério para a distribuição das barracas sempre foi determinado pela Prefeitura Municipal com anuência da Coordenadoria de Turismo. Contudo interesses

<sup>361</sup> Maiores informações sobre a oferta dos produtos na Festa do Pinhão em 2009 encontram-se no Capítulo IV.

<sup>362</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 26/04/2009.

partidários coniventes com apadrinhamentos que atendem reivindicações de grupos de cabos eleitorais ou de familiares obscurecem esta regra geral corrompendo-a. Não seria difícil ocorrer o que foi relatado pela integrante da Associação do Paraibuna. A presença demasiada de alimentos com base no *fast food* e em cozinhas como a japonesa e italiana comprime a potencialidade do pinhão e prejudica sua utilização como suporte econômico para a municipalidade, ao mesmo tempo em que negligencia importante símbolo da identidade cultural local.

As alternativas da criação de cooperativas e do fomento de associações de moradores rurais tornam-se ainda mais sólidas frente a este contexto adverso. Este é causado pela incapacidade da gestão pública em conduzir estratégias para consolidar o pinhão e seus produtos, não apenas no campo dos alimentos, mas fundamentalmente como suporte das culturas subalternas cunhenses.

Neste prisma o caso das associações de Santa Catarina é salutar. Em Rio dos Cedros, município marcado pela colonização de imigrantes italianos, especificamente de muitas famílias trentinas do Tirol junto à fronteira com a Áustria e com a Suíça, o exemplo das festas populares associadas às organizações econômicas e políticas com denso apelo cultural é marcante. A Festa Trentina, por exemplo, é uma festa anual que ocorre na primeira quinzena de Setembro; recebe público estimado em 50 mil visitantes, cinco vezes a população local, agregando alimentos e cantos típicos conforme as pesquisas do Pe. Mario Bonatti e de Mauro Lenzi.<sup>363</sup>

Os primeiros anos de imigração no Nordeste de Santa Catarina imprimiram sérias dificuldades aos grupos de famílias trentinas. Dificuldades oriundas pela própria natureza do processo de imigração, em que o desbravamento de novas terras colocava dificuldades de adaptação, pela inexistência de legislação reguladora de cooperativas no Brasil e, sobretudo, em relação à concentração do comércio nas mãos de poucos comerciantes alemães da região de Blumenau. Esta cidade era o centro urbano de maior importância econômica da região.<sup>364</sup>

No início duas cooperativas foram fundadas: a *La Società del Tabaco*, em 1893, e, quatro anos depois, a *Società Mutuo Scorso*, em 1897. Estas duas primeiras cooperativas enfrentaram difícil concorrência frente aos comerciantes alemães. Seus objetivos eram de inserir o tabaco como plataforma de exportação em direção a

---

<sup>363</sup> BONATTI, Mario & LENZI, Mauro. *As primeiras famílias trentinas de Rio dos Cedros, Santa Catarina – Brasil*. Indaial: Ed. ASSELVI – Associação Educacional Leonardo da Vinci, 2006, p. 16.

promissores mercados europeus, o que não se objetivou. Dois anos depois, em 1899, é fundada a *La Società Cooperativa di Rio dos Cedros*:

Pouco depois, no ano 1899, um novo grupo de 19 colonos, agora liderados por Andrea Largura, grande entusiasta do sistema cooperativista e com o apoio e orientação técnica do Dr. Giovanni Rossi, agrônomo e cientista, fundou uma sociedade cooperativa, com estatutos próprios, tendo iniciado suas atividades como uma casa de comércio com produtos de maior consumo entre os cooperados.

[...]

A *Società Cooperativa di Rio dos Cedros* era regida por estatutos baseados no modelo italiano, porque a legislação brasileira ainda não contemplava a figura jurídica da instituição “cooperativa”. A base jurídica do cooperativismo no Brasil chegou com vários anos de atraso e bem depois que a cooperativa de Rio dos Cedros estava em franca operação. O ponto de partida para dotar o país de uma legislação específica se deu com o Decreto 979, de 6 de janeiro de 1903, que estabeleceu as primeiras diretrizes do cooperativismo e, anos mais tarde, em 5 de janeiro de 1907, com o Decreto 1.637, foram criadas as bases legais para o funcionamento dessas tão benéficas instituições.<sup>365</sup>

A *Società Cooperativa di Rio dos Cedros*, assim como as duas primeiras organizações, teve como sustento principal o comércio do tabaco. Contudo, com a crise entre os impérios europeus contribuindo para a emergência da I Guerra Mundial (1914-1918), o mercado do tabaco entra em colapso prejudicado pela crescente necessidade de provisões e de víveres indispensáveis aos países beligerantes. A esta sofrível situação é acrescido o início do ciclo do arroz irrigado, fazendo com que a cooperativa entrasse em dificuldade.

Nos primeiros anos do Século XX a *Società Cooperativa di Rio dos Cedros* dá lugar à Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada de Rio dos Cedros com mais de setenta sócios. É extinta em 1940, sendo fundada em seguida a Sociedade Cooperativa Agrária Mista de Rio dos Cedros que dura até 1951.<sup>366</sup>

Agregada às cooperativas a região de Rio dos Cedros chegou a dispor, a partir da década de 1890, de uma estação experimental, a Estação Agronômica de Giovanni Rossi. Fundada em 1897 serviu como importante suporte para fomentar novas técnicas de plantio e novos produtos agrícolas que eventualmente pudessem ser inseridos no mercado europeu e também nacional:

A estação experimental tinha como objetivo realizar experimentos com produtos agrícolas que poderiam potencialmente ser cultivados pelos

---

<sup>364</sup> Idem, p. 165.

<sup>365</sup> Idem, p. 167 e 172.

<sup>366</sup> Idem, p. 175 e 176.

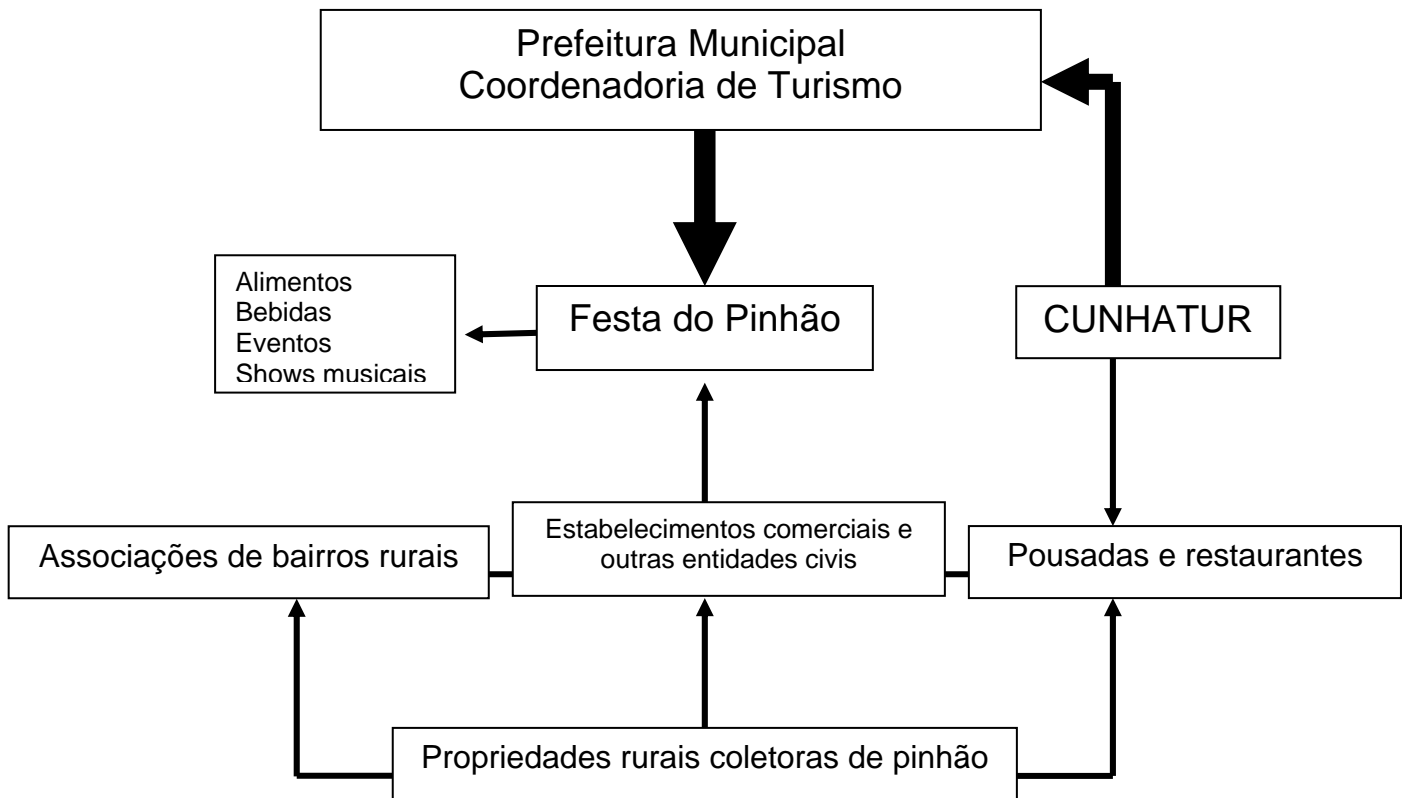
agricultores da comunidade trentina, recomendando-lhes os mais rentáveis, bem como treinar e ensinar técnicas agrícolas modernas aos filhos de imigrantes. As principais culturas testadas e desenvolvidas pela Estação Experimental foram: trigo, cevada, centeio, feijão, café, tabaco, oliveiras, parreiras, macieiras, pereiras e diversas hortaliças.<sup>367</sup>

A Festa do Pinhão de Cunha, em suma, é uma festa volátil, muito dependente de um cenário conjuntural, a começar pela oscilação do espectro político institucional que promove, a despeito de limitações, ignorâncias e imprevistos a gestão cultural em âmbito municipal. Alguns problemas como: ausência de artesanato à base do pinhão e de um amplo mosaico de produtos que poderiam ser comercializados, cães de rua nas áreas de alimentação, erros ortográficos nos materiais de divulgação, inadequação de eventos musicais com a geratriz cultural da Festa e som abusivo em determinadas ocasiões nas imediações da praça central independem da gestão municipal e vem ocorrendo constantemente desde as primeiras edições do evento.

A Festa do Pinhão, ao contrário da Festa do Divino Espírito Santo, depende ainda, por estar situada como evento do calendário turístico, de questões estruturais, muitas delas alheias e exógenas ao município de Cunha, como o acesso rodoviário. No ano de 2009 uma queda de barreira a duas semanas da Festa, ocorrida na Serra do Quebra-Cangalha no município vizinho de Guaratinguetá, isolou Cunha por alguns dias e quase colocou em risco a sustentabilidade econômica do evento.

---

<sup>367</sup> Idem, p. 180.

Figura 24 – Festa do Pinhão: Quadro estrutural (2009)<sup>368</sup>

A Festa do Pinhão não apresenta identidade cultural afirmativa. Trata-se de uma celebração extremamente carente do ponto de vista simbólico. Seu mais importante baluarte festivo não está situado em relações do homem com a natureza, mas nos shows musicais tidos como suportes intermitentes do ponto-de-vista ideológico com geratriz situada no campo da cultura midiática e excluídos de traços de protagonismo social. Painéis confeccionados com o apoio do SEBRAE, resultados de um trabalho para promover a farinha do pinhão junto à comunidade, são colocados na lateral do palco como forma de retratar alguns momentos da colheita do pinhão na zona rural. Trata-se de um material inerte. Alguns dos suportes simbólicos poderiam se expressar por meio de ambientações, comemorações, comércio de artesanato típico, desfiles, encenações, exposições, visitas a fazendas e sítios etc. Nem mesmo os pratos servidos a base de pinhão podem ser considerados fundadores de um considerável traço cultural de emancipação devido à concorrência ocasionada pela oferta e pelo consumo de alimentos rápidos. Dentre estes se destacam produtos com carnes vermelhas, que se sobrepõem à espacialidade cultural demarcada pela atividade de

<sup>368</sup> Referência: ano de 2009.



coleta do pinhão, satisfazendo o gosto mediano da população local e de parcela considerável de turistas.

As positivities desta celebração festiva se deram primeiramente com o aumento do preço da saca do produto, possibilitando aos sítiantes o incremento das receitas de pequenas propriedades, e à valorização do pinhão no bojo do cotidiano da população local e na realização de pratos dentro do conjunto dos serviços turísticos. Este fator vem sendo valorizado pela gestão municipal de 2009-2012. Outro suporte relevante é a participação das associações de moradores de bairros rurais cunhenses. Estas além de serem responsáveis pelo fortalecimento da identidade cultural do pinhão na própria Festa, pois comercializam majoritariamente produtos à base do produto, não abrindo brechas para as investidas dos famigerados alimentos do *fast food*, sinalizam com uma concreta possibilidade de projeção da Festa do Pinhão de Cunha para o espaço rural como já ocorre no Bairro do Paraibuna.

A barraca da associação do referido bairro chegou a arrecadar, em valores brutos, aproximadamente R\$8 mil em 2008, trabalhando com uma receita líquida de R\$2 mil a R\$3 mil. Uma das encarregadas pela barraca da entidade expressou-se com entusiasmo frente à perspectiva da expansão da Festa do Pinhão em seu bairro, trazendo ganhos econômicos para a Associação e fomentando a cultura da pinha como alimento:

A gente tem uma barraquinha lá na Paraibuna, do lado da Associação. Aí lá a gente vai fazer final de semana agora que vai entrar, a gente vai fazer lá leitoa com pinhão, vai fazer outras coisas lá com pinhão... O pinhão está sendo valorizado. A gente está gostando da idéia porque está sendo valorizado o pinhão.<sup>369</sup>

A Associação Nova Esperança, do Bairro do Paraibuna, que conta com aproximadamente vinte e cinco integrantes, não comprou pinhão para suprir as necessidades da barraca na Festa do Pinhão de 2009. O produto foi obtido através dos próprios moradores, diferentemente da Associação da Aparição em que os integrantes chegaram a pagar, no mesmo ano de 2009, R\$42,00 a saca de 60kg. Todos os integrantes da Associação Nova Esperança contribuíram com a mesma quantidade de pinhão. A receita da barraca, ao término da Festa, é dividida igualmente aos participantes. Outra característica importante é o fato da barraca não comercializar bebidas alcoólicas, o que fez com que a arrecadação fosse um pouco menor em 2009

---

<sup>369</sup> Fonte: Trabalho de campo realizado em 26/04/2009.

do que a das outras barracas. A oferta de álcool, tanto através da popularizada cerveja, como em outras bebidas destiladas de maior teor, tem um forte apelo no público que frequenta a Festa do Pinhão. No ano de 2009, apesar do incremento de produtos alimentícios à base do pinhão, a quantidade de itens de bebidas ofertadas com álcool atingiu setenta e nove considerando-se todas as barracas.

O exemplo da Associação do Bairro do Paraibuna, levando fração da Festa do Pinhão para junto da comunidade local é fator *sine qua nom* para que outras associações de moradores situadas nos bairros rurais possam seguir por sendas similares. A Festa do Pinhão de Cunha deve romper com o monopólio da espacialidade urbana e fomentar outras atividades em prol da cultura do pinhão. Uma, dentre inúmeras alternativas, é começar pela possibilidade de visitaçãõ de habitantes e de turistas aos bosques de araucárias. É uma possibilidade para entrar em contato com a ambiência natural do pinhão e para conhecer etapas de seu delicado e trabalhoso processo de coleta. Podem ser exploradas as visitações em pequenos estabelecimentos que trabalham na elaboraçãõ de produtos alimentícios no próprio espaço rural, com destaque para bolos e pães e para a farinha do pinhão, alimento com amplas condições de servir de base para a culinária cunhense.

Doravante a Festa do Pinhão poderia ser conduzida pelas associações de moradores descentralizando a atençãõ do público, composto por habitantes e por turistas, do eixo em torno do palco montado todos os anos para os eventos musicais junto da Matriz. Além do espaço tradicionalmente oferecido junto da praça central de Cunha, outros espaços trazendo em suas essências outras vivências do cotidiano rural, e não somente o espetáculo como fator de atratividade, com ou sem o repertório regional, seriam protagonizados nos bairros. O oferecimento dos tradicionais alimentos e enriquecimento do acervo cultural da Festa deve convergir para aderir o pinhão às tradições ancestrais ancoradas em uma multiplicidade de tão nobres aspectos.

## **CAPÍTULO IV – ANÁLISE DA FESTA DO PINHÃO E DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

Neste Capítulo estão contidas análises baseadas em levantamentos realizados como uma das etapas do trabalho de campo desta Pesquisa. Estes procedimentos são uma das possibilidades encontradas no rol dos métodos e técnicas necessárias a um trabalho acadêmico. O fato de se agruparem nesta categoria não impede que estas técnicas tenham que perfazer uma vinculação, necessária e indispensável, aos fundamentos teóricos. Ao contrário: com isto busca-se a não separação entre quantidade e qualidade, tendo em vista que este procedimento aliena, enrijece e fragmenta o trabalho científico ao desvincular partes tão organicamente relacionadas. Mesmo um dado quantitativo, expressado de modo formal, deve estar adensado de contribuições teóricas, constituintes do acervo abstrato presente nos pressupostos teóricos, ou seja, do arcabouço ideológico do pesquisador. “*Os métodos e técnicas compreendem um conjunto de procedimentos, os quais podem ser utilizados no todo ou em parte numa pesquisa, dependendo das necessidades que se apresentem aos objetivos propostos.*”<sup>370</sup>

Desta forma serão apresentados a seguir os dados referentes aos levantamentos da Festa do Pinhão, realizados em diferentes datas durante a Festa de 2009 que foi realizada na Praça Cônego Siqueira, região central de Cunha, e da Festa do Divino Espírito Santo. O levantamento referente à Festa do Divino foi feito no conhecido Dia da Festa, 20 de Julho de 2009, domingo, durante o oferecimento do afogado, na Casa da Festa, também localizada na cidade de Cunha.

Em comparação ao questionário correspondente à Festa do Pinhão o instrumento utilizado para coleta de informações na Festa do Divino apresentou menos questões e foi mais conciso com um tempo de resposta médio em torno de dois minutos. É importante frisar que o questionário referente à Festa do Pinhão apresentou uma oscilação entre três e quatro minutos de resposta. No questionário aplicado na Festa do Divino, nas variáveis referentes à faixa etária, houve a inclusão da categoria *mais de 70 anos* para que se pudessem identificar potenciais devotos tradicionais de idade mais avançada, característicos de festividades religiosas.

---

<sup>370</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Alternativas Ideológicas para a Produção Científica*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2006. p. 127.

Optou-se ainda, em relação à Festa do Divino Espírito Santo, em não realizar série de questões relativas à classificação socioeconômica. Isto porque o questionário a ser aplicado precisou ser adaptado às condições de instrução da amostra, muito deficientes em comparação à Festa do Pinhão, conforme se observa mais adiante em relação ao grau de instrução. Esta característica era de conhecimento do pesquisador antes da aplicação do questionário e da tabulação dos dados. Outra razão apresentada é o tamanho do instrumento de coleta. O tempo para aplicação é relativamente curto: algumas horas, ao passo que a aplicação relativa à Festa do Pinhão se realizou em alguns dias durante a cadência da Festa, levando-se em consideração os dias contínuos de eventos. O tempo de aplicação, comprimido, ao lado do perfil do devoto, já previamente identificado pelas sondagens pré-exploratórias, foram fatores determinantes na dimensão do questionário.

#### 4.1. Festa do Pinhão

A pesquisa relativa à Festa do Pinhão de 2009 se fundamentou em aplicação de questionário estruturado, não disfarçado<sup>371</sup>, composto por quinze questões, sendo majoritariamente questões fechadas, à exceção das questões relativas ao município de residência que foram agrupadas em três partes: caracterização socioeconômica, atividade turística e Festa do Pinhão. A primeira parte teve como objetivo situar o turista quanto aos seguintes aspectos:

- Gênero;
- Faixa etária;
- Município de residência;
- Grau de instrução e,
- Classe social.

A mensuração da classe social não foi pautada na renda, muitas vezes perguntada equivocadamente em alguns levantamentos. Além da indiscrição inerente à abordagem do assunto a um entrevistado desconhecido, a informação desta variável nem sempre se dá de forma precisa, ou pela desconfiança daqueles entrevistados que detêm grandes vencimentos, ou pelo receio dos que recebem pouco.

Foi adotado critério fornecido pela ANEP - Associação Nacional de Empresas de Pesquisa. Através da posse de determinados itens no domicílio de residência e do grau de instrução do chefe de família do entrevistado obtém-se uma somatória de pontos. Esta somatória se enquadra dentro da seguinte taxonomia:

- Classe A1: De 42 a 46 pontos;
- Classe A2: De 35 a 41 pontos;
- Classe B1: De 29 a 34 pontos;
- Classe B2: De 23 a 28 pontos;
- Classe C1: De 18 a 22 pontos;
- Classe C2: De 14 a 17 pontos;
- Classe D: De 08 a 13 pontos e,
- Classe E: De até 07 pontos.

Durante o processo de tabulação optou-se pela fusão das categorias A1 e A2, B1 e B2, e C1 e C2 para fins de análise. Portanto os entrevistados foram agrupados em

cinco categorias - A, B, C, D e E - e não em oito, facilitando o estudo dos resultados de modo a não prejudicar a interpretação dos dados.

A segunda parte do questionário foi constituída pela análise da atividade turística através da mensuração das referidas variáveis:

- Meio de transporte;
- Tempo de permanência e,
- Hospedagem.

A última parte do instrumento de coleta de dados e de informações se deteve no estudo das características da Festa do Pinhão e as relações entre estas e os entrevistados. Foi o fragmento mais extenso do questionário e procurou analisar as seguintes características:

- Meio de conhecimento da Festa do Pinhão;
- Primeira presença na Festa do Pinhão;
- Comparação entre as festas de 2008 e de 2009;
- Concordância e discordância frente a algumas atitudes relativas à cultura e,
- Avaliação geral da Festa do Pinhão de 2009.

No total foram aplicados em campo, nos meses de Abril e de Maio, cem questionários em potenciais turistas, ou seja, pessoas não residentes em Cunha. Os instrumentos de coleta foram empregados no espaço da própria Festa do Pinhão, Praça Cônego Siqueira, onde ficam dispostas as barracas de frente ao palco construído para as apresentações musicais. A amostra foi distribuída no período de vigência da IX Festa do Pinhão da seguinte forma, conforme a tabela a seguir:

Tabela 25 – Festa do Pinhão 2009  
Distribuição das entrevistas (n<sup>o</sup>)

<b>Dias da Festa do Pinhão</b>	18/04 Sábado	19/04 Domingo	20/04 Segunda	21/04 Terça	25/04 Sábado	26/04 Domingo	01/05 Sexta
Questionários (n <sup>o</sup> )	10	12	09	12	18	19	20

O período de duração da Festa do Pinhão do ano de 2009 foi de 15 de Abril, quarta-feira, até o dia 03 de Maio, domingo. Não se deve considerar o período supracitado com dias corridos, mas com dias com programação. Estes dias, contabilizados como efetivamente dias festivos, foram: 15, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25 e

---

<sup>371</sup> Ver Anexo N.

26 de Abril, e 01, 02 e 03 de Maio, totalizando doze dias de Festa.<sup>372</sup> Deste total de doze dias apenas o primeiro dia, 15 de Abril, dia da abertura, não contou com evento na praça central de Cunha, pois o evento inicial da Festa do Pinhão de 2009 ocorreu no Parque Estadual da Serra do Mar, distante cerca de trinta quilômetros do centro da cidade. Portanto, do total de onze dias de programação na praça central, em quatro dias não houve aplicação da pesquisa de campo: 17 e 24 de Abril e 02 e 03 de Maio, nos últimos dois dias da Festa do Pinhão.

Algumas precauções metodológicas precisaram ser tomadas na aplicação das entrevistas. Em primeiro lugar cuidou-se para haver a melhor distribuição possível dos cem questionários nos três finais de semana da Festa do Pinhão sendo que, em dois deles, houve feriados prolongados: o de 21 de Abril, dia de Tiradentes, terça-feira, o que fez com que muitos turistas permanecessem em Cunha de sexta-feira, dia 17 de Abril, até esta data; e o de 01º de Maio, dia do Trabalho, sexta-feira, no último fim de semana da Festa. A distribuição das entrevistas em cada final de semana ocorreu da seguinte forma: quarenta e três entrevistas no primeiro, trinta e sete entrevistas no segundo e vinte entrevistas no terceiro. Desta forma procurou-se captar os turistas em diferentes momentos do período festivo de tal sorte a reproduzir no questionário impressões que pudessem sofrer ou não variações conforme a cadência da Festa.

A segunda precaução ocorreu no momento da abordagem. Foi evitada a aplicação de questionários a dois turistas de um mesmo grupo, afastando o risco de repetição nas respostas. Um terceiro cuidado se resumiu em não fechar cotas quanto à caracterização da amostra, caso contrário o trabalho de campo dificilmente se concluiria na edição da Festa de 2009, sendo necessária a aplicação de novo levantamento quantitativo em 2010. A única cota fechada do levantamento foi relativa ao gênero, adotando-se a paridade entre o feminino e o masculino, 50% para cada categoria, podendo ocorrer variação de um ponto percentual para mais ou para menos, respeitando-se o quadro geral da população brasileira. No caso deste levantamento em questão 51% do total da amostra, constituída de 100 entrevistas, pertence ao sexo feminino, ao passo que os 49% restantes integram o sexo masculino, conforme demonstra a tabela a seguir.

---

<sup>372</sup> A programação da Festa do Pinhão referente ao ano de 2009 encontra-se no Anexo O.

Tabela 26 – Festa do Pinhão 2009 – Caracterização socioeconômica: Sexo (%)

Feminino	51
Masculino	49
TOTAL	100

Amostra: 100.

No que concerne à faixa etária houve um empate envolvendo dois intervalos: o dos 31 aos 40 anos e o dos 41 aos 50 anos. Em ambos os casos a participação no total da amostra foi de 27%, sendo que a somatória das mesmas atinge o expressivo índice de 54%, ou seja, a maioria absoluta da amostra. A terceira faixa etária com maior frequência foi relativa aos 51 até os 60 anos com 20% das respostas, seguida pela faixa dos 21 aos 30 anos com 18%. As últimas colocadas foram a faixa relativa à população idosa, com 6%, e a categoria referente à população adolescente, dos 16 aos 20 anos de idade, que obteve apenas 2% das entrevistas. Desta forma pode-se auferir que o enquadramento etário desta amostra de turistas da Festa do Pinhão de 2009 é constituído majoritariamente pela população adulta, pois 74% da amostra flutuam entre a faixa de 31 aos 60 anos de idade.

Tabela 27 – Festa do Pinhão 2009 – Caracterização socioeconômica: Faixa etária (%)

16 a 20	02
21 a 30	18
31 a 40	27
41 a 50	27
51 a 60	20
61 a 70	06
TOTAL	100

Amostra: 100.

Acerca do município de residência dos turistas vinte e nove localidades diferentes foram citadas. Guaratinguetá, limítrofe a Cunha, recebeu a maioria das respostas com 29% do total da amostra. Em seguida aparece São Paulo, com 15%, muito próximo de dois municípios da região do Vale do Paraíba: Taubaté, com 12% em terceiro lugar, e Lorena, com 11%, na quarta posição. Em seguida, com 4% das respostas, encontra-se São José dos Campos. O Rio de Janeiro somou na pesquisa 3%, à frente de Aparecida, Jacareí e de São Sebastião, com 2% cada município. Na seqüência encontram-se vinte municípios citados, todos com 1% do total da amostra, destacando-se a presença da cidade de *Arnhem*, Holanda, continente europeu.



Tabela 28 – Festa do Pinhão 2009 – Caracterização socioeconômica:  
Município de residência (%)

1. Guaratinguetá	29	Maceió-AL	01
2. São Paulo	15	Mauá	01
3. Taubaté	12	Mogi das Cruzes	01
4. Lorena	11	Niterói-RJ	01
5. São José dos Campos	04	Paraty-RJ	01
6. Rio de Janeiro-RJ	03	Pindamonhangaba	01
7. Aparecida	02	Poá	01
Jacareí	02	Praia Grande	01
São Sebastião	02	Resende-RJ	01
10. Aguai	01	Roseira	01
Arnhem-Holanda	01	Santo André	01
Cachoeira Paulista	01	Santos	01
Cruzeiro	01	São Bernardo do Campo	01
Guarulhos	01	Ubatuba	01
Jundiaí	01		
TOTAL			100

Amostra: 100.

A dimensão regional dos municípios de residências dos turistas da Festa do Pinhão evidencia uma sólida concentração em unidades administrativas do Vale do Paraíba: 64%. Cabe aos municípios da Região Metropolitana de São Paulo, incluindo a capital, 21% no total da amostra. Em seguida, com 6%, aparecem municípios do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, com 3%, Niterói, Paraty e Resende, com 1% cada). Os municípios do Litoral Norte paulista somaram 3% (São Sebastião com 2% e Ubatuba com 1%). As categorias *outros estados* e *exterior* obtiveram 1% cada.

A significativa presença de turistas locais reforça o caráter regional das festas populares e do turismo regional em convergência com a consistência dos atributos territoriais, de ordem material e simbólica, como traços marcantes da identidade cultural. A região do Vale Histórico pode ser colocada como uma área de receptividade turística já consolidada, ao passo que muitas cidades ao longo da planície urbanizada da Rodovia Presidente Dutra, como Guaratinguetá, Taubaté e São José dos Campos, operam como centros emissores de relevância. Outrossim, a Região Metropolitana de São Paulo, embora distante aproximadamente duzentos e vinte quilômetros de Cunha dependendo do município, é outro importante centro emissor, contando com mais de 20% de participação no total da amostra.

Tabela 29 – Festa do Pinhão 2009 – Caracterização socioeconômica:  
Região do município de residência (%)

1. Vale do Paraíba	64
2. Região Metropolitana de São Paulo	21
3. Estado do Rio de Janeiro	06
4. Outras Regiões do Estado de São Paulo	04
5. Litoral Norte Paulista	03
6. Outros Estados	01
7. Exterior	01
TOTAL	100

Amostra: 100.

Quanto ao grau de instrução, mais uma variável indispensável para o desenho do perfil do turista da Festa do Pinhão, observa-se majoritariamente a participação dos turistas com ensino superior completo. Esta categoria perfaz 53% do total da amostra. Em seguida, com 40%, aparecem os entrevistados que concluíram o ensino médio ou que não completaram o ensino superior. Estas duas categorias de nível de instrução somam 93%, quase totalidade da amostra. Apenas 3% dos entrevistados concluíram a 8ª série ou não terminaram o ensino médio; 4% do total da amostra não concluíram o ensino fundamental.

Tabela 30 – Festa do Pinhão 2009 – Caracterização socioeconômica:  
Grau de instrução (%)

Analfabeto-4ª série do Ensino Fundamental incompleta	-
4ª série do Ensino Fundamental completa-8ª série do Ensino Fundamental incompleta	04
8ª série do Ensino Fundamental completa-3ª série do Ensino Médio incompleta	03
3ª série do Ensino Médio completa-Ensino Superior incompleto	40
Ensino Superior completo	53
TOTAL	100

Amostra: 100.

No quesito relacionado à classe social 89% da amostra se concentra nas classes A e B. No entanto a classe B se revela preponderante com índice expressivo de 64% do total da amostra. Os turistas integrantes da classe C totalizaram apenas 11% do universo pesquisado. Não houve participação das classes D e E na amostra.

Tabela 31 – Festa do Pinhão 2009 – Caracterização socioeconômica:  
Classe social (%)

A	25
B	64
C	11
D	-
E	-
TOTAL	100

Amostra: 100.

As análises destas características do turista permitem traçar o seguinte perfil: o visitante não residente em Cunha freqüentador da Festa do Pinhão é de ambos os sexos, adulto, residente na região do Vale do Paraíba, com ensino superior e de classe B. Estas características, ao se complementarem, devem servir de auxílio para a gestão oficial e privada do turismo.

Em relação ao perfil da atividade turística no bojo da Festa do Pinhão, 91% do total da amostra se desloca até Cunha por meio de automóvel particular. Apenas 4% dos entrevistados utilizam motocicleta; 3% fazem uso de peruas ou vans e 2% de ônibus de linha regular. Este traço constituinte da amostra é, na verdade, a reprodução em escala local da realidade perversa dos sistemas de transportes do Brasil, sustentados no modal rodoviário. Trata-se do meio mais oneroso e de maior impacto ambiental, quer pela emissão de poluentes quer pela degradação causada em espaços urbanos, em particular ao patrimônio arquitetônico e histórico, motivada por congestionamentos, estacionamento, viadutos e outras aberrações de concreto que anulam a cultura e a história. No âmbito do turismo o cenário é patético, pois a inexistência de ferrovias contribuiu para que, quando são operadas em raras ocasiões, se mostram como o próprio atrativo e não como uma ferramenta indispensável ao planejamento territorial e turístico. Não se pode exigir que turistas se submetam a transitar em ônibus pertencentes a sistemas anacrônicos e ineficientes que, sequer, contemplam o cartão de crédito como possibilidade de pagamento das tarifas, sem oferecer preceitos básicos e indispensáveis de conforto, segurança e velocidade.

Tabela 32 – Festa do Pinhão 2009 – Perfil da atividade turística:  
Meio de transporte (%)

1. Automóvel	91
2. Moto	04
3. Perua/van	03
4. Ônibus de linha	02
5. Bicicleta	-
6. Ônibus de turismo fretado	-
TOTAL	100

Amostra: 100.

No quesito *tempo de permanência* 59% dos entrevistados não pernoitam em Cunha, constituindo parcela de turistas que praticam o turismo de um dia, constante, hodierno e regional, ao passo que 21% da amostra é composta por turistas que pernoitam em Cunha por três dias ou mais, relacionando-se, portanto, com a incidência dos feriados elencados anteriormente. A seguir, 14% do total da amostra abrangeram os entrevistados com dois dias de permanência, sendo que apenas 6% permanecem por um dia com o respectivo pernoite. Assim, ao mesmo tempo em que 59% da amostra não utilizam os meios de hospedagem, 41% apresentam potencial para uso deste ramo do *trade* turístico.

Tabela 33 – Festa do Pinhão 2009 – Perfil da atividade turística:  
Tempo de permanência em Cunha (%)

1. Menos de um dia	59
2. Três dias ou mais	21
3. Dois dias	14
4. Um dia	06
TOTAL	100

Amostra: 100.

Dentre os entrevistados que pernoitam em Cunha a categoria *pousada* recebeu 24% das respostas em relação ao total da amostra. Em seguida aparece a modalidade *cada de amigos/familiares*, com 9%. Em terceiro lugar surge o *imóvel próprio* com 5%, seguido por *hotel fazenda* com apenas 1%. A categoria *outros* registra 2%, consistindo-se em turistas que, no decorrer do levantamento em campo, ainda procuravam estabelecimento para pernoite.

Nota-se que os meios de hospedagem efetivamente integrantes do *trade* respondem por 25% do total da amostra, considerando-se o índice do quesito *pousada*, 24%, acrescido do índice relativo aos hotéis fazenda: 1%. A categoria *casa de*

*amigos/familiares*, na segunda posição, com 9% sobre o total da amostra, merece destaque dentro da realidade brasileira e valeparaibana, fugindo à regra do turismo internacional capitaneado por grandes redes hoteleiras.

Tabela 34 – Festa do Pinhão 2009 – Perfil da atividade turística: Acomodação (%)

1. Pousada	24
2. Casa de amigos/familiares	09
3. Imóvel próprio	05
4. Outros	02
5. Hotel fazenda	01
TOTAL	41

Amostra: 100.

Para turistas com tempo de permanência superior a um dia.

Dentre os meios de hospedagem citados a Pousada Vila Rica aparece com 5% em relação ao total da amostra, seguida pela Pousada Candeias e pela Pousada Cheiro da Terra, ambas com 3% em relação ao total de respostas. Estalagem Shambala, Hotel Belvedere, Pousada Bela Vista e Pousada Calu apresentam 2% cada. Estalagem Primavera, Hotel Fazenda São Francisco, Hotel Portal do Sol, Pousada das Girafas, Pousada do Tropeiro e Pousada Recanto João de Barro perfazem 1% cada.

As pousadas, de modo geral, se revelam como portadoras de características similares à identidade cultural cunhense a começar pela capacidade de hospedagem, sensivelmente limitada em relação a hotéis de médio e grande porte situados em municípios como Campos do Jordão, na Serra da Mantiqueira paulista, ou São Lourenço, no Circuito das Águas mineiro. Esta capacidade traz à tona uma relação qualitativa entre o empreendedor turístico e os hóspedes em virtude do relacionamento inter pessoal e da qualidade da paisagem, fator que se destaca de modo incontestável no espaço rural de Cunha. A reduzida oferta de leitos em comparação aos grandes centros turísticos de montanha e de praia, que são concebidos, geridos e ordenados por larga oferta em hotéis e *resorts* cuja estrutura é desproporcional ao próprio meio urbano a que estão vinculados, traz uma dimensão de deslocamentos também menor, contribuindo para uma mitigação e redução de impactos de diversas ordens, sobretudo econômicos. Dentre estes são merecedores de citação o inflacionamento do preço da terra e de serviços de mão-de-obra que passam a ser trazidos de outros lugares remunerados por um salário significativamente maior.

Em muitas ocasiões as pousadas se justapõem às pequenas propriedades rurais que produzem variados gêneros alimentícios revelando-se em defensores da sustentabilidade ambiental e econômica. Contudo, os dados expressos conduzem a um outro prisma. Do total de 25% da amostra que está hospedada em hotéis ou pousadas, 19% do total geral, valor equivalente a 76% dos turistas que se hospedam, o fazem em estabelecimentos urbanos; ou seja: apenas 24% acabam por se hospedar no espaço rural. Isto não deixa de se revelar em uma contradição em se tratando de uma Festa com significativo apelo à ruralidade.

Tabela 35 – Festa do Pinhão 2009 – Perfil da atividade turística:  
Hotéis e pousadas citadas pela tipologia do espaço (%)

1. Pousada Vila Rica	05	Urbano
2. Pousada Candeias	03	Rural
Pousada Cheiro da Terra	03	Urbano
4. Estalagem Shambala	02	Rural
Hotel Belvedere	02	Urbano
Pousada Bela Vista	02	Urbano
Pousada Calu	02	Urbano
8. Estalagem Primavera	01	Urbano
Hotel Fazenda São Francisco	01	Rural
Hotel Portal do Sol	01	Urbano
Pousada das Girafas	01	Urbano
Pousada do Tropeiro	01	Urbano
Pousada Recanto João de Barro	01	Urbano
TOTAL	25	-

Amostra: 100.

Para turistas com tempo de permanência superior a um dia, acomodados em hotéis ou pousadas.

No que se refere às tabelas com os dados que avaliam atributos presentes na Festa do Pinhão a primeira delas trata dos meios de conhecimento da própria Festa. Alguns dos meios inseridos no campo da comunicação midiática não fizeram frente às tradicionais recomendações pessoais, balizadas pelos relacionamentos entre os turistas e seus *amigos, conhecidos ou familiares*. Esta categoria acabou recebendo 48% do total das respostas, pouco menos da maioria absoluta da amostra. Em seguida, empatados com 14%, situam-se os seguintes meios: impressos em geral, internet, englobando *sites* e mensagens de *email*, e a televisão. Acresça-se que a Prefeitura Municipal realizou campanha de divulgação da Festa do Pinhão neste veículo, particularmente na TV Vanguarda, retransmissora da Rede Globo para o Vale do Paraíba e região bragantina. Outros meios receberam 8% das respostas, ao passo

que o rádio tornou-se o meio de conhecimento da Festa do Pinhão menos citado: apenas 2% dos turistas tomaram conhecimento da Festa através deste veículo.

Tabela 36 – Festa do Pinhão 2009 – Análise da Festa do Pinhão: Meios de conhecimento (%)

1. Amigos, conhecidos ou familiares	48
2. Impressos	14
Internet	14
Televisão	14
5. Outros	08
6. Rádio	02
TOTAL	100

Amostra: 100.

Em seguida foram extraídos dados referentes sobre as freqüências dos turistas na Festa do Pinhão de Cunha ao longo dos anos. Para a maior parte dos entrevistados, 61%, a Festa do Pinhão de 2009 era a primeira visita considerando todas as edições anteriores do evento, ao passo que 39% dos turistas já tinham comparecido a, pelo menos, uma edição da Festa independente do ano.

A necessidade de levantamentos quantitativos junto a turistas ou a habitantes é importante como ferramenta de planejamento turístico em longo prazo, tanto para gestores públicos como para gestores privados. A constância de pesquisas similares a esta, sobretudo quando da análise desta variável em particular, deve contribuir para tal. Isto porque se os valores da amostra, tanto em relação ao *sim*, indicando ser realmente a primeira visita, como em relação ao *não*, revelando que o turista ou o habitante já havia freqüentado determinado ambiente festivo em outros momentos, pode indicar uma estagnação ou um renascimento da própria festa. Isto independe da motivação maior, profana ou religiosa, do objeto em questão.

Tabela 37 – Festa do Pinhão 2009 – Análise da Festa do Pinhão: Primeira visita? (%)

1. Sim	61
2. Não	39
TOTAL	100

Amostra: 100.

Especificamente em relação ao evento de 2008, dos 39% de turistas entrevistados que afirmaram já ter participado da Festa do Pinhão em outras edições, podendo ser uma ou mais, 31%, o que representa 79% deste universo, haviam comparecido à Festa do Pinhão deste ano, em que outro grupo político encontrava-se à

frente da Prefeitura Municipal. Ainda em relação ao total geral da amostra 8% dos turistas não compareceram na edição do referido ano.

Tabela 38 – Festa do Pinhão 2009 – Análise da Festa do Pinhão:  
Comparecimento à Festa de 2008 (%)

1. Sim	31
2. Não	08
TOTAL	39

Amostra: 100.

Somente para os turistas que já tenham comparecido a outras edições da Festa do Pinhão.

Foi neste conjunto representado por 31% do total da amostra conforme a tabela anterior, minoria, portanto, que se procedeu a uma comparação entre as edições de 2009 e de 2008 em sete quesitos:

- condições de estacionamento e de acesso, procurando retratar as impressões acerca do deslocamento ao longo da SP-171 e da facilidade ou do desconforto na busca por lugares para o automóvel, principalmente porque o modal rodoviário representou, conforme demonstrado neste mesmo levantamento, a totalidade das respostas<sup>373</sup>;
- apresentações em geral, destacando os eventos musicais e shows realizados no grande palco montado ao lado da Matriz Nossa Senhora da Conceição;
- características das barracas da Festa, como atendimento e decoração, assim como a limpeza, o que, de certo modo, contribuiu para que se tenha uma pequena ambientação em relação ao pinhão e suas facetas;
- horário de apresentação dos eventos musicais para que se possa avaliar, pela ótica do turista, o grau de satisfação ou não de shows no período vespertino ou início da noite, geralmente apreciados pela terceira idade, ou durante a madrugada, período adotado por faixas jovens;
- divulgação do evento, com o intuito de mensurar a percepção dos mais variados meios de informação; digitais, impressos ou eletrônicos;
- alimentos com o pinhão, importante instrumento para demarcar a identidade cultural da Festa, ampliando as plataformas de utilização do produto como fator de desenvolvimento econômico no espaço agrário;
- preço dos produtos ofertados no espaço da Festa, satisfazendo a necessidade de se avaliar possíveis flutuações de valor restritas ao evento em questão.

<sup>373</sup> Considerando o total da amostra todos os meios elencados perfazem parte do sistema rodoviário.



Dentre os sete atributos comparados entre as edições de 2008 e de 2009 por 39% do total da amostra quatro deles foram mais bem avaliados em 2009 e três foram avaliados de maneira igual. Nenhum quesito apresentou piora, conforme a opinião dos turistas pesquisados.

O primeiro atributo, relativo ao acesso e ao estacionamento, apresentou 9% de melhora, apenas 1% de piora e 21% de avaliação igual à de 2008. As apresentações musicais, eventos e shows apresentaram relativo equilíbrio, pois 14% manifestaram melhora de 2009 em relação a 2008, 10% avaliaram os dois anos de forma igual e 7% da amostra avaliaram que em 2008 os eventos foram melhores. A terceira característica, relativa ao grau de organização das barracas que comercializavam alimentos e bebidas, foi a que apresentou maior evolução nos dois anos: 23% dos 31% do total de turistas que, estando na Festa do Pinhão de 2009 compareceram na edição passada, julgaram este fator de forma positiva. Ainda em relação a este atributo 7% consideraram não ter havido mudanças e apenas 1% detectou piora em comparação com a edição de 2008.

Sobre o horário das apresentações a categoria *igual* recebeu a maior parte das avaliações dos turistas: 17%. Em contrapartida 13% julgaram ter havido melhora e apenas 1% piora em comparação com 2008. No fator divulgação houve certo equilíbrio entre as categorias *melhor* e *igual*, prevalecendo a primeira que obteve 14% das respostas, um ponto a mais do que a segunda. Para 4% dos entrevistados a divulgação da Festa do Pinhão em 2008 foi melhor. O item *produtos à base do pinhão* também recebeu avaliação satisfatória dos turistas. Para 15% do total da amostra a Festa de 2009 apresentou mais variedade de alimentos, ao passo que 13% julgaram não ter ocorrido mudanças entre 2009 e 2008 e apenas 3% consideraram a Festa do Pinhão de 2008 melhor neste critério. Por fim, o preço dos produtos oferecidos se revelou como o atributo com maior incidência da categoria *igual*, que obteve 25% das respostas.

De modo geral o total das percepções se concentrou nas categorias *melhor* (42,4%) e *igual* (48,8%) que se revelou como majoritária dentre as três possibilidades colocadas neste levantamento. Algumas das alterações promovidas pela Prefeitura Municipal foram, a rigor, canceladas pelos turistas, sobretudo em relação aos horários dos shows que foram deslocados do início da madrugada para o começo da noite e mesmo para o período vespertino. Certamente um levantamento similar aplicado junto

aos habitantes de Cunha poderia apontar para algumas variações. Torna-se imprescindível salientar que, em prol da identidade cultural da Festa do Pinhão e de Cunha, a madrugada torna-se incompatível. Além disto, como pode ser explicitado através da observação da tabela, os produtos à base do pinhão também demonstraram ser outro parâmetro que externa relativa melhora.

Tabela 39 – Festa do Pinhão 2009 – Análise da Festa do Pinhão: Comparação da edição de 2009 em relação à edição de 2008 (%)

Variáveis	Melhor	Igual	Pior	TOTAL
1. Acesso/estacionamento...	09	21	01	31
2. Apresentações musicais/eventos/shows...	14	10	07	31
3. Atendimento, decoração e limpeza das barracas...	23	07	01	31
4. Horário dos eventos e organização...	13	17	01	31
5. Divulgação – cartazes, <i>folders</i> , internet etc...	14	13	04	31
6. Produtos à base do pinhão...	15	13	03	31
7. Preço dos produtos em geral...	04	25	02	31
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>106</b>	<b>19</b>	<b>217</b>
<b>TOTAL (%)</b>	<b>42,4</b>	<b>48,8</b>	<b>8,8</b>	<b>100</b>

Amostra: 100.

Somente para os turistas que compareceram à Festa do Pinhão de 2008.

A próxima tabela trata da análise de um conjunto de atitudes que foram submetidas aos turistas que participaram deste levantamento. Foram colocadas aos entrevistados cinco atitudes que procuraram abordar hábitos, idéias e posturas frente a alguns dos elementos concernentes à identidade cultural da Festa do Pinhão mediante concordância, indiferença ou discordância.

Como pode ser observado a primeira atitude atingiu o maior equilíbrio dentre as cinco analisadas. Trata-se da importância de realização de eventos com artistas reconhecidos pela comunicação midiática na Festa do Pinhão; 43% do total da amostra afirmaram concordar com a sobredita assertiva, enquanto que para 31% há indiferença; 26%, praticamente um quarto da amostra, revelou apresentar discordância.

A segunda, a terceira e a quarta atitude foram marcadas pela liderança da discordância. A atitude que mensura a predileção pelos alimentos rápidos na Festa do Pinhão, caracterizados predominantemente pelos lanches e pelas porções, recebeu 58% de discordância dos turistas entrevistados. Este conjunto nega a valorização deste tipo de alimento na Festa. Outro conjunto de turistas, 22%, demonstra indiferença em relação a estes pratos, ao mesmo tempo em que 20% do total da amostra valorizam os pratos rápidos.

Sobre o horário de apresentação dos shows um índice muito expressivo, 78%, da amostra, demonstrou discordância com a assertiva de que o período de apresentação deva ser durante a madrugada. Tal fato corrobora o índice expresso em tabela correspondente, especificamente na quarta variável, que procurou avaliar os horários de apresentação da Festa do Pinhão de 2009. Ainda em relação a esta terceira atitude, apenas 5% da amostra manifestaram discordância e 17% indiferença.

A quarta atitude procurou mensurar o grau de complacência dos turistas acerca das bebidas alcoólicas, itens obrigatórios nas festas em geral, pois são socialmente aceitos e vistos como catalisadores das relações sociais. A variável colocada tratou de pontuar a bebida alcoólica como um dos atrativos da Festa do Pinhão, sem a qual a permanência do turista estaria comprometida. Para 68% do total da amostra esta assertiva foi negada; 23% julgaram-na indiferente e apenas 9% afirmaram a concordância. O curioso é que em muitas das abordagens realizadas verificou-se que mesmo tendo sob as mesas latas de cerveja o turista entrevistado manifestou a discordância em relação à respectiva assertiva.

A última variável trouxe uma contraposição envolvendo, de um lado, artistas regionais, e de outro, ritmos integrantes do acervo midiático, constantemente mobilizados a favor dos mercados de consumo de bens culturais que são impelidos para cidades do interior brasileiro e para comunidades rurais pelos meios eletrônicos de comunicação. A afirmação trazia a preferência pelo gosto regional, através de modinhas de viola e música de raiz, em relação às melodias de axé, *funk* ou sertanejo, estilos estandardizados e reproduzidos por artistas que cobram quantias significativas para apresentação. Pequena parte destes recursos, custeados na maioria das ocasiões pelo Poder Público, serviria de bom grado para manutenção de congadas, folguedos, jongueiros e moçambiques e na transmissão de tão rico legado cultural às atuais gerações. Nesta atitude 71% da amostra reproduziram concordância, isto é, uma atitude a favor de grupos regionais. Concomitantemente 18% manifestaram indiferença e apenas 11% discordância.

Tabela 40 – Festa do Pinhão 2009 – Análise: Atitudes (%)

Atitudes	Concordância	Indiferença	Discordância	TOTAL
1. Considero importante a realização de shows com artistas que aparecem na televisão e que são conhecidos nacionalmente.	<b>43</b>	31	26	<b>100</b>
2. Valorizo na Festa alimentos rápidos sem o pinhão como chocolates, doces, espetinhos, pastéis, porções, salgadinhos e sanduíches em geral.	20	22	<b>58</b>	<b>100</b>
3. O horário de apresentação dos shows deve ser tarde da noite, avançando se possível pela madrugada.	05	17	<b>78</b>	<b>100</b>
4. A oferta de bebidas alcoólicas, principalmente batidas e cerveja, é um dos atrativos responsáveis pela minha participação na Festa.	09	23	<b>68</b>	<b>100</b>
5. Prefiro shows de caráter regional com modinhas de viola e músicas de raiz do que com grupos de axé, <i>funk</i> ou sertanejo.	<b>71</b>	18	11	<b>100</b>
<b>TOTAL</b>	<b>148</b>	<b>111</b>	<b>241</b>	<b>500</b>
<b>TOTAL (%)</b>	<b>29,6</b>	<b>22,2</b>	<b>48,2</b>	<b>100</b>

Amostra: 100.

A avaliação geral da Festa do Pinhão de 2009 obteve considerável performance. Para 57% dos turistas a Festa foi avaliada como *boa*; 30% da amostra consideraram o evento *ótimo* e 13% qualificaram como *regular*. Desta sorte pode-se analisar que a aprovação da Festa do Pinhão em 2009 atingiu 87% do universo pesquisado; índice salutar.

Tabela 41 – Festa do Pinhão 2009 – Análise: Avaliação (%)

Ótima	30
Boa	57
Regular	13
Ruim	-
Péssima	-
TOTAL	100

Amostra: 100.

A seguir dois cruzamentos foram realizados. Ambos trataram das atitudes. O primeiro relacionou estas com o grau de instrução dos turistas; o segundo cruzamento se ateve à faixa etária. Para cada um dos cruzamentos foram geradas cinco tabelas conforme a enumeração a seguir. Do total de turistas entrevistados 93% ou concluíram o ensino médio ou já encerraram os estudos no ensino superior. Esta concentração torna praticamente inconsistente a análise das demais categorias relativas ao grau de instrução que, totalizadas, perfazem apenas 7% do universo pesquisado.

A primeira tabela concernente aos cruzamentos do grau de instrução se ateve à primeira atitude: *considero importante a realização de shows com artistas que aparecem na televisão e que são conhecidos nacionalmente*. O total geral da amostra demonstrou relativo equilíbrio, conforme a análise já descrita anteriormente. Verificando o percentual de entrevistados com ensino superior incompleto, que perfaz 40% do total da amostra, os índices obtidos foram muito similares ao do total geral de turistas: 45% afirmaram a concordância, 35% a indiferença e 20% preferiram a opção *discordo*. Concluíram o ensino superior 53% da amostra; desta parcela significativa 36% concordam, 30% são indiferentes e 34% discordam da referida assertiva. São índices extremamente equilibrados.

Em suma, a opção por artistas da grande mídia em festas populares como a Festa do Pinhão de Cunha desperta controvérsia. Ao mesmo tempo em que um fragmento considerável concorda com este tipo de evento o mesmo repele outras facetas hegemônicas, conforme as próximas tabelas haverão de demonstrar. Este fator foi o único elemento analisado, constituinte do acervo hegemônico, a ter razoável índice de aprovação.

Tabela 42 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento:  
Grau de instrução pela análise das atitudes (%)  
Atitude 1

Atitude	Considero importante a realização de shows com artistas que aparecem na televisão e que são conhecidos nacionalmente.		
	Concordo	Indiferente	Discordo
Grau de Instrução			
<b>Total da Amostra</b>	<b>43</b>	<b>31</b>	<b>26</b>
Analfabeto-4ª série do Ensino Fundamental incompleta	-	-	-
4ª série do Ensino Fundamental completa-8ª série do Ensino Fundamental incompleta	75	-	25
8ª série do Ensino Fundamental completa-3ª série do Ensino Médio incompleta	100	-	-
3ª. série do Ensino Médio completa-Ensino Superior incompleto	45	35	20
Ensino Superior completo	36	30	34
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Amostra: 100.

A atitude 2 – *valorizo na Festa alimentos rápidos sem o pinhão como chocolates, doces, espetinhos, pastéis, porções, salgadinhos e sanduíches em geral* – foi repelida por 63% dos entrevistados que não concluíram o ensino superior ou que terminaram o ensino médio. Este índice, que revela repulsa às gradações do repertório do *fast food*,

foi superior ao índice de discordância dos turistas com ensino superior, que foi de 57%. Ainda em relação aos turistas com ensino médio completo, apenas 17% concordaram com a valorização destes alimentos, sendo que 20% revelaram indiferença. No caso dos turistas com ensino superior 20%, três pontos a mais, concordaram com a valorização. O valor atribuído à indiferença foi de 22%.

A repulsa aos pratos rápidos sem o pinhão, manifestada por parcela significativa da amostra, vem reforçar a necessidade de se criarem lastros mais efetivos das festas populares com o potencial gastronômico dos lugares a favor das comunidades que procedem à gestão destes eventos culturais. Mesmo considerando o valor de 57% de discordância ao *fast food* registrado junto da amostra com ensino superior completo, pode-se observar com base nos dados da tabela que a concordância chega a 21%, índice que não deve ser desprezado porque abrange mais de um quinto do universo pesquisado.

Tabela 43 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento:  
Grau de instrução pela análise das atitudes (%)  
Atitude 2

Atitude	Valorizo na Festa alimentos rápidos sem o pinhão como chocolates, doces, espetinhos, pastéis, porções, salgadinhos e sanduíches em geral.		
Grau de Instrução	Concordo	Indiferente	Discordo
<b>Total da Amostra</b>	<b>20</b>	<b>22</b>	<b>58</b>
Analfabeto-4ª série do Ensino Fundamental incompleta	-	-	-
4ª série do Ensino Fundamental completa-8ª série do Ensino Fundamental incompleta	50	50	-
8ª série do Ensino Fundamental completa-3ª série do Ensino Médio incompleta	-	-	100
3ª. série do Ensino Médio completa-Ensino Superior incompleto	17	20	63
Ensino Superior completo	21	22	57
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Amostra: 100.

O horário tardio de apresentação dos eventos na praça central de Cunha foi mensurado pela terceira variável: *o horário de apresentação dos shows deve ser tarde da noite, avançando se possível pela madrugada*. Esta, por sua vez, recebeu forte rejeição por parte dos turistas entrevistados, independentemente do grau de instrução. A começar pelos que não concluíram o ensino superior, 83% manifestaram discordância, 15% indiferença e apenas 2% da amostra concordância. No caso dos

turistas com ensino superior completo estes valores foram, respectivamente, 74%, 19% e 7%.

Tabela 44 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento:  
Grau de instrução pela análise das atitudes (%)  
Atitude 3

Atitude	O horário de apresentação dos shows deve ser tarde da noite, avançando se possível pela madrugada.		
	Concordo	Indiferente	Discordo
Grau de Instrução			
<b>Total da Amostra</b>	<b>05</b>	<b>17</b>	<b>78</b>
Analfabeto-4ª série do Ensino Fundamental incompleta	-	-	-
4ª série do Ensino Fundamental completa-8ª série do Ensino Fundamental incompleta	-	-	100
8ª série do Ensino Fundamental completa-3ª série do Ensino Médio incompleta	-	33	67
3ª. série do Ensino Médio completa-Ensino Superior incompleto	02	15	83
Ensino Superior completo	07	19	74
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Amostra: 100.

A próxima atitude – *a oferta de bebidas alcoólicas, principalmente batidas e cerveja*, é um dos atrativos responsáveis pela minha participação na Festa – também recebeu considerável resistência por parte dos entrevistados. Neste caso o índice de rejeição foi maior dentro do conjunto de turistas que concluíram o ensino superior: 70% discordaram da assertiva, de sorte que 19% manifestaram indiferença e 11% concordaram. Analisando agora o percentual da amostra que não chegou a concluir o ensino superior, 63% deste total discordaram da afirmação, um valor maior do que o obtido por aqueles que optaram pela indiferença (30%).

Tabela 45 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento:  
Grau de instrução pela análise das atitudes (%)  
Atitude 4

Atitude	A oferta de bebidas alcoólicas, principalmente batidas e cerveja, é um dos atrativos responsáveis pela minha participação na Festa.		
Grau de Instrução	Concordo	Indiferente	Discordo
<b>Total da Amostra</b>	<b>09</b>	<b>23</b>	<b>68</b>
Analfabeto-4ª série do Ensino Fundamental incompleta	-	-	-
4ª série do Ensino Fundamental completa-8ª série do Ensino Fundamental incompleta	-	-	100
8ª série do Ensino Fundamental completa-3ª série do Ensino Médio incompleta	-	33	67
3ª. série do Ensino Médio completa-Ensino Superior incompleto	07	30	63
Ensino Superior completo	11	19	70
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Amostra: 100.

A última atitude revelou sólidos índices de concordância por parte da amostra. Em relação ao grau de instrução, destaca-se o valor de 75% obtido pela amostra que concluiu o ensino superior, doze pontos percentuais acima dos 63% de concordância dos turistas que concluíram o ensino médio. Apenas 6% dos turistas que têm curso superior discordaram da assertiva. Dentre aqueles que terminaram o ensino médio 15% discordaram acerca da preferência por eventos de caráter regional, favorecendo os estilos axé, *funk* e sertanejo.

Ademais, os valores expressos concernentes ao cruzamento destas duas variáveis deste levantamento – grau de instrução e atitudes – reprimiram com veemência atributos hegemônicos por meio das negativas em relação à segunda, terceira e quarta atitude, mas que estão presentes em muitas celebrações festivas brasileiras. Concomitantemente os índices caminham pela mesma tendência quando da concordância de músicas inspiradas na viola ou em suas modinhas, como também pela valorização da chamada música de raiz.



Tabela 46 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento:  
Grau de instrução pela análise das atitudes (%)  
Atitude 5

Atitude	Prefiro shows de caráter regional com modinhas de viola e músicas de raiz do que com grupos de axé, <i>funk</i> ou sertanejo.		
	Concordo	Indiferente	Discordo
Grau de Instrução			
<b>Total da Amostra</b>	<b>71</b>	<b>18</b>	<b>11</b>
Analfabeto-4ª série do Ensino Fundamental incompleta	-	-	-
4ª série do Ensino Fundamental completa-8ª série do Ensino Fundamental incompleta	75	-	25
8ª série do Ensino Fundamental completa-3ª série do Ensino Médio incompleta	67	-	33
3ª. série do Ensino Médio completa-Ensino Superior incompleto	63	22	15
Ensino Superior completo	75	19	06
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Amostra: 100.

A análise das cinco atitudes agora sob o prisma das faixas de idade revela valores similares. Neste cruzamento a análise deve ser realizada em quatro das seis categorias etárias: 21 a 30, 31 a 40, 41 a 50 e 51 a 60 anos, tendo em vista que, somadas, representam 92% do total das entrevistadas. As faixas correspondentes às idades de 16 a 20 anos e de 61 a 70 anos somaram, respectivamente, 2% e 6%, índices inexpressivos e insuficientes para análise.

A começar pela primeira atitude, *considero importante a realização de shows com artistas que aparecem na televisão e que são conhecidos nacionalmente*, a concordância foi majoritária em três das quatro faixas de idade analisadas, atingindo 50%, 41% e 48%, respectivamente nos intervalos de 21 a 30 anos, 31 a 40 anos e 41 a 50 anos. Na faixa etária correspondente aos adultos em transição para a terceira idade, 51 a 60 anos, o valor de concordância foi de 35%, abaixo do índice relativo à indiferença (40%) e acima dos turistas que discordaram desta afirmação (25%). No caso dos turistas entre 61 e 70 anos, apesar de representarem apenas 6% do total da amostra, o índice de discordância frente a esta assertiva foi o mais alto: 67%.

Desta forma é possível afirmar que há uma grande possibilidade de haver um grau de oscilação, tanto por parte da concordância como por parte da discordância, de modo proporcional às faixas etárias, com uma considerável tendência da discordância da assertiva aumentar na medida em que a idade também cresce.

Tabela 47 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento:  
Faixa etária pela análise das atitudes (%)  
Atitude 1

Atitude	Considero importante a realização de shows com artistas que aparecem na televisão e que são conhecidos nacionalmente.		
Faixa Etária	Concordo	Indiferente	Discordo
<b>Total da Amostra</b>	<b>43</b>	<b>31</b>	<b>26</b>
16 a 20	50	-	50
21 a 30	50	22	28
31 a 40	41	41	18
41 a 50	48	30	22
51 a 60	35	40	25
61 a 70	33	-	67
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Amostra: 100.

Interessante é a averiguação das relações entre o gosto pelos lanches e demais pratos rápidos com a faixa de idade. O entendimento da segunda atitude à luz destes fatores mostra que a valorização das comidas de fácil preparação e servidas prontamente é uniforme, oscilando moderadamente de forma constante nas faixas etárias. Para se ter uma idéia, o maior índice de discordância encontrado dentro das quatro faixas estudadas situa-se no intervalo entre 41 a 50 anos: 63%. Este índice chega a 61% na faixa de 21 a 30 anos. A partir daí sofre uma queda de 48% na faixa dos 31 a 40 anos, atinge 63% na faixa de 41 a 50 anos e chega aos 60% na faixa de 51 a 60 anos. A valorização dos pratos rápidos sem o pinhão tem o maior valor na faixa dos 31 a 40 anos, na qual a concordância chega a 26% do total das respostas.

Tabela 48 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento:  
Faixa etária pela análise das atitudes (%)  
Atitude 2

Atitude	Valorizo na Festa alimentos rápidos sem o pinhão como chocolates, doces, espetinhos, pastéis, porções, salgadinhos e sanduíches em geral.		
Faixa Etária	Concordo	Indiferente	Discordo
<b>Total da Amostra</b>	<b>20</b>	<b>22</b>	<b>58</b>
16 a 20	-	50	50
21 a 30	17	22	61
31 a 40	26	26	48
41 a 50	22	15	63
51 a 60	15	25	60
61 a 70	16	16	68
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Amostra: 100.

No que tange à terceira atitude – *o horário de apresentação dos shows deve ser tarde da noite, avançando se possível pela madrugada* – há relevantes dados que indicam haver significativa discordância frente a esta assertiva vinculada ao gosto do público jovem, em geral alheio e adverso de atrações turísticas respaldadas pela identidade cultural. Os valores de discordância mostram uniformidade diante das quatro faixas etárias passíveis de análise: 61% dentre os entrevistados com 21 a 30 anos, 74% na faixa de 31 a 40 anos, 89%, o maior índice, junto aos turistas de 41 a 50 anos e 85% junto aos turistas com 51 a 60 anos. Todos são valores altos, muito expressivos, ao passo que a concordância frente a esta afirmação demonstrou ser desprezível, mesmo considerando os 11% na faixa etária de 21 a 30 anos, ainda dentro do contingente jovem.

Apesar de aparentemente inexpressivos os índices de 11% de concordância e de 28% de indiferença diante da assertiva, somados, chegam a um valor considerável de 39% em relação ao total da amostra. Acrescidos aos outros dados presentes nesta análise este conjunto vem lastrear a multiplicidade de interesses que norteiam a participação deste segmento em festas populares de modo geral. Certamente estes convergem para o desprezo da coesão social e do sentimento de pertença inerente em festas populares que produzem ligações efetivas com os lugares. Acresça-se ainda o apelo mediático a favor do culto da própria jovialidade, tão aclamada pela propaganda

hegemônica, fortalecendo o aspecto evasivo de, ao menos, boa parcela deste segmento etário marcada pelo consumo dos lugares dentro da lógica capitalista.

Tabela 49 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento:  
Faixa etária pela análise das atitudes (%)  
Atitude 3

Atitude	O horário de apresentação dos shows deve ser tarde da noite, avançando se possível pela madrugada.		
Faixa Etária	Concordo	Indiferente	Discordo
<b>Total da Amostra</b>	<b>05</b>	<b>17</b>	<b>78</b>
16 a 20	-	50	50
21 a 30	11	28	61
31 a 40	07	19	74
41 a 50	-	11	89
51 a 60	05	10	85
61 a 70	-	17	83
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Amostra: 100.

A associação entre o desfrute das bebidas alcoólicas e a idade é consistente. A tabela a seguir demonstra que os valores de concordância em relação à quarta atitude - *a oferta de bebidas alcoólicas, principalmente batidas e cerveja, é um dos atrativos responsáveis pela minha participação na Festa*, é maior na faixa etária jovem entre os valores de 21 a 30 anos de idade. É um índice quase três vezes maior do que o obtido junto à faixa de 31 a 40 anos, 8%, mais de cinco vezes maior do que os 4% presentes na faixa de 41 a 50 anos, e mais de duas vezes acima do índice da faixa de 51 a 60 anos de idade. Por outro lado a maior discordância encontrada neste atributo situa-se na faixa de 41 a 50 anos: 85% deste grupo etário se revelam reticentes em relação a estas bebidas como ingrediente de atratividade. Ainda em relação à discordância 70% dos entrevistados da faixa etária entre 51 e 60 anos se mostram contrários à atratividade motivada pela oferta destas bebidas; 59% dos turistas entre 31 e 40 anos e 50% dos turistas entre 16 e 20 anos se comportaram da mesma forma, comprovando a associação citada anteriormente.

Tabela 50 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento:  
Faixa etária pela análise das atitudes (%)  
Atitude 4

Atitude	A oferta de bebidas alcoólicas, principalmente batidas e cerveja, é um dos atrativos responsáveis pela minha participação na Festa.		
Faixa Etária	Concordo	Indiferente	Discordo
<b>Total da Amostra</b>	<b>09</b>	<b>23</b>	<b>68</b>
16 a 20	-	50	50
21 a 30	22	28	50
31 a 40	08	33	59
41 a 50	04	11	85
51 a 60	10	20	70
61 a 70	-	17	83
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Amostra: 100.

Todas as faixas etárias revelaram preferência pelos grupos musicais tradicionais em relação a alguns estilos inspirados em modismos a serviço do mercado de bens culturais. A preferência por shows de apelo regional é majoritária em larga escala a começar pelo índice de 80% alcançado junto aos turistas com 51 a 60 anos de idade. Este patamar é relativamente mantido, decrescendo para 74% na faixa etária dos 41 a 50 anos, para 59% na faixa de 31 a 40 anos e voltando a ascender para 67% junto ao grupo de 21 a 30 anos de idade. Os patamares mais expressivos da discordância da música regional foram encontrados junto aos grupos adultos e jovens da amostra: nos intervalos de 21 a 30 e de 31 a 40 anos.

Tabela 51 – Festa do Pinhão 2009 – Cruzamento:  
Faixa etária pela análise das atitudes (%)  
Atitude 5

Atitude	Prefiro shows de caráter regional com modinhas de viola e músicas de raiz do que com grupos de axé, funk ou sertanejo.		
Faixa Etária	Concordo	Indiferente	Discordo
<b>Total da Amostra</b>	<b>71</b>	<b>18</b>	<b>11</b>
16 a 20	50	50	-
21 a 30	67	11	22
31 a 40	59	19	22
41 a 50	74	22	04
51 a 60	80	20	-
61 a 70	100	-	-

<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
--------------	------------	------------	------------

Amostra: 100.

A seguir é apresentada breve síntese referente a todas as questões presentes no questionário aplicado com as principais características qualitativas acerca de cada uma das variáveis tratadas anteriormente. O quadro tem como objetivo apresentar uma análise geral do levantamento referente à Festa do Pinhão de modo a destacar com preponderância o perfil e as atitudes da amostra.

### **Análise qualitativa da aplicação do questionário – Festa do Pinhão**

A presente análise parte das seguintes variáveis:

- Sexo: A amostra apresenta equilíbrio entre as duas categorias; feminino e masculino. Isto se justifica pela distribuição demográfica destes dois gêneros no montante da população brasileira, fator que se reproduz na Região Metropolitana de São Paulo e no Vale do Paraíba, principais regiões emissoras de turistas para a Festa do Pinhão de Cunha.
- Idade: Predomínio de turistas nas faixas entre 31 e 60 anos; pouca participação do contingente jovem situado entre 16 e 20 anos sendo superado, inclusive, pela população da faixa entre 61 e 70 anos de idade. Este aspecto é verificado tendo em vista o envelhecimento da população brasileira, ocasionando um aumento do contingente populacional nas categorias adulto-jovem, adulto e idosa. Tal situação remete a uma gradual diminuição, em nível nacional, das categorias infanto-juvenis, adolescentes e jovens.
- Município de residência: Ampla presença dos municípios do Vale do Paraíba, merecendo destaque Guaratinguetá com presença majoritária; turistas residentes na Região Metropolitana de São Paulo representam parcela considerável da amostra. A participação predominante dos núcleos urbanos valeparaibanos é explicada pela dimensão regional do turismo cultural na Estância Climática de Cunha, fomentando deslocamentos com distâncias reduzidas em um raio arbitrário de 200 quilômetros, o que equivale a um tempo de deslocamento de duas horas aproximadas para um único sentido.

- Grau de instrução: A categoria *ensino superior completo* é a majoritária; contudo há participação relevante de turistas que concluíram o ensino médio ou que não terminaram o ensino superior; demais categorias apresentam índices insignificantes. A instrução da amostra é sensivelmente superior à instrução do conjunto populacional brasileiro e de Cunha. O consumo de lugares e de atrativos demanda patamar mínimo de rentabilidade e de poder aquisitivo estando proporcionalmente condicionado à variável em questão.

- Classe socioeconômica: Destaca-se a classe B com maioria absoluta da amostra; o restante está distribuído entre a classe A, com participação considerável, e classe C, com menor destaque. Conforme a exposição relativa à variável anterior, o nível socioeconômico elevado aumenta as possibilidades concretas e materiais dos turistas. A presença em um evento festivo faz surgir o imperativo categórico do meio próprio de locomoção e de recursos financeiros para dispêndios a serem mobilizados nos receptivos e demais serviços de apoio complementares, como postos de combustíveis e restaurantes.

- Acesso: Há participação absoluta do automóvel como meio de locomoção. Não há outra possibilidade de acesso do turista no Brasil. Nenhum outro modal pode concorrer com o automóvel nos quesitos conforto e velocidade. Acrescente-se a este aspecto a ausência do transporte público inter-municipal de qualidade, como linhas de ônibus equipadas com ar condicionado, trens regionais etc.

- Tempo de permanência: A maior parte da amostra - maioria absoluta - permanece menos de um dia; destacam-se, em seguida, os turistas que pernoitam por três dias ou mais. O período de realização do levantamento (feriado prolongado) contribuiu para que fosse registrado um alongamento do tempo de estada em Cunha. Conforme já exposto, o turismo interno (esta modalidade de turismo é de fundamental importância, tendo em vista que não se restringe aos períodos de férias) por poder ser realizado sem pernoite é uma modalidade muito significativa dentro da realidade brasileira. Isto porque é relativamente econômico e não está atrelado às agências de viagens, às companhias aéreas e aos meios de hospedagem.

- Hospedagem: Entre parcela da amostra com pernoite prevalecem as pousadas como meios de hospedagem preferidos pelos turistas, seguidas pelas casas de amigos, conhecidos ou familiares. A atividade do turismo em Cunha tem como um dos alicerces

movimentos com fluxos de pequena escala. Deste modo as pousadas aparecem como modalidades predominantes aliadas às casas de amigos e familiares que também recebem visitantes em razão de fluxos migratórios. Nestes movimentos cunhenses que passam a habitar outras terras retornam ao recanto natal em períodos determinados.

- Conhecimento da Festa do Pinhão: Amigos, conhecidos ou familiares respondem por praticamente metade da amostra; três meios de comunicação aparecem em seguida com a mesma participação: internet, meios impressos e televisão. Isto se justifica pela importância das recomendações inter-pessoais balizadas por graus de amizade e de parentesco, superando tradicionais veículos da comunicação midiática.

- Primeira presença na Festa do Pinhão: Maioria absoluta da amostra participa pela primeira vez da Festa. A justificativa para esta característica captada dependeria da realização de levantamentos em anos seguintes. O valor correspondente, em função da primeira participação, pode ser tanto positivo como negativo para o planejamento turístico. Por um lado pode tender a confirmar a captação de novos turistas provenientes de outros possíveis centros emissores; por outro lado pode também confirmar um descontentamento de turistas tidos como tradicionais que já não freqüentam os atrativos de outrora.

- Comparecimento a Festa do Pinhão de 2008: Dentre os turistas que já haviam freqüentado a Festa do Pinhão de Cunha a maior parte compareceu a pelo menos um dia da Festa realizada em 2008. Embora minoritários estes turistas mantiveram constância na participação deste evento.

### **Comparação entre a Festa do Pinhão de 2009 com a Festa do Pinhão de 2008**

- Item 1: Os turistas que freqüentam a Festa de 2009 avaliam as condições de acesso e de estacionamento de forma igual em relação à Festa de 2008. As condições gerais viárias em Cunha, sobretudo na cidade, foram mantidas. Não ocorreram obras ou outras intervenções consideráveis de 2008 a 2009.

- Item 2: As apresentações musicais, eventos e shows da Festa de 2009 são consideradas mais satisfatórias; contudo, merecem destaque os turistas que avaliam as duas edições da Festa do Pinhão de modo igualitário. Embora ocorresse redução na participação de artistas conhecidos, isto não alterou o ânimo dos participantes a ponto de fomentar descontentamentos.



- Item 3: O item referente ao atendimento, decoração e limpeza das barracas recebe ótima performance levando-se em consideração a Festa de 2009; desta forma obtém um desempenho superior ao da Festa de 2008. Em 2009 a preocupação com a limpeza, principalmente no interior das barracas, e com a decoração surtiu efeitos positivos na avaliação da amostra.

- Item 4: A amostra julga de modo igual as duas edições da Festa do Pinhão em relação ao quesito *horário dos eventos e organização*. O fato de alguns eventos musicais terem se iniciado mais cedo influenciou de forma positiva a avaliação da amostra.

- Item 5: Neste item, relativo à divulgação da Festa do Pinhão, destaca-se um equilíbrio entre as categorias *melhor* e *igual*, prevalecendo a primeira por pequena margem. Como o principal fator de disseminação de propaganda são as próprias pessoas campanhas em veículos regionais podem surtir algum efeito. É considerável, mas não determinante.

- Item 6: A quase totalidade da amostra se distribuiu entre as categorias *melhor* e *igual* em relação à disponibilidade de produtos à base do pinhão; como no item anterior, neste caso também prevalece a primeira categoria. O aumento da oferta dos alimentos à base do pinhão, comprovado empiricamente, não surtiu resultado correspondente na amostra.

- Item 7: Sobre o preço dos produtos há uma grande concentração de respostas na categoria *igual*. Não ocorreram oscilações significativas dos índices de inflação de um ano para o outro. Aumentos de preços significativos que pudessem ser percebidos pela amostra não foram praticados.

### **Análise das atitudes com base em escala de variação semântica**

- Atitude 1: Maioria da amostra concorda com a atitude - *Considero importante a realização de shows com artistas que aparecem na televisão e que são conhecidos nacionalmente* - embora contingente não desprezível tenha optado pela discordância. A influência da televisão e de todo o repertório midiático - artistas, cantoras e cantores, duplas sertanejas etc. - é significativa e não captada como fator de dominação cultural, isto porque há um consistente apelo midiático em defesa do repertório hegemônico.

- Atitude 2: Em relação a esta atitude - *Valorizo na Festa alimentos rápidos sem o pinhão como chocolates, doces, espetinhos, pastéis, porções, salgadinhos e sanduíches em geral* - prevaleceram as opções pela discordância de forma contundente. Pelo perfil etário este comportamento poderia ser previsto, pois a preferência pelos *fast food* está concentrada em faixas etárias de menor idade. São razões semelhantes em relação à atitude anterior.

- Atitude 3: Acerca do *horário de apresentação dos shows* maioria absoluta da amostra rechaça os eventos que avançam pela madrugada. Trata-se de outra atitude que corresponde ao perfil etário mensurado. Uma percepção diferente da registrada causaria desconforto e estranheza.

- Atitude 4: A atitude 4 - *A oferta de bebidas alcoólicas, principalmente batidas e cerveja, é um dos atrativos responsáveis pela minha participação na Festa* - também recebe semelhante repulsa por parte majoritária da amostra. A bebida alcoólica, socialmente aceita e reproduzida como fator de encontro, é tida como um ingrediente complementar e não preponderante para a presença na Festa do Pinhão. A resposta, neste caso, contradiz o observado empiricamente pelo pesquisador.

- Atitude 5: Contrariando estatisticamente as duas atitudes anteriores, a atitude 5 - *Prefiro shows de caráter regional com modinhas de viola e músicas de raiz do que com grupos de axé, funk ou sertanejo* - obteve ampla concordância. Confrontada diante de duas categorias díspares e salientes, a preferência recai sobre a música regional. Mais uma vez a similaridade com o grau de instrução e com a faixa etária foi determinante.

- Avaliação: O último fragmento do questionário, abrangendo uma avaliação geral da Festa do Pinhão de 2009, obteve como resposta amplamente majoritária a categoria *boa*, seguida pela opção *ótima* e, em seguida, pela opção *regular*; é importante acrescentar que não houve respostas nas categorias *ruim* e *péssima*, o que corrobora uma avaliação satisfatória. Pelo fato da devastação da paisagem urbana ser soberba no Brasil a simples ambiência de praça interiorana é um fator de satisfação para o turista. Acrescida de oferta de alimentos e de bebidas com um mínimo de capricho decorativo e com algum evento musical conquista mais simpatia. Trata-se do caso em questão.

## 4.2. Festa do Divino Espírito Santo

O levantamento referente à Festa do Divino Espírito Santo, na Estância Climática de Cunha, foi realizado no Dia da Festa, 20 de Julho, domingo, no local conhecido como Casa da Festa durante o oferecimento do afogado conforme já exposto. O instrumento utilizado para coleta de informações foi um questionário estruturado, não disfarçado, contendo majoritariamente questões fechadas.<sup>374</sup> Do universo de dezesseis questões apenas quatro eram total ou parcialmente abertas, quais sejam:

- a sexta questão, quando o entrevistado respondia sobre o bairro de residência;
- parte da oitava questão (sobre a religião do entrevistado através do campo *outra especificar*);
- a décima primeira questão que perguntava sobre o nome da santa ou do santo de devoção do entrevistado, e
- parte da décima segunda questão, sobre o meio de locomoção do devoto até a Casa da Festa através do campo *outros especificar*.

O trabalho se iniciou às nove horas e quarenta minutos, momentos após a abertura do portão para os fiéis. Foram aplicados cem questionários a devotos residentes no município de Cunha, sejam moradores no perímetro urbano ou na zona rural. A aplicação durou até aproximadamente às quatorze horas e trinta minutos, estendendo-se para próximo das quinze horas. O afogado costumeiramente é servido até por volta das dezesseis horas, sendo que a quantidade de devotos no período vespertino é bem menor do que no período do final da manhã. O período matutino coincide com o horário do almoço, incluindo a preparação, e com o horário de chegada de muitos fiéis provenientes da zona rural.

Uma dificuldade encontrada na aplicação do questionário foi a quantidade de devotos do Divino Espírito Santo não residentes em Cunha. Em aproximadamente sessenta por cento das abordagens eram encontrados fiéis residentes em municípios como: Aparecida, Caçapava, Cachoeira Paulista, Guaratinguetá, Lorena, Pindamonhangaba, Piquete e, principalmente, Taubaté. Isto gerou empecilho relevante, o que fez imprimir um ritmo intenso na aplicação do instrumento dentro de um horário determinado que comprimiu o trabalho de abordagem.

---

<sup>374</sup> Para maiores informações sobre o questionário, ver Anexo P.

O questionário foi dividido em quatro partes. Do total de dezesseis questões integrantes as quatro primeiras trataram de construir um perfil social do devoto ao Divino Espírito Santo abordando as seguintes variáveis:

- Gênero;
- Faixa etária;
- Estado civil e,
- Grau de instrução.

A segunda parte do questionário abrangeu duas questões de natureza geográfica. A primeira delas se deteve em registrar a procedência do entrevistado, podendo ser do perímetro urbano ou da zona rural. Esta é uma questão crucial porque pode revelar a projeção da Festa do Divino Espírito Santo no espaço rural cunhense. O fato de a Casa da Festa se localizar no perímetro urbano faz com que as populações rurais tenham que realizar um deslocamento deveras penoso e demorado até a cidade. O deslocamento pode sofrer efeitos complicadores em decorrência de dias com chuva, o que prejudica as estradas de terra, e de condições climáticas mais adversas, como as trazidas pelo frio, fator comum durante o mês de Julho. A segunda questão de natureza geográfica indagou sobre o bairro de residência do devoto.

A seguir, na terceira parte, cinco questões se debruçaram acerca da construção do perfil da religiosidade dos entrevistados através de cinco variáveis, quais sejam:

- Religiosidade (manifestação de crença ou não em alguma religião);
- Religião manifestada (em caso afirmativo no primeiro item);
- Prática religiosa;
- Devoção a uma santa ou santo e,
- Identificação da santa ou santo.

A última parte contou com cinco questões inerentes à Festa do Divino Espírito Santo. A primeira questão procurou identificar a forma através da qual o devoto se desloca até a Casa da Festa. Trata-se de uma questão que também poderia se encontrar no fragmento pertencente ao quadro geográfico do fiel. Optou-se em trazer esta questão para junto das atividades ligadas à Casa da Festa durante o Dia da Festa. A questão seguinte perguntou ao devoto se a ida à Casa da Festa em 2009 fora sua primeira visita ao local. A terceira questão se deteve na identificação de contribuições do devoto, através de prendas (alimentos como arroz, feijão, macarrão, molho de tomate etc. ou animais provenientes de criações como aves, bezerros,

leitoas, novilhas e vacas) ou através de dinheiro aos festeiros do referido ano. As duas últimas, por fim, objetivaram averiguar se o devoto do Divino Espírito Santo tem conhecimento de graça obtida por meio de promessa feita por amigos, conhecidos ou familiares, e também se foram feitas em caráter pessoal.

No que diz respeito ao gênero a amostra entrevistada apresenta equilíbrio em relação às duas categorias: feminino e masculino. No caso da primeira categoria a participação no total da amostra foi de 49%, sendo que o sexo masculino respondeu por 51% das respostas. Uma observação mister se faz registrar: durante o trabalho de campo houve o fechamento de cotas para o sexo dos entrevistados. No entanto procurou-se efetuar as abordagens de forma a equilibrar aleatoriamente os valores correspondentes aos dois gêneros, o que de fato acabou ocorrendo, com a preocupação de se retratar o quadro, também de equilíbrio, da população brasileira. As condições adversas do trabalho de campo referente à Festa do Divino Espírito Santo não impediram o fechamento da cota por gênero.

Tabela 52 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização social: Sexo (%)

Feminino	49
Masculino	51
TOTAL	100

Amostra: 100.

A faixa etária consistiu o segundo item dentro da caracterização social. Conforme demonstra a tabela seguinte houve um predomínio visível da população adulto-jovem. Aproximadamente 70% da amostra se encontram nesta classificação, pois se for efetuada a soma de 20% referentes à população de 21 a 30 anos mais 29% pertencentes ao grupo de 31 a 40 anos acrescidos com 19% da população de 41 a 50 anos o valor obtido chegará aos 68%. Apenas 7% do total da amostra se encontram no rol de pessoas entre 16 a 20 anos. Ainda em relação à faixa etária 10% do total estão situados entre 51 e 60 anos, ao passo que 13% estão entre 61 e 70 anos e apenas 2% têm mais de 70 anos de idade.

Tabela 53 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização social:  
Faixa etária (%)

16 a 20	07
21 a 30	20
31 a 40	29
41 a 50	19
51 a 60	10
61 a 70	13
mais de 70 anos	02
TOTAL	100

Amostra: 100.

No quesito concernente ao estado civil ampla maioria da amostra encontra-se na categoria referente aos casados (64%); 20% da amostra afirmaram ser solteiros e apenas 10% viver com companheira ou companheiro. Apenas 6% da amostra afirmaram ser viúva ou viúvo. A representatividade significativa dos fiéis casados reflete a importante dimensão que esta categoria de estado civil assume na Festa do Divino. Isto porque o grupo de festeiros é constituído por casais formados, geralmente casados sob os ritos matrimoniais da Igreja Católica, não abrindo espaços para outras formas de agrupamentos como acompanhados, celibatários ou homossexuais, independente do sexo. A frequência de casados que participam da oferta do afogado reproduz este elemento tradicional, constituinte de dogmas da Igreja Católica na Festa do Divino Espírito Santo de Cunha.

Tabela 54 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização social:  
Estado civil (%)

1. Casado(a)	64
2. Solteiro(a)	20
3. Companheiro(a)	10
4. Viúvo(a)	06
5. Divorciado(a)/Separado(a)	-
TOTAL	100

Amostra: 100.

Quanto ao grau de instrução 69% do total da amostra não chegou a concluir o ensino fundamental. Deste total 32% não terminaram o antigo ensino primário, agora conhecido como ensino fundamental I, tendo em vista que 37% cursaram ao menos um ano o ensino fundamental não tendo finalizado este ciclo; 10% do total da amostra concluíram o ensino fundamental e 19% finalizaram o ensino médio sem ter

conseguido concluir o ensino superior. Apenas 2% do total da amostra têm ensino superior completo. Trata-se, portanto, de um quadro de escolaridade muito depreciado, ocasionando mão-de-obra pouco qualificada e acentuando as características de um município tradicionalmente rural com ocupações no mercado de trabalho que não exigem escolaridade.

Tabela 55 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização social:  
Grau de instrução (%)

Analfabeto-4ª série do Ensino Fundamental incompleta	32
4ª série do Ensino Fundamental completa-8ª série do Ensino Fundamental incompleta	37
8ª série do Ensino Fundamental completa-3ª série do Ensino Médio incompleta	10
3ª série do Ensino Médio completa-Ensino Superior incompleto	19
Ensino Superior completo	02
TOTAL	100

Amostra: 100.

Neste quesito do questionário observa-se um relativo equilíbrio entre a presença de entrevistados que são moradores da cidade de Cunha (58%) e da zona rural (42%). Empiricamente o que se percebeu com razoável evidência foi o aumento gradativo de entrevistados procedentes da zona rural com o passar das horas de aplicação do questionário. Das primeiras horas de trabalho até o final da manhã e início da tarde a presença de entrevistados provenientes do espaço agrário cunhense apresentou um aumento constante, corroborando para se atentar quanto às dificuldades do deslocamento deste contingente para a Casa da Festa.

Embora a distribuição da população cunhense, pela primeira vez na História, demonstre, desde o início do Século XXI que o contingente urbano ultrapassou o rural, a caracterização geográfica do devoto ao Divino Espírito Santo (através dos 42% obtidos pelos residentes da zona rural) traz a importância do meio rural como espacialidade das culturas subalternas em relação à devoção e à louvação. Este valor, mesmo estando inferior aos quase 60% relativos à parcela residente na área urbana, é considerado expressivo também pela distância e pelas condições deficientes do transporte. Isto especialmente levando-se em conta a presença da Folia do Divino, atuante em um dos setores do espaço rural cunhense na porção Sul do território, sentido Paraty.

Tabela 56 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização geográfica:  
Região de residência (%)

1. Cidade – área urbana	58
2. Roça – zona rural	42
TOTAL	100

Amostra: 100.

Dentre os bairros de residência dos devotos foram identificados treze urbanos e vinte e oito rurais. Esta diferença aponta para a dispersão da população cunhense em aglomerações variadas, fator marcante e edificador da historicidade de Cunha conforme fora destacado em outras partes desta pesquisa, ao contrário de uma relativa concentração populacional inerente ao espaço urbano que, em muitos casos, deprecia os recursos naturais em prol de ações especulativas. Em relação às aglomerações urbanas citadas aparecem com destaque bairros próximos à Casa da Festa como Várzea do Gouveia, o primeiro bairro colocado com 10% das respostas, e Areião, com 8%. Em seguida surgem os aglomerados do Cajuru e do Falcão, ambos com 7% em relação ao total da amostra, e Alto do Gouveia com 5%. Três bairros empatam com 4%: Alto do Jovino, Centro e Parque Nova Cunha, empreendimento recente e situado na porção Sul da área urbana. Alto do Cruzeiro e Motor obtiveram 3% das respostas cada. Com apenas 1% de respostas estão também três bairros: Alto da Roseira, Estrada Velha e Vila Rica.

Tabela 57 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização geográfica:  
Bairro de residência na área urbana (%)

1. Várzea do Gouveia	10
2. Areião	08
3. Cajuru	07
Falcão	07
5. Alto do Gouveia	05
6. Alto do Jovino	04
Centro	04
Parque Nova Cunha	04
9. Alto do Cruzeiro	03
Motor	03
11. Alto da Roseira	01
Estrada Velha	01
Vila Rica	01
TOTAL	58

Amostra: 100.



A tabela a seguir apresenta os vinte e oito bairros rurais citados. Jacuí e Jardim aparecem nas primeiras posições com 5% e 4% respectivamente. O bairro da Catióca surge em terceiro lugar com 3% do total de respostas. Em seguida cinco bairros despontam com 2%: Cedro, Jaguarão, Paraitinga, Sapé e Várzea do Tanque. Nada menos do que vinte bairros aparecem com 1% em relação ao total da amostra. A análise não deve se ater apenas na mera relação das aglomerações rurais, mas apontar para o fato de que, por detrás destas menções, encontra-se subentendido o trabalho de coleta promovido pelos festeiros e pelos coordenadores de cada bairro, além da participação da Folia do Divino Espírito Santo.

Tabela 58 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização geográfica:  
Bairro de residência na zona rural (%)

1. Jacuí	05	Itaquatuba	01
2. Jardim	04	Jacuí-Mirim	01
3. Catióca	03	Macuco	01
4. Cedro	02	Monjolo	01
Jaguarão	02	Paineira	01
Paraitinga	02	Paiol Velho	01
Sapé	02	Paiolzinho	01
Várzea do Tanque	02	Quilombinho	01
9. Aparição	01	Retiro da Saudade	01
Bananal	01	Samambaia	01
Barra do Chico do Lau	01	Santa Bárbara	01
Canjara	01	Sertãozinho	01
Capoeira do Fundo	01	Sítio Velho	01
Divisa	01	Várzea do Joaquim Rosa	01
TOTAL			42

Amostra: 100.

A caracterização quanto aos aspectos religiosos da amostra se iniciou através da indagação aos cem entrevistados sobre o fato de possuírem ou não religião, ou seja, se seguem uma determinação teológica específica. A quase totalidade da amostra (95%), afirma possuir religião, ao passo que apenas 5% da mesma afirmaram o contrário segundo o levantamento realizado.

Tabela 59 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização religiosa:  
Possui religião? (%)

1. Sim	95
2. Não	05
TOTAL	100

Amostra: 100.

Do total de 95% da amostra que afirmam possuir alguma religião, 91% em relação ao total geral das entrevistas afirmaram ser Católicos Apostólicos Romanos. É a religião predominante dos devotos na Festa do Divino Espírito Santo. Apenas 3% da amostra revelaram seguir a religião Metodista. Boa parte destes informou ter cônjuges católicos, sendo esta uma das principais motivações da presença dos metodistas entrevistados na Festa do Divino. Apenas 1% da amostra afirmou seguir religião evangélica.

Tal constatação fortalece uma das identidades culturais da Festa do Divino Espírito Santo: o caráter católico permeado por uma tradição secular desde os primórdios do Brasil Colônia. Trata-se, sem sombras de dúvidas, de relevante característica que não foi abalada durante os séculos; uma Festa Católica, forjada sob a terceira figura da Santíssima Trindade e edificada pelas tradições religiosas europeias em sintonia com o Estado Moderno português. A acentuada presença de católicos na Casa da Festa subsidia esta identidade cultural não deixando arestas acerca de tal influência.

Tabela 60 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização religiosa:  
Religião manifestada (%)

1. Católica	91
2. Metodista	03
3. Evangélica	01
4. Adventista	-
Espírita	-
Outras	-
TOTAL	95

Amostra: 100.

Sobre a prática religiosa a tabela a seguir demonstra que metade do total da amostra, 50%, manifesta praticar a religião manifestada, ao passo que 40% revelam uma prática esporádica e apenas 5% afirmam não praticar a religião citada.

Tabela 61 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização religiosa:  
Prática religiosa (%)

1. Sim	50
2. Às vezes	40
3. Não	05
TOTAL	95

Amostra: 100.

A devoção a alguma santa ou santo, questão elaborada a toda amostra independente da religião manifestada, é tratada na tabela a seguir. A grande maioria da amostra, 83%, é devota de alguma entidade canonizada pela Igreja Católica, tendo em vista que 17% da amostra não porta esta devoção. O registro de 91% de católicos na amostra traz influências marcantes diante desta questão. A totalidade dos entrevistados que afirmam ter devoção são católicos. Esta conduta não é aceita em religiões como a evangélica ou a metodista, que, iconoclastas, repulsam a veneração de imagens.

Tabela 62 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização religiosa:  
Devoção a santa ou santo (%)

1. Sim	83
2. Não	17
TOTAL	100

Amostra: 100.

Dentre as entidades citadas de forma espontânea, traduzidas como devoção dos fiéis do Divino Espírito Santo, merece destaque o índice expressivo de 67% obtido por Nossa Senhora Aparecida. A devoção ao próprio Divino Espírito Santo, manifestada por 17% em relação ao total da amostra, embora dentro da própria Festa do Divino, foi considerada para fins de análise, constando em segundo lugar. A seguir, na terceira posição, desponta Santo Expedito com 5%. Santa Terezinha surge na quarta colocação com 3% e Nossa Senhora de Fátima na quinta com 2%. Seis entidades obtiveram 1% das respostas cada: Frei Galvão; recentemente canonizado e nascido no município vizinho de Guaratinguetá, Nossa Senhora da Conceição; padroeira da Estância Climática de Cunha, cuja Festa em louvor ocorre anualmente no dia 8 de Dezembro, feriado municipal, Nossa Senhora do Terço; Santa Rita de Cássia; São Benedito; tradicional santo louvado por afro-descendentes e entidade que também dá nome à Igreja do Rosário, conhecida na Festa do Divino como Casa do Império e, finalmente, São José, conhecido também como São José da Boa Vista; santo cuja

Festa também é muito conhecida em Cunha, ocorrida em 19 de Março, feriado municipal. Esta Festa é celebrada na Igreja Jesus, Maria e José da Boa Vista local que, durante a Festa do Divino, funciona como centro de transição de animais e de outras prendas que são coletadas na zona rural e, a seguir, acomodadas no local. Durante a Novena do Divino os animais são levados até a Casa da Festa para serem vendidos.

O índice significativo que retrata a considerável devoção à Padroeira do Brasil dentre os devotos do Divino Espírito Santo em Cunha assinala para dois aspectos. Primeiramente pela presença desta fé em um município próximo ao Santuário Nacional de Aparecida, demonstrando a influência do culto à Virgem Maria. Em segundo lugar pela marcante vinculação entre Nossa Senhora Aparecida, representada como uma santa negra, e o Divino Espírito Santo. Tal fator é comprovado na Festa do Divino não apenas diante do resultado obtido pelo levantamento de campo, mas complementarmente a partir da análise do rito simbólico de início desta celebração no primeiro dia da Novena, quando a imagem de Nossa Senhora é trazida de Aparecida e acolhida pelo pároco da Matriz de Nossa Senhora da Conceição junto da Casa do Império. Trata-se de uma vinculação plena do Divino Espírito Santo com a louvação a Nossa Senhora Aparecida, refletindo-se na devoção dos fiéis que foi manifestada de modo acentuado pelo levantamento empírico. A devoção e a fé nestas duas entidades se justapõem sem causar necessariamente uma aniquilação de uma delas; ao contrário surge uma equiparação relativamente harmônica.

Tabela 63 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização religiosa: Santas e santos citados (respostas múltiplas e espontâneas - %)

1. Nossa Senhora Aparecida	67
2. Divino Espírito Santo*	17
3. Santo Expedito	05
4. Santa Terezinha	03
5. Nossa Senhora de Fátima	02
6. Frei Galvão	01
Nossa Senhora da Conceição	01
Nossa Senhora do Terço	01
Santa Rita de Cássia	01
São Benedito	01
São José	01
TOTAL	100

Amostra: 100.

\*As menções ao Divino Espírito Santo foram consideradas e tabuladas.

\*\*O valor “100” obtido com a somatória das categorias na presente tabela foi mera coincidência tendo em vista que 87% da amostra manifestaram devoção a um santo ou santa e que as respostas eram múltiplas. A soma, portanto, poderia estar acima ou abaixo do sobredito valor.

Em relação ao acesso à Casa da Festa, atributo tratado pela próxima tabela, 49% dos entrevistados se deslocaram através do uso do automóvel. Em seguida, com 46% do total da amostra, aparece a modalidade *a pé*. Somadas, as duas primeiras categorias desta variável totalizam 95% dos deslocamentos. Apenas 4% deslocaram-se utilizando moto e 1% da amostra utilizando ônibus.

A caminhada foi observada como meio preponderante, sobretudo em entrevistados que residiam em bairros próximos da Casa da Festa, como Areião e Várzea do Gouveia. Porém mesmo no espaço rural é possível ainda encontrar esta modalidade de transporte não motorizado e fundamentado na energia corporal. Um dos entrevistados, procedente de um dos bairros rurais de Cunha, afirmou ter caminhado mais de uma hora de sua residência até a Casa da Festa.

Diante disto outro fator, paradoxal, é trazido à tona: o desaparecimento da carroça e do cavalo como meios de transporte típicos da zona rural, mas que também eram utilizados em razoável escala no meio urbano, dando lugar aos meios motorizados como os caminhões, as motos e os próprios automóveis. Com a extinção da tração animal é observada nos deslocamentos rurais a modalidade da carona, pois durante a aplicação dos questionários, em muitos casos, o devoto que vinha de automóvel o fazia graças a este recurso. Contudo não se pode afirmar que esta prática representa o afloramento de traços de solidariedade. Moradores de bairros rurais que não possuem condução própria e que não são servidos por serviços de transporte coletivo, deficientes e precários ao extremo, chegam a pagar quantias abusivas para vizinhos motorizados pelo transporte.

Tabela 64 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização da Festa:  
Acesso à Casa da Festa (%)

1. Automóvel	49
2. A pé	46
3. Moto	04
4. Ônibus	01
5. Bicicleta	-
Carroça	-
Cavalo	-
Outros	-

TOTAL	100
-------	-----

Amostra: 100.

Acerca de aspectos presentes na caracterização da Festa do Divino Espírito Santo, a próxima tabela trata da ida dos devotos à Casa da Festa ao indagar se o entrevistado já havia, em outros anos, comparecido ao sobredito recinto durante o afogado, ou se aquele comparecimento relativo à Festa de 2009 era o primeiro. A quase totalidade da amostra, 91%, afirmou que já havia visitado a Casa da Festa em outros anos. Muitos devotos, inclusive, argumentaram que comparecem há anos à Casa da Festa. Um deles afirmou estar presente há mais de vinte anos. Além do grau acentuado de catolicismo a Festa do Divino Espírito Santo deixa revelar a fidelidade do devoto, pois o valor referente à primeira visita atinge somente 9% do total geral da amostra.

Tabela 65 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização da Festa:  
Primeira visita à Casa da Festa? (%)

1. Sim	09
2. Não	91
TOTAL	100

Amostra: 100.

A análise do quesito referente à contribuição dos festeiros revela índice expressivo de auxílio dos devotos para a realização da Festa do Divino. Dentre os entrevistados 87% afirmaram que contribuíram de alguma forma com os festeiros da Festa do Divino em 2009, seja em dinheiro ou através de prendas – alimentos, animais de criação etc. Este valor demonstra sólida disposição do devoto para ajudar a realizar a Festa. Boa parcela dos entrevistados afirmou, de modo espontâneo, contribuir todos os anos. Mesmo em relação aos 13% do total da amostra que revelaram não ter contribuído, parte significativa destes argumentou que os festeiros ou o grupo da Folia não havia percorrido suas respectivas residências. A falta de contribuição nestes casos, portanto, não se deu por desinteresse ou por falta de motivação.

Tabela 66 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Caracterização da Festa:  
Contribuição com os festeiros (%)

1. Sim	87
2. Não	13
TOTAL	100

Amostra: 100.

A obtenção de graças obtidas por meio de promessas ao Divino Espírito Santo é fato incontestável. Praticamente todos os entrevistados afirmaram ter conhecimento de que tal episódio ocorre em Cunha. Porém maioria significativa, 73%, não soube apontar de fato um amigo, conhecido ou familiar de modo específico. Do total geral da amostra apenas 23%, menos de um quarto, souberam de alguém, integrante do rol de convívio social, que havia obtido tal graça.

Tabela 67 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Devoção ao Divino: Graça e promessa de amigo, conhecido ou familiar (%)

1. Sim	27
2. Não	73
TOTAL	100

Amostra: 100.

A próxima variável, representada na tabela a seguir, é muito semelhante à variável tratada na tabela anterior. O tema também é a obtenção de graça pelo Divino Espírito Santo por meio de promessa. A diferença é que neste caso trata-se de uma graça pessoal e não do conhecimento do devoto. Desta forma os valores não se alteraram, demonstrando certa coerência das respostas. Do total geral da amostra 28%, pouco menos de um terço da mesma, revelaram já ter alcançado alguma graça do Divino Espírito Santo, ao passo que 72% da amostra afirmaram o contrário.

Promessas em geral, sejam das mais variadas naturezas, afastando maus olhados, pedindo por melhoria nas condições de saúde, solicitando um emprego etc. sempre se encontram em um universo pessoal, de foro íntimo, constantemente zelado pelo devoto, portador de discrição e de fidelidade. É possível que esta característica eminentemente introspectiva e resguardada tenha impedido o aparecimento de valores mais acentuados, tanto em relação ao conhecimento de graças no nível social como no nível particular.

Tabela 68 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Devoção ao Divino: Graça e promessa pessoal (%)

1. Sim	28
2. Não	72
TOTAL	100

Amostra: 100.

Neste trecho da análise dar-se-á ênfase a dois cruzamentos que foram realizados, ambos tratando da contribuição dos devotos, que é uma forma efetiva e

objetiva de atestar o compromisso do fiel com a entidade religiosa em questão e com a realização da Festa. É na participação plena dos núcleos receptores que se revela um dos traços marcantes das culturas subalternas como sistemas de comunicação das classes populares.

O primeiro cruzamento traz informações acerca da faixa etária dos devotos; o segundo cruzamento trata do grau de escolaridade, ambos relacionados com a contribuição aos festeiros para a Festa do Divino de 2009. Os cruzamentos de variáveis se tornam viáveis quando se dão valores significativos nas categorias retratadas. No caso dos questionários aplicados na Festa do Divino Espírito Santo algumas destas variáveis apresentaram poucas oscilações em suas respectivas categorias, o que certamente enrijece eventual cruzamento com outra variável. Como exemplos podem ser citados os casos referentes às seguintes variáveis:

- Estado civil: apresenta uma concentração de 64% da amostra na categoria casado; esta, somada aos solteiros (20%), totaliza 84%;
- Grau de instrução: as duas categorias com menos qualificação, referentes aos analfabetos ou os que não concluíram o ensino primário (32%) e aos que não concluíram o ensino fundamental (37%), somam 69% do total da amostra;
- Religião manifestada: a quase totalidade dos entrevistados da amostra, 91%, afirmaram ser católicos, e
- Acesso à Casa da Festa: 95% da amostra estão concentradas em apenas duas categorias (automóveis: 49%; e a pé: 46%).

Para uma análise rigorosa é necessário levar em consideração a frequência das respostas em relação a cada uma das faixas etárias. Assim, as faixas situadas nas extremidades da tabela, a jovem de 16 a 20 anos e a idosa, representando os entrevistados com mais de 70 anos, apresentam recorrências relativamente baixas: respectivamente 7% e 2% apenas. Isto faz com que seja interessante para fins de análise considerar as faixas intermediárias, que abrangem dos 21 aos 70 anos de idade, perfazendo 91% do total de respostas conforme tabela correspondente analisada anteriormente.

Conforme pode ser observado os índices de contribuição estão extremamente altos em todas as faixas, em especial naquelas acima de 51 anos de idade referentes à população adulta e idosa em que o valor atingido foi 100%. No fragmento pertencente à



população jovem, de 16 a 20 anos, a contribuição aos festeiros atingiu 86%, o mesmo valor da faixa dos 31 aos 40 anos e três pontos percentuais abaixo da faixa dos 41 aos 50 anos (89%). É preciso, diante dos dados expostos, destacar a faixa etária dos 21 aos 30 anos de idade, a qual o índice de contribuição atingiu o menor valor dentre as categorias: 70%, embora ainda elevado, sendo que 30% da amostra nesta faixa não contribuiu com os festeiros para a Festa do Divino em 2009.

É preciso retomar a argumentação referente ao caráter alienado e difuso de parcela da população jovem em relação às festas populares, a começar pela real motivação que leva esta parcela da população a freqüentar o ambiente festivo. No Dia da Festa, na aplicação do questionário durante o oferecimento do afogado, foram avistados jovens segurando latinhas de cerveja dentro do recinto. O fato de a venda de bebidas alcoólicas ser expressamente proibida no Dia da Festa, assim como o oferecimento das mesmas durante o processo de organização ao longo do ano, não impede que segmentos da população possam adquirir os produtos em estabelecimentos comerciais na região lindeira da Casa da Festa. Tal episódio acabou ocorrendo.

Tabela 69 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Cruzamento:  
Faixa etária pela contribuição aos festeiros (%)

Contribuição Faixa etária	Sim	Não	Sim	Não
	F*	%	F*	%
16 a 20	06	86	01	14
21 a 30	14	<b>70</b>	06	<b>30</b>
31 a 40	25	86	04	14
41 a 50	17	89	02	11
51 a 60	10	100	-	-
61 a 70	13	100	-	-
mais de 70	02	100	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>631</b>	<b>13</b>	<b>69</b>

Amostra: 100.

\*Frequência de respostas em relação ao total da amostra.

A relação da contribuição aos festeiros com a área de residência dos devotos ao Divino traz uma razoável diferença entre o comportamento dos mesmos da área urbana e da zona rural. Do total de entrevistados da área urbana, 81% - índice expressivo - afirmaram ter contribuído com os festeiros, ao passo que 19% não ajudaram independente do motivo. O quadro da zona rural demonstra algumas importantes oscilações. Em primeiro lugar revela um grau de participação maior de

seus habitantes, pois o índice de auxílio para a Festa do Divino chegou a 95% em relação ao total das respostas. Apenas em duas entrevistas os devotos afirmaram que não haviam contribuído. Os dois entrevistados não contribuintes na zona rural são provenientes dos bairros Jacuí e Santa Bárbara.

Embora os valores referentes à ajuda aos festeiros sejam altos em ambos os casos, a diferença encontrada entre a área urbana e a zona rural não é desprezível e, de certo modo, é de suma importância para a análise das festas populares como objetos de estudo. Os valores, 19% e 5%, referentes aos índices de não contribuição respectivamente da área urbana e da zona rural, expressam uma diferença de praticamente quatro vezes. Ademais, a ruralidade tem sido um importante fator de coesão dos grupos sociais, do Brasil e de Cunha, e um imprescindível legado por meio do qual se dão práticas subalternas portentosas e merecedoras de pesquisas e publicações.

Tabela 70 – Festa do Divino Espírito Santo 2009 – Cruzamento:  
Região de residência pela contribuição aos festeiros (%)

Contribuição	Sim	Não	Sim	Não
Área				
	F*	%	F*	%
Área urbana	47	81	11	<b>19</b>
Zona rural	40	<b>95</b>	02	05
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>176</b>	<b>13</b>	<b>24</b>

Amostra: 100.

\*Frequência de respostas em relação ao total da amostra.

Além das tabelas que integram a correlação das perguntas contidas no questionário, optou-se, da mesma forma como na análise relativa à Festa do Pinhão, pela construção de um quadro sintético contendo as variáveis integrantes da pesquisa de campo com as principais características correspondentes às mesmas atendo-se, sobretudo, às justificativas mediante a mensuração das respostas da amostra.

## **Análise qualitativa da aplicação do questionário – Festa do Divino Espírito Santo**

Esta análise parte das seguintes variáveis:

- Sexo: Equilíbrio entre os gêneros feminino e masculino, reproduzindo semelhança com o perfil populacional brasileiro. A distribuição eqüitativa entre as duas categorias nesta variável repete situação verificada na Festa do Pinhão, justificando-se pelas mesmas razões: o perfil demográfico.
- Idade: Predomínio de devotos adultos-jovens; relativa participação de pessoas de jovens e de idosos. Esta predominância se explica pela devoção católica se dar em categorias com esta faixa etária, havendo diminuta participação de contingentes jovens.
- Estado civil: Festa marcadamente freqüentada por casados; relativa participação de solteiros e presença não significativa de viúvos. Tal situação reproduz a importância da família tradicionalmente constituída, fator amplamente defendido pelas hostes da Igreja Católica.
- Grau de instrução: Grande parte da amostra não concluiu o ensino fundamental; amostra com ensino superior incompleto é razoável e com ensino superior completo desprezível. A prevalência desta categoria se relaciona com o nível econômico. O perfil da amostra, sem o turista, condiciona este fator, denunciando a precária formação educacional da população brasileira e cunhense.
- Região de residência: Maioria reside no espaço urbano, embora a amostra apresente contingente significativo de moradores da zona rural. A participação majoritária da população urbana na amostra é testemunho da inversão populacional verificada em Cunha no início do Século XXI, quando os habitantes do perímetro urbano passaram a ser em maior número.
- Religião: Prevalência absoluta da Católica Apostólica Romana. O fato se explica como comprovação da identidade religiosa da Festa do Divino, presente há séculos nesta manifestação desde sua origem em Portugal.

- Prática religiosa: Certa distribuição entre prática e prática esporádica com predomínio para a primeira categoria. A presença significativa, embora não majoritária, da prática esporádica demonstra haver relativo declínio da assiduidade nas celebrações eucarísticas, motivado também pela presença de outras igrejas cristãs neste segmento populacional. A influência de outros afazeres no âmbito do tempo livre, que necessitam de análises mais debruçadas, também explica este fator.

- Devoção: Acentuada devoção a Nossa Senhora Aparecida sem comparação com qualquer outra divindade. A vinculação entre Nossa Senhora Aparecida e o Divino Espírito Santo está concretizada nos atos iniciais da Festa. Ademais, a influência de Aparecida, dada a proximidade com Cunha, é fator marcante para tal fato.

- Acesso à Casa da Festa: Participação concentrada no automóvel e no deslocamento a pé. O destaque auferido no uso do automóvel não foi maior devido às dificuldades de acesso das populações rurais em face do alto preço de aquisição.

- Ida à Casa da Festa: Significativa parcela da amostra comparece com frequência à Casa da Festa para o afogado. A devoção dos fiéis comprova que o comparecimento não é fugaz ou ocasional. Esta situação é justificada pelo comprometimento devocional dos fiéis neste momento capital da Festa.

- Contribuição aos festeiros: Da mesma forma parcela majoritária dos entrevistados afirmaram ter contribuído com os festeiros para a Festa do Divino Espírito Santo de 2009. A elevada parcela de contribuições é outra característica de confirmação do elevado teor de fidelidade dos participantes que se sentem como protagonistas da Festa.

- Conhecimento de graça obtida por promessa: Tanto no nível pessoal como no nível da vivência social a parcela da amostra que afirma ter conhecimento de graças recebidas pela devoção ao Divino não representa maioria da amostra mas, ao mesmo tempo, não é desprezível. Nos levantamentos de campo anteriores à aplicação do questionário era comum ouvir por parte dos fiéis ao Divino Espírito Santo o conhecimento de tais promessas. Este fato não repercutiu com a mesma intensidade quando da aplicação destas entrevistas. Muitos dos entrevistados não se lembram, dentro do curto intervalo de tempo de aplicação dos questionários (alguns minutos) de

tais eventos. Certamente, ao lado de familiares e de amigos os casos aparecem e a memória faz com que sejam lembrados.

### Breve Comparação entre as Festas Estudadas

Diante dos dois levantamentos realizados torna-se possível elaborar comparações de ambos por meio de três variáveis investigadas no campo: gênero, faixa etária e grau de instrução. A tabela a seguir concernente ao gênero aponta para um equilíbrio entre as variáveis (feminina e masculina) em ambos os levantamentos. Este quadro é resultado de preocupação metodológica para que nas festas estudadas as amostras correspondentes possam oferecer um panorama próximo à realidade brasileira quanto à estrutura da população relativa ao sexo. Durante a aplicação dos questionários na Festa do Pinhão e na Festa do Divino Espírito Santo, por razões já expostas, adotou-se cota fechada para este quesito, sendo que os resultados obtidos foram semelhantes. Desta sorte não há diferenças relevantes entre as duas festividades, havendo somente uma ligeira oscilação nas categorias feminina e masculina, conforme demonstra a tabela a seguir.

Tabela 71 – Festa do Divino Espírito Santo e Festa do Pinhão:  
Quadro comparativo de gênero

Festa /	Festa do Divino	Festa do Pinhão
Gênero	%	%
Feminino	49	51
Masculino	51	49
TOTAL	100	100

Amostra: 200.

A variável relacionada com a faixa etária traz pequenas oscilações em relação às duas festas estudadas. No entanto as categorias entre 21 e 50 anos de idade, que abrangem a população adulto-jovem, respondem por 68% da amostra da Festa do Divino e por 72% da amostra da Festa do Pinhão. Trata-se, assim, de uma diferença de apenas 4%, revelando que a estrutura etária dos levantamentos destas festas é semelhante. A mesma análise, subsidiando esta semelhança, pode ser feita em relação às categorias com mais de 50 anos. Os valores novamente estão muito próximos: 25% da amostra referente à Festa do Divino e 26% referente à Festa do Pinhão; uma diferença mínima de 1%.

Tabela 72 – Festa do Divino Espírito Santo e Festa do Pinhão:  
Quadro comparativo de faixa etária

Festa / Faixa Etária	Festa do Divino	Festa do Pinhão
	%	%
16 a 20	07	02
21 a 30	<b>20</b>	<b>18</b>
31 a 40	<b>29</b>	<b>27</b>
41 a 50	<b>19</b>	<b>27</b>
51 a 60	10	20
61 a 70	13	06
mais de 70	02	NA
TOTAL	100	100

Amostra: 200.  
NA: Não se aplica.

Diferentemente das duas variáveis anteriores a observância cautelosa da escolaridade traz significativas abordagens, dando características distintas aos públicos das duas festas. Para se ter idéia de tal discrepância 69% da amostra da Festa do Divino Espírito Santo está enquadrada nas duas primeiras categorias relativas à escolaridade, sendo que 32% não concluíram a 4ª série do ensino primário e 37% a 8ª. Em relação à Festa do Pinhão o valor não ultrapassa 4%, consolidando uma diferença de 65% entre as amostras. De modo coerente, a análise da outra ponta da tabela também revela tamanha desproporção. Se 53% da amostra constituinte da Festa do Pinhão concluíram o ensino superior, apenas 2% da amostra relativa à Festa do Divino procederam da mesma forma. A diferença neste caso é menos agressiva, embora ainda portadora de considerável eloquência: 51%.

Tabela 73 – Festa do Divino Espírito Santo e Festa do Pinhão:  
Quadro comparativo de escolaridade

Festa / Grau de Instrução	Festa do Divino	Festa do Pinhão
	%	%
Analfabeto-4ª série do Ensino Fundamental incompleta	32	-
4ª série do Ensino Fundamental completa-8ª série do Ensino Fundamental incompleta	37	04
8ª série do Ensino Fundamental completa-3ª série do Ensino Médio incompleta	10	03
3ª série do Ensino Médio completa-Ensino Superior incompleto	19	40
Ensino Superior completo	02	53
TOTAL	100	100

Amostra: 200.

Estudos minuciosos de caráter quantitativo acerca das festas populares são instrumentos que passam a contar com considerável valor como contribuição metodológica para o enfoque destes objetos de estudo assim como para proceder a uma análise debruçada sobre problemática em torno da identidade cultural visando uma transformação da realidade. Como exemplos a serem citados, dentro e fora do contexto brasileiro, estão os resultados relativos ao *Projeto Identidade Cultural e Cidadania*, realizado pelo CELACC<sup>375</sup>, que se debruçou sobre a problemática do turismo e da gestão cultural no Vale do Paraíba, e a pesquisa de Pós-Doutorado realizada por Maria Nazareth Ferreira quando dos estudos das festas populares italianas.

Por fim os dados analisados relativos à instrução passam a confirmar algumas das diferenças entre o turista freqüentador da Festa do Pinhão e o devoto, residente na Estância Climática de Cunha, partícipe da Festa do Divino Espírito Santo. Disparidades econômicas e sociais são desvendadas na medida em que os dados meramente quantitativos passam a se constituir em informações relevantes, outrora escamoteadas. Embora o levantamento socioeconômico não tenha sido realizado na Festa do Divino por razões descritas, a instrução evidencia esta discrepância entre os dois públicos. Esta característica se relaciona com a própria gestão destes dois eventos: a Festa do Pinhão sendo organizada dentro de um apelo turístico, angariando o *trade* de pousadas e restaurantes, muitos destes estabelecimentos com gestores que migraram a Cunha, e a Festa do Divino, protagonizada pela ação articulada entre Igreja, festeiros e devotos, sendo construída dentro da cotidianidade e da historicidade cunhense.

---

<sup>375</sup> FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) *Projeto Identidade Cultural e Cidadania: O Potencial das Cidades Históricas para o Turismo*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 1999.

FERREIRA, Maria Nazareth. *Considerações sobre o Turismo e o Ressurgimento do Vale Histórico*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) *A Tradição e seu Significado para o Turismo Cultural: O Vale do Paraíba*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 1999, p. 43-65.

\_\_\_\_\_. *As Festas Populares na Expansão do Turismo – A experiência italiana*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação entre sujeito e objeto é fator substancial para impregnar a pesquisa acadêmica de engajamento, de forma a construir ao longo do processo de reflexão e de interpenetração destas duas categorias metodológicas pontos de maturação concernentes à premente necessidade de transformação daquilo que foi pesquisado. A realidade encarada sob a perspectiva de mudança, na medida em que o porvir pode ser esboçado e o brilho da vida adquirir placidez e ressonância diante das carências e das aspirações do ser humano, faz com que o objeto de estudo também edifique relação estreita com dois outros elementos: os métodos de pesquisa e a fundamentação teórica. Estes tendem a desencadear uma gama de articulações nas quais muitos dos métodos são postos pelo objeto e outros revelados ao pesquisador mediante suas aspirações e condutas em sua perspicaz caminhada pela jornada científica. O objeto faz pensar e refletir acerca de outros e novos métodos, perfazendo conveniente aderência entre estas quatro partes fundamentais: sujeito, objeto, teoria e método.

A *mais-valia* extraída diante da derradeira sistematização de parcela do saber acumulado exigido pelo processo acadêmico, constituindo-se no concreto sensível a partir do objeto pensado, por mais formal que possa ser e se apresentar, é fator constituinte para a ampliação e alargamento do horizonte humano. A história se coloca nesta perspectiva mais como campo de possibilidades do que como campo de consumações. A cultura encarna uma vinculação com a sociedade civil e com a prática social, tecendo relações inquebrantáveis com a economia e com a política. Destarte a separação entre demanda e necessidade social, inerente aos grupos subalternos - de acumulação e lucro individual, facetas do modo capitalista - ganha obstinado lampejo.

Os dois objetos de estudo em questão, a Festa do Divino Espírito Santo e a Festa do Pinhão, convergiram para o entendimento das festas populares como promissores instrumentos de comunicação das classes subalternas. As alternativas construídas com o devir abrem caminho para o aparecimento de novas esperanças, ao mesmo tempo em que outras ressurgem, trazendo também as redes de sociabilidade e de subjetividade catalisadas pelos valores constituintes das festas populares.

Três dificuldades substanciais permearam esta pesquisa. A primeira deu-se na tentativa de obter informações pormenorizadas a respeito do movimento financeiro da



Festa do Divino Espírito Santo por parte de alguns festeiros e do pároco. Como toda a receita obtida, alcançada com labor e suor, é centralizada para o pagamento das despesas correntes e, em seguida, se direciona para a Paróquia, gerou-se relativo desconforto percebido durante algumas abordagens. Tal episódio contribuiu para disseminar uma faceta hegemônica, de natureza vertical, quanto à condução da Festa do Divino de Cunha.

Em um segundo momento, durante a aplicação do questionário fechado aos turistas, na Festa do Pinhão de 2009, assimilou-se uma atmosfera arredia e hostil dos gestores locais. Parte das abordagens, nas imediações da praça central Cônego Siqueira, ocorreu em frente à sede da Coordenadoria de Turismo. Esta percepção foi acompanhada de desinteresse e desdém pelo trabalho deste pesquisador. A mudança de administração<sup>376</sup> ocorreu no campo político e partidário, porém os processos de apropriação do poder e, principalmente, da administração cultural, não demonstraram mudanças. Algumas das mesmas estruturas de uso do Poder Público como meio para fins privados, mesclando interesses clientelistas reforçados por lastros de amizade e de cumplicidade com objetivações individuais de acumulação, permanecem na mudança.

Um terceiro obstáculo a ser superado foi o esforço físico e operacional para dar conta da aplicação do questionário fechado durante a Festa do Divino Espírito Santo nas dependências da Casa da Festa. O número da amostra, totalizando cem entrevistas tendo o público alvo constituído por cunhenses, precisou ser obtido em um único dia. Mesmo o fato do instrumento de coleta ter sido menos extenso em relação ao questionário relativo à Festa do Pinhão, fez com que o trabalho demandasse esforço, mesmo porque o horário não foi disperso pelo dia, mas se concentrou basicamente no fim da manhã até o início da tarde.

A Festa do Divino Espírito Santo emergiu inopinadamente dos subterrâneos de Cunha, manifestando-se por meio de argutas características removendo-se, aos olhos do pesquisador, da berlinda para ganhar espaço como singular e eficaz expressão do acervo subalterno cunhense. A devoção, centrada no seio de categorias sociais subalternas, é a força motriz da Festa do Divino Espírito Santo.

Esta celebração vem demonstrar que a religiosidade popular vai coexistindo em um processo moderadamente harmônico, cravando-se nas últimas décadas alguns embates com a religiosidade oficial de Igreja Católica.

---

<sup>376</sup> Em relação ao quadriênio 2005-2008 e 2009-2012.

A Festa do Pinhão está inserida no calendário turístico de maior visibilidade contemplada por uma exposição midiática maior. É esporádica, sazonal e atrelada ao período de colheita do pinhão a partir do mês de Abril. Não há movimentos orgânicos consistentes fora o período da Festa em si, ou seja, movimentos exteriores em relação aos períodos efetivos da Festa como esta aparece, como é revelada aos olhos pela aparência das formas.

A Festa do Divino Espírito Santo não está nesta gradação em que a Festa do Pinhão se encontra. A Festa do Divino revela uma essência oculta. O aflorar desta essência é paulatinamente descortinado pela pesquisa. Trata-se de uma essência inseparável de Cunha e ausente na Festa do Pinhão. Esta é uma festa agrária que se encerra quando acaba, ao passo que a Festa do Divino acaba para recomeçar, reproduzindo o ancestral legado das festas italianas, conforme exposto em partes progressas, e a dialética início e fim, marcante nas celebrações ligadas aos rituais agrários.

É uma outra parte de Cunha, submergida em sutis meandros, que passa a haurir com o culto ao Divino. É importante perceber que, distante do período em que a Festa acontece (Alvorada, Novena, Dia da Festa etc.) o modo como se articulam os festeiros, as comunidades rurais, a Folia, o processo de gestão, a articulação da Paróquia com a Diocese, é revelador. Este viés sintomático mescla a coexistência entre o catolicismo oficial e o catolicismo popular. A essência da Festa do Divino, em todos os momentos e movimentos, “antes” e “depois”, “início” e “fim”, é muito mais densa, mais significativa e mais valorativa do que a despreziosa, ingênua e superficial aparência faz transparecer.

É um trabalho cadenciado ao extremo por traços de solidariedade, de cooperação pelos diferentes agentes, pelos diferentes sujeitos. O voluntariado também brota emanado do cotidiano, diferentemente da Festa do Pinhão. Esta é regida por um instrumento hegemônico de poder, a Prefeitura Municipal, sem abrir brechas a favor de relações horizontais subalternas, mas que se submete aos interesses do *trade* turístico, sendo ditada pelos humores dos grupos políticos locais.

A Festa do Pinhão se fundamenta por caracteres hegemônicos, estando acelerada em virtude do tempo do consumo e da realização dos fluxos, embora a Festa do Divino apresente certa dependência devido à necessária atuação do papel do pároco, intelectual condutor. A Festa do Divino é muito menos dependente do Poder

Público sendo que este age tão somente como um dos instrumentos diante da complexidade de sujeitos que se movimentam em relação à organização estrutural.

O dinheiro no Divino Espírito Santo aparece como atributo na Festa, mas não é um dinheiro que funciona como elemento de exploração e de acumulação. Novamente outra Cunha ressurge da escuridão da caverna na medida em que relações sociais não são cadenciadas pela acumulação. Por mais que a função valorativa do dinheiro exista esta é imprescindível numa sociedade monetarizada. Contudo é um fator que não está posto por relações de dominação, de exploração e de subjugação, comuns quando uma festa está dentro de todo o sistema vinculado com a expansão turística predatória ou, simplesmente, a favor de ganhos para satisfazer interesses particulares.

Na Festa do Pinhão a aparência é construída sob aspectos midiáticos. Como paradoxo ao Divino Espírito Santo esta aparência é mais potente do que a essência. A Festa do Pinhão corre risco iminente de se colocar como uma festa massiva, dentro do mesmo ritmo de algumas pseudo-festas profanas e religiosas em núcleos urbanos brasileiros e valeparaibanos de maior envergadura, nos quais a preferência pela espetacularização, como os eventos musicais, supera a devoção popular, aniquilando a consciência histórica do lugar. A armadilha midiática em que está mergulhada é resultado de dois processos, congruentes e recíprocos: o primeiro se refere a uma predileção de contingentes populacionais, formados por habitantes e por turistas, pelo acervo contumaz dos *mass media*; o segundo processo, resultante e produto deste primeiro, traz à baila a enorme carência simbólica da Festa do Pinhão, afastando ou negligenciando ritos que poderiam ser incorporados com o propósito de enobrecer os lastros comunicacionais cotidianos e subalternos.

Os dois objetos em questão precisam, estando em jogo a perpetuação do primeiro (Festa do Divino Espírito Santo) e a sobrevivência do segundo (Festa do Pinhão), proceder a um afastamento do Poder Público municipal, produto e (re)produtor do Estado brasileiro. O capitalismo de Estado que se modela no Brasil há algumas décadas é anacrônico, arrogante, autoritário, burocrata, centralizador, clientelista, corrupto, despótico, preconceituoso, venal e vicioso. A maior de suas "benfeitorias" é a aniquilação do cidadão e de sua consciência para transformar. É preciso eliminar este capitalismo removendo grupelhos que se apropriam indevidamente desta estrutura reafirmando a ênfase no espírito público e na universalização de direitos e deveres.

Para tamanha empreitada transformar a sociedade, objetivação de qualquer trabalho acadêmico, é passo condicionante para transformar este Estado.

Para não cair na superficialidade de um denunciamento torna-se premente o apontamento de algumas diretrizes mestras acerca destes dois objetos. A cultura, balizada pelo cotidiano, constituída pelo acervo material e pelo simbólico, clarifica emoção e razão em um processo de geração de consciência que faz despontar sentidos outros, significados outros, ensejando diferentes cidadãos e diferentes sujeitos que constroem novas relações econômicas, políticas e sociais. A compreensão da cultura como território e como espaço de lutas e de conflitos, conforme as linhas mestras gramscianas, é fundamental para tais propósitos. É a partir daí que emanam possibilidades para superar obstáculos contemporâneos, que se alargam e se avolumam neste início de século, para romper com entraves referenciados no consumo e na corrupção dos sentidos que degradam a vida roubando-a do homem.

A Festa do Divino Espírito Santo e a Folia do Divino são elementos inseparáveis a ponto de se fundirem em um grande e único movimento subalterno. Assim deve-se, definitivamente, conceber tamanha conjugação de forças. A permanência desta celebração caminha em direção à devoção popular e à capilaridade das redes articuladas constituídas pelos sujeitos partícipes. Embora ocorram pontos de convergência entre Igreja Católica e religiosidade subalterna, esta e não a primeira instância deve permanecer como ponto de mediação em que complacências, trocas e vetos se articulam dialeticamente sem perder de vista o escudo da devoção.

Urge no tocante à Festa do Pinhão incorporar ritos simbólicos. As fundamentações e raízes destes estão aparentemente escamoteadas diante do vasto espaço cunhense: água, solo, terra, enfim toda natureza é repertório abundante de incontáveis recursos a serem instrumentalizados. O fortalecimento das associações de moradores dos bairros rurais torna-se outro fator fundamental. As associações precisam se consistir em instituições despojadas politicamente e comprometidas com uma gestão sustentável das propriedades a favor da economia rural de baixa e média escala. Uma rede de associações de moradores capaz de promover a auto-gestão deve sustentar através das articulações de distintas teias solidárias a operação da Festa.

As comunidades, por mais singelas que sejam, contam com potencial elevado de se agregar valor aos produtos subordinados ao pinhão. O dinheiro oriundo de tais

perspectivas deve ser resultante não de uma estratégia individual de acumulação, mas de um patrimônio coletivo comprometido com os interesses locais.

Assim podem ser criadas condições exequíveis para a expansão da Festa do Pinhão para as entranhas do espaço rural, de sorte a entremear pelas mais peculiares comunidades a ênfase do território rural como autêntico e verdadeiro palco desta celebração, contrariando a centralização no medíocre e trivial palanque de shows da cidade. Os eventos musicais, sendo ou não do repertório hegemônico, precisam ser rebaixados a um segundo nível visando potencializar a exaltação da faustosa natureza, da araucária e do homem rural através de celebrações, comunhões, encenações, louvações, ritos, procissões etc. É preciso, pois, que esta Festa seja dotada de um imprescindível nível qualitativo.

A análise desta pesquisa aliada às sobreditas diretrizes sedimenta a identidade cultural da Festa do Divino Espírito Santo e da Festa do Pinhão diante da iminência do caráter alienante do consumo entremeado por estilos, marcas e símbolos no que concerne aos fetiches e aos simulacros promiscuindo os sentidos humanos. As duas celebrações, por mais díspares que sejam, apresentam inegável centralidade cultural na zona rural. Através de uma dinâmica e sinuosa construção contribuem para a plenitude da ideologia das classes subalternas que congrega sistemicamente o pensar, o agir e o transformar em um caminho humanista de interpretação do mundo.

## REFERÊNCIAS

- AB' SÁBER, Aziz. *Os domínios de natureza no Brasil. Potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- AFONSO, Marcelo, BONFIM, Camila Carrascoza & FERREIRA, Maria Nazareth. *A produção cultural das classes subalternas*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) Identidade cultural e turismo emancipador. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2005, p. 39-59.
- ANDERSON, Perry. *A crise do marxismo: Introdução a um debate contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BENI, Mário Carlos. *Globalização do turismo*. São Paulo: Aleph, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. In: LIMA, Luiz Costa (Org.) Teoria da cultura de massas. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 221-254.
- BOBBIO, Norberto. *O conceito de sociedade civil*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- BONATTI, Mario & LENZI, Mauro. *As primeiras famílias trentinas de Rio dos Cedros, Santa Catarina – Brasil*. Indaial: Ed. ASSELVI – Associação Educacional Leonardo da Vinci, 2006.
- BORÓN, Atílio. *A sociedade civil depois do dilúvio neoliberal*. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo. Pós-neoliberalismo – As políticas sociais e o estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 63-118.
- BOUDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência – Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- Cidades da Fé – Aparecida, Guaratinguetá e Cachoeira Paulista. Guaratinguetá: Expedições Editora, [s.d.].
- COUTINHO, Carlos Nelson e NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) *Gramsci e a América*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- DIAS, Amarildo Ribeiro. *A ideologia das classes subalternas através das festas*. 2009, 202 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). ECA-USP, São Paulo.
- DURKHÉIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- ECO, Umberto. *A Cidade dos autômatos*. In: Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 59-60.
- Estranha peregrinação à Sierra Madre*. National Geographic Brasil, Junho 2000 – Vol 1, n. 2, p. 44-79.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo, 2001.
- FARIA, João Carlos. *Turismo como fator de desenvolvimento rural sustentável*. IN: GARCIA REIS, Fábio José (Org.) Turismo – Uma perspectiva regional. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.
- FERREIRA, Maria Nazareth (Coord.) *Identidade cultural e cidadania: O potencial das cidades históricas para o turismo*. CELACC-ECA-USP, 1999.
- FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) *Globalização e identidade cultural na América Latina*. São Paulo: CEBELA, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A tradição e seu significado para o turismo cultural: O Vale do Paraíba*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Cultura, comunicação e movimentos sociais*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Identidade cultural e sua relação com o turismo*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) Identidade cultural e turismo emancipador. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2005, p. 31-38.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Por uma cultura latinoamericana*. In: VIEIRA, Roberto Amaral (Org.) Comunicação de massa, o impasse brasileiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978, p. 127-144.
- \_\_\_\_\_. *Equador: Resistência cultural e luta de classes*. In: Comunicação e política na América Latina. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos, Ano X, n. 13-14, jan-jun. 1991, p. 200-206.

- \_\_\_\_\_. *Cultura, globalização e turismo*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) Cultura subalterna e neoliberalismo: A encruzilhada na América Latina. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 1997, p. 19-46.
- \_\_\_\_\_. *Considerações sobre o Turismo e o Ressurgimento do Vale Histórico*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) A Tradição e seu Significado para o Turismo Cultural: O Vale do Paraíba. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 1999, p. 43-65.
- \_\_\_\_\_. *A dialética do neoliberalismo e os novos movimentos sociais*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) Cultura, comunicação e movimentos sociais. São Paulo: CELACC- ECA-USP, 1999, p. 129-131.
- \_\_\_\_\_. *Os antigos rituais agrários itálicos e suas manifestações na atualidade*. In: Comunicação & Política. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, Volume VII, n. 2, jan-abr. 2000, p. 121-140.
- \_\_\_\_\_. Anotações de aula. Disciplina: *Alternativas do conhecimento científico em cultura e comunicação social*. CCA-ECA-USP, 2001.
- \_\_\_\_\_. Anotações de orientação – Mestrado. Rio de Janeiro, 2001.
- \_\_\_\_\_. *As festas populares na expansão do turismo – A experiência italiana*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005, 2a. edição.
- \_\_\_\_\_. *A relação entre cultura, turismo e desenvolvimento*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) Identidade cultural e turismo emancipador. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2005, p. 135-140.
- \_\_\_\_\_. *Alternativas metodológicas para a produção científica*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Porque somos gramscianos*. Seminário CELACC. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 18/02/2008.
- \_\_\_\_\_. Anotações. Seminário CELACC. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 14/04/2008.
- \_\_\_\_\_. *Globalização e identidade Cultural na América Latina*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) Globalização e identidade cultural na América Latina – A cultura subalterna no contexto do neoliberalismo. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2008, 2ª. edição.
- \_\_\_\_\_. *As expressões da cultura popular no contexto da modernização acelerada*.



- In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.). Globalização e identidade cultural na América Latina – A cultura subalterna no contexto do neoliberalismo. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2008, p. 77-89.
- \_\_\_\_\_. *Um exemplo de resistência cultural*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.). Globalização e identidade cultural na América Latina. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2008, p.103-113.
- FREITAS, Álvaro. *Domingos Velho Cabral e a Vila de Guaratinguetá*. Monografia. Arquivo Memória de Guaratinguetá. Guaratinguetá: Museu Frei Galvão, 2005, n. 253.
- FUKUYAMA, Francis. *“The end of history and the last man”*. New York: The Free Press, 1992.
- GALHARDO, Soledad. *A formação de novos sentidos na cidade: Media e processos culturais*. 2003, 232 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). ECA-USP, São Paulo.
- GATES, Bill. *A estrada do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GARCIA CANCLINI, Nestor & RONCAGLIOLO, Rafael. *Cultura transnacional y cultura popular*. Lima: IPAL, 1988.
- GAUDITANO, Rosa & TIRAPELI, Percival. *Festas de Fé*. São Paulo: Metalivros, 2003.
- GENTILI, Pablo & SADER, Emir. *Pós-neoliberalismo – As política sociais e o estado democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GEORGE, Pierre. *Geografia econômica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HOBBSAWM, Eric (Org.) *História do marxismo*. Vol. 2 e 3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos 1914-1991 – O breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUNTINGTON, Samuel. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- \_\_\_\_\_. Anotações de aula. Disciplina: *Gramsci*. CCA-ECA-USP, 2001.

- LANTERNARI, Vittorio. *Festa, Carisma, Apocalisse*. Palermo, Itália: Sellerio Editore, 1989.
- LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal, lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los médios a las mediaciones - Comunicación, cultura e hegemonía*. Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili, 1987.
- MARTINS, José de Souza. *Os autônomos da fé – Os brasileiros abandonam a religião, atrás do direito de crer sem dar satisfação a ninguém*. O Estado de S. Paulo, 02/07/2006, p. J-3.
- MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos. Crítica da Dialética e da Filosofia hegelianas em geral*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos. Propriedade privada e comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MELLO, Adilson da Silva. *Sá Mariinha das Três Pontes – Aspectos da religiosidade popular na cidade de Cunha*. Aparecida: Santuário, 2000.
- MELLO, Diuner. *Festa do Divino Espírito Santo em Paraty*. São Paulo: Estímulo, 2003.
- MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra. *Notas para uma teorização do patrimônio ambiental urbano*. In: Patrimônio ambiental urbano. São Paulo: EMPLASA, 1979, p. 20-33.
- MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico: O socialismo no Século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MORAES, Dênis. *Por uma outra comunicação – Mídia, mundialização cultural e poder*. São Paulo: Record, 2004.
- MORAES, Fernando Oliveira de. *A Festa do Divino em Mogi das Cruzes*. 2000, 128p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). ECA-USP, São Paulo.
- MULLER, Nice Lecocq. *Sítios e sitiantes do Estado de São Paulo*. Boletim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas n° 132, Geografia n° 7. São Paulo: FFLCH-USP, 1951.
- \_\_\_\_\_. *O fato urbano na Bacia do Rio Paraíba – São Paulo*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia, 1969.
- NOGUEIRA, Oracy. *Negro político, político negro*. São Paulo: EDUSP, 1992.

- NOGUEIRA, Silas. *Cultura e resistência – Considerações sobre o cotidiano, a alienação e a individualidade*. In: Extraprensa, nº. 9, CELACC-ECA-USP, 2001, p. 35-37.
- \_\_\_\_\_. *As Possibilidades Políticas dos Estudos das Festas*. In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) Identidade Cultural e Turismo Emancipador. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2005, p. 81-86.
- \_\_\_\_\_. *Movimentos sociais: Cultura, comunicação e participação política*. 2005, 290 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). ECA-USP, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *Poder, cidadania e cultura – Elementos para uma discussão*, [s.d.], p. 12-13, mimeo.
- Oizumi: Cidade-irmã de Guaratinguetá*. Guaratinguetá: Museu Frei Galvão. Arquivo Memória de Guaratinguetá, 1996, nº. 153.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. *Agricultura brasileira: Transformações recentes*. In: ROSS, Jurandy Luciano Sanches (Org.) Geografia do Brasil. São Paulo: EDUSP, p. 465-534, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A monumentalidade do templo e da romaria. Uma periodização geográfica das peregrinações à Basílica de Aparecida*. In: RODRIGUES, Adyr A. Balastri (Org.) Turismo e geografia - Reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 262-272.
- OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro. *As festas populares: Formas turísticas do sagrado e do profano*. [s.l.] 2008, mimeo.
- OLIVEIRA, Denis. Seminário CELACC. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 14/04/2008.
- PASIN, José Luiz. *Vale do Paraíba – A Estrada Real: Caminhos e roteiros*. Aparecida: Edição do Autor, 2004.
- Pequenas vinícolas se unem para enfrentar a concorrência*. O Estado de S. Paulo, 28/08/2007, p. B-17.
- PIRES, Paulo dos Santos. *A paisagem rural como recurso turístico*. In: RODRIGUES, Adyr Balastri (Org.) Turismo Rural. São Paulo: Contexto, 2003.
- Plano Diretor de Turismo da Estância Climática de Cunha – 1ª Versão Preliminar*.
- RUSCHMANN, Doris Van De Meene (Org.). Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2007.
- PRATES, Laura dos Santos. *A Festa do Divino Espírito Santo em Rondônia*. 1989, 199p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). ECA-USP, São Paulo.

- PRUDENTE, Henrique Alckmin. *Culturas subalternas e turismo emancipador na Estância Climática de Cunha – SP*. 2003, 234p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). ECA-USP, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *Estrada Real: Apontamentos e paisagens – Travessias no tempo e no espaço*. In: PRUDENTE, Henrique Alckmin, SANCHES, Fabio Oliveira e TOLEDO, Francisco Sodero. *Estrada Real: O Caminho do Ouro*. Lorena: Edição dos Autores, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Paper intermediário. Condição pós-moderna*. Disciplina: Cultura flutuante – A dinâmica cultural do novo século. São Paulo: CBD-ECA-USP, 2006, p. 3.
- RIVERA, Annamaria. *Il mago, il santo, la morte, la festa – Forme religiose nella cultura popolare*. Bari, Itália: Edizioni Dedalo, 1988.
- SCARANO, JULITA. *Devoção e escravidão*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978.
- SADER, Emir. *Trabalho, desemprego e tempo livre*. In: Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/World Leisure and Recreation Association, 1998, p. 191-200.
- SADER, Emir & GENTILI, Pablo. (Orgs.) *Pós-neoliberalismo – As políticas sociais e o estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Lazer popular e geração de empregos*. In: Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/World Leisure and Recreation Association, 1998, p. 31-37.
- \_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização – Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SCARANO, Julita. *Devoção e Escravidão*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- SCHMIDT, Carlos Borges. *Povoamento ao longo de uma estrada paulista: Resultados de um caminhamento realizado entre a Serra do Quebra-Cangalha e a cidade de Cunha*. In: Boletim Paulista de Geografia. Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Regional de São Paulo, n. 6. Outubro de 1950.
- SHIRLEY, Robert. *O fim de uma tradição*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

- SILVA, José Graziano. *O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro*. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio & RIEDL, Mário (Orgs.) Turismo Rural – Ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O novo rural brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 2002.
- SIRGADO, José Rafael. *Espaço turístico e desenvolvimento no Cone Leste Paulista*. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.) Turismo Rural – Práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2003.
- TEIXEIRA COELHO, José. *Um decálogo, dois teoremas e uma nova abordagem para o lazer*. In: Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/World Leisure and Recreation Association, 1998, p. 141-164.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e negatividade. O inerte cultural*. Disciplina: Cultura flutuante – A dinâmica cultural do novo século. São Paulo: CBD-ECA-USP, 2006, mimeo.
- \_\_\_\_\_. *Nem tudo é cultura*. Disciplina: Cultura flutuante – A dinâmica cultural do novo século. São Paulo: CBD-ECA-USP, 2006, mimeo.
- \_\_\_\_\_. *Uma cultura para o século. Tudo fora do lugar, tudo bem*. Disciplina: Cultura flutuante – A dinâmica cultural do novo século. São Paulo: CBD-ECA-USP, 2006, mimeo.
- TIRAPELI, Percival. *Festas de fé*. São Paulo: Metalivros, 2003, [s.p.].
- Vale do Paraíba – Festas Populares. *Cadernos Culturais do Vale do Paraíba*. Fundação Nacional do Tropeirismo, [s.d.] p. 65-66.
- VELOSO, João José de Oliveira. *“Sá” Mariinha das Três Pontes (Maria Guedes) – Curandeira e vidente*. Cunha: Centro de Cultura e Tradição de Cunha, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A vitivinicultura cunhense*. Cunha: Centro de Cultura e Tradição de Cunha-Museu Municipal Francisco Veloso, 2006.
- WILLEMS, Emilio. *Cunha: Tradição e transição em uma cultura rural no Brasil*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Diretoria de Publicidade Agrícola, 1947.
- YÁZIGI, Eduardo. *A alma do lugar – Turismo, planejamento e cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Civilização urbana – Planejamento e turismo*. São Paulo: Contexto, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Prefácio*. In: PRUDENTE, Henrique Alckmin. Turismo cultural – As culturas subalternas e o turismo emancipador em Cunha. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004, p. 7-9.

\_\_\_\_\_. *Deixe Sua Estrela Brilhar – Criatividade nas Ciências Humanas e no Planejamento*. São Paulo: CNPq/Editora Plêiade, 2005.

## Referências eletrônicas:

- ALBA RICO, Santiago. *Turismo: La mirada canibal*. Disponível em: <www.rebelion.org>  
Acesso em: 27/01/2006.
- BETTO, Frei. *O que é neoliberalismo*. Extraído de: <www.triplov.com> Acesso em  
07/08/2007.
- \_\_\_\_\_. *Os desafios do movimento social frente ao neoliberalismo*. Extraído de:  
<www.enecos.org.br> Acesso em 03/03/2008.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Abya-Ayala: A refundação da pátria grande*. São Paulo:  
CELACC-ECA-USP, 2007, p.1. Extraído de: <www.eca.usp.br/nucleos/celacc>.  
Acesso em: 07/07/2008.
- PRUDENTE, Henrique Alckmin. *A festa do pinhão na Estância Climática de Cunha  
como atributo cultural e atrativo turístico*. In: Revista Eletrônica de Turismo Cultural.  
São Paulo: ECA-USP, nº2 - Nov. 2007. Disponível em:  
<www.eca.usp.br/turismocultural>.
- RASCÓN, Marco. *Intelectuales orgánicos y transgênicos*. Extraído de:  
<www.jornada.unam.mx> Acesso em 24/05/2005.

## Sítios eletrônicos consultados:

www.aci.org	Acesso em: 18/07/2007
www.brasildefato.com.br	Acesso em: 28/06/2008
www.cunhatur.com.br	Acesso em: 12/05/2008
www.eca.usp.br/nucleos/celacc	Acesso em: 07/07/2008
www.eca.usp.br/turismocultural	Acesso em: 17/12/2008
www.emedix.com.br/dia/ali007_1f_pinhaio.php	Acesso em: 15/04/2009
www.enecos.org.br	Acesso em: 03/03/2008
www.estadao.com.br	Acesso em: 15/03/2008
www.ibama.gov.br	Acesso em: 20/02/2008
www.ibge.gov.br	Acesso em: 15/03/2008
www.jornada.unam.mx	Acesso em: 24/05/2005
www.portaldecunha.com.br	Acesso em: 12/05/2008
www.rebelion.org	Acesso em: 27/01/2006
www.seade.gov.br	Acesso em: 21/08/2007
www.triplov.com	Acesso em: 07/08/2007

## ANEXOS

<b>ANEXO A</b> – Cunha: Quadro comparativo entre as atrações do Festival de Inverno	305
<b>ANEXO B</b> – Depoimento: Profa. Thereza Regina de Camargo Maia	307
<b>ANEXO C</b> – Lei Municipal n. 798 de 05/05/1998	314
<b>ANEXO D</b> – Lei Orgânica Municipal CAPÍTULO XX – DA CULTURA	315
<b>ANEXO E</b> – Normas e regras para todas as festas da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Cunha – Diocese de Lorena	317
<b>ANEXO F</b> – Festa do Divino Espírito Santo: Relação de bairros por setores	320
<b>ANEXO G</b> – Festa do Divino Espírito Santo: Prestação de contas	322
<b>ANEXO H</b> – Festa do Divino Espírito Santo: Programação	325
<b>ANEXO I</b> – Cunha: Relação de bairros rurais (por ordem alfabética)	328
<b>ANEXO J</b> – Caracterização dos meios de hospedagem	329
<b>ANEXO K</b> – Receitas de Pinhão	332
<b>ANEXO L</b> – Festa do Pinhão – Relação de algumas barracas com respectivos preços	349
<b>ANEXO M</b> – Festa do Pinhão – Relação de pratos	351
<b>ANEXO N</b> – Festa do Pinhão: Questionário	352
<b>ANEXO O</b> – Festa do Pinhão – Programação	355
<b>ANEXO P</b> – Festa do Divino Espírito Santo: Questionário	358



## ANEXO A

### Cunha: Quadro comparativo entre as atrações do Festival de Inverno (ano de 2003 e de 2008)

X Festival de Inverno Acordes na Serra – 2003		XV Festival de Inverno Acordes na Serra – 2008	
Data	Evento	Data	Evento
27/06	Abertura oficial: Violinos de Cunha e coral infanto-juvenil Paulo Virgínio	05/07	Abertura da VIII Exposição Rosana C.Ó.S. As riquezas de Cunha
27/06	Abertura da exposição de telas Retratos de Cunha	05/07	Caravana cultural: Apresentação teatral – Ai meu Paraitinga
28/06	Quadrilha junina da Escola Estadual Paulo Virgínio	05/07	Show – 3 em Blues
28/06	Show – Sandra e César	06/07	Caravana cultural: Sessão de cinema – O ano em que meus pais saíram de férias
29/06	Inauguração do relógio solar	06/07	Show – Banda 8 Segundos
29/06	Grupo de percussão da UNESP – São Paulo	10/07	Show – Zé Hermano
29/06	Quadrilha do Divino – Aparecida	11/07	Show – Blackomodoro
29/06	Show – Júlio Neme	12/07	Show – Oswaldo Montenegro
04/07	Projeto Guri – Cunha	13/07	Caravana cultural: Sessão de cinema – O casamento de Romeu e Julieta
04/07	Show – Elias Carvalho e JR	13/07	Show – Banda Cheiro de Fulo
05/07	Show – Robertinho do Arcodeon e seu Regional	16/07	Inauguração do Centro de Visitantes do Parque Estadual da Serra do Mar do Núcleo Cunha
06/07	Cavalgada até a Fazenda Boa Vista	17/07	Show – Seresteiros de Guaratinguetá
06/07	Almoço tropeiro	18/07	Show – Paula Lima
06/07	Violeiros de Cunha	19/07	Caravana cultural: Apresentação teatral – Furdúncio na roça
06/07	Coral Lajeado – UNESP Botucatu	19/07	Show – Traditional Jazz Band
06/07	Corporação musical Imaculada Conceição – Itapecerica da Serra	20/07	Show – Banda Rodeio
07/07	Palestra e mesa redonda sobre a Revolução de 32	24/07	Palestra – Patrimônio histórico: Responsabilidade de todos
08/07	Palestra e mesa redonda sobre a Revolução de 32	24/07	Show – Zé Hermano
09/07	Culto ecumênico	25/07	Show – Banda Mega
09/07	Unidade teatral Arte em Cena: 1932: Cunha e a Revolução	26/07	Caravana cultural: Apresentação teatral – Elas
09/07	Show – João Victor e Lohan	26/07	Show – Paulo Meyer e The Burning Bush
10/07	Início do Campeonato Municipal de Futsal	27/07	Caravana cultural: Sessão de cinema – Fica comigo esta noite
10/07	Exposição Tributo ao Divino	27/07	Show – Banda Os Billes
11/07	Unidade teatral Arte em Cena – 1932: Cunha e a Revolução	01/08	Show – Jorge Aragão
11/07	Projeto Guri – Cunha	02/08	Caravana cultural: Apresentação teatral – Os saltimbancos
12/07	Início do II Open de Tênis das Montanhas	02/08	Show – Banda Mister Sound
12/07	Circo-teatro Rosa dos Ventos, Estátua Viva e Projeto Alegria – UNESP – Presidente Prudente	03/08	Coral da Igreja Metodista de Cunha e Violinos de Cunha
12/07	Unidade teatral Arte em Cena – 1932: Cunha e a Revolução	03/08	Show – Banda Faroeste
12/07	Show – Nilton Blau e Cabelo de Milho – São José dos Campos		
13/07	Estátua Viva – UNESP – Presidente Prudente		
13/07	Coral Vocalis – São José dos Campos		
13/07	Show – Banda Ensaio		
19/07	Show Cristão – Comemoração da Festa do Divino		
19/07	Show – Banda Ápice – Cunha		
19/07	15º Arraia de Itacuruçá		
20/07	Grupo de teatro: Eu já posso imaginar que faço – Peça: Geléia Geral		
20/07	Show Cristão – Comemoração da Festa do Divino		
20/07	Show – Banda Sofismo		
25/07	Violinos de Cunha e coral infanto-juvenil Paulo Virgínio		
26/07	Início do I Campeonato Municipal de Truco		
26/07	Coral Allegro Cantante – Paraguassu-MG		

26/07	Coral Acordavocal – Faculdade de Medicina-USP	
26/07	Show – Luzicidade com Nando Luz e Banda – São José dos Campos	
27/07	Violinista Giacomo Bartoloni – UNESP – São Paulo	
27/07	Dallas Show	
02/08	Coral Líber Canto – São José dos Campos	
02/08	Corporação musical Santa Cruz – Conservatório de Tatuí	
03/08	Coral UNESP – Guaratinguetá e São José dos Campos	
03/08	Show – Amigos Sertanejos	

Fonte: Folders de divulgação dos respectivos eventos fornecidos pela Prefeitura Municipal à época dos festivais.

## ANEXO B

**Depoimento: Profa. Thereza Regina de Camargo Maia**

**Historiadora, professora e diretora do Museu Frei Galvão de Guaratinguetá**

Data: 29/04/2009

Local: Museu Frei Galvão, Guaratinguetá.

*A Festa do Divino aqui em todo o Vale do Paraíba e em todo o Brasil ela veio de Portugal e já nos... nos primeiros anos já nos vamos encontrar a Festa do Divino aqui na região com grandes proporções. Em Portugal ela é atribuída à Rainha Santa Isabel, que era muito caridosa e... que ela na Festa do Divino que era uma devoção muito grande na época em Portugal ela teve a idéia de fazer... de dar pão para os pobres. Porque na época assim era uma grande novidade e sucesso e essa tradição permanece até hoje. Tanto a doação de carne, como de pão. E hoje está nas cidades que tem almoço e tudo. Mas lá foi... a primeira festa assim que, que surgiu com essa idéia de comida assim, para o povo.*

*Interessante que eu agora eu... infelizmente na hora eu anotei mas não sei que dê a anotação, visitando um museu de Portugal, não sei se foi em... não sei se foi em Ouro Preto ou em algum outro museu, diz que a Festa lá foi... em... praticamente obrigada a terminar porque eles acharam que a devoção ao Divino estava maior do que as devoções da Igreja. E acho que foi isso que depois vai repercutir no Brasil, embora às vezes até quase um século atrasado, por qualquer motivo suspendendo a Festa do Divino. Porque além do mais a Festa tinha aquelas folias que iam para angariar as comidas, aves, boi e... até ovos que as pessoas pudessem dar para o grande almoço em honra ao Divino, no dia da Festa.*

*Em outras cidades como São Luiz de Paraitinga essa parte de doação de comidas começou a se estender por toda a novena, todos os dias tinha o famoso afogado. E eu cheguei a comer várias vezes em Cunha, quando ainda não tinha divulgação na televisão. E nisso quando começou uma divulgação maior eu tive que ir com a minha professora, Maria de Lourdes Borges Ribeiro, a conversar com o padre que avisou que ia retirar essa parte da Festa do Divino em São Luiz. De servir o afogado. Que ia retirar isso da Festa, porque em vez de ser das pessoas dos devotos, estava começando a aparecer freguesia de fora e que isso a Igreja não dava conta e não tinha condição. Aí foi suspenso por uns dois ou três anos, me deu um trabalho aqui no Museu de mandar ofício para os vereadores explicando o porquê da Festa e agora voltou. E como sempre é... começa a crescer muito, vai surgir o problema do controle, mais...*

*Começou a aparecer depois que essa devoção ao Divino cresceu muito. E hoje nós estamos vendo isso de novo na Canção Nova, como chama mesmo os da... Esses da festa agora...*

*Carismáticos! Ela foi proibida; nesse Século XX ela voltou com tudo com o título de Carismáticos, que dizem receber o Divino Espírito Santo.*

*Então Quando eu li isso no museu em Portugal eu vi que esse temos da Igreja do Divino superar talvez o próprio Cristo, levou essa suspensão da Festa lá em Portugal. Agora o Carismático voltou apesar de ter ficado com essa proibição. Agora eu acho que, que... não foi bem o povo. Talvez assim um certo controle da Festa eu acho que no fim fica necessário como está acontecendo agora com o Carnaval em São Luiz também, de perder o controle. No caso da Igreja pior ainda porque passa o profano a superar o divino, o divino no sentido de Igreja.*

*Eu não cheguei a assistir as de Guará, mas pelo material que a gente tem aqui e o que a gente ouviu contar, ela é diferente a Festa. A Festa do Divino em Cunha, Paraty é muito popular. Em Paraty ela supera a Festa de Nossa Senhora dos Remédios. Em Guará ela superava a Festa de Santo Antonio, mas não superava a de São Benedito, que é do povo. Agora em Lagoinha, em Lagoinha ela é média assim... vamos dizer a elite e povo, mas em... Em São Luiz também. É uma devoção, mas ela é proporcionada pela própria Igreja. Em Cunha a Igreja quis cortar a Festa. Isso eu fui testemunha. De Cunha o padre suspendeu as folias e que era uma bobagem, que bastava a Festa da Igreja e para começar que a renda da própria Igreja caiu. Foi em 1970, quando tinha um padre que era de Cunha, não sei se era o padre Francisco o que que é... mais eles... uns vamos dizer uns adoradores do Divino lá de Cunha, eles pediram para a gente ir lá para explicar para os estudantes e para o povo, porque que não podia tirar a Festa do Divino. Aí teve uma reunião, até foi do Instituto de Estudos Valeparaibanos também com apoio, no cinema, que era ali do lado do bar do Veloso, hoje é um espaço cultural, nós fizemos a palestra, levamos aquela descrição da Festa do Divino que é feita, que o Dito Veloso acompanhou... Alceu Mainar, tudo, mostrando a importância da Festa não só como devoção, mas como cultura brasileira, ali não era nem local, era brasileira. E depois... e com isso parece que houve uma reação das pessoas. A Festa voltou. Voltou a Folia daí um ano, que estavam sucumbidos. Porque a Folia em si é uma coisa, o que o povo pensa é outra coisa. Onde a Folia passava, ela dava sorte nas colheitas. Se não vai a Folia a colheira não vai dar sorte, vai dar bicho no milho, vai praga, vai chover demais ou de menos. Então a passagem da Folia é uma bênção para o povo. Isso já é uma devoção popular, porque para o padre tirar ele não acreditava nestas coisas.*

*Caiu por que? Claro! A Folia não foi ninguém deu boi, não deu vaca, porque... Assim recolhia mais de sessenta. Tinha um pasto só para recolher o gado doado. É da Igreja até, e é grande. Ali tem, vamos dizer, não sei quanto, mas eu calculo que tenha quase um alqueire ali para ir chegando bezerro, garrote, boi que eram para a Festa. E havia então a parte que comiam os bois, as vacas eram vendidas e... e havia leilão depois do que sobrava. E isso revertia para a Igreja. Aí caiu a arrecadação da Festa, acabou. Aí o padre resolveu voltar. Resolveu. Impôs*

umas condições lá, mas a Folia voltou a sair. E aí tem aquele detalhe: “Ah, mas a Folia vive da Festa”; a Igreja também, né?. Agora a Folia ela recolhe não... recolhe para ela, se é em dinheiro... mas se rendia para a Igreja, que olha que andar seis meses de casa em casa, de roça em roça, é um emprego. Fazer por gosto ainda cantando e tudo, eu acho que é o tipo de tradição que não pode tirar, embora os foliões também ganhem isso.

Muda. Em Paraty quarenta dias depois da Páscoa. Levanta o Mastro. Em Lagoinha ela é depois da colheita do milho. Em São Luiz ela é de acordo com a Igreja, quarenta dias depois da Páscoa.

Veio. A origem é essa, adapta aqui. Eu fui a uma Festa do Divino lá nos Açores. Lá mantém. Em Portugal mantém em Maфра. É uma grande festa que se realiza de quatro em quatro anos. Mas lá eles valorizam muito o pão. Em Maфра tem uma procissão que cada um apresenta os pães que serão doados, mas tem cada andar. Cheio de enfeite, de flor, é um desfile. Nos Açores, não. Ela começa logo depois do Carnaval, mas cada semana é em uma freguesia. Freguesia é uma paróquia de bairro. Então, numa que nós fomos, teve essa procissão com os pães, pães caseiros que são abençoados, tudo, corresponde ao doce de São Benedito aqui. Aí eu fui honrada, ganhando um pão. Aqui tem briga por causa de pão, sabe? Teve almoço, teve almoço com as comidas portuguesas, aquelas churiço, eu achei meio diferente. Aqui ainda come com bastante pimenta, açúcar e canela, lá é mais simples. Teve churiço, teve carne ensopada, batata e... e muita gente ali, servindo em duas ou três casas. E mais um detalhe da Festa do Divino lá, que eu achei muito interessante, aqui saem várias bandeiras representando as festas passadas. Lá cada um... Imperador compra a sua coroa. Então as vitrines lá, angra do heroísmo me parece, era coroa de cima em baixo, até comprei uma.

Imperador. É o coordenador. Aí em vez de bandeiras tem uma bandeira e tem as coroas. Então todas as famílias onde houve um imperador, saem todos com as suas coroas. Então a Festa vai terminar em São João, porque cada paróquia tem a sua. De resto, semelhante. Tem almoço, tem a missa, tem a procissão, tudo, mas são várias pequenas festas. Em cada freguesia. E aqui... E a Novena é em cada freguesia. São várias novenas. Então, como se diz é um rosário de festas. Aqui não... é a Novena na... na mesma igreja. Lá tem uma igreja especial, que abre no dia da Festa, tem uma capela, e ali que é distribuído o pão. É a Capela do Divino. Depois... agora, voltando para cá. Ai Cunha tem a Folia. A Folia é o grupo, vamos dizer, peditório, que é... com as suas cantorias, vão de casa em casa, de roça em roça, até a divisa com Paraty pedindo contribuição para a Festa. Essa contribuição, às vezes em dinheiro, é dada na hora. Mas, em geral, ela é depois... se for ave, animal, vai para essa reunião, neste pasto comum. Em Lagoinha tem a Folia também, agora não sei se percorre o município inteiro. São Luiz sim. Porque eu fui esperar. Eu vim com a Folia, no último pouso, chegou na cidade à tarde, cheio de gente, com todas as bandeiras. Muito... é, é... um... até digo para você ir ver. É,

*assim, emocionante, desfile com aquela Folia cantando com aquelas bandeiras vermelhas. É muito bonito.*

*Com essa diferença de Portugal para cá. Lá vai com a Coroa, não tem as bandeiras, tem uma. Eu trouxe bandeira de lá pequenininha, eles vendem bandeirinha também. É promessa, de ter a Bandeira em casa. Então tem essa outra parte, porque o Divino é todinho cheio disso. Isso aqui é uma coisa, atrás disso estão as promessas. Não é muito simples não. Ela é... ela tem atrás... Por exemplo: eu dei uma dúzia de ovos. Eu sou pobre, mas por que que eu dei? Aí tem os causos, por que que deu. Deu porque eu não conseguia criar uma ninhada inteira, para vender galinha e tudo. A, a... eu prometo dar uma dúzia de ovos se eu conseguir criar ninhada e, e ter ovos para vender. Porque aqui para nós que moramos na cidade você vai no supermercado. Na roça ninguém vai no supermercado. Troca ovo com óleo...*

*Mas muito! Nem agora eu lembro, mas em Cunha... e tem que saber perguntar senão eles não falam... é meio secreto o negócio. Cunha não é fácil a pesquisa. Em Paraty é mais, eles são mais falantes, estado do Rio. Em alguns eu até pus aqui no livro. Tem... e tem promessa de ter participado da Folia durante sete anos, acompanhar a Folia. Em Cunha também tem, porque a Folia vai, mas não vai sozinha, vão uns... umas pessoas atrás, nem que eu vá, por exemplo, da minha casa na sua casa, próximo pouso ou... outra casa, chegando na capela. Então... promessa de participação na Folia, se souber tocar, em geral, porque eles são promessas, viu? Alguns cantadores ou deles ou dos pais para eles. Tradição também, porque um fez... Então, tem um senhor muito conhecido em Paraty, Seu Zuzu, que tinha padaria, ele se chamava Benedito do Espírito Santo, promessa da mãe dele. Vários... Divino, Espírito Santo, nomes, sobrenomes. Promessa... da mãe certamente.*

*Promessa. Não tem para quem apelar num parto, na roça etc. E o transporte? Eu morei em frente à casa do Boueri Seraphim, lá em Cunha, ele era o único médico. Vivia chegando criança lá e morria no escritório dele. Por que? Parteiro na roça o mal de sete dias é o tétano. Aí eu até pedi para ele um dia. “Olha, quando chegar uma criança com tétano eu quero ver”. É uma coisa horrível. Ele pôs o bebê assim, bebê, recém nascido, batia palma, fica do calcanhar aqui, assim com espasmo. É horrível. E morria aquela criança. Então você vê como é que uma mãe, com cinco filhos, lá em Campos Novos que não tinha estrada, vem para Santa Casa? E Santa Casa ainda tem até hoje aquela história do chá da meia noite. Chá da meia noite? É fácil. Não queriam internar ninguém, porque a meia noite eles davam chá na Santa Casa, dá mesmo chá toda noite, mas é para matar, não precisa tratar do doente. Ah... corre esta notícia, ninguém leva ninguém. O Tom foi delegado lá, uma vez chegou um... bateram na porta, tipo meia noite assim, ele foi atender, aí era um rapaz com a mãe caída assim no cavalo e ele falou:: “Vim avisar o Senhor que vão dar parte, porque eu roubei a minha mãe, mas eu estou tirando ela de lá, porque iam dar o chá da meia noite e ela... e ela eu quero que ela morra*

*em casa, e mais que passaram o dia fazendo suplício nela.” O Tom disse: “Nossa, mas que suplício?” “Espetando agulha.” Era o soro. “Tudo bem, a responsabilidade é do senhor.” “Não, mas é que eu... que eu sai com ela pela janela”. O Tom falava: “É responsabilidade sua, não vou fazer nada.” Mas daí perguntou para o Boueri e ele disse que era anemia, fraqueza. Mas, e o medo da injeção? Espetaram... De certo deram na mão. A cabeça dessa gente é difícil. É outro mundo.*

*Daí a continuidade de promessas para o Divino. E a necessidade da passagem da Folia nas roças. Hoje deve ter diminuído porque televisão, radinho de pilha, tudo, a mentalidade muda um pouco, mas nem tanto, né?*

*É o que eu disse. Tirou a Folia, tirou a arrecadação. O que é muito para Cunha, para o morador de roça. E aí é... então o bezerro também é dado, o boi, o garrote, porque ele conseguiu criar um bom lote. Então do lote ele escolhe o mais bonito que ele entrega. E teve um caso em Paraty, eu pus um, mas tinha outro. Interessante que... ele chegou na hora ele não teve coragem de dar, era era... frangos, galinhas daquela grande. E deu uma que não era melhor. E daí ela voltou voando essa, porque o Divino rejeitou. Aí ele foi e levou a verdadeira. Ah... mas são muitas. No fim a gente seleciona, mas casos assim tudo ligado à doação de animais, de porcos, criar ninhada. Aí eu dou o melhor porco, o perigo é voltar né?*

*O moço deu a galinha errada, em vez de dar a melhor, porque para criar ninhada, a melhor... ele não deu. Não teve coragem. Ficou com a melhor, sabe? E deu uma outra galinha, deu. Só que a outra chegou no outro pouso, olha galinha voando, voltou voando. O Divino não quis. Por que? A promessa não era aquela. Eu estou falando atrás da Bandeira que tem e aquelas fitas tudo é de promessa, viu? Não pode tirar. Pessoa... promessa de medida de gente, de criança. Então, está passando mal, aí eu faço uma promessa de dar uma medida, promessa para o santo de dar uma medida para aquela pessoa para por na Bandeira. Então, vamos dizer, a criança mede um metro e meio, eu dou um metro e meio de fita. Já chegou aqui, não chegou? Fita?!*

*Mas ó... Assim tem... Tem que ir lembrando, porque muito mesmo. Ah... tem de bordar a Bandeira. Uma vez... no começo quando fazia as bandeiras de Paraty elas estavam acabadas, desbortadas, a Festa estava meio morrendo. Aí a... era a Dona Zezé, que era a dona do hotel, ia ser festeira para levantar a Festa, porque depende também da... do festeiro, a Festa. Então lá em Paraty tem um ditado: “pela Festa se conhece o festeiro”. Bom. Aí ela falou... Bandeira... tem acabado de sair Bandeira ou não... eu sei que eu vim aqui em Guará, achei um artesão, que fez a Bandeira. Tem o mundo, né? E o Divino em cima. Aí fez umas trinta. Eu levei, estão lá até hoje circulando assim, os Divinos.*

*Pode e não pode. Porque sempre tem alguém que tem garra. Eu já vi uma Festa acabada, que está aqui praticamente acabada, voltou a Festa que é hoje, ou amanhã, é dia 03 de Maio, de*

*Santa Cruz numa capela lá. Hoje me convidaram para a Festa, que vai ser um festão. Quer dizer... o festeiro.*

*Depende. Tem o festeiro tem que ser um líder e... mesmo que ele não tenha assim condições econômicas, ele sendo um líder, ele consegue. Agora mesmo que tenha condição não seja assim da sociedade, pobre ou rica, o que for... se ele não tiver aquele carisma... é a festa, pela festa se conhece o festeiro, não é?*

*Aí eu lembro também. Em Cunha tinha o jongo. Aí o Tom era delegado e eles vieram pedir ordem. Ele deixou com os devidos cuidados para alguém que... responsável. Eles fizeram uma fogueira enorme. Eu morava na Paulo Virgínio ali embaixo, na esquina. Não tem onde tem o Bar do Veloso, lá no Centro. Tem aquele ladeirão. Minha casa era... morava aqui. E fizeram a Folia, a fogueira em frente aquela casa que dormiu o Duque de Caxias, aquele sobrado ali. É. Fizeram a fogueira enorme, o jongo varou a noite inteirinha. Era uma coisa linda ali naquele céu assim gelado, em Maio, né? E aquele toque do jongo, aquela cantoria, era assim meio...*

*Vi. Roda autêntica mesmo eu vi aqui na Catuçaba. Eu já vi, mas eu não acho autêntica. É vamos dizer... sabe aquilo que dizem na arqueologia, que são restos. São restos, não é aquilo. Eu trouxe aqui na praça, mas eu me arrependi de ter trazido. Não é aquilo. Não, não é... não. Porque ela tinha uma função verdadeira, que era enganar o branco. Eles cantavam em africano, aquilo era uma mensagem. Aí ficou agora, fica aquela tipo de uma charada, tudo, mas... Era charada mesmo. Para o outro responder, entender, responder. Hoje é... canta, que acho que não tem nada. Coitado, eles fazem o possível. Acho que deve permanecer. Não é um jongo barra de que eu vi em Cunha, que era aqueles autênticos.*

*Repetiu o que acabou de falar. Eles estão assim... estão fora. Estão em outro plano. Verdadeiros. Acontece. Amadurece. Vários me contaram que viram. E quem falou não era de dizer... Ele falou: "Eu vi". E tem mais uma outra coisa também. Eles atravessam a fogueira daqui lá descalço em cima da brasa, não queima o pé. E devagar, não é depressa correndo. É o que eles tentam fazer, os carismáticos. Tem. Agora eu cheguei à conclusão de que tem gente que tem dom mesmo. É diferente, muda completamente como o candomblé e tudo. Eles, os autênticos. Porque os que apresentam na Bahia é... é o que eu digo é folia, é o jongo do Tamandaré. Agora não são todos que teriam este poder, são os feiticeiros. Agora feiticeiro não quer dizer para o mal só. Feiticeiro tem um feitiço, um fetiche. É, é. A minha filha fez curso de floral, tudo. Xamã, ela usa o tambor. Até eu fico bulindo com ela: "Ah, os índios já vem vindo?" Sabe porque aquela monotonia? Muda a, a... vai dopando, assim... sem beber, sem nada. Quer ver um detalhe... Dona Lourdes Borges, que foi minha professora de folclore, ela disse que no candomblé, principalmente na umbanda, o toque do tambor, se entrar no ritmo do coração da pessoa, ela cai. Ela já assistiu colega dela que estava lá fazendo pesquisa, caiu ela falou: "Não*



sei o...”. Aí eles interpretam como tendo entrado aquele orixá, tudo. Mas, quer dizer, os recursos não são bem estes, né?

Levei. Levei a da Regina que não sarava da catapora, mandaram ir na benzedeira... aqui no Campo do Galvão, mãe do Padre Silvío, pároco da Catedral. Pois a menina não sarou em dois dias. Não sarava, ela ficou ruim de catapora. Não, é dom mesmo. E rezou normal. Usou reza, mas rezou assim com intensidade. É da pessoa este dom. Muito... Cunha tem muito. Aqui em Guará também tem. Você tem que descobrir. E.. e... e... olha levei em Paraty a Totó, com bronquite, e... e... não a Totó, o João que não dormia, e não saiu dormindo! Não, não dormia. De dia dormia, de noite não dormia, mas não dormia! Saiu de lá dormindo, mas durmiu assim quase vinte e quatro horas, ele não pois nada na boca, só rezava.

Eu vi um benzimento em Cunha, de um camarada lá que tinha um problema na coluna, levou um tombo, eu fui com ele . Sabe erva de São João, é uma de... ele pois numa panela de ferro, o homem nem mexia, sabe? Dor na coluna. Pois na panela de ferro, pois para ferver e foi rezando: “Que rezo. Nervo rompido, osso quebrado, pele rasgada e não sei o que”. E aquilo vai. Horas... “Que rezo...” E vai com a mão. Aí... a panela fervendo. Ele virou a panela numa bacia aí falou: “Agora vamos ver se vai dar certo”. Virou a panela, espalhou tudo. Ai ele pois a panela emporcada e continuou rezando. Sumiu, a água entrou tudo para dentro da panela de novo, pode? Deve ser um fenômeno físico, mas eu nunca vi, um absurdo. O que é aquilo? A água ia subindo, ia subindo, subindo na panela de novo, já pensou? E aí ele fica todo alegre, o homem, livre da dor na coluna. Aí entra o dom de quem reza e o querer sarar naturalmente também... mais a erva... foi um absurdo. Espalhou tudo. Agora vamos ver se fez efeito: “Que rezo, nervo rompido... Que rezo,...” Leva tempo... A água... entrou tudo dentro da panela.

Ele pois a panela para ferver, com água e a erva de São João dentro. Dentro da panela. Ferveu. Aí quando acabou a reza, ela virou a panela assim numa bacia, virou a panela, espalhou tudo. Aí continuou rezando foi entrando na panela tudo de novo, com a panela emporcada. É um absurdo viu? Mas eu vi, esse eu vi. Benzedor. Vi, vi, o Tom viu. Hoje ele não está aqui, está em um dentista em Pinda.

## ANEXO C

### Lei Municipal n. 798 de 05/05/1998

#### LEI N° 798/98

Dispõe sobre alteração da Lei nº. 780/97, que regulamenta os Feriados Municipais e fixa a data para a realização da Festa do Divino Espírito Santo.

JOSÉ DE ARAÚJO MONTEIRO, Prefeito Municipal da Estância Climática de Cunha, no uso de suas atribuições que lhe são conferidas por Lei, faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ele promulga e sanciona a seguinte Lei:

Artigo 1º - De acordo com o Artigo 30 item I da Constituição Federal, Artigo 222 e 223 da Lei Orgânica Municipal e Lei Federal nº. 9093/95, ficam fixadas as seguintes datas para os feriados municipais da Estância Climática de Cunha, ***devendo as repartições públicas observar e cumprir a presente Lei:***

Dia 19 de Março – Festa da Boa Vista.

Dia 20 de Abril – Aniversário da Emancipação Político-Administrativo do Município.

Dia 08 de Dezembro – Festa de Nossa Senhora da Conceição – Padroeira do Município.

Artigo 2º - A festa do Divino Espírito Santo, é Patrimônio Cultural do Município de Cunha, devendo ser incentivada e comemorada no terceiro Domingo do Mês de Julho e semana antecedente.

Artigo 3º - Esta Lei, entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

P.M. de Cunha em, 05 de Maio de 1.998

JOSÉ DE ARAÚJO MONTEIRO  
Prefeito Municipal

ALFREDO ROBERTO DE TOLEDO  
Secretário

## ANEXO D

### Lei Orgânica Municipal

#### CAPITULO XX - DA CULTURA

**ARTIGO 218** – É dever do Município incentivar, valorizar, proteger e conservar as diferentes manifestações culturais.

**ARTIGO 219** – O Município incentivará a livre manifestação cultural através de:

I- criação, manutenção e abertura de espaços públicos devidamente equipados e capazes de garantir a produção, divulgação e apresentação das manifestações culturais e artísticas;

II- desenvolvimento de intercâmbio cultural e artístico com os Municípios e o Estado;

III- acesso aos acervos das bibliotecas, museus, arquivos e congêneres;

IV- promoção do aperfeiçoamento e valorização dos profissionais da cultura;

V- planejamento e gestão do conjunto das ações, garantida a participação de representantes da comunidade.

VI- compromisso do Município de resguardar e defender a integridade, pluralidade, independência e autenticidade das culturas brasileiras, em seu território.

VII- cumprimento, por parte do Município, de uma política cultural não intervencionista, visando a participação de todos;

VIII- preservação dos documentos, obras e demais registros de valor histórico ou científico.

IX- descentralização das atividades culturais, estendendo-as aos bairros.

**ARTIGO 220** – Constituem patrimônio cultural municipal os elementos mencionados no artigo 216 e seus incisos da Constituição Federal.

**ARTIGO 221** – O Poder Público municipal pesquisará, identificará, protegerá e valorizará, através de órgão competente, o patrimônio cultural Cunhense, na forma de Lei.

**ARTIGO 222** – Constituem patrimônio do Município da Estância Climática de Cunha, entre outras tradições, que deverão ser incentivadas;

I – as congadas, as atividades dos figureiros e do folclore;

II – as festas populares;

III – as folias do Divino e de Reis;

IV – a preservação da memória de Paulo Virgínio;

V – o acervo histórico, arqueológico, arquitetônico, artístico, documental e paisagismo do Município;

**§ ÚNICO** – As festas populares e profano-religiosas da Imaculada Conceição, de São Benedito, do Divino Espírito Santo e de São José da Boa Vista deverão ser oficializadas pela Câmara Municipal da Estância Climática de Cunha, como expressão máxima da cultura Cunhense.

**ARTIGO 223** – A Lei Municipal disporá sobre a fixação de datas comemorativas de fatos relevantes para a cultura Municipal, assim como sobre o acervo histórico, arqueológico, arquitetônico, artístico, documental e paisagístico do Município.

**ARTIGO 224** – Os danos e ameaças ao patrimônio cultural e arquitetônico serão punidos na forma de Lei.

## **ANEXO E**

### **Normas e regras para todas as festas da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Cunha – Diocese de Lorena**

#### **Parte I**

- 1.** Festeiros são aqueles que foram publicamente nomeados pelo Pároco e somente estes. Ninguém pode intitular-se festeiro ou ser nomeado por outra pessoa que não seja o Pároco.
- 2.** Os festeiros recebem esmolas, doações e prendas em nome do Santo Padroeiro e da Igreja Paróquia, não em nome próprio. Sendo assim tudo deve ser anotado em um caderno ou lista devidamente identificado contendo o nome dos festeiros, o timbre e o carimbo da Paróquia e a assinatura do Pároco.
- 3.** Os festeiros nomeados assumem a visita casa por casa rezando com as famílias e convidando-as para a festa. Os festeiros de comunidade visitam as famílias da comunidade em que eles são os festeiros. Os festeiros do Divino visitam as casas de todos os fiéis da Paróquia, tanto da zona rural quanto da cidade. Os festeiros não devem pedir nada, pois as doações devem ser espontâneas.
- 4.** Se houver Folia estas devem juntamente com os festeiros seguir as normas e orientações do Pároco. Visitar as famílias com os festeiros, mantendo a ordem e o respeito. O transporte e a ajuda de custo e a manutenção é por conta da Festa.
- 5.** Em nenhuma das festas deve haver bebidas alcoólicas na barraca da festa nem serem vendidas nos bingos ou leilões. Se por ventura receberem alguma bebida como doação, esta deve ser trocada por refrigerante ou outra mercadoria.
- 6.** Os festeiros devem participar de todas as reuniões que forem convocados, mantendo respeito e fidelidade a Deus, à Igreja e ao Pároco, para que seja realizada uma festa Cristã conforme a tradição Católica.
- 7.** Os festeiros, antes de tudo, devem ser testemunhas. Portanto, procurem o sacramento da reconciliação, confissão e eucaristia, sobretudo durante o tríduo ou novena e celebração da festa. Que o festeiro seja morador e participante da comunidade.  
Os festeiros procurem reaproveitar o que for possível dos enfeites da festa anterior.
- 8.** Toda arrecadação de uma festa deve se levar em conta o seguinte critério de despesas e de prestação de contas: 50% da parte folclórica e litúrgica, podendo ser feita com menor porcentagem do total; os outros 50% do total arrecadado será em

benefício da Igreja e seu patrimônio. Festa do Divino e da Padroeira repassam, por meio da Paróquia, 10% para a Mitra Diocesana de Lorena. Comunidades rurais devem repassar 10% do total arrecadado para a Matriz (dízimo).

**9.** Se a movimentação financeira for grande deve ser aberta uma conta conjunta assinada por duas pessoas: o Pároco e o tesoureiro da equipe de festeiros, cidade e zona rural.

**10.** Toda prestação de contas deve ser feita pelos festeiros ao Pároco e depois à toda comunidade, ficando claro o que gastou o que entrou e o quanto restou.

## Parte II

**1.** O gado, os leitões, frangos e os cargueiros de milho serão recolhidos na Boa Vista, da seguinte forma: a partir do mês de Maio, o gado; duas semanas antes do início da novena, os leitões, frangos e cargueiros de milho para que o povo possa participar melhor da novena.

**2.** A cabeceira de gado, leitões e frangos é de escolha do Pároco, pois as doações foram feitas para a Igreja. O milho deve ser mantido na Boa Vista para o trato dos animais.

**3.** A equipe da Casa da Festa é permanente e coordenada pelo Senhor Ercílio Pinto de Macedo (Cilão).

**4.** Para o almoço devem ser providenciados; a carne será comprada e padronizada gerando em torno de 2.300kg de carne.

12 sacos de feijão de 60 kg;

200 pacotes de arroz de 5 kg;

1000 kg de farinha de mandioca;

20 sacos de macarrão de 20 kg;

20 sacos de cebola de 20 kg;

130 kg de bacon;

130 kg de azeitona;

40 latas de ervilha de 2kg e 600g;

40 latas de massa de tomate de 2kg e 600g;

10 caixas de óleo;

100 kg de sal;

2 kg de pimenta;

10 fardos de refrigerante;

1 caixa de detergente;  
1 fardo de esponja de aço;  
50 palhas de aço;  
50 sacos de pano;  
40 esponjas;  
10 pedras-sabão;  
10 botijões de gás;  
2 botijões de gás grandes;  
12 mil pratos de isopor;  
10 mil colheres de acrílico;  
1 caixa de copo descartável;  
1 caixa de papel alumínio grande.

**5.** No sábado que antecede o dia da Festa, os festeiros devem, às 9h30min, buscar o Pároco na Casa Paroquial e levá-lo à Casa da Festa para juntos agradecerem e rezarem para a equipe do corte da carne e da cozinha.

**6.** No dia da Festa, os festeiros levam o Pároco até a Casa da Festa para a bênção do almoço e das equipes de serviço, às 9h e 9h30min começarem a servir o almoço gratuitamente a todo o povo.

**7.** Ninguém está autorizado a vender os donativos sem autorização do Pároco e dos festeiros, pois a Casa da Festa será aberta no primeiro dia da novena para a venda de frangos e leitões; lembrando que nos quatro primeiros dias serão vendidos no máximo cinco frangos por pessoa; nos dias seguintes esta venda será livre. O objetivo é atender melhor o povo.

**8.** Os festeiros devem agendar com antecedência, no início do ano, uma reunião com o Poder Público Executivo, buscando a colaboração necessária para a realização das atividades festivas.

**9.** Os festeiros ficam responsáveis para encaminhar ofícios às autoridades e entidades através do escritório paroquial em papel timbrado, devidamente carimbado.

**10.** Ser festeiro é antes de tudo uma grande responsabilidade para com Deus, para com a comunidade e para com a tradição cultural e religiosa de nosso povo.

## ANEXO F

### Festa do Divino Espírito Santo: Relação de bairros por setores

<b>Setor 1 – Bairros rurais</b>	<b>Setor 2 – Bairros rurais</b>	<b>Setor 3 – Bairros rurais</b>
1. Boa Vista	1. Antonio José	1. Barro Vermelho
<b>2. Cachoeira</b>	2. Bangu	2. Catioca
3. Campista	3. Bom Retiro	3. Catioquinha
4. Cãnjara	4. Brejinho	4. Chapéu
5. Carneiros	5. Cachoeirinha	5. Encontro
6. Galvão	6. Carrasquinho	6. Fazendinha
7. Jacuba	7. Córrego Seco	7. Ferraz
8. Jacuí Mirim	8. Cume	8. Jericó
<b>9. Jardim</b>	9. Ingá	9. Mandinga e Mundel
10. Morango	<b>10. Jardim</b>	10. Mato Dentro
11. Paiol	11. Macuco e Sororoca	11. Paiol Velho
12. Pedra Branca	12. Matias e Barra	12. Praia e Barreiro
13. Quilombo	13. Monjolo	13. Sertão do Itambé e Tapera
14. Roça Grande	14. Morro Agudo	14. Sertão dos Marianos
15. Santa Cruz	15. Pernambuco	15. Sertãozinho
16. Tanquinho	<b>16. Pinhal</b>	16. Vargem Santa Cruz
<b>Setor 1 – Bairros urbanos</b>	17. Serraria	<b>Setor 3 – Bairros urbanos</b>
1. Azurém	18. Varginha	1. Alto do Jovino
2. Centro	<b>Setor 2 – Bairros urbanos</b>	2. Estrada Velha
3. Várzea do Gouveia	1. Bexiga	3. Parque Nova Cunha
	2. Cajuru	4. Residencial Santa Bárbara
	3. Motor	
<b>Setor 4 – Bairros rurais</b>	<b>Setor 5 – Bairros Rurais</b>	<b>Setor 6 – Bairros Rurais</b>
1. Balaeiro	1. Bananal	1. Aparição
2. Barreiro	2. Borda do Campo	2. Aparição Velha
3. Beija Uva	3. Cachoeira dos Rodrigues	3. Barra do J. Alves
<b>4. Cachoeira</b>	4. Cana do Reino	4. Caçador Novo
5. Capoeira do Fundo	5. Capivara	5. Campo Alegre
6. Cedro	<b>6. Jacuí</b>	6. Capinzal
7. Córrego da Onça	7. Jacuí Estiva	7. Divino Mestre
8. Cumprida	8. Lagoa	8. Encruzilhada



9. Curralinho	<b>9. Mantiqueira</b>	9. Engenho
10. Foju	10. Monjolinho	10. Guaracanga
11. Guaranjanga	11. Paiolzinho	11. Mato Limpo
<b>12. Jacuí</b>	12. Paraitinga do Zé Luiz	12. Milho Branco
13. Machado	13. Pinheiro	13. Paraibuna
<b>14. Mantiqueira</b>	14. Rio Acima	14. Pinheiro
15. Milho Vermelho	15. Samambaia – Ponte Alta	15. Pontinha
16. Paiol Velho	16. Sapé	16. Rio Abaixo
17. Paiolzinho	17. Sapezal	17. Rio Manso
18. Paraitinga	18. Três Pontes	18. Rodeio
19. Paraitinga dos Gonçalves	19. Vargem Joaquim Rosa	19. Sertão de Cima
20. Paraitinga dos Motas	<b>Setor 5 – Bairros urbanos</b>	20. Sertão Santa Bárbara
21. Pessegueiro	1. Alto do Cruzeiro	21. Sítio
<b>22. Pinhal</b>	2. Filtro	22. Taboão
23. Ponte Furada	3. Lavapés	23. Vargem do Cedro
24. Ribeirão	4. Vila Rica	24. Vargem do Germano
25. Rio Acima		25. Vargem Grande
26. Sapé		26. Vila São José
27. Sertãozinho		<b>Setor 6 – Bairros urbanos</b>
28. Sítio Velho		Nada consta
29. Três Pontes		
30. Varginha		
31. Várzea do Tanque		
32. Várzea dos Gonzagas		
33. Vidro		
<b>Setor 4 – Bairros urbanos</b>		
1. Areão		
2. Falcão		
3. Macota		
4. Rio das Pedras		

Nota: Os bairros em negrito coincidem em mais de um setor.

## ANEXO G

### Festa do Divino Espírito Santo: Prestação de contas (2008)

<b>Receitas</b>	<b>Valor (R\$)</b>
Barraca	6.000,00
Cadernos	72.517,24
Doação de terceiros para pagamento da banda	2.700,00
Venda de bezeros	41.000,00
Venda de frangos e leitões	7.383,97
Venda de mantimentos	2.611,51
<b>Total de dinheiro</b>	<b>132.212,72</b>
<b>Avaliação de mercadorias/patrimônio</b>	<b>Valor (R\$)</b>
Aves e leitões	2.437,00
Bezerros na Boa Vista	23.050,00
Cargueiros de milho	3.200,00
Égua	200,00
<b>Total de mercadorias/patrimônio</b>	<b>28.887,00</b>
<b>Total de receitas</b>	<b>161.099,72</b>
<b>Despesas</b>	<b>Valor (R\$)</b>
Alimentação do pessoal de serviço	1.917,22
Almoço/afogadão	31.382,83
- carnes	16.637,00
- mantimentos e mercadorias	14.745,83
Automóveis/manutenção	1.568,00
Banda	2.700,00
Barraca	2.146,17
Boa Vista /alambrado e medicamentos	2.775,99
Brindes em geral para paraninfos e pregadores	3.763,00
Combustível	11.208,20
Diversos	1.309,19
Doces	10.000,00
Enfeites para a Igreja Matriz e serviços gráficos	6.402,76
Espórtulas	1.250,00
Folia	4.222,40

<b>Total de despesas</b>	<b>85.453,52</b>
<b>Receitas</b>	<b>161.099,72</b>
<b>Despesas</b>	<b>85.453,52</b>
<b>Saldo líquido entregue (dinheiro e patrimônio)</b>	<b>75.646,20</b>
Adiantamento ao Pároco (27/02/2008)	1.700,00
Entrega ao Pároco (05/08/2008)	3.611,00
Entrega ao Pároco (20/08/2008)	448,20
Aves e outros animais – valor estimado	28.887,00
Venda de gado	41.000,00
<b>Saldo líquido apurado (dinheiro e patrimônio)</b>	<b>75.646,20</b>

### Festa do Divino Espírito Santo: Despesas (2008)

<b>Igreja</b>	<b>Valor (R\$)</b>
Carro de som	250,00
Confecção das bandeiras	545,00
Costureira	45,00
Guarda da Casa do Império	100,00
Material de construção	249,00
Produtos de limpeza e enfeite	579,24
<b>Total</b>	<b>1.768,24</b>
<b>Barraca</b>	<b>Valor (R\$)</b>
Açougue	500,00
Carne de frango (106,73 quilos ao custo de R\$3,00 o quilo)	320,00
Embalagens	173,65
Lanche para integrantes da banda de Lagoinha (total de 70 lanches)	105,04
Mão-de-obra (para assar 77 frangos)	115,00
Material de limpeza	2,80
Padaria	960,00
Supermercado	1.973,91
<b>Total</b>	<b>4.150,40</b>
<b>Casa da Festa</b>	<b>Valor (R\$)</b>
Chaminé	200,00
Edvaldo Monteiro	2.173,30
Mourões de madeira tratada (total de 15)	95,00
Restaurante	450,00
Seguranças (pagamento de 9 ao custo de R\$30,00 cada)	270,00
<b>Total</b>	<b>3.188,30</b>

## ANEXO H

### Festa do Divino Espírito Santo: Programação (2009)

Novena

#### **1º dia – 10/07 – sexta-feira**

18h30 – Acolhida da imagem de Nossa Senhora Aparecida vinda do Santuário Nacional: no portal da cidade de onde sairemos em carreata até a Igreja do Rosário. Da Igreja do Rosário até a Matriz procissão das Bandeiras com a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Paraninfos zona rural: Jacuí-Mirim, Roça Grande, Macuco, Jardim, Matias, Pinhal, Bangu, Varginha, Monjolo e Cume.

Paraninfos cidade: Apostolado da Oração, Irmandade de São José, Lar dos Velinhos, Funcionários dos Correios, EMEI Cantinho do Céu, EE Maria da Conceição Querido, Casa da Agricultura, Corporação Musical José Núbile.

#### **2º dia – 11/07 – sábado**

Paraninfos zona rural: Cachoeira dos Rodrigues, Pinheiro, Sapezal, Capivara, Três Pontes, Bananal, Paiolzinho, Joaquim Rosa, Lagoa, Jacuí, Cana do Reino, Quilombinho e Barro Vermelho.

Paraninfos cidade: Pastoral Litúrgica, APAE, Polícia Civil, Polícia Militar, Elektro, Colégio Pentágono, Escola Estadual Dr. Casemiro da Rocha, Projeto Amigos da Criança e farmacêuticos.

#### **3º dia – 12/07 – domingo**

Paraninfos zona rural: Vargem Grande, Pontinha, Vargem do Cedro, Taboão, Campo Alegre, Mato Limpo, Barra do J. Alves e Santa Bárbara.

Paraninfos cidade: Pastoral do Dízimo, Pastoral da Criança, acólitos e coroinhas, Escola Estadual Paulo Virgínio, funcionários do Fórum e Colégio Oliveira Neto.

#### **4º dia – 13/07 – segunda-feira**

Paraninfos zona rural: Paraibuna, Sítio, Capinzal, Vila São José, Engenho e foliões.

Paraninfos cidade: Pastoral Carcerária, cozinheiros da Festa, Irmandade do Santíssimo, Escola Benedito Aguiar Sant'anna, Oficina de Oração, creche municipal e ceramistas.

#### **5º dia – 14/07 – terça-feira**

Paraninfos zona rural: Sertãozinho, Várzea dos Gonzaga, Córrego da Onça, Ribeirão, Santa Cruz, Paiol, Paróquia Nossa Senhora dos Remédios de Campos Novos.

**6º dia – 15/07 – quarta-feira**

Paraninfos zona rural: Paraitinga dos Verreschi, Santana Velha, Paiol Velho, Retiro das Palmeiras, Samambaia, Cedro e Paineira

Paraninfos cidade: Irmandade de São Benedito, Pastoral Familiar/Noivos, Equipes de Nossa Senhora, Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, bancários, comerciantes e RCC

**7º dia – 16/07 – quinta-feira**

Paraninfos zona rural: Catioca, Catioquinha, Itambé, Santana e Santa Isabel

Paraninfos cidade: MECE, grupos de música, Aldeias de Vida e Caminhar, Kairós, Oratório Salesiano, FIC e cartórios

**8º dia – 17/07 – sexta-feira**

Paraninfos: Coral Nossa Senhora da Conceição, Pastoral da Saúde, Pastoral Vocacional, Irmãs Beneditinas, funcionários da Santa Casa, funcionários do Centro de Saúde, bloco carnavalesco Pé de Cana, bloco carnavalesco Dragões do Morro, Senhoras Cristãs, Grupo de Mães Nossa Senhora de Fátima, terceira idade e grupo de capoeira.

**9º dia – 18/07 – sábado**

Pregador: Padre Leandro Carlos Pereira – Pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Cunha

Tema: *De que O Homem Contemporâneo Tem Medo*

Paraninfos: Fraternidades

Nossa Senhora de Fátima, São Roque, Santa Rosa de Lima, Santa Luzia, Santa Edwirges, Dom Bosco, São João Batista, Madre Teresa de Calcutá, Madre Paulina, São Pedro, Santana, Santa Rita de Cássia, Frei Galvão, São Francisco de Assis, Bom Jesus e moradores do centro.

**19/07 - domingo Dia da Festa**

9h30 – Procissão das Bandeiras

10h – Missa Solene e bênção do Mastro da Festa

Pregador: Padre Luiz Cláudio – Santuário Nacional, Aparecida

Tema: *A Igreja Responsável pela Verdade*

10h – Almoço na Casa da Festa

14h – Brincadeiras na praça da Matriz

18h – Procissão saindo da Igreja Matriz

Padaria do Mamede, Rua do Fórum, descer e vai passar pela Rua do Mercado, descer a casa do Padre, rua Major Santana, subir em frente ao Banespa e chegar de novo na Igreja Matriz.

19h – Missa de encerramento da Festa e nomeação dos festeiros de 2010

Pregador: Padre Leandro Carlos Pereira – Pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Cunha

Tema: *O Redentor do Homem*

## ANEXO I

### Cunha: Relação de bairros rurais (por ordem alfabética)

1. Antonio José	21. Campista	41. Engenho	61. Mato Limpo	81. Pinga	101. Sertão de Itambé
2. Aparição	22. Campo Alegre	42. Fazendinha	62. Milho Branco	82. Pinhal	102. Sertão dos Marianos
3. Aparição Velha	23. Cana do Reino	43. Ferraz	63. Milho Vermelho	83. Pinheiro	103. Sertão Santa Bárbara
4. Balaeiro	24. Cãnjara	44. Galvão	64. Monjolinho	84. Ponte Furada	104. Sertãozinho
5. Bananal	25. Capivara	45. Guaracanga	65. Monjolo	85. Pontinha	105. Sítio
6. Bangu	26. Capoeira do Fundo	46. Guaranjanga	66. Morango	86. Praia	106. Sítio Velho
7. Barra do Germano	27. Carneiros	47. Ingá	67. Morro Agudo	87. Quilombo	107. Taboão
8. Barra do J. Alves	28. Carrasquinho	48. Ipoju	68. Paiol	88. Rio Abaixo	108. Tanquinho
9. Barreiro	29. Catióca	49. Jacuba	69. Paiolino	89. Rio Acima	109. Três Pontes
10. Barro Vermelho	30. Catioquinha	50. Jacuí	70. Paiol Velho	90. Rio Manso	110. Vargem do Cedro
11. Beija-uva	31. Cedro	51. Jacuí / Estiva	71. Paiolzinho	91. Ribeirão	111. Vargem Grande
12. Boa Vista	32. Chapéu	52. Jacuí-Mirim	72. Palmital	92. Roça Grande	112. Vargem Joaquim Rosa
13. Bom Retiro	33. Córrego da Onça	53. Jardim	73. Paraibuna	93. Rodeio	113. Vargem de Santa Cruz
14. Bonito	34. Córrego Seco	54. Jericó	74. Paraitinga	94. Samambaia – Ponte Alta	114. Varginha
15. Borda do Campo	35. Cume	55. Lagoa	75. Paraitinga dos Gonçalves	95. Santa Cruz	115. Várzea dos Gonzagas
16. Brejinho	36. Cumprida	56. Machado	76. Paraitinga dos Mottas	96. Sapé	116. Várzea do Tanque
17. Caçador Novo	37. Curralinho	57. Macuco e Sororoca	77. Paraitinga do Zé Luiz	97. Sapezal	117. Vila São José
18. Cachoeira	38. Divino Mestre	58. Mantiqueira	78. Pedra Branca	98. Sapinzal	118. Capinzal
19. Cachoeira dos Rodrigues	39. Encrontro	59. Matias e Barra	79. Pernambuco	99. Serraria	119. Foju
20. Cachoeirinha	40. Encruzilhada	60. Mato Dentro	80. Pessegueiro	100. Sertão de Cima	120. Mandinga e Mundel
					121. Vidro

Fonte: Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.  
Trabalho de campo – JAN-FEV 2009.



## ANEXO J

### Caracterização dos meios de hospedagem<sup>377</sup>

RECEPTIVO	BAIRRO/LOCAL	ESPAÇO	LEITOS
1. Calú Estalagem	Várzea do Gouveia	Urbano	12*
2. Camping e Pousada Seriemá	Guaranjanga	Rural	20*
3. Espaço Vila Rica	Vila Rica	Urbano	36
4. Estalagem Primavera	Várzea do Gouveia	Urbano	24
5. Estalagem Shambala	Morro Grande	Rural	20
6. Fazenda Hotel Canto das Águas	Catióca	Rural	ND
7. Hospedaria Sossego	Centro	Urbano	16*
8. Hotel Belvedere	Centro	Urbano	26
9. Hotel do Parque	Centro	Urbano	18*
10. Hotel Fazenda Santa Bárbara – Pousada Samana	Campo Alegre	Rural	35
11. Hotel Fazenda São Francisco	Cedro	Rural	40
12. Hotel Fazenda Uemura	Mato Limpo	Rural	60
13. Hotel Portal do Sol	Centro	Urbano	40
14. Pousada Barra do Bié	Aparição	Rural	24
15. Pousada Bela Vista	Centro	Urbano	08
16. Pousada Cabocla	Campos Novos	Urbano	15*
17. Pousada Cachoeira Branca	Macuco	Rural	10
18. Pousada Caminho das Delícias da Roça	Paraibuna	Rural	ND
19. Pousada Candeias	Aparição	Rural	26
20. Pousada Colar de Ouro	Mantiqueira	Rural	27

<sup>377</sup> Fontes:

Plano Diretor de Turismo da Estância Climática de Cunha – 1ª Versão Preliminar.

RUSCHMANN, Doris Van De Meene (Org.). Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2007.

Sites:

<[www.cunhatur.com.br](http://www.cunhatur.com.br)>. Acesso em 12/05/2008.

<[www.portaldecunha.com.br](http://www.portaldecunha.com.br)>. Acesso em 12/05/2008.

\*Informações obtidas através de consulta telefônica realizada em 01/06/2008.

\*\*Informações obtidas junto ao proprietário do estabelecimento em 16/06/2008.

21. Pousada Chácara das Palmeiras	Falcão	Urbano	21*
22. Pousada Cheiro da Terra	Falcão	Urbano	54
23. Pousada Clima da Serra	Falcão	Urbano	18
24. Pousada da Mata	Divino Mestre	Rural	16
25. Pousada Dona Felicidade	Catióca	Rural	25*
26. Pousada dos Anjos	Aparição	Rural	24
27. Pousada dos Girassóis	Santa Cruz	Rural	24
28. Pousada do Marcão	Macuco	Rural	06
29. Pousada do Omã	SP-171 km 59	Rural	ND
30. Pousada do Tropeiro	Centro	Urbano	09
31. Pousada Eco Lodge Rio Manso	SP-171 km 58,5	Rural	ND
32. Pousada Empório Renzi	Vila Rica	Urbano	04
33. Pousada Entre Amigos	Currálinho	Rural	05
34. Pousada Fascinação	Jacuí	Rural	ND
35. Pousada Gota de Orvalho	Paraibuna	Rural	ND
36. Pousada Moara	Aparição	Rural	16**
37. Pousada Palhoça	ND	Urbano	ND
38. Pousada Parque Recanto	Santa Cruz	Rural	ND
39. Pousada Recanto das Girafas	Vila Rica	Urbano	24
40. Pousada Recanto João de Barro	Vila Rica	Urbano	12
41. Pousada Serra e Mar	Boa Vista	Rural	20
42. Pousada Sossego	Centro	Urbano	18
43. Pousada Sotaque Mineiro	Cachoeirinha	Rural	16
44. Pousada Terra Viva	Aparição	Rural	22
45. Pousada Trilha do Ouro	Campos Novos	Urbano	20*
46. Pousada Vale das Cachoeiras	Monjolo	Rural	24
47. Pousada Vale dos Orixás	Aparição	Rural	ND
48. Pousada Vale dos Sonhos	Santa Cruz	Rural	14
49. Pousada Vista Verde	Falcão	Urbano	34
50. Pousada Vitória	Campos Novos	Urbano	16

51. Pouso Caminho das Artes	Vila Rica	Urbano	17*
<b>TOTAL DE LEITOS</b>	-	-	<b>916</b>

ND: Dado ou informação não disponível.

## ANEXO K

### Receitas de Pinhão

#### BOLOS E PÃES

##### **Bolo Crocante de Pinhão com Leite ao Creme de Leite**

(Capril Vale do Jacuí)

###### Ingredientes

- 2 xícaras e meia de trigo
- 1 colher de sopa de fermento
- 1 colher de sopa de canela em pó
- 2 xícaras de açúcar
- ½ xícara de castanha do pará moída
- 4 ovos batidos
- 2 xícaras de pinhão cozido e moído
- 1 xícara de óleo

###### Modo de preparo

Bater tudo no liquidificador e assar em forno bem quente por mais ou menos 30 minutos. Depois de assado, salpicar castanhas moídas por cima do bolo.

##### **Bolo de Pinhão**

(Restaurante Jeca Grill)

###### Ingredientes

- 1 xícara de leite
- 4 ovos
- 2 xícaras de açúcar
- 1 xícara de óleo
- 500g de pinhão triturado
- 300g de nozes triturado
- 2 xícaras de trigo
- 3 colheres de chocolate em pó
- 3 colheres de açúcar mascavo
- 1 pitada de fermento em pó

###### Modo de preparo

Bater no liquidificador os ovos, o leite, o óleo, o açúcar, o chocolate em pó e o açúcar mascavo. Logo após, misturar numa tigela o trigo, as nozes, o pinhão e o fermento em pó.

Cobertura

Chocolate ao leite derretido ou açúcar com limão.

### **Pão de Pinhão**

(Pousada Candeias)

Ingredientes

3 ovos

1 gema para pincelar

200 ml de óleo

60 gramas de fermento biológico

350 ml de leite morno

3 colheres de sopa de açúcar

2 ½ xícaras de pinhão cozido e triturado

1 kg de farinha de trigo

1 colher de sopa de sal

Modo de preparo

Em uma tigela grande colocar  $\frac{3}{4}$  da farinha, o pinhão triturado e o sal. Reservar. No liquidificador colocar os cinco primeiros ingredientes, bater até obter o ponto para sovar (fica uma massa macia, mas sem grudar na mão). Divida a massa em duas partes e coloque-as em duas formas para pão de forma, untadas com óleo (ou quatro formas de bolo inglês). Pincelar com gema e deixar crescer até dobrar de volume. Assar em forno médio por cerca de 30 minutos ou até dourar. Se desejar, modelar os pães do tamanho de uma laranja e colocá-los em uma assadeira com distância de dois dedos entre cada um.

Dica: cozinhar e descascar o pinhão ainda quente. Deixar esfriar e levar a geladeira. Triturar o pinhão no dia seguinte, pois ficará uma farofa mais solta.

## DOCES

### **Bombocado de Pinhão**

(Pousada da Omã)

Ingredientes

1 xícara de pinhão cru

2 xícaras de leite

4 ovos

10 colheres de açúcar

1 colher de trigo

2 colheres de manteiga

Modo de preparo

Moer os pinhões no liquidificador e misturar ao restante dos ingredientes. Misturar bem.

Untar forminhas individuais e assar em forno moderado.

### **Bombom de Pinhão**

(Quitanda Literária)

Ingredientes

1 copo cheio de pinhão cozido e descascado

1 copo cheio de leite condensado

1 colher de manteiga

1 colher de mel

Modo de preparo

Bater no liquidificador o pinhão com o leite condensado. Colocar numa panela e acrescentar os outros ingredientes. Levar ao fogo brando e mexer sem parar até obter o ponto para enrolar. Deixar esfriar. Enquanto isso, dissolver em banho maria 200g de chocolate meio amargo em tablete. Enrolar a massa e passar pelo chocolate derretido. Levar a geladeira por 2 horas para o chocolate endurecer. Embrulhar em papel para bombom.

Para o leite condensado

Colocar num caldeirão pequeno e fundo 2 copos de açúcar, 1 litro de leite, 1 colher de maisena e 1 colherinha de fermento em pó. Levar ao fogo, mexendo aproximadamente 40 minutos. Não parar de mexer até dar o ponto de leite condensado.

## PRATOS SALGADOS

### **Abadejo ao Molho de Pinhão com Bananas Assadas**

(Receita adaptada pelo Restaurante Quebra Cangalha)

#### Ingredientes

2 postas de abadejo

azeite, sal, pimenta do reino e limão

50g de manteiga

1 cebola roxa

2 dentes de alho

½ xícara de chá de uvas passas sem semente

4 colheres de sopa de molho shoyo

1 colher de sopa de cúrcuma

cebolinha e salsinha

1 xícara de chá de pinhão em lascas

1 banana da terra

1 batata

#### Modo de preparo

Tempere as postas de abadejo com limão, sal e pimenta do reino e grelhe com um pouco de azeite. Derreta a manteiga em uma frigideira e refogue a cebola e o alho. Acrescente a uva passa, o shoyo, o limão, o pinhão e a cúrcuma e deixe cozinhar por 10 minutos. Sirva com bananas assadas cortadas ao meio e batatas coradas.

### **Camusquim Talharim ao Molho de Camarão com Pinhão**

(Pousada e Restaurante dos Girassóis)

Para 6 porções:

½ kg de pinhão cozido e filetado

½ kg de camarões médios/grandes cortados ao meio no comprimento, temperados e passados na manteiga

700g de talharim cozido al dente

Ingredientes: 1ª. parte

1 e ½ colher de sopa de azeite

1 folha de louro

½ cebola picadinha

½ dente de alho socado

¼ xícara de chá de azeitonas pretas/verdes picadas  
 ½ pimentão médio vermelho picado  
 375g de tomates maduros, firmes, sem pele e sem sementes triturados  
 ½ envelope de paelheiro (ou sazón para peixe)  
 1 tablete de pó de caldo de camarão dissolvido em 1 e ½ xícara de chá de água quente  
 ½ colher de chá de azeite de dendê (opcional)  
 ½ kg de pinhão cozido e filetado (deixar parte para decoração do prato)  
 ½ colher de café de açafraão em pó  
 ½ envelope de hondashi  
 pimenta

Ingredientes: 2ª. parte

250ml de leite em temperatura ambiente  
 150ml de leite de côco  
 1 colher de sobremesa de manteiga sem sal  
 2 colheres de sopa de maizena, se necessário  
 1 colher de sopa de creme de leite  
 1 colher de sopa de requeijão  
 1 colher de sopa de queijo parmesão ralado / cheiro verde

Modo de preparo

Aqueça o azeite, refogue o alho e a cebola. Junte a folha de louro e acrescente os demais ingredientes da 1ª. parte, começando pelos líquidos. Após o cozimento, acrescente o leite, leite de coco, os camarões e a manteiga. Adicione a maizena até encorpar (se precisar) e em seguida o creme de leite, requeijão e o queijo ralado. Por último, acrescente o cheiro verde na hora de servir.

Montagem

Acomode metade da massa no recipiente em que vai servir. Em seguida parte do molho, repita a operação. Enfeite o prato com parte do pinhão cozido e o cheiro verde. Sirva em seguida.

### **Carne Seca com Pinhão**

(Pousada e Restaurante Terra Viva)

Ingredientes

1 xícara de pinhão cozido e fatiado  
 1 xícara de carne cozida e fatiada



1 dente de alho  
½ cebola picada  
½ tomate sem pele picado  
1 colher de azeite  
1 colher de salsa picada  
sal e pimenta a gosto

#### Modo de preparo

Em uma frigideira, coloque o azeite, refogue o alho, a cebola e o tomate. Acrescente a carne seca e deixe fritar bem, tempere com sal e pimenta e não deixe secar. Por último acrescente a salsa e o pinhão fatiado. Sirva com purê de abóbora e arroz branco.

### **Creme de Pinhão ao Conhaque**

(Restaurante Le Provence)

Ingredientes (para 6 pessoas como entrada)

500g de pinhão  
½ lata de caldo de galinha  
1 xícara de creme de leite fresco  
3 xícaras de leite  
½ xícara de cebolinha bem picada  
1 colher de sopa de manteiga  
1 xícara de água do cozimento dos pinhões  
1 cebola média bem picada  
queijo parmesão para decorar  
4 colheres de sopa de conhaque  
lascas de pinhão cozido para decorar  
noz moscada  
sal e pimenta do reino moída na hora

#### Modo de preparo

Lavar muito bem os pinhões e cozinhar até ficarem macios (reservar uma xícara de água do cozimento). Descascar e reservar os pinhões. Em uma panela fritar a cebola na manteiga até dourar. Acrescentar a água do cozimento dos pinhões e o caldo de galinha. Assim que levantar fervura juntar os pinhões e deixar cozinhar tampado por, aproximadamente, 15 minutos. Passar os pinhões e o caldo pelo processador ou pelo liquidificador. Acrescentar a cebolinha (deixar um pouco para decorar o prato no final),

o creme de leite e o leite. Deixar tudo bem fluído. Devolver tudo para a panela. Ralar por cima um pouco da noz moscada. Acertar o sal e a pimenta do reino (usar água para acertar a textura do creme). No final agregar o conhaque. Servir em xícaras ou em pratos de sopa, terminando a decoração com queijo ralado e um pouco de cebolinha bem picada e as raspas de pinhão cozido.

### **Coulash de Pinhão**

(Pousada e Restaurante Empório Remzi)

Ingredientes

250g de pinhão cozido e descascado

500g de carne de porco em quadrados médios

3 colheres de azeite extra virgem

2 cálices de cachaça de Araucária Empório Remzi

1 cebola picada em quadrados

3 dentes de alhos picadinhos

2 colheres de sopa de páprica picante

1 colher de chá de louro em pó

1 colher de sobremesa de alecrim

1 xícara de molho de tomate

sal a gosto

Modo de preparo

Refogar a cebola e o alho no azeite. Colocar a carne e refogar bem. Agregar os outros ingredientes menos o pinhão. Deixar cozinhar até amaciar a carne. Quando a carne estiver no ponto colocar os pinhões. Mexer bem até aquecê-los.

Montagem do prato

Folhas de alface roxa e carpaccio de abacaxi com pimenta rosa, 3 colheres bem servidas do goulash e arroz branco. Servir com um cálice de cachaça de Araucária Empório Remzi.

### **Espaguetini no Papelote com Truta e Pinhão ao Vinho**

(Pousada e Restaurante dos Girassóis)

Ingredientes (para 4 pessoas)

4 filés de truta temperados com sal e pimenta do reino preta

320g de espaguetini cozido em água e sal *al dente*

3 tomates picados sem pele e sem sementes

200g de pinhões cozidos e fatiados finos

½ talo de alho porró picado

½ cenoura cortada em tiras finas e cozidas *al dente*

1 abobrinha sem as sementes (ou 1 chuchu) cortada em tiras finas cozidas *al dente*

20ml de vinho branco seco

8 colheres de sopa de azeite

2 dentes de alho picados

salsa e manjeriço picados

cebolinha

Modo de preparo

Cortar 4 quadrados de papel alumínio (35cm). Untar com azeite. Em cada quadrado colocar um filé de truta temperado com sal e pimenta do reino. Sobre o peixe colocar o espaguetini cozido, o tomate picado, o pinhão picado, a cenoura, a abobrinha, o vinho branco, o azeite e o alho. Fechar bem o papelote para não escapar o ar. Colocar os papelotes sobre uma assadeira e levar ao forno pré-aquecido a 180°C de 25 a 30 minutos.

### **Estrogonofe de Pinhão**

(Pousada Barra do Bié)

Ingredientes

500g de peito de frango picado

1 cebola picada

2 dentes de alho picado

200g de ketchup

1 xícara de vinho branco seco

200g de creme de leite

1 ½ xícara de pinhão picado

2 colheres de sopa de azeite

salsinha e sal a gosto

Modo de preparo

Dourar a cebola, o alho e o sal no azeite. Refogar o peito de frango e deixar secar um pouco. Adicionar o vinho e o ketchup e deixar cozinhar até ficar macio. Se precisar, colocar um pouco de água. Quando o frango estiver bem macio, colocar os pinhões e a salsinha. Na hora de servir adicionar o creme de leite, sem deixar ferver.

## **Filé Crocante de Linguado ao Molho de Pinhão**

(Estalagem e Restaurante Shambala)

Ingredientes (para o peixe)

1 filé de linguado de aproximadamente 180 g

1 toque de aceto balsâmico

4 colheres de sopa de pinhão triturado

sal a gosto

Ingredientes (para o molho)

4 colheres de sopa de pinhão picado

1 colher de sopa rasa de manteiga

1 colher de sobremesa de ervas frescas picadas (tomilho, alecrim, salvia, estragão etc.)

Modo de preparo

Passa o filé no aceto balsâmico. Acrescente o sal. Em seguida, passe sobre o pinhão triturado e retire o excesso. Aqueça a frigideira com um fio de azeite e grelhe o filé dos dois lados até formar uma crosta dourada. Reserve. Na mesma frigideira, acrescente a manteiga, o pinhão (se quiser coloque um cálice de vinho branco) e as ervas frescas por aproximadamente 1 minuto e em seguida sirva sobre o filé.

Acompanhamento

Batatas salteadas ou coradas.

## **Filé de Pinhão**

(Hotel Fazenda Santa Bárbara)

Ingredientes

1kg de filé mignon

100g de manteiga

½ litro de caldo de carne

suco de uma laranja inteira descascada

300g de pinhão cozido e picado em rodela

2 colheres de molho inglês

4 colheres de ketchup

1 pitada de noz-moscada

1 lata de creme de leite

sal e pimenta a gosto

Modo de preparo

Tempere o filé com sal e pimenta e doure na manteiga. Acrescente o caldo de carne, o suco de laranja e deixe cozer por 20 minutos. Coloque o molho inglês, o ketchup e a noz-moscada. Desligue o fogo e misture o creme de leite. Flambe os pinhões e espalhe por cima. Sirva com salada verde, arroz branco e batata palha.

### **Filé Mignon ao Molho Madeira com Pinhão**

(Restaurante Drão)

Ingredientes (6 porções)

1kg de filé mignon

3 colheres de sopa de manteiga

1 cebola grande

1 pitada de sal

60g de farinha de trigo

120ml de vinho madeira

2 tabletes de caldo de carne

400g de pinhão cozido, descascado e picado

50g de cebolinha picada

Modo de preparo

Cortar o filé em pedaços grossos (2 cm), passar pouco sal e preparar numa frigideira. Separar os filés num lugar quente e guardar o caldo. Derreter a manteiga, juntar a cebola picada e deixar fritar por 5 minutos no fogo baixo. Juntar a farinha e mexer bem até que fique dourada. Acrescentar aos poucos o vinho madeira, o caldo de carne, já reservado, 400ml de água e 2 tabletes de caldo de carne, mexendo sempre até engrossar ligeiramente. Colocar sal a gosto. Juntar os pinhões e a cebolinha. Deixar ferver mais 5 minutos. Servir com polenta mole e/ou arroz branco.

### **Lagarto ao Molho de Pinhão**

(Pousada e Restaurante Dona Felicidade)

Ingredientes

1kg de lagarto

250g de pinhão cozido e descascado

100g de pinhão moído

1 cebola média cortada em rodela

sal

alho

raspas de noz-moscada

Modo de preparo

Lave a carne com suco de limão-cravo. Deixe descansar por alguns minutos e enxágüe. Tempere com o sal e o alho. Numa panela, de preferência de ferro, refogue a carne, fritando até dourar bem. Para que não queime enquanto refoga, pingue água conforme for necessário. Quando a carne estiver pronta, utilize a borra que ficou na panela para fazer o molho de pinhões. Abaixar o fogo, coloque água para descolar a borra, sal, um pouco de alho, e os pinhões cozidos e descacados. Deixe o molho apurar. Quando engrossar, coloque a cebola para cozinhar rapidamente e as raspas de noz-moscada. Sirva a carne acompanhada do molho e utilize os pinhões moídos para decorar o prato. Acompanhe com arroz, feijão, couve mineira refogada e farofa de pinhão.

### **Lasanha com Pinhão**

(Pousada e Restaurante Vale das Cachoeiras)

Ingredientes

8 colheres de sopa de azeite

4 dentes de alho amassados

2 cebolas médias raladas

2 colheres de sobremesa de orégano

1kg de pinhão cozido cortado em rodelas ou fatias

1kg de lasanha pré-cozida

1,2kg de queijo muzzarella processado

2 litros de molho de tomate

2 colheres de chá de noz-moscada

queijo parmesão ralado para polvilhar

sal e pimenta a gosto

Modo de preparo do molho

Aqueça o azeite em uma panela e refogue o alho e a cebola. Coloque o molho de tomate. Acrescente o orégano, sal, pimenta e noz-moscada. Deixe cozinhar para encorpar o molho. Acrescente o pinhão, mexa bem, incorporando-o ao molho. Deixe ferver um pouco e o molho está pronto.

Montagem

Coloque em um refratário retangular médio um pouco de molho no fundo, apenas para forrar. Coloque uma camada de massa, uma de molho e uma de queijo. Em seguida, vá alternando camadas de massa, molho e queijo sobre a última camada. Salpique queijo parmesão ralado. Leve ao forno para gratinar por cerca de 20 minutos ou até que a superfície esteja dourada.

Rendimento: 8 porções.

### **Lombo de Porco ao Molho de Pinhão**

(Restaurante Antigo Caminho do Ouro)

Ingredientes

200g de lombo

2 dentes de alho

meio suco de limão

1 colher de chá de açúcar

1 xícara de vinho tinto

1 xícara de pinhão

3 colheres de azeite

1 copo de água

1 caldo de carne

1 caldo de bacon

1 xícara de creme de leite

alecrim, pimenta e sal a gosto

Modo de preparo

Temperar o lombo com alho, alecrim, pimenta, sal e vinho. Depois, em uma panela, dourar o açúcar. Colocar o azeite logo em seguida, o lombo de porco temperado e o restante de seu molho. Dissolver os caldos de bacon e carne na água quente e acrescentar no lombo. Cozinhar o pinhão em uma panela de pressão por 20 minutos, descascar e cortar em rodelas. Colocar na panela que está o lombo e deixar cozinhar por 20 minutos. Colocar creme de leite e servir com arroz.

### **Panqueca de Pinhão**

(Pousada e Restaurante Clima da Serra)

Ingredientes da massa

1 copo de farinha de trigo

1 copo de leite

2 unidades de ovos

1 colher de sopa de óleo de soja

Modo de preparo

Bater tudo no liquidificador. Fritar as panquecas em uma frigideira de material anti-aderente.

Ingredientes do recheio

12 unidades de pinhão cozido e descascado

3 colheres de carne cozida e desfiada

Molho de tomate – modo de preparo

Picar o pinhão e misturar bem com a carne desfiada. Recheiar a panqueca e cobrir com molho. Salpicar com queijo parmesão. Levar ao forno por 1 minuto e meio.

### **Risoto de Cordeiro e Pinhão**

(Restaurante Quebra-Cangalha)

Ingredientes (2 pessoas)

200g de arroz arbóreo

2 colheres de sopa de manteiga

1 cálice de vinho branco

100g de cebola picada

250ml de caldo de cordeiro

250g de pinhão cozido e descascado

300g de carne de cordeiro

10 dentes de alho picados

3 cebolas trituradas

150ml de azeite

3 copos de vinho tinto seco

50g de bacon cortado em cubos

50g de cenoura cortada em cubos

50g de salsão cortado em cubos

1 colher de extrato de tomate

sal, louro e pimenta-do-reino a gosto

Modo de preparo

Cordeiro



Cortar a carne de cordeiro em cubos, colocar num recipiente fundo coberto com vinho tinto, os legumes, o louro, o sal e a pimenta. Deixar na marinada até o dia seguinte. Em uma panela colocar o azeite, o alho, a cebola e o bacon até fritar. Acrescentar os legumes e o extrato de tomate, a carne de cordeiro, o vinho tinto da marinada e deixar cozinhando por cerca de 1 hora.

#### Risoto

Em uma panela colocar 1 colher de sopa de manteiga e a cebola picadinha. Refogar. Acrescentar o arroz arbóreo e aos poucos adicionar o vinho branco e o caldo do cordeiro. Deixar cozinhar, mexendo sempre por cerca de 20 minutos, ou até que o arroz fique *al dente*. Incorporar a carne de cordeiro e os pinhões cozidos e cortados em lascas. Acrescentar mais uma colher de manteiga e servir enfeitando com salsinha picada.

#### **Torta de Pinhão com Shiitake**

(Pousada e Restaurante Vila Rica)

##### Ingredientes da massa

2 e ½ xícaras de maisena

2 e ½ xícaras de farinha de trigo

1 colher de sopa rasa de sal

1 colher de sopa rasa de fermento em pó

1 xícara de leite

1 xícara de óleo

Junte todos os ingredientes com as pontas dos dedos até formar uma bola. Deixe descansar por 30 minutos.

##### Ingredientes do recheio

1 cebola média picadinha

3 dentes de alho amassados

¼ de xícara de alho

1 xícara grande de pinhão cozido e picado

1 xícara de cenoura ralada

2 xícaras de leite

2 colheres de sopa de maisena

100g de requeijão

200g de shitake picado em tiras

3 ovos cozidos e picados

sal, pimenta e cheiro verde a gosto

Refogue no óleo a cebola e o alho, acrescente o pinhão, a cenoura, o sal, a pimenta e o cheiro verde. Deixe cozinhar no fogo brando com um pouco de água por uns 15 minutos. Junte a maisena dissolvida no leite e cozinhe mexendo sempre. Acrescente o requeijão e continue a mexer. Quando estiver quase pronto acrescente o shitake e os ovos cozidos. Depois de ter engrossado, tire do fogo e deixe esfriar.

Montagem da torta

Abra a massa em superfície lisa com um pouquinho de farinha de trigo para não grudar. Estando a massa fina, coloque em assadeira de fundo solto. Em seguida, o recheio e cubra com o restante da massa. Faça desenhos com tirinhas da massa e coloque por cima. Pincele com gema. Asse em forno moderado por aproximadamente 30 minutos.

Rendimento: 2 tortas médias.

### **Traíra na Chapa com Pinhão Desfiado**

(Restaurante Toca do Peixe)

Ingredientes

1 filé de traíra sem espinho com 800g

150g de pinhão cozido em água e sal, cortado em tiras

40g de bacon cortado em cubinhos

1 dente de alho cortado bem miúdo

1 colher de salsinha bem picada para decorar

1 colher de manteiga sem sal

suco de 1 limão para temperar

sal e pimenta a gosto

Modo de preparo

Temperar o filé com sal, pimenta e limão. Grelhar com a manteiga na chapa bem quente. Reservar aquecido. Em uma frigideira de fundo grosso, fritar os cubos de bacon até dourar. Acrescentar o alho, os pimentões e os pinhões, deixando tudo pegar gosto e apurar. Colocar o peixe em uma travessa. Agregar o molho por cima e salpicar a salsinha para decorar. Servir acompanhado de arroz branco e salada fresca.

### **Truta com Talharim ao Pesto de Pinhão**

(Restaurante Sabores da Roça)

## Ingredientes

1 truta de 300g

150g de macarrão talharim

100g de pinhão

2 colheres de manteiga

1 pitada de sal

alecrim a gosto

## Ingredientes do pesto

10 folhas de manjeriço

20g de parmesão

5 colheres de azeite

2 dentes de alho

80g de pinhão

## Modo de preparo

Em uma tigela grelhar a truta já limpa com uma colher de manteiga e uma pitada de sal. Cozinhar o macarrão. Em outra frigideira colocar uma colher de manteiga, fritar o alho com uma pitada de sal e misturar o macarrão.

## Preparo do molho da truta

Colocar uma colher de manteiga para derreter. Acrescentar o pinhão, o alecrim a gosto e uma pitada de sal. Cozinhar por aproximadamente 3 minutos.

## Preparo do pesto

Triturar os ingredientes do pesto.

## Montagem do prato

Colocar a truta no prato, o molho de pinhão em cima da truta e o pesto em cima do talharim.

## **Vinagrete com Pinhão**

(Pousada dos Anjos)

## Ingredientes

500g de pinhão cozido, descascado e picado

2 cebolas bem picadas

5 dentes de alho bem picados

Vinagre, azeite, limão e sal a gosto

## Modo de preparo

Misturar todos os ingredientes e conservar na geladeira.

## ANEXO L

### Festa do Pinhão (2007)

#### Relação de algumas barracas com respectivos preços

1. Barraca da APAE – arrecadação do dinheiro dos produtos é direcionada para a APAE de Cunha

Produto	Preço (R\$)
Caldo de pinhão	3,00
Croquete de pinhão – porção	3,00
Pinhão cozido – copo 300 ml	0,50
Pinhão cru – kg	1,00

2. Barraca do Wilson (produtor de shitake)

Produto	Preço (R\$)
Bolo de pinhão com açúcar mascavo	5,00
Conserva de pinhão	
- vidro 200 ml	4,00
- vidro 600 ml	6,00
Copo com pinhão cozido	0,50
Picanha na chapa com farofa de pinhão	12,00
Pinhão cru – 2 kg	3,00

3. Barraca da Associação de Produtores do Bairro Aparição

Produto	Preço (R\$)
Conserva de pinhão	6,00
Doce de banana com pinhão	2,00
Paçoca de pinhão	1,50
Pão de pinhão	7,00

4. Barraca do Produtor (Bairro do Sítio – Estrada do Paraibuna)

Produto	Preço (R\$)
Bolo de pinhão	
- pedaço	1,00
- inteiro	5,00
Coxinha de frango com pinhão	1,00
Farofa de pinhão – porção	2,00
Pão de pinhão	5,00

Pinhão com bacon – porção	1,50
Pinhão cozido – copo	0,50
Pinhão temperado com vinagrete – 100g	1,00
Risoles de carne com pinhão	1,00

## **ANEXO M**

### **Festa do Pinhão (2009)**

#### **Relação de pratos**

- Bolo crocante de pinhão com leite ao creme de café, no Capril Vale do Jacuí;
- Bolo de pinhão, no Restaurante Jeca Grill;
- Bombocado de pinhão, na Pousada da Omã;
- Bombom de pinhão, na Quitanda Literária;
- Carne seca com pinhão, na Pousada e Restaurante Terra Viva;
- Coulash de pinhão, no Restaurante Empório Remzi;
- Creme de pinhão ao conhaque, no Restaurante Le Provence;
- Espaguetini no papelote com truta e pinhão ao vinho, na Pousada e Restaurante dos Girassóis;
- Estrogonofe de pinhão, na Pousada Barra do Bié;
- Filé com pinhão, na Fazenda e Restaurante Santa Bárbara, Pousada Samanah
- Filé crocante de linguado ao molho de pinhão, no Restaurante Shambala;
- Filé mignon ao molho madeira com pinhão, no Restaurante Drão;
- Lagarto ao molho de pinhão, no Restaurante Dona Felicidade;
- Lombo de porco com pinhão, no Restaurante Caminho do Ouro;
- Panqueca de pinhão, na Pousada Clima da Serra;
- Pão de pinhão, na Pousada Candeias;
- Risoto de cordeiro e pinhão, no Restaurante Quebra-Cangalha;
- Traíra na chapa com pinhão desfiado, no Restaurante Toca do Peixe;
- Truta com talharim ao pesto de pinhão, no Restaurante Sabores da Roça;
- Vinagrete de pinhão, na Pousada dos Anjos.

## ANEXO N

### FESTA DO PINHÃO: QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO Nº: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2009 CODIFICAÇÃO Nº: \_\_\_\_\_

ATENÇÃO: Entrevistar não residentes em Cunha, de ambos os sexos, entre 16 e 70 anos.

#### I - CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

1. Sexo:           ( 1 ) Masculino           ( 2 ) Feminino
2. Faixa de idade: ( 1 ) 16 a 20 ( 2 ) 21 a 30 ( 3 ) 31 a 40 ( 4 ) 41 a 50 ( 5 ) 51 a 60 ( 6 ) 61 a 70
3. Município onde mora: _____ 3.1. UF: _____
4. Grau de instrução:
( 1 ) Analfabeto / 4ª série do Ensino Fundamental incompleta
( 2 ) 4ª série do Ensino Fundamental completa / 8ª série do Ensino Fundamental incompleta
( 3 ) 8ª série do Ensino Fundamental completa / 3ª série do Ensino Médio incompleta
( 4 ) 3ª série do Ensino Médio completa / Ensino Superior incompleto
( 5 ) Ensino Superior completo

5. Quantos _____ existem em sua casa?					
<i>ITENS</i>	Não tem	1	2	3	4 ou mais
Televisão em cores	0	1	2	3	4
DVD	0	2	2	2	2
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	4	5	6	7
Automóvel	0	4	7	9	9
Empregada mensalista	0	3	4	4	4
Máquina de lavar roupa	0	2	2	2	2
Geladeira	0	4	4	4	4
Freezer	0	2	2	2	2

6. Grau de instrução do chefe de família:	
( 1 ) Analfabeto / 4ª série do Ensino Fundamental incompleta	0
( 2 ) 4ª série do Ensino Fundamental completa / 8ª série do Ensino Fundamental incompleta	1
( 3 ) 8ª série do Ensino Fundamental completa / 3ª série do Ensino Médio incompleta	2
( 4 ) 3ª série do Ensino Médio completa / Ensino Superior incompleto	4
( 5 ) Ensino Superior completo	8



## II - ANÁLISE DA ATIVIDADE TURÍSTICA

<b>7. Qual foi o meio de transporte utilizado para chegar a Cunha?</b>			
( 1 ) Automóvel	( 2 ) Bicicleta	( 3 ) Moto	
( 4 ) Ônibus de linha	( 5 ) Ônibus de turismo fretado	( 6 ) Perua/van	
<b>8. Qual o tempo de permanência em Cunha?</b>			
( 1 ) Menos de um dia	Ir para a questão 10.	( 2 ) Um dia	( 3 ) Dois dias ( 4 ) Três dias ou mais

<b>9. Está acomodado em...</b>		
( 1 ) Barraca/camping	( 2 ) Casa de amigos/familiares	( 3 ) Imóvel próprio
( 4 ) Hotel fazenda	<b>9.1.1. Especificar:</b> _____	
( 5 ) Pousada	<b>9.1.2. Especificar:</b> _____	
( 6 ) Outros	<b>9.1.3. Especificar:</b> _____	

## III - ANÁLISE DA FESTA DO PINHÃO

<b>10. Como ficou sabendo da Festa do Pinhão-2009 de Cunha?</b>		
( 1 ) Amigos, conhecidos ou familiares	( 2 ) Impressos – cartazes, folders, jornais, panfletos	
( 3 ) Internet – email ( 4 ) Rádio ( 5 ) Televisão ( 6 ) Outros Especificar: _____		
<b>11. É a primeira vez que vem a Festa do Pinhão de Cunha?</b>		
( 1 ) Sim	Ir para a questão 14.	( 2 ) Não
<b>12. O sr. (sra.) compareceu à festa do ano passado, em 2008?</b>		
( 1 ) Sim	( 2 ) Não	Ir para a questão 14.
A festa deste ano de 2009 em comparação à festa do ano passado em relação...		
<b>13.1. Ao acesso/estacionamento está:</b>	( 1 ) Melhor	( 2 ) Igual ( 3 ) Pior
<b>13.2. Às apresentações musicais/eventos/shows está:</b>	( 1 ) Melhor	( 2 ) Igual ( 3 ) Pior
<b>13.3. Ao atendimento, decoração e limpeza das barracas está:</b>	( 1 ) Melhor	( 2 ) Igual ( 3 ) Pior
<b>13.4. Aos horários dos eventos e organização está:</b>	( 1 ) Melhor	( 2 ) Igual ( 3 ) Pior
<b>13.5. À divulgação – cartazes, folders, internet etc. está:</b>	( 1 ) Melhor	( 2 ) Igual ( 3 ) Pior
<b>13.6. Aos produtos à base de pinhão está:</b>	( 1 ) Melhor	( 2 ) Igual ( 3 ) Pior
<b>13.7. Aos preços dos produtos em geral está:</b>	( 1 ) Melhor	( 2 ) Igual ( 3 ) Pior

Gostaria que o sr. (sra.) avaliasse as seguintes ponderações em relação à Festa do Pinhão-2009 de Cunha.			
Atitudes	Concordo	Indiferente	Discordo
<b>14.1.</b> Considero importante a realização de shows com artistas que aparecem na televisão e que são conhecidos nacionalmente.	( 1 )	( 2 )	( 3 )
<b>14.2.</b> Valorizo na Festa alimentos rápidos sem o pinhão como chocolates, doces, espetinhos, pastéis, porções, salgadinhos e sanduíches em geral.	( 1 )	( 2 )	( 3 )
<b>14.3.</b> O horário de apresentação dos shows deve ser tarde da noite, avançando se possível pela madrugada.	( 1 )	( 2 )	( 3 )
<b>14.4.</b> A oferta de bebidas alcoólicas, principalmente batidas e cerveja, é um dos atrativos responsáveis pela minha participação na Festa.	( 1 )	( 2 )	( 3 )
<b>14.5.</b> Prefiro shows de carácter regional com modinhas de viola e músicas de raiz do que com grupos de axé, <i>funk</i> ou sertanejo.	( 1 )	( 2 )	( 3 )

<b>15.</b> Para encerrar, de modo geral, como o sr. (sra.) avalia a Festa do Pinhão-2009 em Cunha?
( 1 ) Ótima      ( 2 ) Boa      ( 3 ) Regular      ( 4 ) Ruim      ( 5 ) Péssima

Obrigado.

## ANEXO O

### Festa do Pinhão (2009)

#### Programação

<b>Data</b>	<b>Horário</b>	<b>Evento</b>	<b>Local</b>	<b>Espaço</b>
15/04 quarta	14h	Abertura da exposição <i>O Pinheiro Brasileiro</i>	Parque Estadual da Serra do Mar	Rural
17/04 sexta	22h	Apresentação musical <i>Pithy Couto e Banda Urbana</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
18/04 sábado	18h	Apresentação musical <i>Banda Portal 11</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	20h	Apresentação musical <i>Catira</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	20h30	Apresentação cinematográfica <i>Somos todos sacis, Cantigas sob a sombra do Itambé e Carro de Boi Sagaiarana</i>	Espaço cultural Elias José Abdalla (Cine Teatro São José)	Urbano
	23h	Apresentação musical <i>Luca Bugarini</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
19/04 domingo	07h30	I Passeio ciclístico Cunha-Parque Estadual da Serra do Mar	Saída da Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano-Rural
	10h	II Exposição Filatélica e Pedagógica de Cunha	Espaço Cultural Parque Lavapés	Urbano
	13h	Lançamento do livro <i>Sabores e Saberes do Pinhão</i>	Associação dos Produtores do Bairro do Sítio	Rural
	18h	Apresentação de mágica <i>Mágico Orion</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	21h	Apresentação musical Banda Rodeio	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
20/04 segunda	09h	Missa solene na Igreja Matriz Nossa Senhora de Conceição em comemoração ao aniversário da cidade	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	10h	Apresentação musical Banda de Música CPI-1	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	10h	Apresentação cívica das escolas públicas do município	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	15h	Grupo capoeira de Cunha	Praça Cônego	Urbano

			Siqueira (praça da Matriz)	
	16h	Apresentação musical <i>Giliardi</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	19h30	Culto de ação de graças	Igreja Metodista	Urbano
	23h	Apresentação musical <i>Gostoso Veneno</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
21/04 terça	15h	Apresentação musical <i>Diego Max</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	22h	Apresentação musical <i>New West</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
24/04 sexta	20h	Abertura da exposição com aquarelas <i>Caminho do Ouro Ilustrada</i>	Espaço Cultural Parque Lavapés	Urbano
	22h	Apresentação musical <i>Banda Turanga</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
25/04 sábado	18h	Apresentação cultural <i>Congada de São Benedito</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	23h	Apresentação musical <i>Orquestra Violas de Itaboaté</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
26/04 domingo	15h	Apresentação musical <i>Sax na Praça</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	18h	Apresentação de mágica <i>Mágico Orion</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	22h	Apresentação musical <i>Fábio Satim e Luciana</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
01/05 sexta	22h	Apresentação musical <i>Banda Dallas</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
02/05 sábado	15h	Apresentação musical João Galvão	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	18h	Apresentação de mágica <i>Mágico Orion</i>	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	20h	Apresentação musical Banda Distorção	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	23h	Apresentação musical Rodica	Praça Cônego	Urbano

		Blues Band	Siqueira (praça da Matriz)	
03/05 domingo	15h	Apresentação musical Violeiros de Cunha	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano
	22h	Apresentação musical Banda Chapéu Brasil	Praça Cônego Siqueira (praça da Matriz)	Urbano

## ANEXO P

### FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO N.º: \_\_\_\_\_ DATA: 19/07/2009 CODIFICAÇÃO N.º: \_\_\_\_\_

ATENÇÃO: Entrevistar apenas residentes em Cunha, de ambos os sexos, maiores de 16 anos.

1. Sexo: ( 1 ) Masculino ( 2 ) Feminino		
2. Faixa de idade: ( 1 ) 16 a 20 ( 2 ) 21 a 30 ( 3 ) 31 a 40 ( 4 ) 41 a 50 ( 5 ) 51 a 60 ( 6 ) mais de 70		
3. Estado civil:		
( 1 ) Solteiro(a) ( 2 ) Casado(a) ( 3 ) Companheiro(a) ( 4 ) Divorciado(a)/separado(a) ( 5 ) Viúvo(a)		
4. Grau de instrução:		
( 1 ) Analfabeto / 4ª série do Ensino Fundamental incompleta		
( 2 ) 4ª série do Ensino Fundamental completa / 8ª série do Ensino Fundamental incompleta		
( 3 ) 8ª série do Ensino Fundamental completa / 3ª série do Ensino Médio incompleta		
( 4 ) 3ª série do Ensino Médio completa / Ensino Superior incompleto		
( 5 ) Ensino Superior completo		
5. Região de Cunha onde mora: ( 1 ) Cidade / área urbana ( 2 ) Roça / área rural		
6. Bairro de residência: _____		
7. O(a) sr.(sra.) tem religião?		
( 1 ) SIM ( 2 ) NÃO Ir para a questão 10.		
8. Qual a sua religião?		
( 1 ) Adventista ( 2 ) Católica ( 3 ) Espírita		
( 4 ) Evangélica ( 5 ) Metodista ( 6 ) Outra Especificar: _____		
9. É praticante?		
( 1 ) SIM ( 2 ) NÃO		
10. O(a) sr.(sra.) é devoto de algum santo ou santa?		
( 1 ) SIM Ir para a questão 11. ( 2 ) NÃO		
11. Se sim, qual ou quais? _____		
12. Como o(a) sr.(sra.) chegou até a Casa da Festa?		
( 1 ) A pé ( 2 ) Automóvel ( 3 ) Bicicleta		
( 4 ) Carroça ( 5 ) Cavalo ( 6 ) Moto		
( 7 ) Ônibus ( 8 ) Outros Especificar: _____		
13. É a primeira vez que vem à Casa da Festa para o afogado?		
( 1 ) SIM ( 2 ) NÃO		
14. O(a) sr.(sra.) contribuiu de alguma forma, seja com dinheiro ou através de prendas, com os festeiros do Divino para a Festa deste ano?		

( 1 ) SIM	( 2 ) NÃO
<b>15.</b> O(a) sr.(sra.) sabe de alguma pessoa, amigo, conhecido ou familiar, que, tendo feito promessa, obteve alguma graça pela devoção ao Divino?	
( 1 ) SIM	( 2 ) NÃO
<b>16.</b> Pessoalmente o(a) sr.(sra.) já obteve alguma graça por promessa feita ao Divino Espírito Santo?	
( 1 ) SIM	( 2 ) NÃO

Obrigado.